

*Pleasure
conquers all...*

SIMPLY WICKED

KATE PEARCE



Escravos do Sexo

Disponibilização e tradução: Rachael Moraes

Revisão: Ana Sant'Anna

Revisão Final: Cláudia



Resumo

Satisfação sexual...

Dez anos como escravo sexual em um bordel turco fez com que Lorde Valentin Sokorvsky tivesse um insaciável apetite sexual. Agora, chegou a hora dele se casar, mas encontrar uma mulher que possa satisfazer seus luxuriosos desejos supõe um autêntico desafio para ele... Até que conhece Sara e tudo no que ele pode pensar é em tê-la debaixo de seu duro corpo, suplicando a ele que a saboreie e a acaricie.

Sensual sedução...

Sara Harrison sabe que deveria se scandalizar e se assombrar pelos atrevidos avanços de Lorde Sokorvsky, mas ao invés disso está secretamente excitada por esse homem sensual e sedutor. É que, debaixo de sua calma e de suas maneiras finas, encontra-se uma mulher sensual que deseja as íntimas carícias de um homem e está desejando ser educada na arte da sensualidade para dar e receber prazer e sucumbir a um louco desejo que não conhece limite.



CAPITULO 01

Southampton, Inglaterra 1815

Sara pressionou os dedos contra sua boca para evitar gritar ao ver o homem e a mulher que se contorciam juntos nos lençóis enrolados. As coxas roliças de Daisy rodeavam os quadris do homem que empurrava sem descanso dentro dela. O ritmo violento dos empurrões fazia chiar a armação de ferro da cama enquanto Daisy gemia e gritava seu nome.

Sara sabia que devia se afastar da porta entreaberta; entretanto não podia tirar o olhar da atividade frenética da cama. Sentia ardência na pele e seu coração pulsava com força contra os seios.

Quando Daisy gritou e se retorceu como se estivesse sofrendo um ataque, um pequeno som escapou dos lábios de Sara. Para seu horror, o homem que estava sobre Daisy se incorporou como se tivesse ouvido algo. Girou a cabeça e seus olhos olharam fixamente para ela. Sara se virou e correu, saiu tropeçando pelo corredor ajeitando o grande xale ao redor de seus ombros. Acabava de apoiar a mão sobre o patamar da porta quando uns passos atrás dela a detiveram.

- Desfrutou?

A voz alegre de lorde Valentín Sokorvsky interrompeu a retirada apressada de Sara. A contra gosto, ela virou-se para desafiá-lo. Ele se aproximava enquanto introduzia a camisa branca dentro de suas calças desabotoadas. A jaqueta, o colete e o lenço do pescoço estavam pendurados em seu braço. Um débil brilho de suor cobria a sua pele morena, testemunho do recente esforço.

Sara se ergueu por completo.

- Não houve nenhuma questão de prazer, Senhor. Somente confirmava minhas suspeitas de que o senhor não é um companheiro adequado para minha irmã mais nova.

Agora lorde Valentín se encontrava perto o suficiente para que Sara olhasse fixamente em seus olhos cor violeta. Era o homem mais bonito que ela já tinha visto. Seu corpo era tão esbelto como uma escultura grega e se movia como um gracioso bailarino. Embora desconfiasse dele, ela ansiava estender a mão e acariciar o seu carnudo lábio inferior somente para comprovar que era real. Seu cabelo era de um intenso marrom castanho, preso para trás com uma fita de seda negra. Era um estilo passado de moda, mas ficava bem.

Ele arqueou uma sobrancelha. Cada movimento que fazia era tão refinado que ela suspeitava que praticasse cada um deles na frente do espelho até aperfeiçoá-los. No espaço do pescoço onde a camisa estava aberta dava para ver a metade de uma moeda de cor bronze pendurada em um cordão de couro que envolvia o pêlo de seu peito.

- Os homens têm... Necessidades, senhorita Harrison. Estou certo de que sua irmã é consciente disso.

Enquanto ele se aproximava mais, Sara tentava respirar de maneira superficial. Seu perfume cítrico estava acentuado por outro aroma mais poderoso e incompreensível que ela supunha devia ser de sexo. Nunca tinha imaginado que fazer amor tivesse um aroma

particular. Sempre tinha acreditado que a procriação era uma questão tranquila e pacífica na privacidade de um leito conjugal, não a cópula primitiva, ruidosa e exuberante que acabara de presenciar.

- Minha irmã é uma dama, lorde Sokorvsky. O que saberá ela sobre os desejos masculinos?

- O suficiente para saber que um homem procura herdeiros e obediência de sua esposa e prazer de sua amante.

Ela sentiu uma rajada de ira em nome de sua irmã. - Talvez ela mereça mais. Pessoalmente, não me ocorre nada pior que estar presa a um matrimônio como esse.

Seus extraordinários olhos faiscavam com interesse enquanto pareciam lembrá-la de sua roupa de dormir e de seus pés descalços pela primeira vez. Sara retrocedeu com cautela para a porta e ele moveu o corpo para lhe obstruir a saída.

- É essa a razão pela qual frequenta a ala dos criados em plena noite? Por acaso decidiu arriscar tudo pelo amor de um homem comum?

Sara se ruborizou e segurou com força o xale contra os seios.

- Vim comprovar se o que minha criada havia dito era verdade.

- Sei! - Ele voltou a olhar pelo corredor - Daisy é sua criada? - Fez-lhe uma reverência elegante - Me considere verdadeiramente comprometido. O que pensa fazer? Insistir em que eu contraia matrimônio com ela? Ir contar ao seu pai?

Ela olhou com ódio para ele. Como poderia dizer ao seu pai que o homem no qual considerava um protegido era um libertino debochado? E por outro lado, estava a questão da imensa riqueza de lorde Sokorvsky e as empresas de transporte marítimo do pai dela não tinham ido bem nesses últimos anos.

Ela lambeu os lábios e o olhar interessado dele seguiu o movimento de sua língua.

- Meu pai tem muito bom conceito sobre você. Ficou encantado quando você se ofereceu para contrair matrimônio com uma de suas filhas.

Ele apoiou o ombro contra a parede e a observou, com a expressão séria.

- Devo a minha vida ao seu pai. Contrairia matrimônio com as três se fosse permitido neste país.

- Felizmente para você, não é - disse Sara.

O rosto dele continuava com a expressão preguiçosa e zombeteira a qual ela temia.

- Quanto ao meu propósito, pensei em apelar para o melhor de você. Queria pedir-lhe que não desonre a minha irmã tendo uma amante depois do casamento e que permaneça fiel aos seus votos.

Ele a olhou fixo por um longo momento e logo começou a rir.

- Espera que eu permaneça fiel a sua irmã para sempre? - Seus olhos escureceram para deixar transparecer um vestígio de aço. - Em troca de quê?

- Não direi ao meu pai nada sobre seu comportamento desonroso desta noite. Ele se decepcionaria muito com você.

O sorriso dele desapareceu. Aproximou-se tanto que suas botas roçaram os dedos descalços de Sara.

- Isso é chantagem. E não haverá a mais remota forma de saber se cumpro com minha palavra ou não.

Sara esboçou um pequeno sorriso triunfante.

- Então não cumpre com suas promessas? É um homem sem honra?

Ele colocou os dedos debaixo do queixo dela e levantou-lhe a cabeça de uma sacudida para olhá-la nos olhos. Para ela resultava difícil respirar enquanto observava seus extraordinários olhos. Por que não se deu conta de que debaixo de sua deliciosa aparência havia uma terrível vontade férrea?

- Posso assegurar a você que cumpro com minhas promessas.

Sara encontrou sua voz:

- Charlotte só tem dezessete anos. Sabe pouco sobre o mundo e só tento protegê-la.

Ele soltou o queixo dela e deslizou os dedos pelo lado de seu pescoço até chegar ao ombro. Para alívio dela, seu ar de violência contida desapareceu.

- Por que seus pais não puseram você na frente para contrair matrimônio comigo? É a mais velha, não é?

Ela olhou de maneira intencionada para a mão dele, que ainda descansava sobre seu ombro. - Tenho vinte e seis. Tive minha oportunidade para conseguir um marido, mas estive uma temporada em Londres e não consegui tirar proveito dela.

Ele enrolou uma mecha do cabelo negro dela em seu dedo e ela estremeceu. Sua expressão encantada se intensificava.

- Charlotte é a mais bonita e obediente de minhas irmãs. Merece uma oportunidade de converter-se na esposa de um homem rico.

Sua suave risada a assustou e o fôlego quente soprou em seu pescoço.

- Como eu, quer dizer?

Sara o olhou nos olhos com atrevimento.

- Sim, embora... - Ela enrugou a testa, distraída pela proximidade dele - Emily poderia ser melhor esposa para você; ela impressiona-se mais pela riqueza e posição social que Charlotte.

- Você possui algo que nenhuma de suas irmãs tem.

Sara mordeu o lábio.

- Não precisa me recordar. Parece que sou impulsiva e muito direta para o gosto da maioria dos homens.

Ele puxou ligeiramente a sua mecha de cabelo.

- Não para todos os homens. Tive fama de elogiar as mulheres com impulso e determinação.

Ela levantou a vista e enfrentou os olhos dele. Algo urgente faiscava neles e ela lutou contra o desejo de inclinar-se mais perto e roçar sua bochecha contra o peito musculoso. - Acredito que serei muito melhor tia solteirona que esposa. Ao menos, poderei ser eu mesma.

Seu sorriso folgado era tão íntimo quanto uma carícia.

- Mas, e os prazeres da cama? Não se arrependerá de não prová-los?

Ela suspirou com desprezo.

- Se o que acabo de ver é um exemplo desses prazeres, possivelmente esteja bem sem eles.

Os dedos dele esticaram o seu cabelo.

- Não gostou de ver como eu possuía a sua criada?

Sara o olhou boquiaberta.

O sorriso dele se alargou. Ele estendeu o dedo indicador e com suavidade fechou-lhe a boca.

- Não é somente uma dissimulada, senhorita Harrison, mas também uma mentirosa.

O calor inundou as bochechas dela. Sara desejava cruzar os braços por cima de seus seios e tremeu quando ele retrocedeu um passo e a observou com atenção.

- Sua pele está ruborizada e posso ver seus mamilos através da camisola. Se deslizar minha mão entre suas pernas aposto que está úmida e preparada para mim.

Os dedos de Sara se moviam com nervosismo em um impulso instintivo de dar uma bofetada no rosto gentil. Ela esperou que uma onda de raiva alimentasse seu valor, mas não aconteceu nada. Só uma estranha sensação de espera, de tensão, de necessidade - como se seu corpo soubesse algo o que sua mente ainda não tinha compreendido - Permitiu que ele a observasse, tentada em tomar-lhe a mão e pressioná-la contra seu peito. De algum modo sabia que isso aliviaria a dor latente que lhe alagava os sentidos.

Como se tivesse lido seus pensamentos, ele aproximou a mão e apertou seu mamilo. Sara fechou os olhos enquanto uma pontada de necessidade disparava diretamente para seu útero.

- Sara...

A voz baixa dele rompeu o feitiço. Ela se cobriu com a manta e retrocedeu. Logo que pôde abriu a porta de um puxão e correu. A risada dele a perseguiu pelo oco da escada.

Valentín ficou olhando atrás de Sara Harrison enquanto seu pênis engrossava e crescia contra os calções desabotoados. Distraído, arrumou-se e pensou na reação dela diante dele. Ela necessitava de um homem dentro dela embora não se desse conta e ele talvez devesse reconsiderar seu plano de contrair matrimônio com a jovem e obediente Charlotte.

Seu sorriso desapareceu ao seguir Sara escada abaixo.

John Harrison tinha um vínculo especial com sua filha mais velha e conhecendo a história sórdida de Valentín, permitiria John que ele contraísse matrimônio com sua filha preferida? Para começar, foi interessante que não a tivesse oferecido como possível prometida.

Ele desceu um lance das escadas e retornou pelo longo corredor escuro até seu quarto. Não havia rastros de Sara.

Valentín contemplou sua cama vazia e imaginou Sara no centro, recostada e nua com seu comprido cabelo negro esparramado sobre os travesseiros e os braços bem estendidos para recebê-lo. Enrugou o cenho enquanto seu pênis pulsava pela necessidade. Para sossegar os fantasmas de seu passado, precisava assentar cabeça com uma mulher convencional que lhe brindasse com filhos e que lhe deixasse fazer o que quisesse.

Antes de deixar a cidade, tinha passado uma noite ruidosa com seus amigos e sua atual amante e fizeram uma lista com as qualidades que um homem necessitava de uma esposa de sociedade. Sem dúvidas, uma de suas irmãs seria uma melhor opção. Suspeitava que Sara seria um desafio.

A curiosidade natural de Sara provocava seus sentidos.

Ele tinha desejado abrir-lhe os lábios e tomar sua boca para provar como sabia. Tinha esquecido quão erótico podia ser um primeiro beijo e não se movia em um território tão interessante fazia muito tempo. Sua inocência e sensualidade subjacentes mereciam ser exploradas. Era isso o que ele realmente desejava?

Ele tirou a roupa e a deixou cair no chão. O escasso fogo se extinguiu e o frio invadia tudo através da porta e das janelas mal fechadas. Ao menos tinha uns dias livres antes de ter que tomar uma decisão. Não esperavam que John Harrison retornasse com sua família até sexta-feira à noite.

Valentín se meteu na cama. Seu breve encontro interrompido com a entusiasmada Daisy foi pouco para satisfazer seu desejo e ele tentou ignorar o aroma desagradável dos lençóis úmidos e mofados enquanto fechava seu punho ao redor de sua ereção e se masturbava até chegar ao clímax. Imaginar que era Sara quem o tocava, o fez gozar com rapidez. Não permitiu que sua imagem destruísse o incremento sensual de antecipação sexual que ardia através de seu corpo excitado.

Imaginava o rosto dela assustado enquanto o observava transar com Daisy. Será que ela tinha desejado tocá-lo? A idéia o fazia estremecer. Seu corpo se sacudia enquanto chegava à ejaculação. Fechou os olhos e uma visão do rosto ardente de Sara alagou seus sentidos.

O último pensamento que teve enquanto o sonho o chamava, foi sobre ela gozando debaixo dele enquanto ele se liberava bem profundo uma e outra vez dentro dela.

CAPITULO 02

Sara olhou por cima do ombro quando a risadinha animada de Charlotte se ouviu outra vez. O que quer que lorde Sokorvsky tenha dito sem dúvida foi muito gracioso e ela resistiu ao desejo de enrugar o sobrecenho ante o casal absorto. Ela tinha-lhe pedido que prestasse mais atenção a Charlotte e não tinha direito de sentir-se decepcionada porque ele tinha feito caso a suas palavras. Na verdade, deveria se sentir encantada. Com a sombrinha, deu um golpe violento num ranúnculo que havia na erva e o podou.

Daisy, sua criada, tinha estado exultante de alegria pela habilidade de lorde Sokorvsky na cama. Ao que parece, era o melhor amante que Daisy tinha tido. Continuava falando uma e outra vez do tamanho de seu pênis e do que podia fazer com este com precisão até que Sara lhe pediu que deixasse de falar.

Sem dúvida, um verdadeiro cavalheiro faria amor com uma mulher com mais delicadeza e cortesia. Lorde Sokorvsky lembrava um pirata fanfarrão; inclusive sua pele era bronzeada como a de um plebeu. E a maneira em que tinha ficado quente com Daisy... Ela ignorou a sutil pontada de desejo que experimentava na parte inferior do estômago cada vez que imaginava aquela cópula grosseira.

Suspirou ao calcular a distância até as ruínas do castelo medieval que se encontrava no topo da colina sobre eles. Sua mãe tinha arrumado a saída com a esperança de fomentar a relação entre Charlotte e lorde Sokorvsky. Para surpresa de Sara, seu plano parecia ter funcionado.

Ela alisou a prega da saia de percal verde oliva e se colocou a caminho para o topo da colina quando alguém lhe tocou o cotovelo, voltou-se e encontrou lorde Sokorvsky a seu lado.

- Boa tarde, senhorita Harrison. Está desfrutando da vista?

Sara o honrou com um sorriso frio, consciente do calor dos dedos enluvados sobre sua pele nua.

- Boa tarde, milorde. A vista era encantadora até que vós a ocultastes. Por favor, procure qualquer outra dama que seja menos capaz para ajudar a subir a colina.

Os dedos dele se apertaram em seu braço.

- Mas eu queria caminhar com você. Ontem à noite me deixaste em meio de um dilema.

Ela lançou-lhe um olhar desconfiado.

- Alegra-me que tenha reconsiderado suas alternativas e de ter podido lhes orientar.

Ele se mostrava cortesmente confundido, então esboçou um sorriso lento que gritava: perigo.

- Não falo do seu breve sermão de moral, mas sim, de algo muito mais importante que me manteve insone. - Baixou o olhar para seus calções - E acordado a maior parte da noite.

Sara mantinha o olhar sobre as ervas amarelas e irregulares diante dela. Ele acreditava que ela era tão ingênua para lhe pedir que se explicasse?

- Você é muito modesta minha querida. Não lhe agradaria saber a que me refiro?

Sara contava cada passo tortuoso e tentava controlar sua respiração entrecortada. Seu humor ardia sem chamas enquanto a costa se fazia mais íngreme.

- Não.

- Pensava em seus seios. - ele olhou-a de perfil - Para ser ainda mais preciso, passei várias horas me perguntando de que cor seriam seus mamilos. Os mamilos de algumas mulheres são iguais a cor de seus lábios, outros são uma surpresa. Seus lábios são de um rosado profundo e seus mamilos são do mesmo tom?

Para aborrecimento dela, seus mamilos se endureceram em dois casulos apertados como se desfrutassem que se discutisse sobre eles. Ela continuava avançando com esforço pela colina e negava-se a continuar com uma conversa tão insultante. Tinha o desejo de dar um empurrão no peito de seu companheiro e observá-lo rodar, com alegria, pela colina ameaçava apoderar-se dela.

Lorde Sokorvsky ria em voz baixa enquanto chegavam à borda exterior de rochas desalinhadas.

- Ficou muda minha querida senhorita Harrison? Parece muito impróprio de você. Possivelmente ficastes sem fôlego depois de nossa íngreme subida.

Ela se virou e colocou a ponta de sua sombrinha no centro do peito dele. Resistiu a seus alegres olhos violeta, um desafio em seu olhar e antes que pudesse aplicar qualquer tipo de força efetiva, lorde Sokorvsky levantou a mão e lhe tirou a sombrinha de um puxão.

-Ah, não, não o fará.

Privada de sua arma, Sara gritou ao escorregar e cair para frente. Ele a segurou em seus braços e, de propósito, levou-a enrubescida contra seu peito. A força do apertão de seus músculos a surpreendeu. O coração dele pulsava com força contra suas bochechas enquanto ela lutava para incorporar-se.

-Estás bem, Sara?

A pergunta preocupada de Charlotte fez com que Sara se liberasse com uma sacudida e o sorriso triunfante de lorde Sokorvsky desapareceu ao voltar-se para falar com sua irmã.

- Está tudo bem, senhorita Charlotte. Sua querida irmã se sentiu indisposta por causa de seus esforços. - Ele fez uma reverência a Sara numa demonstração de preocupação e ficou com a mão sobre o peito - Só me alegra ter podido ajudar uma formosa donzela em apuros.

Sara endireitou seu chapéu.

- Vós, Senhor, não sois nenhum cavalheiro - Sara silvou logo que sua irmã se voltou.

A sobrançelha dele se elevou em um lento arco.

- Nunca disse que o era. E se escolhes me desafiar, não esperes que lhe trate como uma dama.

Ela virou sobre os calcanhares e chutou o montículo de grama do pátio em ruínas para encontrar melhor companhia. Era a segunda vez que lorde Sokorvsky a vencia em uma briga. Ela devia ignorá-lo pelo lapso de sua visita e esperar que tomasse a decisão correta a respeito de Charlotte ou continuar com seu intento de influir sobre ele? Não podia decidir-se.

Olhou-o de soslaio e descobriu que ainda a olhava, com os olhos fixos em seus seios. Demônio de homem! Em tudo o que ela podia pensar era nele copulando com Daisy. Ele piscou um olho para ela e Sara resistiu ao desejo de abotoar o casaco.

Um denso calor vibrava em seu ventre e a perturbava de uma maneira que não chegava a compreender. Uma parte dela, a parte selvagem e perigosa que tentava reprimir, sentia-se atraída para ele; o resto desejava voltar correndo para sua aborrecida vida e esconder-se. Com toda a determinação que podia reunir, começou a falar com sua irmã Emily.

Sara deu um sorriso para o seu companheiro de jantar ao levantar-se da mesa ante o sinal de sua mãe. Sir Rodney Foster era um homem divertido e inteligente e tratava-a como a uma mulher inteligente. Era uma pena que fosse casado. Ela conteve um bocejo enquanto sua mãe conduzia as damas para a sala de estar. As cortinas de grosso veludo vermelho ocultavam a luz natural e criavam sombras na carregada sala cheia de móveis.

O chá as esperava junto com a possibilidade de um pequeno concerto de música e muitas fofocas. Sara frequentemente se perguntava como seria estar com os homens e discutir questões de real importância com uma taça do Porto. Ao amadurecer, tinha começado a compreender por que os homens evitavam vir ver as damas até que estas estivessem aturdidas.

Às vezes se sentia tão presa que desejava sair da sala de estar mal ventilada e não retornar nunca. Frequentemente sonhava que sua mãe e suas irmãs a vigiavam de perto, com seus rostos cheios de amor enquanto a asfixiavam pouco a pouco debaixo de uma pilha crescente de anáguas. Apesar de suas consideráveis habilidades, tinha começado a compreender que suas opções se reduziriam ao celibato ou ao matrimônio.

Ela olhou para o outro lado, para Charlotte. Sua irmã tinha aparecido em seu quarto outra vez na noite anterior, com o rosto cheio de lágrimas. Charlotte assegurava que lorde Sokorvsky a assustava e que a fazia se sentir estúpida. Se não fosse pelas objeções de sua mãe, Sara sabia que Charlotte já estaria casada com seu noivo de infância, o ajudante da comarca, em lugar de perseguir um homem da elevada posição social de lorde Sokorvsky.

Charlotte esboçou um sorriso tímido e Sara sentiu uma onda familiar de afeto exasperado. Por que não podia simplesmente dizer não a sua mãe e em troca fazer o que quisesse? Sem dúvida lorde Sokorvsky não queria uma esposa a que tivessem obrigado a contrair matrimônio com ele.

Depois de uma hora de aborrecimento insuportável, Sara ainda se alegrava de ver que lorde Sokorvsky entrava na sala de estar. Vestia uma simples jaqueta azul e calções brancos que se pegavam a suas coxas musculosas e o grosso cabelo escuro estava preso na nuca com uma fita preta e fina.

Quanto exatamente seu cabelo media de comprimento? Os dedos de Sara se moviam de nervosismo para desatar a fita e tocar suas exuberantes mechas; imaginava-o desatado e encaracolado sobre os largos ombros. Ela juntou as mãos em seu colo e baixou a vista para elas enquanto lorde Sokorvsky se aproximava mais.

- Trago-lhe uma taça de chá, senhorita Harrison?

Sara levantou o olhar, o que lhe deu uma visão perfeita do volumoso pano frontal das calças justas de lorde Sokorvsky e de seu plano abdômen mais acima.

- Não, obrigado, milorde.

Ele continuava observando-a.

- Este vestido lhe cai muito bem senhorita Harrison. Tem uma cor forte, acertastes ao evitar as cores claras que frequentemente preferem as jovens debutantes.

Ela baixou o olhar para seu vestido de cor vermelha e de repente se sentiu nua.

- Não sou uma jovem debutante, mas obrigada, milorde. Não me tinha dado conta de que também é um perito em moda.

Sem pedir permissão ele sentou-se a seu lado.

- Quando se ajuda a tantas mulheres a tirar roupa e voltar a vestir-se, como eu o tenho feito, formam-se alguns critérios.

Sara abriu o leque de um golpe. Devia deixar de provocá-lo. Cada vez que o tentava, ele vencía seus esforços com a habilidade de um jogador profissional de cartas. O som de uma harpa que se afinava a salvou da necessidade de responder.

Para seu pesar, lorde Sokorvsky continuou sentado a seu lado enquanto várias jovens tocavam com variado êxito o cravo e a harpa. Ele estirou as pernas e sua comprida coxa tocou a dela. Não havia lugar para afastar-se, por isso ela sofreu a proximidade em silêncio.

Sara aplaudiu a interpretação embora aborrecida da submissa Charlotte e olhou para sua mãe. Sem dúvida, era hora de terminar com a horrível noite e então Lorde Sokorvsky tomou-lhe a mão quando ela tentou ficar de pé.

- Senhorita Harrison, tocará para nós? Que encantador! – ele entrelaçou seu braço no dela e a levou inexoravelmente para o cravo. A mãe de Sara enrugou o cenho e negou com a cabeça.

Ele revisou as partituras e colocou uma folha dupla em frente a ela.

- Se não estiver segura das notas, senhorita Harrison, continuarei cantando e tentarei encobri-la.

A mãe dela voltou a sentar-se. Um sorriso falso se cravou em seus lábios e Sara começou a tocar e imediatamente se perdeu na música. Para sua alegria, lorde Sokorvsky tinha uma encantadora voz de barítono que harmonizava bem com seu contralto grave.

Um punhado de aplausos a trouxe de volta ao presente e ela se deu conta de que lorde Sokorvsky lhe sorria. Bom, não exatamente para ela - seu olhar tinha caído até o decote do espartilho com borda de renda de seu vestido.

- Maldição! -Murmurou ele, - Rosa ou vermelho? Ainda não tenho certeza...

Sara tentou ficar de pé, mas ele lhe aproximou outra partitura.

- Toque esta para mim. Estou seguro de que está ao alcance de suas aptidões.

Ela olhou para o concerto de Mozart e começou a tocar. A tormenta de aplausos que acolheram sua interpretação fez com que se ruborizasse e ela ficou de pé depressa. Evitou o olhar de sua mãe enquanto recolhia as partituras. Os convidados tagarelavam e se retiravam da sala de estar, deixando-a a sós com lorde Sokorvsky.

Ele lhe tirou a pilha de partituras e as amontoou sobre a mesa.

- Toca como um anjo. Por que sua mãe desaprova?

Sara baixou a tampa do cravo e soprou as velas. - Porque acredita que toco muito bem e isso não é próprio das damas.

- É uma estúpida. Com seu talento, poderia tocar profissionalmente.

Ela lhe devolveu um sorriso cauteloso, consciente de que eram as últimas pessoas na sala.

- As damas não fazem isso. Senti-me bastante desiludida quando minha mãe me disse que não podia continuar com meus escritórios no exterior. Inclusive embora rogasse a meu pai, ele se negou a estar de acordo comigo.

Ele colocou a mão dela sobre seu braço e a guiou até as portas duplas que davam para o vestibulo.

- Imagino que te sentiste mais que um pouco desiludida. Possivelmente fizeram saber de seu descontentamento durante semanas que ficou brava com seu pai. Parece-me um pouco consentida.

Sara riu para dissimular seu aborrecimento.

- Na verdade não recordei como me senti, milorde. Parece que foi há muito tempo. – ela tentava soltar seu braço enquanto se aproximavam da porta e antes que pudesse imaginar, ele a pegou e a apertou contra a parede; seu corpo cobria o dela por completo.

Ela evitou gritar enquanto ele a olhava fixamente, com seus vibrantes olhos cheios de calor. Cada centímetro de seu corpo ágil e forte pressionava com firmeza contra o dela. A boca acariciava seus lábios e sua língua procurava entrar. Então ele a beijou lentamente até que ela tirou o chapéu beijando-o de volta. Quando ele se afastou, Sara abriu a boca para falar.

- Shhh. – Ele roçou o dedo indicador sobre o carnudo lábio inferior dela e continuou o movimento descendo pelo pescoço. Ela tragou com força quando o dedo chegou a descansar sobre o espartilho franzido.

Fechou os olhos enquanto ele remexia por baixo da seda cálida e deixava a descoberto a ponta de seu seio. A rajada de ar frio sobre sua pele quente caiu como gelo sobre o fogo. O dedo rodeou o botão duro de seu mamilo e ela estremeceu.

-É... De um rosa profundo. Como framboesas com creme. - Seu murmúrio de aprovação fez com que ela quisesse tocá-lo e rogar que a tocasse. No corredor atrás deles podia ouvir que sua mãe trocava cumprimentos com um dos convidados que partia. Ele se inclinou mais perto e ela abriu os olhos para encontrar-se olhando a parte superior de sua cabeça.

Ele cavou a mão em seu peito por cima do corpete, obrigando-o a sair do espartilho e lambeu o mamilo descoberto. Sara mordeu o lábio com força. Quem diria que algo tão pequeno poderia brindar tanto prazer? Ele fez outra vez, com mais força e logo sugou o mamilo dentro de sua boca.

De maneira instintiva, Sara arqueava as costas e tentava lhe dar mais. Mantinha as mãos com os punhos fechados aos lados em um intento desesperado para não agarrar a cabeça dele e sustentá-lo ali para sempre. Seus dentes a roçaram e ela não pôde conter um gemido de pura necessidade. Não era correto, mas se sentia muito bem. Do momento em que o tinha visto com Daisy o tinha desejado desse modo.

Ele levantou a cabeça e a olhou atentamente enquanto baixava até o outro lado do espartilho para descobrir seu outro seio.

- Convencida e possivelmente desavergonhada. Se fosse minha, eu a sentaria sobre o meu colo todas as manhãs. Tocaria e sugaria seus seios até que me rogasse para parar, até que ficassem inchados e sensíveis pela necessidade.

Então voltou a atormentá-la até que ela pareceu que ia explodir. Quando ele levantou a cabeça, sua respiração era entrecortada.

Ele observou seus mamilos tensos.

- Imagino como se sentirão contra a renda de seu vestido e o espartilho. Todo o dia, cada vez que respirar recordará minha boca sobre você. – ele deslizou o joelho entre as pernas dela e pressionou contra a seda de seu vestido.

- Quando chegar a sua cama estará tão desesperada por mim, para que termine o que comecei. Estarás me rogando que lhe encha com meu pênis.

Sara se esqueceu de sua mãe, dos criados e que podia recordar seu próprio nome. Com descaramento, esfregava-se contra a firme pressão do joelho de lorde Sokorvsky colocado entre suas coxas. De algum jeito parecia aliviar a dor que tinha crescido ali desde que o tinha visto com Daisy. Em troca, ao mover-se crescia outra sensação mais frenética. Seu corpo estava suspenso a bordo de algo que ela não sabia o que era.

Lorde Sokorvsky apertou os mamilos entre seus dedos. - Se me olhares assim, senhorita Harrison, terei que lhe visitar durante o dia e possuí-la sobre a mesa de jantar. Isso lhe agradaria? Queria que meu pênis enchesse cada centímetro de você?

A vulgaridade despreocupada dele a fez olhar fixamente seu rosto. Será que a estava castigando por interferir em seu noivado com sua irmã? Ele encaixou seus quadris contra os dela e ela se esqueceu de toda sua família. Seu corpo se esquentava com seu tato, doíam-lhe os mamilos pelas atenções e ela desejava deslizar dentro de sua roupa e lhe lambe a pele.

Ele levou a mão dela até sua virilha. - Pode sentir o que você provoca em mim?

A grossa ereção se movia debaixo da mão dela. Desejava desabotoar suas calças, desejava que deixasse de atormentá-la e lhe desse o que ela necessitava. Ele estendeu a mão sobre suas nádegas e a levantou até que seu corpo se encaixou no seu e a boca voltou a tomar a sua. Então, logo se deteve de maneira abrupta.

Sara o separou de um empurrão e se apressou a ajeitar o espartilho. Tinha esquecido por completo que estava previsto no dia seguinte lorde Sokorvsky propor a sua irmã em casamento. Como ela pôde ter se comportado de maneira tão desavergonhada? Era o prometido de sua irmã. Nem sequer tinha certeza se na verdade gostara!

- Meu pai retornará esta noite. Pensa informá-lo de sua decisão então?

Lorde Sokorvsky a ajudou a arrumar o espartilho. Seus nódulos roçavam constantemente sua pele sensível.

- Minha decisão?

Tendo em conta seu estado agitado, Sara estava surpreendida de sentir-se tão calma. Respirou fundo, com tranquilidade. Maldito seja! Tinha razão sobre a fricção deliciosa de sua pele excitada contra o tecido de seu vestido.

- Sobre contrair matrimônio com Charlotte. Estou segura de que estará encantado.

Ele se afastou e lhe ofereceu o braço enquanto saíam de trás da porta.

- Quanto a isso, senhorita Harrison, ainda não me decidi sobre a senhorita Charlotte.

Uma voz conhecida e seca se ouviu do vestíbulo e sobressaltou Sara.

- Estou contente de ouvir isso, lorde Sokorvsky, porque se é assim, parece que está mostrando interesse na irmã errada.

Ela correu para abraçar seu pai, que esperava ao pé das escadas no vestíbulo deserto. Estava cansado e sua recepção parecia transtornada e Sara resistiu à tentação de tocar suas bochechas ruborizadas e revisar seu espartilho. Saberia seu pai o que ela e lorde Sokorvsky tinham estado fazendo?

- Senhor, alegre-me voltar a vê-lo. - Lorde Sokorvsky adiantou as passadas e ofereceu a mão ao pai de Sara.

- Valentin, meu moço, venha a meu escritório e compartilhe uma taça de brandy comigo. - voltou-se para Sara - Vá para cama, querida. E um conselho: tente evitar ficar a sós com homens jovens até que esteja casada adequadamente.

Sara sorriu para seu pai e o beijou na bochecha. Ele a compreendia muito melhor do que sua mãe. Fez uma reverência a lorde Sokorvsky, que lhe respondeu da mesma maneira e a última coisa que viu deles foi que seu pai fechava com força a porta de seu escritório.

Valentin tomou a taça de brandy das mãos de John Harrison e a balançou em suas mãos. Graças a Deus que tinha ouvido que a carruagem se aproximava, ou ele o teria descoberto fazendo algo muito íntimo com sua filha mais velha. Não podia negar que Sara agitava seu sangue. Ele baixou o olhar e esperou que John não tivesse visto o grau de sua excitação ao aproximar-se dele no vestíbulo.

Esperou até que John tomasse a cadeira em frente a ele. Seu velho amigo estava cansado e desgastado e seu cabelo que fora abundante estava mais ralo, seus olhos estavam afundados.

Valentin levantou a taça para seu anfitrião. - Obrigado por me convidar para sua casa.

John fez uma careta como se o brandy estivesse estragado.

- Sabe por que te chamei aqui?

Valentín escondeu sua dor debaixo de outro sorriso.

John nunca antes o tinha convidado a conhecer sua família porque o considerava muito perigoso.

- É obvio. Desejas que eu contraia matrimônio com uma de suas filhas. Preferencialmente a menor segundo eu lembro.

- Tens estado bem, Valentín. Seus negócios navais prosperam.

- Com a ajuda de Peter.

John esvaziou sua taça de brandy.

- Deveria livrar-se de Peter Howard, moço. Não ajuda em nada a sua reputação.

Valentín voltou a sorrir, embora desta vez o esforço fosse maior. Era uma velha discussão, uma da qual ele se fartou de lutar.

- Tenho com o Peter a mesma dívida de gratidão que tenho contigo. Sem ele não teria sobrevivido. - Imagens do luxuoso bordel repugnante de que Peter e ele tinham escapado ameaçavam tomar sua mente, mas com a facilidade de sua extensa prática, colocou-as a um lado.

- Não ofereci Sara como noiva, embora pareça que te agrada. - John duvidava - Sara é excepcional e o que pesa é que temo que ela deseje muito do mundo.

- Porque é uma mulher? - Irritava-o ouvir que John menosprezasse a sua filha. Não era de surpreender que Sara se sentisse sufocada e ante a necessidade de fazer algo, Valentín se levantou e serviu mais brandy em ambas as taças.

John assentiu com a cabeça.

- Teria sido um bom moço. Toda essa inteligência e impulso desperdiçados em uma mulher! Admito que eu seja culpado de sua falta de docilidade; desde menina lhe permiti muita liberdade, incentivei que seguisse seus escritórios de música e aritmética. – ele bebeu da taça - Minha esposa insiste que eu provoquei para que Sara se sentisse descontente e pouco disposta a comportar-se como uma verdadeira donzela.

- Ela me pareceu ser muito feminina.

- Sara precisará ser tratada com cuidado. Vejo-a casada com um homem muito mais velho que deseje tolerar suas excentricidades.

Valentín suspirou.

- Então eu sou muito jovem e repulsivo para ela? Ou teme que meu passado interessante manche sua inocência e a piore?

John estremeceu e evitou o olhar de Valentín. – Você é um bom homem Valentin, mas...

- Depois do que sabe de mim, não deseja que eu contraia matrimônio com sua filha preferida. -Valentín ficou de pé com rapidez – Bom, lamento te informar que ela é a única que me interessa. Se não puder tê-la então pagarei minha dívida de outra maneira.

Ele deixou o escritório antes de dizer algo mais que pudesse se arrepender, enquanto o brandy ardia perfurando seu estômago. John Harrison tinha resgatado ele e Peter de uma vida de escravidão erótica em um longínquo país bárbaro. Em sua honra, John nunca tinha revelado a ninguém onde tinha encontrado exatamente os dois jovens ingleses. Ter sido escravo sete anos era suficiente para que as pessoas considerassem Valentín um inseto estranho. Tinham-se passado doze anos desde seu resgate e ele ainda se sentia tão mal e vulnerável como em seus dezoito anos.

Era evidente que o homem a quem tinha admirado mais de uma década não o considerava adequado para contrair matrimônio com sua filha preferida. Sabia exatamente quão desesperada devia ser a situação financeira de John por ter ao menos pensado que ele seria adequado para as outras moças. O homem nem sequer tinha dissimulado sua repugnância ante a idéia que Valentín tocasse qualquer uma de suas preciosas meninas, embora, teria que reconhecer, ele tivesse tentado.

Valentín afrouxou o nó do lenço em seu pescoço. Deus!

Desejava um banho, mas era muito tarde para incomodar os criados então se deteve ao pé das escadas e pensou em selar o cavalo e desaparecer na noite para sempre.

Ele se virou e caminhou de volta pela cozinha deserta e saiu para o jardim de trás da casa. Procurou no bolso um charuto e o acendeu. *Deveria abandonar o lugar?* O aroma enjoativo da madressilva invadia suas narinas e desafinava com o seu aroma de brandy e fumaça de charuto. Sempre tinha odiado as fragrâncias fortes porque elas faziam com que se recordasse dos exuberantes corpos perfumados das clientes que servia com gosto e desinteresse.

Ao longe, o mar que tocava a margem agitava ainda mais seus sentidos alterados e ele afastou-se com brutalidade da larga parede de tijolos que rodeava o jardim. Poderia alguma vez ignorar os rumores e as insinuações sobre sua vida com Peter no bordel turco?

Durante um curto espaço de tempo, depois de que John Harrison os resgatasse, Peter e ele se converteram em personagens resistentes. A libertação dos dois jovens ingleses depois de anos de cativeiro tinha fascinado a nação. Para seu aborrecimento, os periódicos ainda consideravam necessário aludir a seu escandaloso passado sempre que mencionavam seu êxito comercial. Graças a Deus que não sabiam a história completa, do contrário, Peter e ele seriam considerados excluídos sociais.

Depois de terminar o charuto, ele voltou-se para o solar de pedra que se desmoronava. Possivelmente John tinha razão, Sara merecia um marido melhor. Imaginava sua figura esbelta em seu vestido rosado, seu cabelo negro preso no alto de sua cabeça com um diadema de brilhante. Ele havia sentido sua frustração, seu desejo de ser livre e a propósito tinha-lhe oferecido uma maneira de aliviar um pouco dessa tensão.

A resposta desejosa dela ante seu toque o tinha excitado. Inclusive agora, uma onda de luxúria vibrava nele. Ela não tinha a experiência sexual para dar-se conta de quanto o atraía.

Possivelmente fosse melhor assim.

Uma só vela iluminava a sombria grandiosidade de seu quarto. Valentín foi apressado até a janela e correu a mão nas finas cortinas de brocado. Uma mariposa noturna voou do tecido, atraída pela luz da vela piscando. Pelo estado de ruínas que se encontrava a casa, era evidente que John necessitava de dinheiro. A família carecia de criados suficientes e ele tinha notado que Sara e suas irmãs usavam vestidos fora de moda e bem remendados. Também estava convencido de que Charlotte não desejava contrair matrimônio com ele, tampouco. Será que a mãe dela, tão autoritária, a tinha obrigado a considerá-lo?

Ele franziu cenho. Era possível que John corresse perigo de perder tudo? Se fosse assim, seu desejo de proteger Sara de Valentín poderia lhe custar caro.

Valentín apanhou a mariposa noturna entre seus dedos e apertou com força. Maldição! Ele deixaria um cheque para ajudar John a superar suas dívidas. Também tentaria esquecer sua ridícula idéia de ser capaz de manter um casamento.

CAPITULO 03

Assim que reapareceu no andar de baixo depois do café da manhã, o pai de Sara a chamou em seu escritório. O ar ansioso de sua mãe e a ausência de lorde Sokorvsky na mesa do café da manhã a tinha deixado nervosa. *Seu pai o teria expulsado logo depois de presenciar o abraço mais que ocasional da noite anterior?*

Ela alisou a saia em musselina azul de seu melhor vestido para o dia e passou a mão pelo cabelo preso. Quando seu pai lhe mandou entrar, ela esperava ver lorde Sokorvsky, mas ele não estava lá e o sorriso dela desapareceu. *Será que ele partira sem dizer adeus?* Sua mãe entrou logo atrás dela e fechou a porta e ela saudou com a cabeça o seu pai, mas ele não lhe respondeu.

- Sente-se, Sara, há algo que queremos falar contigo. - depois de um olhar de desconfiança para sua mãe, Sara se sentou.

- Lorde Sokorvsky pediu sua mão em matrimônio. - ela olhou fixo para seu pai porque não tinha certeza de ter ouvido corretamente. Por que ele parecia tão sério e por que sua mãe parecia triunfante?

- É óbvio, rechacei seu oferecimento. Acredito que ele é um marido muito mais apropriado para Emily ou Charlotte.

"Por quê? O que acontecia com ela?" Seu coração pulsava a um ritmo trêmulo.

- E lorde Sokorvsky concordou com sua decisão? - ela tinha que perguntar. Não sabia se devia se sentir ofendida pela oferta dele ou encantada de que tivesse optado por ela antes que suas irmãs. Ao menos Charlotte ficaria contente.

- Não - murmurou seu pai - Recusou essa honra.

Sara quase se levantou da cadeira.

- Então devo supor que ele partirá?

- Por desgracia, querida, a situação não é tão simples.

Seu pai esfregou os olhos e colocou os óculos - Sua mãe me recordou muito bem que tenho pouca opção nesta questão.

Sara olhou para sua mãe.

-O que seu pai tenta dizer, querida, é que precisa desesperadamente de dinheiro. Não pode permitir que lorde Sokorvsky parta.

Sara não tinha que perguntar a seu pai se isso era correto; podia ver a veracidade do que foi dito em seu rosto angustiado e observou que suas mãos apertadas começaram a tremer.

Valentín a desejava? Uma mistura de alegria e agitação correu por suas veias. Pediam-lhe que assegurasse a sobrevivência financeira de seu pai contraindo matrimônio com um homem que a intrigava e a excitava. O calor inundava seus sentidos mesmo que tentasse parecer séria e tranquila. Finalmente, ela tinha a oportunidade de experimentar a vida mais à frente do sufocante mundo decido por sua mãe.

- A família de lorde Sokorvsky tem muitas influências - A mãe de Sara ainda falava - Tem vínculos com a nobreza russa e a britânica e sua mãe na verdade era uma princesa autêntica. Imagine! Estarias a ponto de receber uma posição muito elevada na sociedade.

Espero que não esqueça suas irmãs quando estiver em posição de ajudá-las para que se casem bem...

Sara ficou de pé com rapidez.

- É obvio que contrairei matrimônio com ele, pai. Considero meu dever.

Ela desejava rir enquanto seu corpo se regozijava com a mera idéia de deitar-se com Valentín regularmente. Durante o seu curto, mas excitante encontro, ele a tinha obrigado a ver-se como uma mulher que necessitava de um homem que a tocasse.

Os ombros de seu pai caíram e ele cobriu o rosto com as mãos.

- Possivelmente você queira ir procurar lorde Sokorvsky e lhe contar sua decisão. Acredito que ele está tomando o café da manhã no quarto.

Nos corredores desertos, Sara levantou as saias e rodopiou com rapidez até sentir-se enjoada. Quando recuperou um pouco da compostura, dirigiu-se às escadas, mas, diante da porta do quarto de lorde Sokorvsky, ela vacilou. Nunca antes tinha entrado no quarto de um homem, não era correto. *Por que seu pai a tinha enviado ali sozinha? Era como se sentisse muito envergonhado para enfrentar lorde Sokorvsky ele mesmo. Seu casamento não deveria ser uma ocasião de alegria?*

Ela deu uma batidinha na porta e a abriu. Lorde Sokorvsky estava sentado sobre um lado da cama colocando umas altas botas de pele negra e tinha o colete azul ainda desabotoado e o lenço de pescoço desatado. Suas mãos se curvaram em punhos.

Quando a viu, levantou-se e fez uma reverência. - Senhorita Harrison.

-Lorde Sokorvsky.

Sara entrou no quarto. A luz do sol reluzia no tapete descolorido e fazia com que as bolinhas de pó dançassem. Ele não parecia precisamente contente de vê-la. Sob a luz brilhante da manhã parecia mais velho, mais inflexível e menos sensível. A dúvida inundava sua alegre segurança. Como ela podia começar o assunto?

Ela abriu a boca para falar, mas ele lhe deu as costas e caminhou a passos largos para o espelho para atar o lenço ao pescoço. Ela observava seus hábeis dedos enrolar as dobras e nós intrincados e sujeitá-los com um alfinete de diamante. Ele encontrou o olhar dela no espelho e o fixou.

- Senhorita Harrison, se seu pai vos envia aqui para me pedir dinheiro, pode dizer...

- Senhor, não é isso! - Sara o interrompeu. De repente foi imperativo expressar sua opinião - Enviou-me para aceitar sua proposta de casamento.

Os dedos dele ficaram imóveis sobre o lenço e se voltou para olhar.

- ele fez o que? - Seu sorriso voltou o que sempre parecia amolecê-la - Maldição! Deve estar mais desesperado do que pensei.

Sara ficou tensa. *Como se atreve supor isso de seu pai?*

-Está equivocado, milorde. Sucumbiu ante minhas súplicas de contrair matrimônio com o senhor. Eu sou a que o rogou.

- E sobre a lealdade que tem para sua irmã Charlotte? Ela está deitada chorando em sua cama porque roubastes a seu potencial marido?

Ela se achou olhando-o com aborrecimento.

- Apesar de sua idéia exagerada de se achar importante, Charlotte está apaixonada por outra pessoa.

Ele andou apressado para ela e ela resistiu à tentação de retroceder, então ele colocou seus dedos debaixo do queixo dela e levantou seu rosto até poder ver seus olhos.

- Rogastes por mim?

- Por que não teria que fazê-lo? Você me mostrou os prazeres de ser uma mulher. - Sara lhe devolveu o olhar. Suas palavras ousadas não eram uma absoluta mentira para proteger a reputação de seu pai.

- Por Deus, eu a farei suplicar.

Ele baixou a boca até a sua e ela gemeu quando ele introduziu a língua no interior de sua boca. Aflita pela textura áspera de sua língua e seus dentes, segurou-se em seus ombros para ancorar-se a si mesma contra a tormenta enfurecida de seu ataque. Ele a puxou para mais perto até que se tocaram da boca até os pés. A ereção pressionava com firmeza contra o estômago dela e ela lutou contra o impulso de envolver suas pernas pelos quadris dele e empurrar contra ele e imitar o ritmo latente de sua língua com todo seu corpo.

Ele afastou sua boca da dela e a sustentou à distância de um braço.

- Senhorita Harrison, me dará a honra de contrair matrimônio comigo?

Ela o olhou fixamente e imaginou passar o resto da vida em sua cama.

- Sim, lorde Sokorvsky, aceito.

CAPITULO 04

- Droga de vestido!

Sara estendeu a mão para trás e tentou desenredar os cordões de seu vestido de casamento. Através do mirante que dava ao tranquilo parque da velha casa de campo, a escuridão se movia sigilosamente para ela. Seu flamejante marido já tinha todo o direito de esperar que estivesse nua e esperando-o na cama. A ponto de chorar, ela puxou o espartilho adornado com pérolas e tentou liberar o braço.

- Queres ajuda?

Ela segurou com firmeza o tecido de seda contra seus seios.

Então viu o reflexo de lorde Sokorvsky no espelho e ele ainda usava suas roupas de casamento azul marinho, que aprofundavam seus olhos para um violeta mais escuro e lhe davam um contraste perfeito em seu cabelo preso e em seus formosos traços.

Para imensa decepção de sua mãe e alívio de Sara, as bodas tinham sido um evento discreto na igreja local somente para sua família e dois sócios de Valentín.

Sara tentou encolher-se de ombros.

- Mande a minha criada embora. Queria me despir sozinha.

O cenho franzido que enrugava a testa de lorde Sokorvsky logo se distendeu.

- É óbvio, devia me dar conta. Sua mãe devia ter enviado Daisy. – ele aproximou-se dela. Sua sombra obscurecia o tapete entre eles.

- Bom, não podia pedir a minha mãe uma criada diferente sem lhe dar uma explicação. - Tinha sido um longo dia e o tom da voz dela estava mais agudo que o normal; sua paciência, inexistente.

- Temia que Daisy pudesse te dar algum tipo de conselho que não desejava? – ele aproximou-se mais e observou as costas de seu vestido de seda cor lavanda.

Sara estremeceu quando ele percorreu a curva de suas costas nua com a ponta de seus dedos.

- Já recebi os suficientes conselhos de minha mãe e minhas tias para me afastar de ti a gritos e horrorizada.

Ele agarrou os cordões enredados e puxou com força suficiente para aproximar as costas dela contra seu peito. O nó do lenço de seu pescoço lhe incomodava entre as omoplatas e os nódulos de seus dedos lhe roçavam a pele enquanto tentava liberá-la.

- E o que sua mãe disse exatamente?

- Que devia permanecer deitada e quieta, esperar que acabasse com rapidez e rezar para que tivesse muitos filhos e assim te manteria afastado de mim.

A risada suave moveu os cabelos de sua nuca exposta. - E isso é o que queres?

Ela deu a volta para olhá-lo. Os olhos dele estavam fixos nela e sentiu que ficava sem fôlego.

- Não, não é o que quero. Tenho este estranho desejo de lambar sua pele e me deslizar por todo o seu corpo.

Ele levantou uma sobrancelha enquanto baixava o olhar até seu seio parcialmente nu.

- Isso é muito ousado de sua parte. Tem certeza de que ainda é virgem?

Ela ia cobrir se, mas ele a agarrou pelos pulsos.

- E se não fosse? Isso o desagradaria? – ela olhou fixamente para a parte da frente de suas calças justas de cetim branco - Apostaria que você não é virgem.

Ele seguiu o olhar dela e baixou sua mão direita até que a palma ficasse sobre sua ereção.

- Esta é a razão pela que pergunto querida. Diz-se que tenho um pênis muito grande. Nunca poderia me desagradar. Mas se for virgem, sua vagina estará fechada.

A franqueza dele sobre as questões carnis já não a surpreendia. Na realidade, resultava-lhe tranquilizador e curiosamente libertador. Durante as quatro semanas desde seu compromisso o tinha visto em raras ocasiões, ele a tinha beijado repetidas vezes e lhe tinha sussurrado sobre delícias sensuais que a esperavam em sua cama.

Embora ele tenha lhe soltado o pulso, ela deixou a mão pressionada contra sua virilha. Um pulso constante e quente vibrava debaixo de seus dedos enquanto acariciava o frio cetim.

- Sem dúvida há maneiras de... Ajudar meu corpo para que te aceite? – O pênis dele vibrou e cresceu outra vez. Ela estendeu os dedos, desesperada por capturar cada centímetro dele.

- Há muitas maneiras e penso utilizá-las. No momento em que eu te penetrar verdadeiramente estarás tão desesperada para me ter dentro de ti que logo não sentirá dor. – Ele retrocedeu e a observou, com a expressão absorta - Quando tocas o cravo, no que pensas?

Sua abrupta mudança de tema a confundiu.

- Penso na música, a maneira em que flui através de mim. – ela deu um meio sorriso - Às vezes me esqueço de quem sou.

Ele assentiu com a cabeça e tomou sua mão, deu-lhe a volta com a palma para cima e a beijou.

- Então faz algo por mim esta noite. Esquece que é uma jovem bem educada e finge ser o instrumento com o que eu tocarei. Deixe-me utilizar seu corpo como condutor para a formosa música que criaremos juntos.

Ela sorriu ante sua confiança e retirou a mão. – Então, ensina-me. Estou desejosa de aprender.

Ele a ajudou a sair do vestido e das anáguas e deixou-lhe o espartilho frouxo, uma anágua de fina musselina e as meias presas com ligas. Sob seu suave guia, ela se sentou na penteadeira e ele tirou o colete e se colocou atrás dela. Ela sentia seus dedos em seu cabelo que separava com delicadeza as mechas frisadas e presas de seu penteado trabalhado. Suspirou quando ele tirou o último grampo e esticou o pescoço.

Ele pegou a escova e começou a lhe pentear o cabelo. - Não me tinha dado conta de que seu cabelo era tão comprido, quase te chega à cintura.

Sara se inclinou para trás, para as carícias longas e constantes da escova.

- O cabeleireiro que enviaste de Londres queria cortar boa parte dele esta manhã. Insistia em que estava muito passado de moda.

- Alegra-me que não lhe tenha escutado. Estou ansioso por vê-lo estendido sobre o travesseiro debaixo de ti. – ele deixou de escovar e seus dedos começaram a trabalhar com os cordões do espartilho. - Se te tirar isto eu poderei continuar com mais facilidade.

Ela deixou que ele soltasse o espartilho e logo continuar lhe escovando os cabelos. Os olhos dela ameaçavam fechar-se enquanto se deleitava com o suave som das cerdas que se moviam por seu cabelo. Depois de quatro semanas frenéticas, dominada pelos planos do casamento e tratando com sua mãe e um noivo escorregadio, estava pronta para cair exausta. Despertou de uma sacudida quando Valentín jogou o cabelo sobre seus ombros e passou a escova por cima de seus mamilos e continuou com a carícia que ia da clavícula até o quadril até que ela sentiu desejos de gemer.

Os mamilos apareciam através da fina musselina como bagos amadurecidos e Valentín capturou seu olhar no espelho enquanto rodeava a ponta de seu seio direito com o cabo da escova, fazendo-a tremer.

- Agrada-te isso?

Ela assentiu com a cabeça enquanto ele incrementava a pressão e logo se movia para o outro seio. Sua respiração se acelerava e Valentín baixou a escova.

- Então isto te agradará ainda mais.

Ainda de pé atrás dela, ele deslizou as mãos desde seus ombros e as fechou em seus seios. Sara lambia os lábios enquanto ele apertava seus mamilos entre os dedos. O calor a queimava, ia diretamente até seu útero e ela resistiu ao impulso de apertar as pernas.

Sua cabeça caiu para trás contra o torso dele e encontrou a grossura do pênis contra sua bochecha. Ela deu a volta e acariciou o cetim com o nariz e os dedos dele deixaram de mover-se sobre seus seios e logo beliscaram com força. Ela o roçou outra vez e tentou mordê-lo. Todo o corpo dele estremeceu.

- Ainda não, querida. - separou-se dela - Temos um longo caminho antes que esteja pronta para colocar meu pênis dentro de sua boca.

Ela o observava com atenção, mas ele não parecia estar brincando. «*Por que diabos uma mulher aceitaria fazer isso?*» ajoelhou-se diante dela e voltou a pegar a escova. Ela enrugou o sobrecenho e tomou-lhe o pulso.

- Também tem cabelo aqui, Sara - disse ele, sorrindo - E se fizer algo que não te agrada, só me diga e me deterei.

Ela obrigou seus joelhos a se relaxarem, sentia o frio linho de sua camisa contra o interior de suas coxas enquanto ele se movia entre suas pernas. Com a escova ele acariciou os cachos que cobriam seu púbis. Sara fechou os olhos e sentiu o suave arranhão das cerdas. O quente perfume de lorde Sokorvsky se elevava para lhe tomar o juízo.

O dedo substituiu a escova e vibrava com agilidade no botão inchado que protegia a entrada de seus segredos de mulher. Ela resistiu a um impulso repentino de agarrar sua mão, embora não soubesse se o faria para detê-lo ou para fazer que se movesse com mais rapidez. Quando ela se masturbava dessa maneira, nunca sentia com tanta intensidade.

Enquanto o dedo polegar continuava fazendo círculos nela, o dedo médio se deslizava em seu interior e ela conteve o fôlego quando o prazer retumbou dentro dela.

- Está úmida. Seu corpo se prepara para me receber apesar de seus temores.

Sara abriu os olhos e baixou o olhar. Sua mãe sempre lhe dizia que sua curiosidade imprópria para uma dama seria sua morte. A atenção de lorde Sokorvsky estava posta no lento deslizamento de seu dedo para o interior. Um suave som de sucção interrompeu o silêncio enquanto ele explorava sua vagina.

- É normal estar tão úmida aí embaixo?

- É óbvio. Sua vagina deseja meu pênis. Seu néctar facilitará meu caminho e o fará mais prazeroso para ti.

Suas respostas sinceras e práticas sobre o sexo faziam com que Sara se relaxasse. Suspeitava que podia lhe perguntar o que fosse e ele lhe responderia.

Ele deslizou um segundo dedo junto ao primeiro. Ela ficou tensa, mas notou que seu corpo estava ávido para aceitá-lo, desejava dilatar-se.

Ele se levantou e seus dedos ainda a tocavam enquanto aproximava a boca até os seios dela. Lambeu um mamilo através da translúcida musselina e o levou dentro de sua boca, sugando ao ritmo do movimento de seus dedos.

Os quadris de Sara se levantaram da cadeira enquanto ela lutava por aumentar a pressão de sua mão contra ela. Sabia que algo perigosamente prazeroso a esperava, mas ela não tinha certeza se desejava aceitá-lo ou fugir disso.

Lorde Sokorvsky adicionou um terceiro dedo. Todo o sentido de instinto de conservação desapareceu quando a atenção de Sara se centrou nas deliciosas sensações que ele lhe provocava. Esforçava-se por unir-se a seus estímulos, se apertando contra a palma acolhedora e prazerosa de sua mão. Ela subiu as mãos em silêncio até seus largos ombros e cravou as unhas em seus músculos. Soltou um grito reprimido quando as sensações que só imaginava se recusaram a florescer.

Ele levantou a cabeça, com um sorriso provocador. - Não é uma corrida, Sara, temos toda a noite. - Roçou o dedo polegar contra seu lábio inferior - Na realidade, temos o resto de nossas vidas para aprender a nos agradar um ao outro.

Ele fez uma careta de dor quando ela cravou suas unhas com mais força.

- Mas quero saber, milorde, quero saber por que algumas mulheres temem a isto quando outras o sonham.

Então ele sorriu e ela baixou o olhar até onde os dedos desapareciam em seu interior.

- Meu nome é Valentín; entre todas as pessoas, você tem o direito a utilizá-lo. E não seja tão impaciente, quando tiver terminado contigo, não temerá. - ele ficou de pé e a levantou com ele - Me ajude a tirar a camisa.

Sara agarrou o grosso linho de sua cintura, que se negava a ceder. Observou as presilhas e os botões de suas calças e ele reteve sua mão contra a avultada peça da frente. - Sente meu pênis, Sara? Agrada-te?

Ela observava que seu impressionante e grosso pênis sobressaía das calças.

- Não tenho certeza, milorde, quero dizer, Valentín. - Mordeu o lábio - Parece ser bastante grande para que caiba dentro de mim.

Ele levou a mão dela até sua boca e beijou a ponta de seus dedos.

- Caberá. Haverá lugar para mim.

Sua confiança inspirava a dela. Fez frente aos botões das calças e deixou que a lapela da frente caísse. Para sua desilusão, a ampla camisa lhe cobria o torso. Ele tirou as abotoaduras de diamante e as deixou cair sobre a penteadeira com um ruído descuidado.

- Venha. - ele tomou sua mão e a levou até a enorme cama de quatro colunas com dossel que se encontrava no centro do magnífico quarto e inclinou a cabeça. - tire a minha camisa.

Sob a ligeira escuridão de verão, a pele dele era bronzeada e ondulada pelos músculos. Um pêlo encaracolado de cor marrom cobria a parte superior de seu peito e diminuía sobre seu ventre plano. Incapaz de deter-se Sara estendeu a mão para frente e passou o dedo por uma pequena cicatriz com forma de meia lua debaixo de seu mamilo direito.

Ele estremeceu e se inclinou para frente, apanhando-a entre suas mãos, a cama e seu grande corpo ardente. Sara manteve a boca fechada enquanto ele a beijava até que seus dentes mordiscaram seu lábio inferior. Ela tinha a palma da mão pressionada contra seu peito e podia sentir o tamborilar de seu coração.

Sem falar, ele rodeou sua cintura com as mãos e a levantou até sentá-la sobre a cama alta. Sara tentava manter o equilíbrio enquanto ele separava suas coxas com seus largos ombros. Sentir seu firme corpo musculoso contra o interior de suas coxas a fazia querer gemer.

Ela estremeceu enquanto a língua percorria seu umbigo e se dirigia para baixo. Ele lhe deu de presente um olhar absorto.

- Tire a anágua. Quero que esteja nua. – ela tirou o objeto com dificuldade e se agarrou com as mãos à cama. Ele fez um suave som de aprovação ante a parte mais íntima de seu corpo.

- Está muito úmida. Eu gosto, embora farei que esteja ainda mais úmida.

Sara sentiu o primeiro deslizamento de sua língua sobre seu sexo e quase caiu da cama. Sua pele já excitada se sentia tão quente e vulnerável como uma ferida aberta. Não se parecia em nada com a fugaz ardência que sentia quando se masturbava. «*Como podia brindar tanto prazer só com sua boca?*» ela apertava a colcha bordada com seus punhos enquanto ele continuava lambendo-a.

Quando ele colocou seu botão inchado dentro de sua boca, ela esqueceu-se de tudo o que significava ser uma dama e gemeu e empurrou seus quadris para frente ao compasso da insistente pressão dele. Os dedos dele se uniam a sua boca e pressionavam para cima em sua apertada vagina e a dilatavam para entrar, umedecendo-a e preparando-a.

Sara conseguiu soltar uma de suas mãos da roupa de cama e a envolveu no comprido cabelo de Valentín. Seu pé esquerdo subiu até o ombro dele enquanto ela fazia força contra ele, mantendo-o perto, reclamando a fricção tensa e forte de seus dedos e sua boca.

Agora ele se movia com mais rapidez, o úmido som de seus dedos e sua boca se juntavam ao ritmo dos gemidos dela. Ele gemeu contra seus clitoris, lhe enviando tremores deliciosos até seu útero, arrastando seu queixo sem barbear de cima abaixo por sua vagina.

- Goze para mim, Sara, desfrute! - sua voz soava rouca enquanto atacava o interior de suas coxas brandamente com os dentes. Ela mal podia ouvi-lo, muito decidida a alcançar sua liberação, muito desesperada por explodir com as sensações desconhecidas que ele despertava nela.

- Goze para mim! – ele falou, agora com a voz mais áspera enquanto os dedos se metiam com força em seu interior e ela se pressionava com desespero contra ele. E logo, inclusive sua voz desapareceu quando um gemido de excitação a alagou e enviou grandes

quebras de onda vibrantes de tremores desde seu útero até seus seios e de volta até os dedos de seus pés em um círculo infinito de prazer.

Quando abriu os olhos, estava recostada na cama. Valentín descansava a seu lado, com o rosto ainda úmido por seu néctar e afundou o rosto entre seus seios. Ela inalou o aroma da própria excitação que esquentava sua pele.

Ele a olhou fixamente.

- Disse-te que o desfrutaria e ainda não terminamos. Sara se sentou e já se dava conta de que ele tinha mais roupa posta que ela.

- T e ajudo com as calças?

As botas de Valentín caíram ao chão com um ruído surdo. - Sim, mas tome cuidado. Meu pênis está preparado e pronto para gozar.

Ela foi cuidadosa ao lhe baixar as calças e as atirou sobre o tapete. Voltou a subir lentamente para a cama para observar a enorme ereção de Valentín. Seu pênis devia ter ao menos vinte centímetros de comprimento e era muito grosso na base. Sara notava que na ponta havia uma borbulha de líquido claro. Ela a tocou e esfregou a umidade entre seus dedos.

- Também está úmido. Isto ajuda a te facilitar o caminho?

Ele assentiu com a cabeça enquanto se formava outra pérola de líquido e se deslizava para cobrir seu pênis já reluzente. - me toque outra vez.

Sara tragou saliva e envolveu os dedos ao redor da base do pênis.

Valentín suspirou e colocou a mão sobre a de Sara. Sua inocente sensualidade lhe divertia e de uma vez o fazia sentir intensamente estimulado. Apesar de sua falta de experiência, ela parecia não ter medo.

- Já viste um homem excitado antes? Ele formulou a pergunta antes de pensar nas consequências da resposta. A idéia de que ela conhecesse o pênis de outro homem era muito exasperante para considerar.

Sara negou com a cabeça lentamente. Seu suave cabelo roçava a virilha dele, somando-se ao impulso urgente de sua necessidade.

- Só a ti com a Daisy. - Esboçou um meio sorriso - E mesmo então não pude ver... - ela apertou seu pênis - isto.

Ela ficou de joelhos e Valentín lhe ensinou a deslizar seus dedos subindo e descendo por seu pênis. Ele admirava o balanço de seus seios e a curva de sua estreita cintura enquanto se balançava de maneira inconsciente contra ele.

Enquanto sua excitação se incrementava, tomou a outra mão dela e a fechou ao redor de seu testículo. A respiração dela ficou mais rápida e agarrava seu pênis com deliciosa firmeza, quase até chegar à dor. O ritmo era irregular e suas unhas se cravavam em sua pele mais delicada. Não importava. Sempre desfrutava ao encontrar o limite extremo da paixão.

Ele retirou seus dedos e deixou que ela continuasse sozinha com seu pênis. Deslizou um braço ao redor de suas nádegas e a aproximou mais até que seus seios se balançaram contra sua bochecha e tomou o mamilo dentro de sua boca e o sugou com força.

Sara gemeu quando ele deslizou dois largos dedos dentro de sua vagina e empurrou ao compasso de sua boca e do bombeamento dos dedos dela. Ele sentia que

seus testículos se esticavam e sua ejaculação subia por seu pênis. Com um gemido, conseguiu liberar o mamilo de Sara antes de mordê-lo com muita força. Ele gozou com fortes quebras de onda rítmicas e sua espessa semente quente banhou os dedos dela.

Quando ele relaxou sobre os travesseiros, Sara ainda tinha a mão envolta em seu pênis agora flácido. Ele levantou uma sobrancelha. – Eu a surpreendi?

Ela soltou o pênis e olhou fixo para seus dedos empapados.

- Não sabia que aconteceria isto. - Levou o dedo indicador até sua boca e o lambeu para prová-lo. O pênis de Valentín saltou em uma resposta instintiva.

- Tem sabor de mar. - Um sorriso curvou sua deliciosa boca – A princípio acreditei que tinha feito algo errado. Logo me dei conta de que gemia por prazer, não por dor.

O pênis dele aumentou ao ver que a ponta vermelha de sua língua lambia sua semente. Imaginava como se sentiria com aquela boca sugando-o.

- É uma virgem muito pouco comum.

Ela o olhou, com a expressão incerta então pressionou a mão contra os lençóis e secou os dedos.

- Eu te desagradei? Esqueci-me, supõe-se que devo ser uma donzela inocente a que não é possível que lhe interessem estas questões.

- Por que pensaria isso? Imagina que desejava me deitar com uma mulher que não pudesse entender que o sexo é tentador, excitante e irresistível?

Ele envolveu a mão ao redor do pescoço dela e baixou-lhe o rosto a sua altura.

- Quero que desfrutes de nossa cama matrimonial. Quero saber que ao pensar nisso te umedeça e te excite. Quero que me deseje.

Seu pênis recém ereto golpeava contra o ventre dela. Ele a recostou e a girou sobre suas costas e ela o olhava fixamente enquanto ele jogava seu cabelo sobre o travesseiro. Quando lhe tocou os joelhos, ela abriu as pernas com amabilidade e ele as separou desejoso de ver sua vagina excitada.

Jesus! Estava duro outra vez só de olhar para o clitóris inchado e os lábios avantajados de sua vulva. Ela estava pronta para ele, de seu canal emanava néctar, provocando-o e ele desejava esfregar o rosto em seus fluidos até que ela gritasse seu nome. Ele arrastou-se para ela até que seus testículos pressionaram contra sua virilha e a parte inferior de seu pênis roçou seu clitóris inchado e ela estremeceu. Ele apoiou as mãos em ambos os lados da cabeça dela e a olhou.

- Agora lamberei seu sexo e você adorará. Quando gritar e implorar para gozar, deslizarei meu pênis em seu interior e você adorará ainda mais.

Sara não podia falar, as palavras dele destruíram-lhe o último fio de resistência. O cabelo comprido dele, agora apenas preso pela frouxa fita azul, caía por cima de um de seus ombros e ela estendeu a mão e soltou a fita. Ele sacudiu a cabeça e o cabelo se acomodou sobre seus ombros em esplêndidas ondas escuras.

Ele beijou o caminho que descia de seu pescoço e pegou um de seus seios. Ela suspirou ante a sensação sedosa do cabelo dele contra sua pele e o puxão insistente de sua boca. Quando ambos os mamilos estavam duros e úmidos por seus cuidados, ele moveu-se mais para baixo, roçando os lábios por seu umbigo antes de deter-se no púbis.

- Erga seus quadris.

Sara reagiu ante sua gentil ordem e ele deslizou um travesseiro debaixo de suas nádegas, abrindo-a mais para seu olhar.

O primeiro deslizamento sedoso da língua sobre seu sexo a fez saltar. Ele curvou uma mão firme sobre seu quadril e a segurou na cama.

Ela fazia força contra ele, ignorava sua risada ante seus intentos ineficazes de controlar seus excessos. Sua língua explorava sua vagina, acompanhada de quatro de seus longos dedos. Ele a levava para o clímax com a boca mais áspera sobre sua suave pele, seus dentes beliscaram e prenderam seu clitóris até que ela se retorceu pela necessidade de gozar.

Sara gritou e tentou puxar o cabelo dele quando ele retrocedeu, seu rosto de pirata estava aceso de luxúria enquanto ajoelhava-se entre as coxas dela com uma mão friccionando seu grosso pênis. - Agora Sara!

Sara estremecia enquanto ele colocava os primeiros centímetros de seu pênis dentro dela. Ele observava seu rosto e deteve-se ao encontrar a barreira de seu hímen. Ainda mantendo seu olhar, levou o dedo indicador até a boca dela que o lambeu e logo ele o pressionou contra seus clitóris.

Ela quase caiu da cama, provocou para que ele fosse mais profundo e tentou ignorar a forte onda de dor que veio a seguir. Ele grunhiu e continuou com seu inexorável deslizamento para o interior. Pela primeira vez, Sara pensou na possibilidade de que poderia partir-se em dois. Baixou o olhar para sua virilha e conteve um gemido. Só tinha entrado a metade.

- Não acredito que possa entrar mais - sua voz soava aguda e muito imprópria dela.

- Poderá. - Valentín permanecia apoiado em cima dela, com a expressão resolvida - Só precisa relaxar. - Inclinou a cabeça e lentamente lambeu seu mamilo - Agora goze, não volte a ficar recatada comigo. Recorde que é meu instrumento de prazer e deixe-me tocar um pouco mais. - Ela observava que sua língua vibrava para trás e adiante sobre seu seio. Ele movia seus quadris com o mesmo ritmo sutil; seu pênis se deslizava mais profundamente em seu interior com cada flexão suave de sua pélvis.

Cativada, rendeu-se ante a dança erótica a que a induzia. O deslizamento de seu pênis e o suave lambido de sua língua se voltou o centro de seu ser. Deixou que seu prazer se incrementasse junto ao dele até que suas unhas se cravaram em seus ombros e gritou sua liberação. O corpo dele se sacudiu ao liberar uma corrente de semente quente profundamente em seu útero e desabou sobre ela, com a boca perto de seu ouvido.

- Agora é minha. Sou o único homem a quem permitirá estar entre suas coxas. Sou o único homem que sempre te dará prazer.

Quando o amanhecer atravessou as cortinas ainda abertas, Sara se voltou de lado para observar seu marido que dormia. Já não usava o medalhão que tinha vislumbrado ao encontrá-lo com Daisy. Sob a luz tênue ela pôde ver as finas linhas prateadas que havia sentido gravadas em suas costas durante a noite e estendeu a mão para lhe tocar a nuca. Seus dedos roçaram um emplastro de pele elevada e ela tentou seguir o desenho.

Conteve o fôlego quando Valentín se levantou de repente da cama e a imobilizou debaixo dele.

- Que demônios está fazendo? - Girou-a sobre suas costas e a olhou zangado.

Sara tragou e tentou resistir seu olhar feroz. - Não quis te assustar.

Valentín passou uma mão pelo cabelo despenteado. - Não estou acostumado a dormir com ninguém.

Sara franziu cenho.

- Então teme que lhe ataquem em sua própria cama?

Depois de um longo momento, Valentín riu.

- Na cama de outros, sem dúvida. Os maridos têm tendência a chegar em casa de maneira inesperada.

Ela lutou para ocultar sua pena.

- Toquei as cicatrizes de suas costas. Isso foi o que provavelmente o despertou. – ela inspirou em busca de coragem - Feriram-lhe, não é verdade? Justo antes de nossas bodas, meu pai me contou que foi escravo turco por sete anos de sua vida.

Ele se separou e se sentou na beira da cama expondo suas costas com cicatrizes diante dela. Alisou os lençóis de linho com seus longos dedos.

- E que mais ele te contou?

- Só que te encontrou por acaso junto com outro moço inglês, que insistiu em comprá-los e trouxe ambos de retorno à Inglaterra.

- Ele nos salvou a vida. Sempre estarei agradecido.

Ela sentia falta de emoção em suas palavras cuidadosamente pronunciadas. «*Teria preferido que lhe deixassem morrer?* » - Também me alegra que te tenha salvado. Valentín se voltou com brutalidade para olhar com uma sobrancelha levantada.

- Por isso? - Baixou o olhar para sua crescente ereção. - Qualquer homem poderia te dar isto.

Sara sorriu.

- Na realidade pensava em meu pai. Faz-me sentir orgulhosa de ser sua filha.

- Touché, senhora. – ele arrastou-se para ela, agarrando seu pênis com uma mão - E agora, já que estamos acordados, possivelmente me deixe entrar em ti outra vez.

CAPITULO 05

Lua de mel perfeita! Sara entrou furiosa em seu quarto e fechou a porta de um golpe. As desculpas corteses de Valentín de ter que trabalhar lhe parecia forçado. Ela contemplou seu reflexo desconsolado no espelho com sombras douradas sobre sua penteadeira. Ele só lhe prestava atenção quando estavam na cama. Estaria decidido a que mantivessem suas vidas em separado? Ela não estava acostumada a que a ignorassem. Os últimos dois dias no retirado solar de Essex foram para ela como um padrão que já não podia ignorar mais.

Com cortesia, Valentín rechaçava ou ignorava cada intento que ela fazia para parecer interessada no trabalho dele ou para lhe oferecer ajuda. Inclusive tinha protelado com um sorriso sua petição de visitar a alta burguesia local. Sem ninguém com quem falar a maior parte do dia, ela tinha agora o hábito de perambular pelos jardins e molhar os pés no lago.

Esperava mais dele. Parecia lhe haver agradado sua audácia e curiosidade. Tinha sido tudo uma farsa para convencê-la a contrair matrimônio com ele? Seria ignorada e tratada com condescendência como a maioria das esposas que conhecia? Ela chamou a sua nova criada para que a despisse e logo lhe pusesse a camisola. A discreta elegância de seu quarto já não tinha nenhum encanto, inclusive também sentia saudades das queixas de sua mãe e das discussões de suas irmãs.

Um pequeno relógio de porcelana sobre o suporte da lareira repicou onze vezes, sobressaltando-a e ela soltou a escova e se dirigiu para a cama com fortes pisadas. Uma dor de cabeça ameaçava detrás de seus olhos. Se o trabalho de Valentín era tão importante, talvez nem sequer ele se incomodasse em aproximar-se dela naquela noite.

Sara repreendeu a si mesma por ser tão infantil e possivelmente Valentín tinha razão em chamá-la de mimada. O matrimônio não era um jogo e ela não era uma dessas mulheres que não podiam viver sem um homem para que seu mundo ficasse em ordem. Seu pai frequentemente trabalhava longas horas para assegurar os diversos interesses de seus negócios, então por que deveria surpreender-se de que Valentín fizesse igual?

Além do mais ele lhe tinha oferecido tanto!... Decidida a ser mais compreensiva, ela alisou as cobertas e encontrou um pacote sobre o travesseiro. Tirou o cordão dourado e desembulhou o rangente papel marrom para descobrir um livro com capa de seda. Não havia nenhum nome na capa de viva cor escarlata e intrigada, ela o abriu na primeira página e começou a ler. A extravagante caligrafia lhe era desconhecida.

Este livro é para nós. Compartilhas teus sonhos e fantasias sexuais até te sentires suficientemente ousada para pedi-los em voz alta. Eu me esforçarei para satisfazer qualquer desejo que tenhas.

Não precisa ter medo de imaginar.

Valentín

Sara passou os dedos por cima das letras escritas com elegância. Era inteligente por parte de Valentín dar-se conta de que a valentia dela nem sempre estava à altura de suas

necessidades recém descobertas. Deu a volta na página e descobriu que ele tinha escrito mais. Com doçura, ela leu as palavras em voz alta.

Estou sentado em meu escritório. É tarde e estou pensando em ti recostada e só na cama. Crê minha formosa esposa que a abandonei? Possivelmente precisa compreender que não sou um aristocrata mimado a não ser um homem que escolhe trabalhar para viver, apesar do desprezo de seus companheiros.

Mudo de posição em minha cadeira enquanto meu pênis incha contra minhas calças, desejo estar dentro de ti e te levar ao clímax. Meu livro me faz voltar; as colunas de números se fazem imprecisas e dançam diante de meus olhos.

Um som atrai minha atenção para a porta. Estás ali, com o cabelo solto ao redor de seu rosto e uma vela em sua mão. Antes que eu possa me levantar, tu caminhas para mim e te moves com cuidado entre minha cadeira e a mesa, então separo minhas pernas e te colocas entre minhas coxas. Sem falar abre seu penhoar e estás nua por baixo.

Sara deixou de ler, com uma mão no pescoço e uma dor de cabeça esquecida. Valentín a convidava a ir até seu escritório e lhe fazer o amor, ou só era uma fantasia agradável para entretê-la? Deixou cair o livro sobre a cama como se lhe queimasse e caminhou de um lado a outro pelo tapete. O sentido comum e a prudência lhe ditavam que deveria sentir-se ofendida pela proposta. Não deveria supor que se sentiria cômoda ao aparecer nua e disposta em qualquer outro lugar que não fosse sua cama, em especial depois de seu recente descuido para com ela.

Enquanto caminhava, seu corpo despertava e um inchaço crescia em seus seios e entre suas pernas. Deteve-se para olhar fixamente o espelho. Seus olhos estavam selvagens e com indecisão, ela apertou seus mamilos através da seda da camisola. Apesar de sua batalha mental, seu corpo se preparava para o sexo.

O livro jazia com a capa para cima sobre a cama onde o tinha deixado e Sara voltou a ler as palavras provocadoras de Valentin, mas logo fechou o livro e o escondeu debaixo do travesseiro.

Valentín estava reclinado em sua cadeira e estirava os músculos cansados de seus ombros. Uma só vela iluminava as fileiras escuras de livros que o rodeavam e o aroma de couro velho, fumaça e brandy se impregnava nas paredes revestidas em carvalho. Quando menino, ele frequentemente fugia de sua babá e se metia de maneira furtiva ali dentro e o mordomo de seu pai lhe dava torrões de açúcar e lhe mostrava alguns dos livros de notas encadernados em couro. Seu pai raramente visitava esse lugar, o que possivelmente fosse outra das razões pelas quais ele se sentia tão cômodo.

Apesar de sua capacidade para relaxar ali, estava contente de ter que retornar à cidade em dois dias. Diferente da maioria dos aristocratas, os interesses de seus negócios lhe exigiam uma quantidade destacada de seu tempo e uma semana sem lhes dedicar toda sua atenção provocou sérios problemas que só ele podia resolver.

Suspirou lentamente e então se lembrou de Sara. Devido às emergências, ele a tinha deixado a seu livre-arbítrio nos últimos dois dias. Apesar dos intentos dela de não parecer afetada pelo descuido dele, sabia que ela não estava contente. Na realidade, ele se

arrepentia, preferiria passar o dia na cama junto a ela que estar sentado detrás de uma mesa de escritório.

Olhou para o relógio, será que ela já teria descoberto seu presente? E, mais importante, a sua fantasia a teria intrigado, ou a teria horrorizado? Ele pressionou os dedos contra sua testa. A recente correspondência de seu secretário também tinha atraído sua atenção para outra questão problemática. Alguém tentava chantagear a seu sócio, Peter Howard, e Peter nem se incomodou em mencionar o fato a ele.

Um pequeno ruído fez com que levantasse o olhar. Sara estava de pé diante de seu escritório, com uma expressão desafiante no rosto. Usava um comprido penhoar carmesim, seu cabelo estava solto sobre os ombros e suas bochechas de um colorido que combinava. O pênis dele endureceu de um puxão doloroso e ameaçou escapar de suas calças.

Ela deslizou entre ele e a mesa para ficar de pé entre suas coxas. A suave seda de seu penhoar roçava seus punhos apertados e ele a olhava fascinado enquanto ela tirava a roupa e deixava exposta sua nudez.

Valentín olhava o delicioso corpo, a pele dela brilhava sob a tênue luz da vela como a mais fina porcelana. Lambeu seus lábios e imaginou sugar seu mamilo e colocá-lo dentro de sua boca. Sem pensar de maneira consciente, ele inclinou-se para frente e com a ponta da língua tocou seu umbigo. O aroma da excitação dela atraía seus sentidos. Reprimiu um desejo de lambê-la mais embaixo, até seu sexo e colocar a língua na profundidade de seu canal. Para seu assombro, ela o excitava mais que qualquer das mulheres mais peritas que tinha tido como amantes.

Com um controle delicioso - era sua esposa, maldição, não qualquer estranha cadela voraz - ele a levou até seu colo para que se sentasse escarranchada. Beijou-a ligeiramente na boca.

- Eu precisava de uma distração. Como te ocorreu vir me visitar?

Ela sorria, sua esplêndida boca se curvava em um convite inconsciente.

- Estava aborrecida. Não estou acostumada a que me deixem sozinha. Se não necessita minha ajuda em seus negócios, talvez possa te aliviar de outra maneira. -Ela vacilou - Seu recado me interessou.

Isso era o que ele amava dela, a maneira em que reagia ante suas perguntas, de maneira frontal, com uma honestidade perspicaz. Ela não tinha idéia de quão reparador era isso para um cínico enfastiado como ele. Sua inocência o fazia sentir limpo, dava-lhe uma leve esperança de que nem todos os seres humanos eram corruptos.

- Você é uma mimada, milady. Espera muito de minha atenção. - Ela enrugou o sobrecenho - Agora parece como uma garotinha a ponto de dar pisar em alguém.

Ela levantou o queixo. - Não sou uma menina.

Ele se inclinou para frente e lambeu seu mamilo tenso. - Já me dou conta disso. - Ela estremeceu com delicadeza em seus braços - Mas ainda estou tentado de te pôr sobre meu joelho e açoitar suas nádegas.

Ele ficou atento à reação dela ante sua meio brincadeira. Não sabia quanto desfrutaria ao lhe dar tapas nas nádegas, nem se ela também o desfrutaria. O despertar repentino dessa prática sexual lhe resultava intrigante. Já tinha deixado uma mancha úmida em suas calças de camurça.

Ela mordeu o lábio.

- Não estou acostumada a ficar sem fazer nada. Quando aceitei casar com você, esperava que minha vida mudasse para melhor, não que se tornasse ainda mais aborrecida.

Valentín evitou sorrir.

- Eu a aborreço? - Cavou a palma da mão em seu púbis - Isto a aborrece?

Sara rebolou contra seus dedos exploradores com um olhar desaprovador.

- Há mais coisas na vida que isso.

- Em nossa lua de mel? Sem dúvida isso é tudo o que se supõe que façamos. - Valentín deslizou um dedo dentro dela - dentro de dois dias partimos para a cidade. Sem dúvida, em algumas semanas estará te queixando de estar muito ocupada para te deitar comigo.

Ela abriu a boca e Valentín pôs um dedo sobre seus lábios.

- Minha fantasia não incluía discutir contigo. Se a recordar, era sobre fazer amor contigo. - Rodeou sua cintura e a sentou na beira da mesa com as pernas bem abertas, então empurrou a cadeira para trás e desabotoou as calças com cuidado, botão a botão, aliviando um pouco seu pênis dolorido.

Ele agarrou sua ereção com uma mão e ficou de pé. Ela respirou forte quando sentiu a ponta de seu pênis roçar contra seu sexo umedecido.

- Vou entrar em ti com força e rapidez e você acolherá tudo. Mesmo se uma das criadas entrar e vê-la aqui nua sobre minha mesa, não irá querer que me detenha, rogará para gozar.

Valentín observava a expressão aturdida de Sara enquanto continuava fazendo círculos em seus clitoris com a ponta de seu pênis. Duvidava que ela notasse se alguém os interrompesse, tinha a mesma intensidade para o sexo que ele. Sua idéia sobre o Livro Vermelho parecia ter funcionado e seus pensamentos davam voltas para outros lugares públicos, outros encontros secretos nas que desfrutaria transar com ela.

Com um grunhido, deslizou-se em seu interior, desfrutava da estreiteza de sua vagina e o aumento da deliciosa pressão. Insistiu até que seu pênis ficou completamente cercado e logo, com lentidão, o retirou.

- Olhe meu pênis, Sara, olhe como te deixo louca¹.

"Caminho pelos jardins. Você chega e me encontra.

Para meu prazer secreto, você me faz amor ao ar livre. Imagino o ar frio em minha pele exposta, a emoção de estar vestida pela metade e o temor de que nos descubram."

Sara retrocedeu para ver sua aquarela e se chocou contra um largo peito. Nervosa, voltou-se e se encontrou nos braços de Valentín. Será que ele já tinha lido sua primeira anotação no Livro Vermelho? Tinha vindo cumprir sua fantasia? No dia anterior, ela tinha passado horas pensando no que escrever. Depois de terminar, sentiu que faltava algo em seu sonho. Era provável que um homem tão experiente como Valentín risse de sua fantasia de menina.

¹ Nota da revisora: eu achei que ficou incompleto, mas o original é assim.

Ele sorriu, sua austera jaqueta marrom e seu colete não combinavam com o brilho lascivo de seus olhos.

- Boa tarde, milady. - Ele fez um gesto para o cavalete - Posso ver esta obra, professora, ou devo esperar como o resto de seu adorável público?

Sara encolheu de ombros.

- Não sou muito boa, mas pode olhar. - Retrocedeu um passo e lhe permitiu observar sua aquarela da casa e o lago. Ele olhou durante vários minutos com atenção e a cabeça se inclinou para um lado.

- Tem razão. Não é muito boa.

Sara deixou de sorrir e levantou o queixo. - Acha que minha pintura é inferior?

Valentín não conseguiu conter um sorriso.

- Não, você pinta muito bem, mas toca melhor o cravo.

A contra gosto, Sara voltou a colocar o pincel sobre o cavalete. Levaria tempo acostumar-se à honestidade de Valentín, depois das adulações de seu pai.

- Temo que tenha razão. Tive os melhores professores à minha disposição, mas todos os meus esforços parecem medíocres. - Olhou-o por cima do ombro - Acredito que meus pais esperavam que a paixão pela arte desalentasse minha paixão pela música.

Ele apoiou a mão dela sobre a sua.

- Preferiria que tocasse para mim qualquer dia ao invés de pintar. Na verdade, preferiria que estivesse nua e coberta com pétalas de rosa enquanto toca, mas possivelmente essa é uma fantasia que possamos discutir em nosso livro.

O ritmo do coração de Sara se acelerou quando ele lhe sorriu. Um suave batimento de urgência repicava entre suas pernas. Ele deu uma tapinha em seus dedos sem luvas.

- Você tem tempo para um passeio pelos jardins? Há algumas questões que eu queria discutir.

Levou-a para um atalho que se afastava da casa e atravessaram uma clareira de sinos selvagens. Havia vários jardins, ao longo do caminho, adornado por as árvores e os arbustos. Valentín se deteve para falar com um dos homens enquanto Sara admirava as flores.

- Não tinha estado neste atalho. É uma casa muito formosa. - Em suas expedições diárias, Sara tinha descoberto que a casa tinha ao menos duzentos anos. Sobressaíam-se três alas dela, formando uma letra E. Um jardim murado de ervas e um labirinto protegiam o lado oeste da casa. O lago e o caminho da entrada eram margeados de olmos que pareciam ser de uma data posterior.

- Pensei que você gostaria de visitar o templo romano sobre aquela colina.

Sara olhou Valentín com interesse.

- Parece conhecer bem este lugar. Vinha aqui quando menino?

- Vivi aqui até os onze anos. A casa pertencia a minha mãe, que era uma verdadeira princesa russa e ela deixou-me a casa em seu testamento.

- O que aconteceu quando tinha onze anos? Partiu para ir à escola?

O humor abandonou o rosto dele.

- Não, fui a uma viagem para a Rússia com meu pai e terminei recebendo uma educação muito pouco ortodoxa como escravo turco.

Sara se sentiu ruborizada.

- Só tinha onze anos? - Apertou seu braço – Sinto muito.

O sorriso mais encantador dela brilhou, um que a afastou e a colocou a certa distância.

- Não pode te considerar responsável por algo que te aconteceu quando era um menino.

- Não é isso o que queria. Não desperdice sua lástima comigo, Sara. Quase o esqueci. - Saudou com a cabeça ao último dos jardineiros e continuaram pela leve costa - Possivelmente poderíamos trocar de tema e falar de nossa próxima chegada a Londres.

Sara assentiu com a cabeça, furiosa consigo mesma por revolver lembranças tão desagradáveis. Tinha uma expressão de conformidade no rosto.

- Certamente, milorde. Também possui uma casa em Londres?

- Pensei que poderíamos alugar uma. – Vacilou ao chegar ao topo da colina - Mas se preferires, meu pai, o marquês de Stratham tem uma casa em Portland Square, com uma série de quartos que poderíamos utilizar.

Sara levantou o olhar. - Mas você não quer?

Um músculo da bochecha de Valentín vibrou.

- Meu pai tem dificuldades para superar a opção pouco cavalheiresca de minha profissão e meu passado com algumas desigualdades.

- Imagino que ele também sente alguma culpa por te perder.

Valentín riu.

- Nunca notei. Quando retornei a Inglaterra, ele sentia-se quase envergonhado. Já tinha formado outra família e, além disso, cheguei para arruinar todas as esperanças e os sonhos de que meu meio irmão tenha um título.

Sara se deteve e fingiu admirar a resplandecente estrutura de pedra branca no topo da colina.

- Mesmo assim, deve ter sido uma emoção para ele. Sua mãe morreu antes?

Ele afastou o olhar dela com as mãos apertadas atrás das costas.

- Sim, na aparência lhe partiu o coração. Informaram-me que ela nunca perdoou meu pai por me deixar nas mãos dos turcos.

Um melro passou voando baixo por cima da cabeça de Sara e aterrisou sobre uma das colunas em ruínas. Cantava uma provocação estridente por cima dos débeis sons dos jardins de baixo. Ela caminhou pelo cascalho até as pedras, segurando as saias em uma mão. O mármore era frio debaixo de seus dedos e estava manchado de lodo e de uma cor imunda pelos anos.

Ela acariciou a fina coluna de pedra. - Algum de seus ancestrais viajou a Grécia?

Valentín continuou com um passo mais tranqüilo e o olhar fixo nos dedos dela.

- Acredito que meu avô materno completou sua grandiosa viagem lá; devido a tudo isso, fez criar este templo e o trouxe com ele.

Sara observava a pequena construção circular. Tinha um teto com cúpula e oito colunas de apoio que descansavam sobre uma parede à altura da cintura. Caminhou com cuidado através das pedras caídas.

- É seguro entrar?

- É óbvio. Faço revisar a construção uma vez ao ano. As pedras que estão ao redor, sobre o chão, só estão ali para impressionar. Parece que meu avô simplesmente limpou todo o terreno.

O interior estava frio e sombrio e o piso era de mosaico. Sara se ajoelhou para observar as imagens desbotadas e riscou o contorno áspero do rosto de uma mulher.

- Esta é Afrodite? – era uma formosa mulher nua rodeada de um grupo de donzelas menores que saltavam em um campo de flores.

- Segundo os diários de meu avô acredito que sim. - As botas de Valentín ecoaram no espaço reduzido quando ficou de pé a seu lado e ajudou Sara a levantar-se.

- Obrigado por me mostrar isto Valentín. É formoso.

- Sara se voltou com um sorriso radiante – Eu até poderia tentar pintar.

Ele estendeu a mão.

- Vem e observa a vista. Podes ver os tetos da casa principal daqui.

Conduziu-a por volta de um dos pilares e se colocou detrás dela. Deslizou o braço ao redor de sua cintura e a levou para trás contra ele.

- Você deve se perguntar por que meu pai não assistiu ao nosso casamento.

Os dedos dele trabalhavam experientes nos laços dela afrouxando seu espartilho. Sara soltou a respiração. Só a pressão do braço dele debaixo de seus seios mantinha o vestido em seu lugar e ela olhou para baixo da colina onde alguns dos jardineiros continuavam ocupando-se do atalho e dos arbustos.

- Não me tinha dado conta até agora de que seu pai ainda vivia. Não o tinha mencionado antes – A voz dela soava entrecortada e forte no pequeno lugar cercado.

- Tento não pensar nele a menos que deva fazê-lo. Ele deixou claro que embora herde seu título, não me deixará nem um centavo de seu dinheiro.

Mordeu-a no pescoço e ela estremeceu - Apenas se alegrará de minhas bodas. Acredito que esperava que tivesse a consideração de morrer solteiro para que seu novo filho preferido pudesse herdar tudo.

A casualidade com que Valentín falava de seus problemas com sua família enquanto a cortejava! Possivelmente pensava distraí-la. Sara fixou o olhar no homem mais próximo dos que trabalhavam mais embaixo. Valentín pegou a fina saia de musselina e levantou até a cintura dela. O ar frio tocou sua pele ardente e foi substituído com rapidez pela sensação sensual de seus calções de camurça contra sua pele. Foi como se a acariciasse um veludo áspero das nádegas até os tornozelos.

- Desejas que passe a visitar seu pai e a sua nova esposa?

Valentín subiu pelo pescoço dela, beijando-o antes de responder.

- Se achas que pode suportá-lo, já decidi realizar um jantar de festejo em sua honra pouco depois de nossa chegada. – Os dentes roçaram o lóbulo da orelha dela e seus mamilos se endureceram com uma pressa dolorosa - Convidarei meus amigos e meus concorrentes. Como a maioria dos homens de negócio bem-sucedidos, tenho inimigo Sara. Seria agradável que você os conhecesse e tirasse suas próprias conclusões.

Ele balançou os quadris, pressionando a ereção contra as nádegas dela e ela cravou as unhas na pedra.

-Já está pronta para mim? Ainda a excita a idéia de que te tome assim, em plena luz do dia?

Ele estreitou suas nádegas com a mão esquerda e passou um longo dedo pelo ânus para explorar sua vagina e soltou o fôlego.

- Sim, sim, úmida e aberta, escorregadia e com ânsias. Um movimento debaixo deles atraiu a atenção de Sara. Valentín começou a fazer círculos em seu sexo já dilatado com a ponta de seu dedo.

- Milorde, acredito que um dos jardineiros nos viu. Valentín puxou o lóbulo de sua orelha com os dentes.

- Sente vergonha? Na realidade ele não pode ver o que te faço. Só pode adivinhar.

Sara tragou com força quando Valentín retirou os dedos e desabotoou os botões de seus calções. Seu duro pênis úmido roçou a parte inferior de suas costas e deslizou entre suas pernas levando a ponta até pressioná-la contra seu clitóris. O coração dela pulsava com força contra o espartilho e a necessidade pulsava entre suas coxas. Quando se atreveu a abrir os olhos outra vez, o homem ainda a observava e piscou os olhos.

- Queres que me detenha? -Murmurou Valentín. - Posso te deixar insatisfeita se desejares que eu o faça.

Sara mordeu o lábio. -Mas, e se ele nos vê?

- O que tem de errado? - Valentín estendeu os dedos da mão direita que sustentavam seu espartilho e roçou os dois mamilos - Observas como desfruta de ti, se ele excitar, imagina quanto lhe agradaria estar em meu lugar.

Sem esperar resposta, ele entrou nela de um suave empurrão, que a obrigou a ficar nas pontas dos pés.

Sara agarrou a parte superior da parede com mais força enquanto ele a penetrava mais profundamente e deixou que a guiasse em um ritmo forte e rápido. Seu corpo ainda não estava acostumado a sua maneira de fazer amor, sentia-o muito grande nesse ângulo. Ela se concentrou no jovem abaixo que a olhava fixamente. Um sorriso de agradecimento se desenhou no rosto bronzeado dele ao notar sua apreciação. Valentín golpeava dentro dela e o jardineiro baixou a mão para cobrir sua virilha. Era claramente visível que seu pênis crescia debaixo de seus calções enlameados.

-Vê, Sara? - Sussurrou Valentín – ele te deseja. Excitaste-o. Deseja-te, mas não pode te ter porque és minha. Nunca poderá te ter, jamais.

Valentín acelerou o ritmo, seus empurrões a pressionavam contra a parede. Sara sentiu a primeira agitação de seu orgasmo e concentrou a atenção no homem que estava abaixo e deixou que ele visse o prazer que lhe brindava Valentín em seu rosto. Ele tinha razão, ver o desejo do outro homem a fazia sentir poderosamente feminina.

- Goze agora, Sara e olhe como gozamos contigo.

Seu corpo se apressou a cumprir a ordem de Valentín e seu clímax a fez estremecer-se. Ela gemeu quando a semente dele inundou seu canal e logo seu corpo caiu contra o dela. O jardineiro caiu de joelhos, sua cabeça loira se inclinou e suas mãos se fecharam em sua virilha.

Quando Sara teve voltou a olhar, deu-se conta de que os outros jardineiros tinham desaparecido. Havia Valentín arrumado toda a cena para ela? Não lhe surpreenderia se o tivesse feito. Ele a ajudou a arrumar o vestido e se afastou dela, deixando-a com frio. Sorria enquanto voltava a atar os calções e reprimiu todo rastro de paixão de maneira

instantânea, sua expressão era tão tranquila como se tivessem estado falando sobre o tempo.

- Amanhã partiremos para Londres. Sugiro que nos deitemos cedo porque temos uma longa viagem e toda uma vida para percorrermos juntos.

CAPITULO 06

Londres.

Sara alisou a parte dianteira de seu espartilho e deixou que sua criada a ajudasse a colocar a anágua. Valentín apareceu na porta de conexão entre seus quartos. Estava vestido com um casaco de lã azul escuro e um colete cinza bordado com fios de prata. Seu traje de noite oferecia um contraste interessante com as cortinas de seda rosa de seu quarto.

- Está nervosa meu amor?

- Um pouco, milorde - disse Sara enquanto dispensava sua criada. Voltou-se para olhá-lo com mais atenção, - mas também estou emocionada. -Logo depois de sua primeira temporada desventurada em Londres, tinha evitado aproximar-se da cidade tanto como lhe tinha sido possível. Chegar à cidade protegida pela riqueza e o sobrenome de Valentín era uma experiência completamente diferente.

Valentín se deteve na beirada da cama e pegou seu vestido. Sorriu frente a seus olhos.

- O carmesim é minha cor preferida, me recorda seus mamilos depois de sugá-los.

Aproximou-lhe o vestido e o passou por cima de sua cabeça.

A seda correu pelo corpo dela como o suave sussurro de uma chuva de pétalas de rosa. Conteve a respiração enquanto Valentín atava os laços de suas costas. Seus seios se ergueram ao sentir o franzido da renda branca. Sara sorriu ante seu reflexo.

Foram três semanas para ver casas, contratar pessoal e reunir-se com modistas e ela estava exausta. Era um alívio que finalmente comesse uma nova vida em Londres com seu enigmático marido. Cada vez que acreditava que começava a conhecê-lo, ele lhe mostrava ainda outro lado de sua personalidade multifacetada. Ele lhe lembrava o cofre japonês espessamente laqueado de seu quarto, com tantas camadas para obter o brilho profundo e intenso. Tinha levado muitos anos para descobrir a base de madeira que havia debaixo.

- Tenho algo para ti.

Valentín tirou uma caixa do bolso da jaqueta e entregou a Sara. Dentro da caixa de veludo havia um colar com múltiplas fileiras de rubis e pérolas. Enquanto Sara olhava boquiaberta a jóia, Valentín colocou o colar ao redor de seu pescoço.

- Mandei fazer isto para ti como presente de casamento. Há outras peças que vem com ele, mas as compartilharemos juntos mais tarde esta noite.

Sara acariciou o rubi central que era do tamanho de seu polegar.

- É formoso, Valentín. Não sei como lhe agradecer isso. - Beijou-lhe o ombro.

- Escreve algo para mim no Livro Vermelho. Senti saudades não saber de ti nestas últimas semanas. - ele voltou-se para a porta. - Esperarei na sala de estar.

Logo que Valentín desapareceu, Sara correu para a cama e deslizou a mão debaixo do travesseiro. Suas mãos tremiam ao passar as páginas e sorria ao descobrir a nova mensagem de Valentín.

Esta noite, desejo te adorar. Prepare-se para te converter em minha deusa das jóias.

Sara acariciou seu novo colar. «*Que diabos quis dizer Valentín?*» Um tremor antecipado viajou através de seu corpo. A maneira de seu marido fazer amor sempre era uma surpresa e sobreviver a iminente chegada dos convidados de repente pareceu algo menos aterrador com a promessa do prazer posterior. Depois de um último olhar em seu reflexo, Sara desceu as escadas.

A elegante casa da cidade que tinham alugado para a temporada estava situada na Rua Half Moon. Tinha cinco andares, do porão até o apartamento de cobertura e um pessoal muito eficiente para fiscalizar as menores obrigações domésticas. Valentín tinha insinuado que se gostasse da casa pensaria em comprá-la para estabelecer uma residência permanente.

Um dos convidados tinha chegado cedo. Ao pé das escadas, Sara podia ver um homem de cabelo loiro que falava animadamente com Valentín, e ambos levantaram o olhar quando ela chegou à sala de mármore branco e preto. Valentín estendeu a mão.

- Sara, este é Peter Howard, meu sócio e melhor amigo.

Sara fez uma reverência enquanto o senhor Howard se inclinava ao saudá-la. Era de uma estatura similar a de Valentín e sua pele estava muito bronzeada para estar na moda. Ela o observava com cautela. Seu pai lhe tinha advertido que se mantivesse afastada desse homem e também lhe tinha pedido que utilizasse sua influência sobre Valentín para romper essa relação. Esperava que sua confusão não se evidenciasse em seu rosto. Por que seu pai considerava Peter Howard uma ameaça para sua felicidade futura e a de Valentín?

Os olhos de Peter Howard eram de cor azul claro e seu rosto tinha traços finamente delineados como os de um anjo etéreo. Ao lado do esplendor moreno de Valentín, dava um contraste perfeito a seu amigo. Vestia uma jaqueta bege e calças marrons feitas com precisão elegante.

- Lady Sokorvsky, é um prazer conhecê-la. – Ele olhou para Valentín. - Se meu amigo não tivesse tido tanta pressa para casar-se, teria lhe conhecido na cerimônia, supunha-se que eu seria o padrinho de bodas de Valentín.

- O navio de Peter ficou atrasado no canal. - Valentín ofereceu um sorriso preguiçoso a Peter. - Desiludi-me tanto quanto você quando me dei conta de que não chegaria a tempo.

Sara os observava. Apesar da brincadeira, ela sentia um pouco de tensão entre eles. Deu-se conta de que Valentín se casou com ela sem a presença de nenhum familiar nem a de seu melhor amigo. Ele sabia que o pai dela não gostava de Peter e se assegurou de não incluí-lo no festejo de suas bodas?

- Por favor, me chame Peter. – ele levou a mão dela até os lábios e a beijou – Tenho certeza que Val não se incomodará.

Sara recordou suas maneiras e sorriu.

- Tenho certeza de que Valentín não se incomodará que me chame Sara. Pelo que me contou, você é parte da família dele.

Valentín encolheu os ombros.

- Em algumas ocasiões ele foi minha única família.

- É o outro moço que meu pai resgatou da Turquia, não é verdade?

- Sim, sou eu mesmo, embora seu pai nunca me teve a mesma estima que tem por seu recente marido. - Peter sorriu ligeiramente - Temo que o decepcionei em muitas ocasiões e com toda razão se desentendeu de mim. - Fez uma reverência - Espero que não tome isto contra mim, acredito que agora assentei a cabeça.

Valentín enrugou o sobrecenho e tocou o braço de Peter. - Isso me recorda algo, pode ficar depois do jantar? Tenho que falar sobre uma questão de negócios contigo.

Peter apertou os lábios.

- Supõe-se que está em sua lua de mel, Val. Não pode esperar?

Valentín sorriu e Sara resistiu a um impulso de estremecer-se.

- Infelizmente não pode esperar. - ele beijou os dedos dela - Tenho certeza que minha querida esposa compreenderá.

Logo que o mordomo anunciou outro casal, Valentín fez uma reverência para Peter e conduziu Sara até a sala de estar onde um homem mais velho e sua esposa se aproximaram para saudá-los.

Valentín se voltou para Sara.

- Querida, apresento a um de meus maiores concorrentes navais, sir Richard Pettifer e sua querida esposa Evangeline?

A risada ressonante de sir Richard retumbou nela. Era um ancião de rosto redondo e corpo roliço para combinar. Seu colete amarelo estava decorado com grandes botões dourados que se assemelhavam a soberanos e as pontas de seu lenço de pescoço estavam tão altas que parecia não ter pescoço.

- Como era de se esperar, Valentín vai ao ponto! - ele fez uma reverência a Sara - É um prazer conhecê-la, milady e felicitações por seu matrimônio com este patife. - Espetou Valentín com sua bengala.

Lady Pettifer, que parecia muito mais jovem que seu marido, tomou a mão de Sara e lhe deu um beijo perfumado perto da orelha. Tinha posto um elegante vestido de cetim cor avermelhada e três plumas que combinavam em seu cabelo preso. Seus olhos castanhos pareciam amáveis.

- Por certo, todas as damas de Londres quererão saber como cativou o fugidio lorde Sokorvsky. - Seu olhar descansou no estômago de Sara e logo voltou para seu rosto - É todo um prêmio.

Sara sorriu e resistiu a um impulso de pôr a mão sobre seu ventre. O comentário pontual de lady Pettifer não lhe resultava completamente inesperado. Não tinha muitas ilusões no que se referia a sua beleza e posição social. Lady Pettifer não seria a primeira pessoa em perguntar-se como a simples filha de um comerciante tinha apanhado o filho de um marquês.

Valentín tocou em sua mão.

- Minha esposa é o prêmio. Senti-me honrado quando ela me aceitou.

Sara levantou o olhar para ele, mas em seu rosto não havia sinais de humor.

Lady Pettifer suspirou.

- Vejo que é um casamento por amor. - ela tocou a bochecha de seu marido com o leque fechado - Meu querido, só tem que esperar que Valentín se dedique por completo à sua esposa e se esqueça de levar adiante seus negócios de maneira adequada.

Sara quase riu ante a expressão otimista de sir Richard.

Lady Pettifer se aproximou um pouco mais.

- Se puder ajudá-la a passar os suplícios e as aflições da temporada, por favor, me diga. Não deve ser fácil para você, com a estranha posição social de Valentín.

Sobressaltada pela ardência das palavras de lady Pettifer, Sara tirou de maneira impulsiva a mão da outra mulher.

- Obrigada pelo oferecimento. Estou um pouco preocupada e é bom saber que há pessoas às quais posso recorrer para um conselho.

O mordomo anunciou outro casal e os Pettifer se afastaram. Valentín apertou com mais intensidade sua mão ao ver quem estava detrás deles.

- Pai.

Valentín inclinou a cabeça uns centímetros para o homem grisalho e Sara notou que ele e seu pai eram de altura e aparência similar.

- Apresento-lhe minha esposa Sara, lady Sokorvsky.

O marquês de Stratham fez uma reverência para Sara. - É um prazer conhecê-la. Só teria gostado que tivessem me informado sobre o casamento. - Um músculo lhe deu um puxão na bochecha - Nunca esperei me inteirar das núpcias de meu filho mais velho pelo jornal.

Sara olhou para Valentín, que parecia divertido.

- Não chegou o convite? Jurava que enviei um.

Possivelmente seu secretário não enviou.

O marquês deu um passo para frente com a boca apertada. A dama muito mais jovem que estava a seu lado pôs sua mão sobre o braço dele.

- Anton, possivelmente queira me apresentar a minha nova nora.

- É obvio querida, me desculpe. - Sara se sentiu aliviada de ver que o Marquês se tranquilizava visivelmente - Lady Sokorvsky, apresento-lhe minha esposa.

Sara encontrou a si mesma em um abraço com aroma de lavanda e a Marquesa lhe ofereceu um sorriso deslumbrante.

- Posso te chamar Sara? Por favor, me chame Isabelle. - Estou muito contente de te conhecer e tens que me prometer que tomará o chá comigo logo que seja possível. - ela olhou para o Marquês - Nós adoráramos organizar uma recepção em honra a seu casamento na Casa Stratham.

Valentín voltou a agarrar a mão de Sara.

- Não acredito que seja necessário. Mas obrigado pelo oferecimento.

Sara se ruborizou enquanto Isabelle lutava por ocultar a pena em seu olhar.

- Mas eu gostaria de fazê-la por ti, Valentín.

- Pode ser minha querida madrastra, mas meu pai pode não ficar contente.

O Marquês soprou.

- Eu te disse, querida, Valentín não deseja que o incluamos em nossa família. Inclusive se recusa a utilizar seu próprio título.

Valentín riu.

- Que benefício teria para mim me chamar visconde? - ele fingiu pensar - Embora ficasse bem nos papéis de meus negócios e impulsionaria a alguns cidadãos mais a me adular.

- Não tente fazer brincadeira com seu direito de nascimento. - O Marquês mantinha a voz baixa, mas o aborrecimento ressonava nela. - É meu filho mais velho e o título é teu, deseje-o ou não.

- Que pena que não possa trocar pai! Anthony cumpriria o papel com muito mais dignidade, não é verdade?

O Marquês olhou fixo para seu filho e logo, de maneira abrupta, afastou-se e a Marquesa o seguiu lhe sussurrando algo com urgência no ouvido.

Sara suspirou.

- Tinha que ser tão grosseiro?

Valentín encolheu os ombros.

- É a única maneira em que nos comunicamos meu pai e eu. Na verdade, graças a minha madrastra, comportou-se da melhor maneira possível esta noite. - ele a observava - Não se preocupe; não terá que vê-lo com muita frequência.

Sara decidiu morder a língua. Estava claro que o trato de Valentín com seu pai era muito mais complicado do que acreditava. Quando visitasse lady Isabelle, esperava inteirar-se de mais. Para seu alívio, anunciaram mais dois casais e a simpática máscara social de Valentín voltava para seu lugar enquanto fazia as apresentações.

Ela olhou para a sala de estar com sentimento de orgulho. Dez casais estavam conversando, rindo e, aparentemente, divertindo-se. Apesar de suas dúvidas tinha feito o papel de anfitriã sem envergonhar-se a si mesma nem a Valentín. Quando o mordomo anunciou o jantar, ela estava mais que preparada para colocar sua mão no braço do Marquês e sorrir com alegria deixando que a levasse para dentro.

Enquanto Valentín distribuía as taças de chá aos convidados da reunião, Sara se voltou e encontrou Peter Howard sentado a seu lado. Sua taça tilintou no pires. Ele a tirou e a apoiou sobre uma pequena mesa que havia a seu lado. Suas sobrancelhas se elevavam enquanto a observava.

- Bem, o que lhe há dito seu pai sobre mim exatamente para que desconfie tanto de minha companhia?

Sara mordeu o lábio. Não havia nada mais que um ligeiro bom humor no olhar de Peter e seus instintos lhe diziam que era um homem no que se podia confiar. Oxalá seu pai tivesse sido mais específico sobre o que se supunha que tinha feito Peter para ganhar sua desaprovação.

Com cautela, ela lhe devolveu o sorriso. Diferente de Valentín, ela não era boa para dissimular. Possivelmente a honestidade revelaria mais que um engano meloso.

- Meu pai acredita que você exerce uma espécie de influência ruim sobre Valentín.

Ele a recompensou com um belo sorriso.

- Se com isso seu pai quer dizer que Val e eu temos um laço profundo e inquebrável, então tem razão. A gente não pode compartilhar sete anos horrorosos da vida com um homem sem se importar.

Sara o observava.

- Entretanto, ainda são próximos mais de dez anos depois. Possivelmente isso é o que lhe parece estranho.

- Bom isso é minha culpa. Vários anos depois de nossa volta, eu me apeguei a Val como um menino lastimoso. - Seu olhar se moveu dela até Valentín, que falava com sua

madrasta enquanto continuava ignorando o seu pai. - Deus sabe por que, entretanto, Val me suportou. Agora tento lhe pagar sendo o melhor diretor comercial que ele possa ter.

Valentín se voltou e os viu olhando para ele. Levantou a sobancelha de maneira inquisitiva e Peter lhe piscou o olho, voltando-se para reatar a conversa. Por um batimento do coração, Sara se incomodou pela confiança dele.

- Opõe-se a que Val e eu sejamos amigos?

A pergunta em voz baixa de Peter fez com que Sara se sentisse infantil. Pelo muito que ambos os homens tinham sofrido, era na verdade surpreendente que permanecessem juntos?

- É obvio que não. - Sara olhou de propósito nos olhos de Peter - Opõe-se a que Valentín tenha se casado comigo?

- Não, alegre-me que ele tenha encontrado alguém tão especial. - Fez uma pausa como se não tivesse certeza de continuar - Acredito que ele tenha chegado a uma etapa de sua vida em que o papel de libertino começava a enfraquecer.

- Falas de mim?

Sara levantou o olhar e viu Valentín aparecer por cima deles. Sorriu-lhe e lhe estendeu a mão.

- Concordamos em não brigar por ti. Estás contente? Ele a ajudou a ficar de pé. Peter também ficou de pé.

- Teria ficado surpreso se não o tivessem feito. - ele passeou o olhar de Sara até Peter - Parecem-se muito em algumas coisas. Sei que ambos são grandes partidários de me dizer no que me equivoquei.

Peter fez uma reverência.

- Alguém deve fazê-lo, Val, de outro modo se sentiria presunçoso até arrebentar.

- De acordo, meu amigo. Bom, talvez queira empregar seus consideráveis encantos com sir Richard e lady Pettifer. Sempre me interessam os planos de meus concorrentes.

Peter se afastou e Valentín continuava apertando a mão de Sara.

- Obrigado por isso.

- Por que, milorde?

- Por aceitar Peter mesmo que seu pai deva te ter advertido sobre ele.

Sara se sentiu ruborizada.

- Sou o suficientemente adulta para formar opinião por mim mesma sobre as pessoas.

- Peter levou alguns anos para acostumar-se após nossa volta. - Valentín suspirou - mesmo assim, seu pai nunca confiou por completo nele, mas posso te assegurar que Peter mudou. De outra maneira, nunca esperaria que o tolerasse.

O olhar de Sara seguiu Peter, que se tinha detido para falar com os Pettifer.

- Ele sofreu muito, não é verdade?

Valentín ficou imóvel.

- Você pode dar conta disso?

Sara abriu o leque e desviou o olhar. O cabelo dourado de Peter captava a luz das velas enquanto assentia com a cabeça por algo que sir Richard havia dito.

- É obvio. - Como poderia dizer a Valentín que ela via o débil eco desse sofrimento em seu rosto todos os dias?

Valentín beijou seus dedos.

- Peter será um amigo leal para ti, prometo-lhe isso.

Um movimento perto da chaminé atraiu a atenção dele - Acredito que meu pai está para partir. Talvez devêssemos passar um momento agradável.

Sara deixou que ele a guiasse para o outro lado da sala.

O que Valentín tinha visto em sua expressão que tinha ficado tão desejoso de terminar a conversa com ela?

CAPITULO 07

Valentín ofereceu a Peter uma taça de brandy e logo observou seu amigo do outro lado da mesa. Peter parecia cansado. Os olhos azuis tinham escurecido e ele tinha retomado para seus velhos hábitos enquanto Valentín estava distraído com seu casamento e as preocupações de seus negócios.

Peter terminou o brandy e acendeu um charuto.

- Bem, o que é isso tão importante que te impede de estar em seu leito conjugal?

Valentín tirou a nota de seu secretário de uma pilha que havia sobre a mesa e passou a Peter. Esperou até que Peter terminasse de lê-la.

- E você acredita nisto? - Peter enrugou a folha de pergaminho na mão - Achas que eu arriscaria minha reputação publicamente acoessando um laçao em um baile de sociedade?

- Conforme parece, o homem acredita que sim.

Peter tragou com força.

- E se eu disser que é uma maldita mentira, acreditarias em mim? Valentín olhou para seu mais velho amigo, julgava o débil tremor de seus dedos e a palidez de sua pele.

- É obvio que sim, mas...

Para Peter, ele parecia aborrecido.

- Sempre há um «mas». Continua Val. Tenho certeza de que há mais.

Valentín soltou o fôlego com exasperação.

- No passado, quando consumia muito ópio, às vezes esquecias o que tinha feito.

Peter ficou de pé lentamente.

- Não tenho tocado em ópio nos últimos três anos. De verdade acredita que me arriscaria a cair outra vez naquele inferno depois de sair apenas vivo?

- Não. - Valentín castigava a si mesmo por supor automaticamente que Peter tenha faltado com a sua palavra. Era hora de que deixasse de comportar-se como o guardião de Peter e começasse a confiar nele como amigo. - Se voltares a te sentar, talvez possamos decifrar por que esta horrível acusação aparece precisamente ao mesmo tempo em que nossos negócios estão em perigo.

Peter se sentou com uma expressão de preocupação. - Não tinha pensado nisso.

Valentín esfregava a testa.

- Eu sim. Parece que alguém deseja manchar nossa reputação e destruir nosso negócio.

Um débil sorriso se desenhou no rosto enrugado de Peter.

- Alguém? Tenho certeza de que temos mais de um inimigo entre nós.

- Entretanto, suspeito que esta pessoa queira surrupiar nosso passado e utilizá-lo também contra nós. Alguém que sabe a verdade sobre a Turquia.

- E não se conforma só em arruinar-nos financeiramente, também no ponto de vista social. - Peter apagou o charuto - Prometo que mantereí todas as minhas perversões privadas dentro dos discretos limites da Casa de Prazer da senhora Helene. Na realidade, pedirei a mesma senhora Helene que investigue todas as minhas companhias e a sua clientela, se isso te faz sentir mais tranqüilo.

Valentín terminou o brandy. - Eu farei o mesmo.

Peter o olhou estranho.

- E você para que necessitaria dos serviços da senhora? Não acaba de se casar?

Valentín imaginou Sara esperando-o na cama. Seu pênis se excitava com antecipação.

- Minha esposa é... Especial.

- Qual é o problema, Val? - perguntou-lhe Peter com amabilidade - Se preocupa que ela não possa satisfazer todas as suas necessidades?

- Isso não é de sua incumbência, maldição! - grunhiu Valentín - Minha esposa não é tema de conversa.

Peter ficou de pé e se dirigiu para a porta. - Sempre está me dando conselhos. Possivelmente alguma vez se preocupe por escutar a alguém. Sua esposa é uma mulher interessante, dê-lhe a oportunidade de descobrir quem é na verdade. Do contrário, seu casamento será um lugar muito solitário para ambos.

Valentín olhava fixamente a porta fechada e com lentidão relaxou seus músculos tensos. Peter não tinha direito de lhe dizer como dirigir suas relações. O homem já tinha suficientes problemas. Sara era sua esposa e não tinha que se agarrar aos excessos sexuais que ele tanto desejava. Ela permaneceria pura, ainda que fosse a última coisa que fizesse.

Movia-se com nervosismo na cadeira. Sara nunca teria que experimentar o sexo da maneira com que ele tinha feito, obrigado a oferecer e prolongar o prazer de alguém que pagasse por seu tempo. Baixou o olhar para sua ereção crescente. Será que o fato de haver-se iniciado em antros de libertinagem logo que pôde obter uma ereção, tinha distorcido seus desejos sexuais? Se fosse assim, esperava que Sara nunca soubesse.

Acendeu uma vela e subiu as escadas até seu quarto. A casa estava em silêncio a seu redor e um persistente aroma de fumaça de lenha, perfume e vinho tinto subia junto a ele pelo oco da escada como um eco do jantar. Uma luz tênue brilhava sob a porta de Sara. Valentín levantou o estojo das jóias que tinha deixado sobre a penteadeira e se dirigiu ao quarto dela. Essa noite tentava venerá-la, como ela merecia.

Sara se afastou do espelho quando Valentín cruzou a porta que conectava seus quartos. Ela tirou a roupa e só deixou o formoso colar de rubis e pérolas ao redor do pescoço. Valentín ainda estava completamente vestido e uma safira cintilava nas dobras intrincadas de seu lenço branco no pescoço. Ele trazia outro estojo de jóias parecido ao que já lhe tinha presenteado.

Baixou sobre um de seus joelhos diante dela, que pôde sentir o aroma de brandy e fumaça de charuto em seu hálito. Ele sorriu.

- Desfrutastes da noite?

- Foi interessante. - Decidiu ser honesta - Sua madrastra me agradou. Você se oporia se eu a visitasse?

Valentín apoiou a caixa de veludo sobre o tapete. - Se não houver mais remédio, mas me prometa que será discreta. Não quero que meu pai saiba cada pequeno detalhe de minha vida.

Sara sorria enquanto ele roçava a prega de sua camisola de seda carmesim.

- Duvido que falemos de ti. Você se surpreenderia ao saber que nós mulheres nem sempre falamos de nossos homens. Às vezes preferimos falar de outras coisas.

Ele levantou a vista para olhá-la através de suas largas pestanas.

- Outros homens, possivelmente? - Fechou os dentes no arco de seu pé - Espero ser o suficientemente homem para te satisfazer e que não tenha que recorrer a isso.

Sara se retorceu pela forte dentada dele. – Se soubesse...

- O que? - Outra vez o roçar autoritário de seus dentes sobre a pele sensível.

- Passei a maior parte do jantar imaginando o que me faria depois e admirando seu magnífico corpo. Por várias vezes, ficava bastante difícil me concentrar. – Ela o tocou na bochecha – Na verdade, ainda me assombra poder te tocar e dizer que me excitas.

A honestidade dela sempre parecia incitá-lo. - Então, já estás úmida para mim?

Os mamilos de Sara se retesaram ante a pergunta com voz rouca.

Valentín levantou uma sobrancelha. – Mostre-me.

Mantendo o olhar, Sara estendeu a mão e passou o dedo indicador entre suas pernas mostrando-lhe a grossa camada de seu néctar. Ele agarrou seu pulso e deslizou os dedos dela dentro de sua boca quente, com lentidão sugou a prova de seu desejo.

- Alegra-me que esteja úmida para mim. Agrada-me a idéia que me olhe e me deseje. - Soltou sua mão e abriu o estojo das jóias - Quer ficar de pé? Desejo te adornar.

Com gosto, Sara ficou de pé e desatou o penhoar. Valentín o tirou baixando-o pelos ombros e o jogou sobre a cama escura então lhe beijou o umbigo. O queixo sem barbear era áspero contra a pele suave dela.

- A primeira peça vai ao redor de sua cintura e se amarra ao colar de cima.

Ele estendeu a mão e conectou o grosso elo de ouro ao redor da cintura dela. Havia quatro fileiras de pérolas e rubis unidas a ela. O colar que já tinha posto lhe caía até a curva superior dos seios. Valentín tomou as duas voltas de pérolas e rubis e as conectou a ambos os lados do colar. Sara se atreveu a olhar para o espelho. As voltas do colar passavam a ambos os lados de seus seios, emoldurando seus mamilos.

Valentín encontrou seu olhar no espelho e tocou seus mamilos deixando que se endurecessem entre seus dedos.

- Quando terminar de te decorar e vou sugar seus seios até que rogues para que me detenha. Amanhã quero que imagines que minha boca ainda está sobre ti até que te umedeça e me deseje outra vez.

Sara observava os dedos que faziam círculos e se umedecia com mais necessidade. Ansiava por seus dedos em outra parte de seu corpo. Que rápido tinha aprendido a desejar o pênis dele e sua maneira de fazer amor! Ele sorriu ao passar os dedos pela corrente até sua cintura.

- Possivelmente eu volte para casa cedo durante suas horas de visita. Possivelmente a encontrarei úmida e te farei amor e então volte a te enviar para seus convidados.

Ele acariciou a curva de seu quadril e ela gemeu.

- Achas que eles saberiam que eu te teria feito amor ao máximo? Acredita que lhes importaria que sentisses os mamilos doloridos contra o espartilho e seu sexo gotejando minha semente?

Os joelhos dela ameaçavam dobrar-se enquanto ele roçava seus cachos com o dedo.

- Acredito que saberiam. Não pode dissimular o olhar de mulher bem satisfeita. Talvez só entre até à sala de estar e te penetre com meu pênis. Esquecerias por completo de agradar às damas da alta sociedade e só pensaria em agradar a mim.

Sara choramingou quando ele deslizou um dedo entre suas pernas. Estava tão úmida que seu néctar se derramava e gotejava por sua coxa. Valentín abriu as pernas dela e observou sua vagina exposta, então retornou ao estojo das jóias e tirou outra parte do colar. Era uma fileira de pérolas grandes e ele conectou-a à peça que já estava em sua cintura. O colar era tão comprido que chegava ao chão.

Valentín agarrou o colar de pérolas em sua mão e o esfregou contra o clitóris de Sara. .

- Esta peça vai dentro de ti. Deve tentar mantê-la dentro por completo para mim.

Ela observava o espelho enquanto Valentín deslizava a fileira de pérolas em seu interior. Apertou seu músculo interno ao redor da pesada massa e ele se afastou um pouco para deixar que ela observasse seu reflexo por completo no espelho. Sara tocou as pérolas que pressionavam dentro de seu sexo e estremeceu.

Sem falar, dirigiu-se para Valentín e começou a despi-lo. Apesar do olhar de surpresa, ele não fez nenhum movimento para detê-la e enquanto ela desatava o lenço de pescoço, ele puxava lentamente seus mamilos e acariciava suas nádegas. Ela tirou-lhe o colete e a camisa e ele inclinou a cabeça e pegou seu mamilo, sugando com força. Quando lhe tirou os calções, seu pênis rígido golpeou contra a cadeia de ouro ao redor da cintura dela.

Ele gemeu.

Com um sorriso, Sara se ajoelhou e agarrou seu pênis. Já estava úmido e inchado e com delicadeza, ela esfregou a ponta de seu membro contra seu mamilo franzido, banhando-se com a antecipação de seu sêmen.

- Sara... - Valentín colocou uma mão no cabelo solto de Sara e a obrigou a olhá-lo. Ao ver que ela tinha tomado o controle do ato, sua surpresa não encontrou limites. Talvez não estivesse preparada para seguir sendo tão inocente depois de tudo. Ela lambeu os lábios e o pênis dele se endureceu mais dolorido. Com um sorriso sensual, ela o empurrou em direção à cama e ele permitiu intrigado pela exigência sensual dos olhos dela e excitado pelas possibilidades. Mantendo o olhar fixo, ele sentou-se na cama com as costas contra a cabeceira.

Sara se ajoelhou sobre ele com as pernas em ambos os lados de suas coxas e Valentín conteve a respiração quando ela enganchou um dedo na fileira de pérolas e o tirou pouco a pouco de sua vagina. Ele mantinha as mãos atrás da cabeça, convidando-a a continuar, encantado em segredo pelo atrevimento dela. Quando ela as enrolou sobre o ventre dele, as pérolas estavam cobertas por seu néctar e quentes contra a pele dele. O músculo de seu ventre se contraía enquanto a mão dela fazia círculos para baixo.

O coração de Valentín se acelerou quando ela começou a envolver as pérolas ao redor do pênis tenso. Ela inclinou a cabeça e seu comprido cabelo ficou sobre a virilha dele e quando o pênis esteve coberto, ela o olhou.

Ele gemia de prazer enquanto ela lambia as pérolas; cada delicada chupada rodava as esferas contra seu pênis como milhares de vibrações profundas.

Estendeu a mão para baixo e rodeou os mamilos dela com seus dedos, depois baixou a mão até seu sexo empapado e afundou quatro dedos em seu interior, sentindo que ela se apertava ao redor de sua mão. Agarrou-a pela cintura, endireitando suas costas

e lhe afastando a boca de seu pênis, então flexionou os braços e sustentou-a suspensa sobre ele e pôs seu sexo em contato com a ponta de seu pênis.

Os olhos dela se abriram ao dar-se conta do que ele tentava fazer e lentamente ele a baixou uns centímetros e observou-lhe a expressão enquanto seu pênis coberto de pérolas desaparecia em seu interior. Manteve-a ali até que sentiu que seu corpo o aceitava.

- Acreditou que eu permitiria que saísse impune por me torturar e que não te obrigaria a me ter dentro de ti?

- Sim, não, eu...

Baixou-a alguns centímetros mais e os pés dela se afundaram no colchão, enquanto suas costas se arquearam, pressionando os seios contra seu rosto.

- Acreditava que estaria tão dilatada?

Ele a fez baixar um pouco mais, desejava poder medir quanto a teria dilatado, desfrutava da deliciosa sensação das pérolas que apertavam ao redor de seu pênis e do calor úmido e escorregadio que o rodeava.

- Pode ser que amanhã esteja dolorida, mas agora fará amor assim comigo. – Ele a puxou para mais perto com uma suave pressa e permaneceu imóvel. Quando ela deixou de estremecer, tocou-lhe o ombro.

- Aperte meu pênis.

Por um momento ela pareceu confusa até que ele se inclinou para baixo e roçou seus clitoris.

- Com seu corpo.

Sara continha a respiração presa na garganta enquanto apertava os músculos internos ao redor do pênis. As pérolas se esticaram uma e outra vez até que pôde sentir a pressão de cada uma das esferas contra seu pênis inchado.

Ela ofegava e sentia as primeiras ondas de seu clímax.

Valentin apertava os dentes enquanto a pressão aumentava e ela começou a balançar-se contra ele, afundando mais seu pênis até que sentiu vontade de gritar o nome dela, então seu pênis mais que excitado jorrou sua semente.

Acabou junto a ela em um espasmo de prazer e ela caiu sobre seu peito. As jóias estavam quentes contra sua pele enquanto respirava com dificuldade, sem ar, então se retirou dela e tomou seu tempo para afrouxar as jóias.

Sara permanecia contra ele com o corpo dócil e a respiração constante. Ele acariciava-lhe o cabelo enquanto tirava a última peça do colar pensando que essa noite tinha sido uma surpresa. Sua inocente esposa começava a aprender a agradá-lo e seu pênis se engrossou outra vez ao observar o corpo nu. Talvez ele pudesse dar o gosto de lhe fazer amor mais de duas vezes. Talvez ela também desfrutasse.

Sara conteve um gemido ao descer da carruagem. Tinha passado toda a manhã de compras nas lojas mais modernas da cidade e estava cansada de caminhar. Ainda lhe doía o corpo devido aos excessos da maneira de fazer amor de Valentin na noite anterior. Apesar de haver tomado banho, o perfume dele ainda permanecia em sua pele e cada fôlego que dava recordava a boca quente sobre seus seios. Os rastros físicos de sua

atenção a ajudavam a esquecer às damas mais malévolas da alta sociedade que a ignoraram na biblioteca e na loja do chapeleiro.

Tinha esperado desfrutar de Londres esta vez, mas alguns pareciam decididos a passar por alto de sua existência. Só ladies Isabelle e Evangeline Pettifer tinham sido amáveis e adoráveis e ela sentia saudades das suas irmãs e da comodidade de sua vida de província mais do que imaginava. Entretanto, ao menos tinha Valentín. Apertou os dentes, Valentín, com quem tinha que ajustar contas.

Sara ignorou Bryson, o mordomo e entrou na sala de estar. Puxou as fitas cor pêssego de seu chapéu e o jogou sobre a cadeira mais próxima enquanto seu marido aparecia na porta, mostrando seu encantador sorriso.

- Valentín, você dormiu com todas as mulheres de Londres?

- Só com as casadas, querida.

Valentín agarrou o chapéu com uma mão e fez um gesto para as portas que conduziam à sala de música. Sara se deteve para tomar ar e notou a presença de outro cavalheiro maior atrás dele. Mordeu o lábio, perguntava-se se o homem tinha ouvido seu comentário inoportuno. Pelo débil sorriso de seu rosto, adivinhava que sim.

- Não se preocupe meu amor. Estou certo de que não se assustará - murmurou Valentín, enquanto a apoiava pelo braço e a levava para as portas - Não só é italiano, como o Signor Clementi tem uma reputação pior que a minha com as damas.

Sara levantou uma mão até sua bochecha.

- Signor Clementi? - Que fazia o professor de piano mais solicitado e reconhecido de Londres em sua sala de estar?

Sara soltou-se de Valentín e se adiantou depressa. - Para mim, é uma honra conhecê-lo, senhor.

O signor Clementi lhe sorriu de forma encantadora e lhe beijou a mão.

- Seu marido assegura que a honra será minha. Estou sabendo que tocas o cravo.

Sara se voltou vacilante para olhar Valentín, que só sorriu e ao entrar na sala de música. Ela deu um grito ao ver o novo piano coberto com pétalas de rosas e iluminado por cinco candelabros.

- Queria tê-lo aqui para quando chegasse - disse Valentín - mas houve algumas dificuldades com o pedido.

O signor Clementi fez um som pouco elegante. - Ja! Os imbecis da oficina não se deram conta para quem era o piano. Quando descobri que a ordem vinha de meu velho amigo Valentín Sokorvsky, encarreguei-me pessoalmente do projeto.

Sara se sentou ao piano e passou uma mão tremente pelas teclas. Tinha pedido a seus pais que substituíssem seu cravo por um piano, mas tinham considerado que era um gasto muito grande para uma mulher destinada a contrair matrimônio.

- Toque algo para mim, milady. - Ela começou com a suave voz do signor Clementi perto de seu ouvido.

Valentín lhe deu uma partitura e às cegas ela moveu as mãos sobre as teclas. Logo se esqueceu de quem estava escutando e só tocou. Seu corpo fluía na melodia enquanto os dedos caíam sobre o teclado. Quando desapareceu a última nota, ela levantou o olhar, decidida a não mostrar o repentino florescimento de seus nervos, agora que a música tinha acabado.

O signor Clementi não sorriu.

- Ensino a muitas damas da sociedade, mas não será uma delas.

Ela fez uma careta enquanto cravava com força as unhas em suas mãos apertadas. Pelo canto do olho sentia que Valentín se aproximava com insistência.

- Signor Clementi...

O músico fez uma reverência a Valentín.

- Silêncio, milorde! Não posso ensinar a sua esposa o que já sabe. – ele voltou-se para Sara – Ensinarei como a verdadeira intérprete que é.

Ela olhou nos olhos do signor Clementi e soltou o fôlego.

- Obrigada. Não lhe falharei.

- Por vinte e um xelins para cada lição, espero que não - murmurou Valentín enquanto pegava Sara em seus braços e lhe acariciava a bochecha.

Os olhos de Sara continham lágrimas.

- Obrigada. Deste-me uma oportunidade que jamais tinha sonhado.

Ele sorriu para ela com o seu verdadeiro sorriso que estava acostumado a calá-la ela estremeceu.

- Não é nada. Sinto-me contente de te agradar.

Quando ele se comportava dessa maneira, todas as dúvidas de Sara a respeito da urgência de seu casamento se afastavam. O presente era terno e cheio de atenção. Como ela podia acreditar que ele não se preocupava com ela? Abraçou-o com força.

Ele retrocedeu um passo, com seu sorriso amável outra vez firme no lugar e tocou a mão dela.

- Possivelmente poderia chamar para que tragam chá. – ele a levou de volta à sala de estar com o signor Clementi - Bem o que dizia a respeito de dormir com todas as mulheres de Londres?

Mais tarde, Sara sorria para sua sogra e tomava a taça de chá que lhe era oferecida. A sala de estar da Casa Stratham era grande e impressionante e para sua surpresa, a decoração refletia o interesse da época do estilo de Regência pelas coisas orientais. O sofá estava estofado em seda verde e tinha patas de crocodilo e a pequena mesa de chá apresentava terminações em bambu. Não era um estilo que apelasse aos gostos mais ecléticos de Sara, mas ficava bem na imensa extensão da casa.

- Agradeço que aceitasse me ver, milady.

Lady Isabelle bebia a sorvos seu chá.

- Por favor, me chame Isabelle; somos da família depois de tudo. - Fez uma careta – além do mais pelo modo em que meu marido e Valentín se comportaram em seu primeiro jantar, surpreende-me que aceitasse vir.

Sara bebeu um gole de seu chá. - Sempre são tão...?

- Agressivos, briguentos e completamente desagradáveis? Sim, por desgracia, são. Nenhum deles parece capaz de permitir que o outro tenha um só sinal de remorso.

Isabelle suspirou e a tensão desapareceu de seus ombros.

- Pobre Valentín. Retorna de sua vida de escravidão para descobrir que sua mãe morreu e uma moça apenas cinco anos mais velha que ele de repente se converteu em sua nova mãe. Não me surpreende que se incomode comigo.

Sara se movia de maneira incômoda na cadeira. –

Ele fala de ti com grande respeito.

- Sei e nunca foi menos que cortês, mas eu esperava muito mais. – Isabelle baixou a taça - Desejava cuidar dele como uma mãe, que me permitisse me aproximar e tomá-lo em meus braços e fazer que tudo fosse melhor. Possivelmente fui estúpida ao me sentir doída por isso.

O sorriso dela titubeava.

- Então, é obvio, o Marquês tentou fazer com que Valentín fosse à universidade e se comportasse como um cavalheiro inglês privilegiado. Valentín não desejava isso. Inclusive eu podia ver que era muito tarde para que aceitasse a guia do homem que acreditava que o tinha abandonado e ele precisava achar seu próprio caminho. - Isabelle franziu o cenho olhando para seus dedos entrecruzados - Tentei reconciliá-los ao longo dos anos, mas nenhum dos dois está preparado para ceder nem um ápice.

Sara pensava em sua própria família. Como se sentiria se estivesse brigada com eles? Embora sua mãe a tirasse do sério, não podia imaginar não voltar a lhe falar mais ou viver com rancor.

- Eu gostaria de ajudar.

Isabelle apertou as mãos.

- Eu adoro ouvir isso. Meu filho mais velho, Anthony, idolatra Valentín. - Seria muito bom que pudéssemos ser uma família outra vez.

Sara tentava esconder sua confusão. Valentín tinha dito que seu meio irmão estava ressentido com ele e que cobiçava seu título e sua herança.

- Que idade tem Anthony, milady?

Isabelle ficou de pé para tocar a campainha.

- Por favor, me chame Isabelle. Tem quase dezenove anos. Justo uma idade em que necessita a direção de um homem mais velho.

- Pediste ao Valentín que te ajude?

Isabelle voltou a sentar-se.

- Tentei, mas ele insistiu em que o discutisse com seu pai primeiro. É obvio, o Marquês se ofendeu ante minha sugestão de reconciliar seus filhos.

A porta se abriu e entrou um homem alto de cabelo escuro. Para Sara, o sorriso dele recordava o de Valentín em seu estado mais relaxado. Ele se deteve diante de Isabelle e fez uma reverência. Seus olhos eram cor azul escura, como os de sua mãe.

- Mãe eu prometi que te visitaria esta tarde e conheceria sua convidada. –ele voltou-se para Sara com o olhar cheio de interesse - Ouvi que se casou com meu irmão. Oxalá seja feliz!

Sara não pôde evitar lhe sorrir quando lhe beijou a mão. - Obrigada e, por favor, me chame de Sara.

Anthony olhou para a porta.

- Acredito ter visto chegar a carruagem de Val para te levar para casa. Provavelmente ele esteja para subir.

O mordomo anunciou Valentín e Sara ficou de pé enquanto ele fazia uma reverência a Isabelle e se dirigia para ela. Seu longo abrigo de negro de montar formava redemoinhos a seu redor como uma crescente tormenta.

- Boa tarde, lady Stratham. Sara, desfrutaste de sua visita?

Sara enrugou o sobrecenho.

- Sim, desfrutei-a, mas esperava que fosse mais longa.

- Valentín não havia dito nada a respeito de vir procurá-la. Temia que eu divulgasse muitos de seus segredos depois de tudo?

Anthony se dirigiu a passos largos para Valentín e lhe deu a mão com entusiasmo. Valentín o soltou tão rápido como pôde e se afastou, alisando sua manga como se seu meio irmão fosse um cachorrinho excitado.

- Felicitações por seu matrimônio, Val. Lady Sara parece muito simpática.

Valentín sorriu para Sara.

- Sim, ela é. Sou um homem afortunado. – ele voltou-se para Isabelle - Se me desculpar, senhora, devemos nos apressar. Tenho uns cavalos muito jovens e eles não se comportam bem.

Antes que pudesse pestanejar, Sara se encontrou fora da mansão junto a Valentín, que a ajudava a subir na carruagem. Ela esperou para que ele se juntasse a ela e então partiram de uma sacudida. Valentín estirou as pernas e a observava do assento de frente.

- De verdade devíamos partir com tanta pressa? Ela encolheu os ombros.

- Eu lhe disse, odeio esse lugar. Quando retornei a Inglaterra pela primeira vez, meu pai insistiu para que vivesse com ele e sua nova família, mas eu o sentia tão frio e estranho como uma tumba, agora mudou muito pouco. Assim que pude, escapei e fui viver com Peter. - Seu olhar frio enfrentava o de Sara – Meu pai se negou a ajudar a Peter, que não tinha família que ele se lembrasse, nem ninguém que cuidasse dele. Teria gostado de muito de vê-lo morrer de fome na rua.

Sara o observava em silêncio. Era evidente que o Marquês tinha cometido alguns enganos graves no trato com seu filho. Mas, por que Valentín não era capaz de mudar?

- Você de divertiu? – O olhar dele passeava pelo seio e saia verde claro do vestido de musselina de Sara.

- Durante os quinze minutos que me deixaste? Sim, diverti-me. Sua madrastra foi encantadora e seu meio irmão, Anthony, parece ser um jovem amável que te idolatra.

As sobrancelhas dele se elevaram um pouco.

- Por que é tão beligerante doce esposa?

- Porque sei que você prefere que sua família não me agrade.

Valentín sorriu.

- Eles têm seus manejos. Ocorreu-me que você não conhece muitas pessoas na cidade e se minha madrastra se oferecer a te apresentar, eu poderia pensar na possibilidade.

Sara o observou por um momento antes de aventurar uma resposta.

- Se ela me oferecesse isso, você me permitiria? Sorriu.

- Não é um gesto completamente desinteressado, Sara, significa que posso voltar a trabalhar sem me preocupar sobre suas companhias.

- E que classe de companhias seriam essas? – ela sentou-se erguida e fixou o olhar no dele.

- No jantar parecia muito entretida com lady Pettifer. Embora ela e seu marido, sir Richard, sejam bons vizinhos e de confiança, a amizade deles não fará bem a sua reputação.

Sara lutava contra um sentimento crescente de indignação.

- É porque se dedicam ao comércio?

Ele controlou uma risada - Começa a falar como seu pai.

A expressão indolente de Valentín desapareceu.

- Tento proteger seus interesses, minha querida esposa e Lady Pettifer não me resulta fina nem bem disposta.

A carruagem se deteve e Sara se inclinou para frente.

- Eu tampouco sou fina. Possivelmente você deveria me tratar como adulta e permitir que escolha minhas próprias amizades.

Ele agarrou-lhe o pulso e a aproximou.

- Lady Pettifer era uma prostituta antes que conseguisse apanhar sir Richard. Não quero que te relacione com ela.

Sara soltou sua mão de uma sacudida.

- Como sabe isso?

Valentín manteve seu olhar.

- De verdade deseja que eu responda isso?

A porta da carruagem se abriu e Sara tomou o braço do laçao e desceu os degraus. Entrou em casa com rapidez sem esperar para ver se Valentín a seguia. Por Deus, então ele tinha mesmo dormido com todas as mulheres de Londres!

Subiu as escadas com decisão e entrou em seu quarto fechando a porta de um golpe. Ao menos lady Isabelle parecia imune aos encantos dele. Parecia sentir o mesmo carinho exasperado por Valentín como se realmente fosse sua mãe.

Sara tirou o chapéu e a capa e passou a mão pelo cabelo. Tentava aceitar o oferecimento de lady Isabelle de lhe apresentar nos níveis mais altos da sociedade. Enrugou o sobrecenho diante do espelho. Maldito Valentín e seus mandatos autoritários. Como se atrevia a condenar seu próprio pai por ser muito ativo e logo atuar exatamente da mesma maneira?

Ela abriu sua escrivaninha e tirou uma folha de pergaminho nova. Pretendia convidar lady Pettifer para tomar chá logo que fosse possível.

CAPITULO 08

- Onde diabos está ela?

Sara suspirava com exasperação enquanto jogava um olhar rápido no corredor lotado da mansão de Portland Square. No meio da multidão perfumada em excesso e vestida de seda, tinha perdido de vista lady Isabelle e Anthony. Voltou-se e lutou para subir as largas escadas. Possivelmente Isabelle tivesse ido antes dela depois de tudo. No meio do caminho, ela quase caiu de costas quando alguém pisou na cauda de seu vestido.

No patamar do primeiro piso, procurou em vão a Marquesa, embora não pudesse vê-la no mar de rostos que conversavam e pelas plumas que se balançavam e os leques que se agitavam. A renda dourada da prega de seu vestido de festa verde arrastava-se pelo chão e ela decidiu ir até a sala de descanso para avaliar o dano antes de tentar reunir-se com seu acompanhante no salão de baile principal.

A casa Delamere era imensa. O salão de baile ocupava uma ala completa na parte traseira da casa. Do teto em arco da entrada, pendurava-se um candelabro em que ardiam ao menos quinhentas velas. Sua luz abrasadora refletia as jóias dos convidados que estavam embaixo, criando uma tormenta cegante de fogo com um resplendor imensamente variável. Sara não compreendia por que todos tinham o estilo de chegar tarde e se reunirem nas escadas. Depois de um último olhar para a multidão que reluzia lá embaixo, ela se dirigiu à sala de descanso. Para seu alívio, estava relativamente vazia.

Uma das criadas postadas ali se ofereceu para costurar a prega do vestido de Sara e ela agradeceu e se retirou a um canto tranquilo enquanto a criada costurava com habilidade a estreita tira de renda dourada. Sara abriu o leque e o agitou com suavidade frente a seu rosto. Era agradável estar longe da multidão. Em massa, a alta sociedade não se comportava diferente de uma horda de aldeãos em um dia de mercado em Southampton. Não desejava voltar ali com pressa, mesmo que se supunha que fosse o baile mais prestigioso da temporada.

Enquanto esperava que a criada terminasse sua tarefa, Sara deixou que sua cabeça caísse para trás contra a parede, esperando reunir forças para mover-se. Suas noites eróticas com Valentín faziam com que em geral se sentisse cansada durante o dia. Sorriu para si mesma, imaginando o corpo ágil e musculoso que se movia sobre ela, com a sensação sedosa do cabelo dele entre seus dedos. Não significava que trocaria essas horas por algo mais, mas seria agradável vê-lo também de dia.

Depois que a criada desapareceu, ela deu-se conta de que a fita verde de sua sapatilha desatou outra vez. Meio escondida atrás de um biombo de seda da China, inclinou-se para ajustar, disposta para ouvir a deliciosa fofoca das damas a seu redor.

Lady Isabelle era um encanto, mas a Sara resultava difícil fazer amizade com as damas da alta sociedade. A maioria delas a olhava com receio, senão com total hostilidade ao descobrir que era a simples filha de um comerciante que tinha contraído matrimônio com um dos solteiros mais cobiçados da aristocracia. Apesar das objeções de Valentín, ela tinha feito várias propostas de amizade à lady Pettifer, que tinham sido calorosamente correspondidas. Seu único outro amigo era Peter Howard e para sua alegria ele tinha

demonstrado ser uma companhia em que podia confiar depois de que Valentín delegasse cada vez mais suas obrigações sociais em seu amigo.

Sara enrugou o sobrecenho para a fita de sua sapatilha enquanto a atava pela terceira vez. Tinha acreditado que tudo seria diferente de sua província natal. Imaginou-se a si mesma com mais liberdade em Londres.

É obvio, quando Valentín lhe perguntava sobre sua habilidade social, mentia-lhe e insistia em que tudo estava bem, mas sentia que ele não acreditava em tudo e até agora tinha estado muito ocupado com os projetos de seus negócios para lhe perguntar mais. O único lugar em que se sentia segura de ser ela mesma era nos braços dele e em sua cama. Ele tinha dado-lhe a liberdade de expressar-se de maneira completamente sensual. Oxalá a alta sociedade fosse assim tão tolerante. Sara fechou os olhos enquanto se ouvia uma risada animada.

- Viu Anthony Sokorvsky ultimamente, Amy? Tornou-se bastante elegante.

- Ainda prefiro o irmão mais velho - suspirou Amy - Não posso acreditar que aquela desconhecida conseguiu apanhar o grande Valentín em casamento. Ele deve ter comprado o pai dela ou talvez ela fingisse estar grávida.

As duas jovens começaram a rir. Sara se incorporou, com um nó no estômago. «Devo enfrentá-las ou deixar que continuem com a fofoca?» Justo quando ela decidiu dar um passo adiante, outra voz mais amadurecida entrou na conversa.

- Senhorita Antrim, posso lhe dar um conselho? Estou certa de que sua mãe se envergonharia de ouvir os comentários maliciosos que acaba de pronunciar. E deixe-me lhe dizer, não há nada que faça uma jovem bonita ficar tão pouco atrativa do que esparramar rumores e fofocas. Aos homens não importa e as mulheres procuram confidentes nas que possam confiar.

- Sinto muito, lady Ingham - murmurou Amy - Não me dava conta de que havia alguém mais aqui.

O som de um quarteto que começava a tocar se filtrou pela porta que se abriu de maneira repentina. Sara permaneceu sentada com rigidez até que as jovens que sussurravam partiram.

- Lady Sokorvsky? Encontra-se aí? Sou lady Ingham.

Sara ficou de pé e saiu do biombo. A mulher que a esperava estava vestida com roupas caras e seu cabelo castanho estava preso no alto da cabeça em uma cascata de cachos. Sara pensou que deviam ser da mesma idade até que notou a maquiagem discreta e as finas rugas ao redor dos olhos de sua companheira. Parte de seus esplêndidos seios aparecia na parte superior do vestido de cor âmbar.

- É lady Sokorvsky, não é verdade?

Sara fez uma reverência.

- Sou e você deve ser minha salvadora. - A curiosidade superava sua vergonha - Como soube quem eu era?

Lady Ingham fez uma careta.

- Pisei em seu vestido nas escadas e ouvi que se rasgou. Reconheci-a pela descrição de Val e entrei aqui para me desculpar e ajudá-la a arrumá-lo.

- É muito amável. - Por alguma razão, a menção casual do nome de Valentín fez com que Sara desconfiasse. Ela fez um gesto para sua saia - Uma das criadas me ajudou a costurar a renda. Só me sentei para atar outra vez minha sapatilha.

- E ouvir sozinha as coisas más que falaram sobre você.

A simpatia aparente no rosto de lady Ingham quase minava a calma de Sara e ela tentou encolher os ombros. - Não é nada que não tenha ouvido antes. Até eu compreendo que devo parecer uma opção muito estranha como esposa para um lorde do reino.

Lady Ingham observava Sara.

- Se me desculpar a confiança, seu marido nunca pareceu se importar muito com a opinião da sociedade.

Sara levantou o leque e a bolsa e observou seus reflexos no espelho. Por alguma razão, não tinha desejos de falar de Valentín com uma mulher como lady Ingham. Além disso, a aparente naturalidade da mulher com respeito a seu marido começava a zangá-la e ao estar do lado de uma imagem tão atraente e brilhante de feminilidade, sentia-se como uma menina sem experiência.

- Possivelmente seja uma virtude que deveria aprender a imitar. Obrigada por sua ajuda, lady Ingham. - Sara sorriu para sua companheira - Eu me lembrarei.

Lady Ingham fez uma reverência com os olhos cor avelã cheios de irônica compreensão.

- De nada. Se eu vir a Marquesa, direi que sairá logo.

Valentín saiu a passos largos do salão de baile, tinha visto sua madrasta e Anthony, mas não havia rastros de Sara e ele tentava surpreendê-la com sua presença. Durante os últimos dias tinha concentrado toda sua atenção no incêndio de um de seus navios e essa noite, tinha deixado Peter a cargo do escritório e se reservou um tempo para Sara, com grande dificuldade. E agora não a estava encontrando.

Uma mão enluvada lhe apertou o braço e Valentín se voltou e encontrou Caroline Ingham sorrindo. Fez-lhe uma reverência e lhe beijou a ponta dos dedos notando o balanço de seus seios e do tom dourado de sua pele. Conhecendo Caroline, era provável que tivesse tomado sol outra vez, nua.

- Valentín, faz séculos que não te vejo. Onde estivestes?

- Acredito que sabe Caroline. A fofoca em Londres se propaga com mais rapidez que uma praga.

Ela fez um beicinho, mordendo seu carnudo lábio inferior entre os dentes.

- Refere a seu recente casamento? Como é esse velho dito: «antes que te cases, olha o que fazes»?

Valentín desviou o olhar com impaciência por cima do ombro de Caroline em um intento vão de encontrar Sara. Ainda não havia sinal dela.

- Se buscas a sua esposa, ela está na sala de descanso - disse Caroline - Quer que vá procurá-la para ti?

O olhar de Valentín voltou de repente para Caroline. - falaste com ela?

Caroline sorriu e apoiou a mão no braço dele.

- Pude ajudá-la, algumas das jovens estavam sendo maliciosas com respeito a suas origens. Entrei e lhes recordei suas maneiras.

Valentín obrigou-se a se acalmar. - Foi amável de sua parte.

A forte risada dela encheu o espaço que havia entre eles. - Vamos, Val! Crê que poderia ir com decisão até ela e simplesmente lhe dizer que sou sua amante? Reconheça em mim um pouco de sensatez. A pobre moça já tem suficiente com o que lutar neste momento sem que lhe digam essa verdade na cara. – ela deu-lhe uns golpezinhos na bochecha com o leque - Que vergonha deixá-la se valer por si só! Como parece que não se importa, um bom setor da alta sociedade a tratou terrivelmente.

Valentín não lhe devolveu o sorriso.

- Caroline... – Ele não sabia se ela ia aceitar bem que se desfizesse dela diante das pessoas em um baile - Temos que falar.

Ela lançou um olhar recatado por debaixo de suas largas pestanas pintadas.

- Estarei na Casa de Prazer da senhora Helene esta noite se por acaso decidir passar. Tenho vontade de experimentar as massagens dos escravos do quarto egípcio. – lambeu os lábios - Ao que parece, posso me cobrir de mel e os homens me lamberão para tirá-lo. – O que o agradaria, ver ou ajudar?

Valentín vislumbrou Sara e com rapidez beijou a mão de Caroline.

- Não estou certo de poder suportar tanta doçura. Pode ficar enjoativo depois de um momento. Mas sem dúvida estarei em contato contigo logo. - Fez uma reverência - Obrigada por ajudar Sara e pode estar certa de que tentarei me assegurar de que nunca volte a sentir minha ausência.

Ele esperava que Caroline entendesse o que quis dizer.

Não gostava muito da idéia de que sua amante e sua esposa se conhecessem. Caroline era uma viúva enriquecida que tinha compartilhado sua cama de vez em quando durante vários anos. Era uma amante perita a que lhe agradava experimentar.

Valentín a tinha apresentado à senhora Helene e Caroline nunca havia voltado atrás. Sua imaginação sexual estava quase à altura da dele, inclusive tinha tentado convencer a si mesmo de que seria uma excelente esposa, mas era tão incapaz de ser fiel como um gato de rua. Estava preparado para passar por cima desse tipo de comportamento em uma amante, mas não em uma esposa. Sua boca se torcia. Se Peter estivesse aqui, era provável que chamasse Val de hipócrita por sua dupla moral e teria razão.

Val voltou sua atenção à busca de Sara e a encontrou na entrada do salão de baile com as mãos retorcidas à altura da cintura. Observava-a endireitar seus ombros e passar entre a pressão das pessoas. Ninguém se detinha para saudá-la nem reconhecia sua presença. Com seu vestido dourado e verde oliva, parecia a esbelta e desconfiada deusa de uma fonte e Valentín conteve um impulso inaudito de envolvê-la em seus braços e protegê-la dos olhares e dos desprezos sutis da mais alta sociedade.

Caroline tinha razão, maldição! Era por sua culpa. Tinha reputação de ser um famoso libertino, algo que ganhou de maneira deliberada e de que não se envergonhava. Não lhe tinha ocorrido que por suas transgressões poderiam desferrar-se com sua esposa, que não tinha família nem amigos que a rodeassem e a defendessem.

Tinha sido pouco preciso em seu dever ao pedir a Peter e à esposa de seu pai que acompanhassem Sara às festas da sociedade enquanto ele só se relacionava com ela na intimidade de sua cama. Devido a nunca vê-los juntos em público, era provável que a aristocracia imaginasse que na realidade ele não cuidava dela.

Ocorria-lhe que, apesar de negar-se a aceitar o oferecimento de seu pai de lhe dar um lar e educação, nunca tinha estado verdadeiramente sozinho. Seu sobrenome e seu título eram suficientemente conhecidos para lhe permitir fazer o que demônios ele quisesse com sua vida. Devia ter sido mais agradecido por esse amparo do que tinha sido. Os intentos de Sara para protegê-lo de todo o mundo das realidades de sua situação, faziam-no sentir como um desgraçado.

Valentín afastou as preocupações sobre seus negócios para o mais recôndito de sua mente e se dirigiu rápido atrás dela. Agarrou-a pelo cotovelo quando se aproximava da pista de baile. - Milady, dançaria comigo?

A expressão dela se iluminou ao voltar-se para ele. - Valentín. Não sabia que estava aqui.

Ele fez-lhe uma reverência.

- Supunha-se que era uma surpresa. - A orquestra tocava os primeiros acordes de uma valsa e ele a tomou em seus braços – Ultimamente tenho lhe negligenciado.

A deliciosa pele se ruborizou.

- Peter disse que tinha havido problemas a bordo de um de seus navios e outro se incendiou. Descobriu quem tenta arruinar seus negócios?

Ele deu uma volta impecável para o final do salão de baile. Ainda dava desculpas por ele? Às vezes Sara era muito boa para seu próprio bem. E o que fazia Peter fofocando sobre seus problemas?

- Não é nada pelo que deva preocupar-se, querida. Tenho certeza de que logo levaremos os culpados à justiça.

Sara mantinha o olhar, com seus olhos azuis aguçados. - Não sou estúpida, Valentín. Estes últimos incidentes indicam uma intenção deliberada e metódica de levar seus negócios a beira do desastre.

Ele suspirou. Talvez fosse hora de compartilhar seus temores com ela. Poderia ser interessante ter uma perspectiva nova sobre toda a situação e era sua esposa, apesar de tudo e ele podia confiar nela.

- Tem razão, meu amor. Possivelmente queira assistir à próxima reunião para discutir o que pensamos fazer sobre isso.

Sara deu um tropeção e ele a ajudou a recuperar o equilíbrio com delicadeza e continuaram dançando.

- Não é necessário que seja odioso, Valentín – ela bufou - Só tentava ajudar.

Ele aproximou-a mais e pressionou a coxa contra a dela, roçando de maneira intencionada o espartilho com seu colete.

- Eu falei sério.

Sara levantou o olhar para ele, o rosto cheio de surpresa.

- Eu adoraria.

- Então poderá participar. A reunião será amanhã em meu escritório. -Levantou uma sobrancelha - Agora, posso desfrutar do resto do baile contigo?

Depois que terminou a valsa, Valentín permaneceu ao lado de Sara. Ele a levou junto a lady Isabelle e até se comportou de maneira agradável um momento. Sara observava seus belos traços enquanto falava com amabilidade com sua madrastra e com Anthony. Por que estava sendo tão simpático? Por que não tinha desaparecido na sala de jogos ou tinha encontrado uma desculpa para partir cedo, como o fazia habitualmente?

- Querida, quer dar um passeio pela alameda comigo? – ele a convidou - Há algumas pessoas que me agradaria que conhecesse.

Sara apoiou a mão sobre o braço dele e caminhou a seu lado. Para sua surpresa, Valentín a apresentou a vários casais mais velhos, incluindo os anfitriões, não a multidão de homens jovens que ela imaginou. Com Valentín a seu lado, outros pareciam estar mais dispostos a saudá-la e ela descobriu que desfrutava da atenção. Ao final, ele a levou para a mesa da comida e lhe ofereceu uma taça de champanha.

- Valentín, por que está aqui?

Observou-a por cima da borda da taça de champanha, com seus olhos violeta faiscantes.

- Para desfrutar da companhia de minha esposa. Por que mais? - Baixou o olhar até o peito dela - A propósito, agrada-me esse vestido. Lembra-me de possuí-la em um campo de erva alta.

Os mamilos de Sara se endureceram. Pela primeira vez na noite esboçava um autêntico sorriso.

- Não acredito que serei eu.

- Será. - Ignorando os convidados que conversavam a seu redor, ele inclinou-se para frente e a beijou com ligeireza nos lábios - Eu adoraria tê-la agora mesmo e fazer amor até que grites de êxtase. – Piscou-lhe o olho.

Sara observava a boca dele. - Há muita gente aqui.

Ele tirou-lhe a taça de champanha das mãos. - Tem razão.

Pegou-a pela mão e a levou a um dos estreitos corredores que conduziam ao interior da casa. Enquanto entravam na área dos criados, as vozes ressonavam nas escadas de serviço. Valentín pressionou um dedo sobre os lábios de Sara e a levou até um pequeno quarto revestido com livros. Cheirava a pão torrado e queimado e a cachorro. Ela imaginava que o quarto pertencia ao secretário da casa ou ao administrador de imóveis.

Na escuridão, Valentín roçou a boca contra a dela; um rastro de charutos e champanha em seu fôlego a fez tremer. - Senti saudades, Sara.

Ela sorriu contra a boca dele.

- Não fui a nenhuma parte.

- Ai, sim você foi. Estiveste perdida e à deriva em uma casa cheia de velhas damas pretensiosas e insuportáveis. - Beijou-a, sua ágil língua se deslizou entre seus lábios – Descuidei de ti e mesmo assim nunca há dito nenhuma palavra de recriminação.

- Sou sua esposa, Valentín. - A leve pontada dos comentários de lady Ingham a fez continuar - Não é isso o que se supõe que eu faça? Sofrer em silêncio enquanto você se diverte?

Ele a beijou descendo por seu pescoço até o ombro. - Nunca te pedi que sofresse em silêncio. Na verdade, suspeito que te resultaria impossível. – A diversão em sua voz e a investida de seus dentes a fez estremecer - Sempre é muito... Ruidosa com suas exigências.

Ela deu-lhe um empurrão no peito e ele agarrou suas mãos. - Por que sempre leva o assunto para o sexo?

Valentín rodeou o pulso dela com os dedos e levou sua mão até a parte dianteira de suas calças.

- Porque sou um homem e estamos sozinhos. Porque me excitas e vou fazer com que se umedeça. Ele ajoelhou-se e levantou a barra do vestido dela com ambas as mãos.

- Segura isto para mim.

Aturdida, Sara tomou o pesado tecido e o segurou com cuidado em suas mãos. A ponta dura da língua de Valentín roçava a fenda de seu sexo e depois de só algumas breves carícias, seu botão inchou para unir-se a língua inquisitiva e ela afogou um gemido quando ele apoiou os dentes e o puxou com suavidade.

Sara separou as pernas e as mãos nuas dele se apoiavam sobre pele dela. Tinha jogado as luvas no chão. Ainda apanhando-a com a boca, ele deslizou um dedo em seu interior, movimentando-o para dentro e para fora. Ao sustentar suas saias, Sara só podia resistir à deliciosa tortura.

Quando por fim ele liberou seus clitoris e adicionou outro dedo dentro de sua vagina, levantou o olhar para ela.

- Agora está úmida e dilatada. Receberá meu pênis sem dificuldade. Seus mamilos estão duros?

Sara assentiu com a cabeça, por uma vez muito absorta no prazer que ele lhe brindava para desperdiçar palavras.

- Ótimo. Pode soltar suas saias.

Antes que Sara pudesse protestar, ele ficou de pé e lambeu os dedos antes de voltar-se e colocar as luvas. Inclinou-se sobre ela, esmagando os seios doloridos contra seu peito.

- Agora dançará comigo. E serei o único homem que saberá o quão úmida e preparada que está para ter sexo. - Beijou-a com força, com a boca violenta e provocadora - E se você se comportar bem, poderei brincar um pouco mais na carruagem a caminho de casa. Agrada-te?

Sara o olhou fixamente nos olhos. Um início de excitação despertava em seu ventre.

- Também posso jogar contigo? - Acariciou o vulto em suas calças - Talvez possa me ajoelhar a seus pés e tomar seu pênis dentro de minha boca. Gostaria disso?

As pupilas dele aumentaram e ficaram quase negras. - Possivelmente sim.

Pareceu levar uma eternidade para que a carruagem chegasse às escadarias da grande mansão logo depois que a pediram. Por fim, um laçao fechou a porta e deixou-os sozinhos no interior escuro. Sara arrumava suas saias enquanto saíam com uma sacudida repentina. Valentín se sentou a seu lado, com um braço passado no respaldo do assento de couro e suas longas pernas estendidas diante dele. A escassa luz se refletia no brilho do cetim de suas calças e enfatizava as marcadas sombras avultadas de sua virilha. O corpo de Sara respondia à proximidade de Valentín e se abrandava pelo desejo.

Ela tirou as luvas e riscou um caminho pelo cetim brilhante do joelho de Valentín até seu pênis e voltou. Ele suspirava com lentidão e ampliou a abertura de suas pernas como se procurasse mais.

- Deixe-me afrouxar seus laços. Ninguém verá debaixo de sua capa. Sara ficou de pé apoiada entre os joelhos de Valentín e permitiu que lhe tirasse o espartilho. Girou em seus braços e afundou até o chão em uma espuma de anáguas. Ao menos com ele sabia quem era e o que queria com exatidão. Ela colocou as mãos sobre os joelhos dele e lhe separou bem as pernas. Isso provocou que a parte dianteira de suas calças se estirasse sobre sua ereção.

O cetim era frio contra a língua dela enquanto lambia o pênis definindo a forma e o tamanho de sua paixão. Os dedos dele se fecharam em seu cabelo enquanto ela desabotoava cada um dos botões. Sorriu com prazer quando o pênis ficou descoberto e ficou contente de ele não estar com roupa debaixo das calças.

Sara levantou o olhar para Valentín e ele a observava com o rosto tenso e com expectativas de prazer. Agradava-lhe poder fazer que a olhasse dessa maneira a fazia se sentir poderosa e desejada.

- Se deseja sugar meu pênis, por favor, faça.

Ela agarrou-o da base e cavou a outra mão debaixo de seus testículos e os acomodou em sua mão. Ele suspirou quando a língua dela lambeu a ponta úmida de seu pênis e investigou a estreita abertura e a cabeça inchada antes de descer pelo grosso membro que tinha sabor de vida e a promessa de êxtase. Sara aspirou pelo perfume único e beijou todo o seu comprimento.

Quando ela o tomou em sua boca ele gemeu e seus dedos apertaram dolorosamente o cabelo dela. Tomou tanto como pôde sem afogar-se e envolveu os dedos ao redor do resto. Logo tinha alcançado um ritmo enérgico que fez com que ele empurrasse dentro de sua boca e ela tomasse seu pênis bem profundo em sua garganta. Seus testículos ficaram tensos na mão dela e ele ficou imóvel.

- Espera.

Ela soltou-lhe o pênis e levantou o olhar. O sorriso de Valentín estava marcado de luxúria. Aproximava-se mais enquanto as mãos dele tiravam de um puxão o espartilho de seu corpo e ele deslizou o membro inchado entre seus seios nus.

- Quero gozar aqui.

Sara fechou as mãos sobre seus seios e os apertou para que rodeassem a ereção. Ela só podia observar como ele se deslizava contra ela, com os polegares pressionando seus mamilos e provocando que lhe doessem pela necessidade. Ele gozou com um gemido. Sua semente úmida e quente gotejava entre seus seios, sobre seu ventre e descia por sua vagina excitada. Ele fechou as mãos ao redor de sua cintura e a levou sobre seu colo para que ficasse escarranchada sobre ele.

Sara estremeceu quando ele pôs de lado seu espartilho e agarrou seu mamilo entre os dentes e sugou com força. Ela esfregava seu sexo contra o ventre plano e a parte inferior de seu pênis, procurava alívio, procurava satisfação. Apesar de seu meneio, ele se negou a penetrá-la. Ela quase gritou quando a carruagem se deteve.

Valentín arrumou sua capa para cobrir-lhe a nudez e a sentou no assento de frente. Sorriu quando ela levantou uma mão trêmula até seu cabelo.

- Darei dois minutos de vantagem para que suba as escadas e entre em seu quarto. Sara o olhou fixamente e fingiu bocejar.

- É muito amável de sua parte, mas estou muito cansada. Torceu um dos cantos de sua boca para cima.

- Não dormirá. Eu a encontrarei e quando o fizer, vou possuí-la.

A porta da carruagem se abriu e Valentín desceu de um salto para ajudar Sara a sair, sussurrando em seu ouvido:

- Dois minutos, começando a partir de agora.

Ela logo se recordou dar as graças ao mordomo ao passar diante dele, seu olhar estava posto nas escadas. Quando chegou ao primeiro patamar, voltou-se e viu que Valentín já estava no vestíbulo. Ele levantou o olhar e disse «um» movendo os lábios. Sara apressou o passo ao percorrer o corredor deserto para seu quarto.

Abriu a porta e deixou que a capa caísse de seus ombros. Só o brilho da luz acumulada iluminava os quartos e por alguma razão, não havia velas que acrescentassem luz. Sara se deteve para orientar-se e ouviu passos no corredor detrás dela. Desejava esconder-se de Valentín? Seu corpo ansiava a satisfação que ele podia lhe dar, mas sua mente desfrutava da idéia de uma perseguição.

Quando a porta se abriu, ela saiu a toda pressa e rodeou a imensa cama dirigindo-se para o armário de vestir que conectava os dois quartos. Ali tampouco havia luz. «Valentín deve ter planejado isto». Sara tentava acalmar sua respiração e decidir onde se esconder. O armário que estava entre os dois quartos parecia ser a melhor opção porque era comprido e estreito e estava cheio de roupa.

Moveu-se para a porta e sentiu um puxão em sua saia.

Com tanta rapidez como pôde rebolou os quadris para tirar o vestido solto e continuou. Valentín ria e Sara se introduziu no armário e se agachou até o chão. Tirou a anágua e a colocou atrás de alguma de suas botas de inverno. Ele notaria seu espartilho branco na escuridão? Sara não queria tirar e ficar nua.

Deteve-se ao aspirar o característico aroma de Valentín, cítricos e fumaça de charuto. Quase gritou quando ele envolveu a mão em seu tornozelo e a girou sobre suas costas. Lambeu-lhe o pé e logo começou a beijá-la subindo pelo joelho coberto pela meia. Com desespero, Sara tentou afastar-se, mas Valentín a agarrava muito forte e aproximou-a de um puxão. Sua boca lhe roçava a parte interna da coxa enquanto a língua vibrava em seu sexo. Ela chutou com a outra perna e encontrou músculos sólidos. As mãos dele desapareceram e Sara afogou um gemido ao sentir que ele se foi.

Deu a volta e começou a engatinhar junto à outra parede do armário que tinha saída para o quarto de Valentín. As franjas de luz da lua iluminavam o tapete vermelho mais próximo a sua cama. Não havia rastros dele. Atrás dela havia escuridão e a possibilidade da luxúria de Valentín. Doíam-lhe os seios; seu sexo vibrava ao compasso do batimento de seu coração e de sua respiração acelerada. Desejava que Valentín a apanhasse e afundasse seu pênis dentro dela.

Sara voltou a dirigir-se para a parte escura do quarto. Passou com cuidado diante da cômoda e se chocou contra uma parede masculina quente e excitada. Com um gemido de triunfo, Valentín a agarrou pelos pulsos e a girou sobre suas costas. Com os dentes lhe apertou os mamilos e ela arqueou as costas enquanto ele sugava com força. Colocou sua

coxa entre as pernas dela e esfregou-lhe o sexo dilatado enlouquecendo-a. O gotejado quente de seu sêmen adornou o ventre dela.

O corpo dela se preparava para gozar, mas ele se retirou às sombras outra vez, deixando-a terrivelmente excitada e a ponto de enfurecer-se. Ela olhou para a porta que dava ao corredor principal. Ele merecia que ela desaparecesse para descansar em um dos quartos de hóspedes.

Seu coração palpitava tão forte que se perguntava se ele poderia ouvir. Quando chegou até a porta, provou o trinco e se deu conta de que estava fechada com chave. Com uma frustração cada vez maior, ela olhou na penumbra. Onde mais ele poderia esconder-se? Uns dedos lhe tocaram o tornozelo e ela partiu com rapidez. Com toda sua energia, correu para a cama com dossel e desapareceu entre as grossas cortinas. Sua intenção era engatinhar pela cama e dirigir-se ao banco junto à janela do outro lado.

Sara gritou quando Valentín puxou-a pela cintura e impediu que se movesse. Suas mãos lhe arrancaram o espartilho, manipulando-a contra um dos grossos postes no canto da cama. Antes que pudesse queixar-se ele pressionou seus seios e seu ventre contra a madeira, apanhando-a diante dele.

Agora a respiração dela era entrecortada e seu corpo ardia com o desejo de se satisfazer.

- Coloque os braços ao redor do poste - Valentín sussurrou a suave ordem perto do ouvido - E não se mova nem dê a volta.

Sara envolveu os braços ao redor da grossa coluna e apoiou a bochecha contra a suave superfície fria da madeira. Sentiu que o colchão cedia enquanto Valentín se afastava e logo retornava agarrando seus pulsos e atando-os com algo sedoso que ela reconheceu como uma de suas meias. Ele levou seus pulsos por cima de sua cabeça e a amarrou contra a coluna e ela teve que ficar de pé para estar cômoda.

O canto do poste descansava entre seus seios, pressionando contra sua virilha e estimulando sua vagina já excitada. Ela o tinha desejado toda a noite e o desejava nesse momento. Ele tirou o resto da roupa e o calor escorregadio de seu pênis empurrou em suas costas.

Sara fechou os olhos enquanto Valentín brincava ligeiramente com seus mamilos.

- Sugaste bem meu pênis na carruagem. Agradá-te me sentir em sua boca?

- Sim.

Ele apertou seus mamilos entre os dedos e puxou. - Por quê?

- Porque eu gosto de seu sabor e como enche minha boca.

Valentín apertou com mais força, levando seu corpo excitado a um ponto entre o prazer e a dor. Ela estremecia enquanto as unhas dele pressionavam mais profundamente.

- Se eu não fosse um homem civilizado, a teria nua para que me sugasse quando quisesse. - Sara tragou com força - Eu gosto de imaginá-la a meus pés em meu escritório. Estalaria os dedos e me atenderia imediatamente, mesmo se houvesse outras pessoas ali - grunhiu do fundo de sua garganta e enviou ondas de desejo através pele dela - Todos os meus empregados estariam constantemente excitados.

- Então, talvez seja bom que o mundo seja mais civilizado.

Valentín lhe mordiscou a nuca com força suficiente para fazer com que estremecesse.

- Acredite, o mundo não é civilizado. Vi coisas que não...

Ele deixou de falar, quase sem respirar sobre a pele dela. Seu tom apagado a alarmou, então deixou cair as mãos de seus seios e lambeu-lhe o pescoço com a ponta da língua. Um de seus hábeis dedos roçou a curva de sua coluna e se deteve em suas nádegas. Ela não pôde evitar arquear-se, convidando-o a pinçar mais profundamente. Aspirou ao aroma misturado de sua excitação.

A risada em voz baixa agitou o cabelo de sua nuca. - Que desejas, Sara?

Na escuridão, ela se sentia mais atrevida. Uma mulher que podia pedir a seu amante qualquer coisa, sem se importar quão vergonhosos fossem seus desejos. Arqueou as costas e deixou que suas nádegas pressionassem contra o ventre duro e peludo.

- Desejo que me toque.

O dedo se deteve uns centímetros de seu ânus.

- Onde? - Ele acariciou seu casulo apertado - Aqui? - Seu polegar a atravessava - Eu adoraria te penetrar aqui.

Sara ficou imóvel ante a invasão desconhecida. - Não sabia que podia. -ela tentava relaxar enquanto ele deslizava seu polegar até chegar ao nódulo.

- Levaria tempo para que se acostume a mim, mas valeria a pena. -Deslizou os outros dedos para frente e os afundou no néctar espesso que se vertia de sua vagina - Que desejas?

- Seus dedos dentro de mim - ela ofegou enquanto ele agia - Sim, sim, desse jeito!

Ela a mantinha cativa, em equilíbrio, entre seus dedos e o polegar sobre a palma estendida de sua mão.

Ela tremeu quando ele levou a outra mão para baixo para lhe acariciar o clitóris.

- Onde preferiria estar, Sara?

A pergunta em voz baixa a surpreendeu enquanto ela lutava contra o desejo de se satisfazer. Ele aumentou a pressão em seus clitóris. - Preferiria estar dançando comigo ou deixar que brinque com sua vagina?

- Prefiro que brinque comigo. - esfregava-se contra seus dedos, desesperada. Ele deixou de mover-se e lhe beijou o pescoço.

- Deixe-me te desatar as mãos. Se me prometer que permanecerá quieta, trarei um presente.

Apesar da falta de satisfação, Sara esperou de maneira obediente na escuridão enquanto ele partia. Quando retornou, acendeu um candelabro e o colocou ao lado da cama iluminando-os com um brilho dourado.

Valentín ficou de pé diante dela com uma caixa nas mãos. Levantou-a para a luz para que ela pudesse ver as ilustrações da tampa: uma mulher nua recostada em um divã, com um sorriso complacente no rosto. A princípio, Sara só viu os aros de ouro que perfuravam seus mamilos e seu umbigo. Logo baixou o olhar para a mão da mulher, que descansava entre suas pernas abertas. Sara tentava decifrar o que estava fazendo a mulher para provocar esse sorriso.

- É doloroso ter esses aros colocados? - Imaginava como devia sentir-se que a boca de um homem puxasse essa parte tão sensível.

Valentín sorriu, mostrando seus dentes brancos na penumbra.

- Um pouco, e, sim, aos homens agrada, se essa era sua próxima pergunta. -Pôs a caixa para um lado - O que acha que ela tem entre as pernas?

Sara olhou fixamente a ilustração e logo para ele novamente. - Não estou certa.

- Ela está se masturbando.

- Com o quê?

- Com um pênis de imitação.

- Por quê?

Valentín retirou a tampa da caixa para mostrar o interior sedoso.

- Porque ela não tem um amante ou ele se encontra ocupado. Há muitas razões pelas quais uma mulher poderia querer utilizar um consolo, ou como o chamam os italianos de maneira muito romântica: um *diletto*.

Sara observava com a boca seca como ele desembulhava o conteúdo da caixa.

- Estenda a mão.

Ele depositou um pesado objeto de jade na palma de sua mão.

Sara passava o nódulo do dedo pelo complexo esculpido enquanto o batimento de seu coração se acalmava e fazia eco entre suas pernas. Era a interpretação perfeitamente esculpida de um pênis ereto. Sara estimava que o comprimento superava os vinte e dois centímetros.

- Isto é para mim?

Valentín se sentou atrás dela na cama e olhou por cima de seu ombro.

- Sim. Tenho que ir a Southampton durante uma semana e pensei que sentiria minha falta. - Deixou a caixa sobre a colcha e lhe mostrou um estreito arnês de couro – Para algumas mulheres é agradável utilizar o consolo quando passeiam. Este artefato o mantém preso em seu interior.

Sara lambeu os lábios.

- A ti agradaria pensar em mim fazendo isso quando estiver longe?

Valentín girou o rosto dela para lhe dar um beijo e sua boca era forte e possessiva.

- Não, me incomodaria não te ver muito, embora sem dúvida me desse algo no que pensar quando estiver gozando sozinho.

Sara fechou seus dedos ao redor do jade que tinha aquecido em sua mão.

- Irá me ensinar a utilizá-lo?

Como resposta, ele ajoelhou-se atrás dela e a levantou sobre seus joelhos, com as costas contra o peito dele e as pernas estendidas a ambos os lados dele. Ele podia ver o reflexo impreciso dela no espelho que estava sobre a penteadeira. Via-a tranquila e brincalhona, com o sexo aberto ante seu olhar.

Ele fechou uma mão sobre o seio dela e deslizou a outra até seus clitóris.

- Nos asseguremos de que esteja preparada.

Sara reprimiu uma risada.

-Acredito que estive preparada desde que te vi pela primeira vez no baile esta noite.

Valentín lhe apertou o clitóris.

- Acredito que estiveste preparada desde o primeiro dia em que te vi. - Penetrou-a com quatro dedos - Imaginei te ter desta maneira. Cada noite que passei na casa de seu pai estive excitado e preparado para te possuir. - Deus! Ela estava muito úmida e

escorregadia e seus dedos entraram com facilidade - Me dê o consolo e observa com atenção.

Ele tomou a mão dela, entrelaçou seus dedos e baixou o liso jade até sua virilha. A princípio, roçou com suavidade seus clitóris e assegurou-se de que o grosso membro se cobrisse de seu néctar.

- Abra mais as pernas, quero que o veja.

Enquanto a ajudava a introduzir a sólida cabeça protuberante, ele apertava-lhe o mamilo com força e mordia do tendão ao flanco de seu pescoço, provocando-a para que se retorcesse contra ele.

- Vê? Entra com facilidade. Está muito úmida e preparada para ter sexo. - Fez que entrasse os primeiros quinze centímetros e observou sua reação, a indecisão de seus dedos media quando acreditou que ela o aceitou o suficiente.

Ele retirou a mão.

- Desliza-o para dentro e para fora como se fosse um pênis verdadeiro. - Sara suspirava ao agarrar o jade e movê-lo para trás e para frente em um ritmo lento e lânguido. Valentín balançava seus quadris, deixando que sua vara terrivelmente inchada se deslizasse contra as nádegas nuas. Esfregava seus clitóris ao ritmo de suas carícias, observava-a aproximar-se do clímax. Ela movia o jade com mais rapidez, colocando um pouco mais a cada penetração. Enquanto seu corpo chegava ao ponto de maior excitação, Valentín colocou a mão sobre a dela e colocou o consolo mais profundamente, até que o acolhesse por completo. Ela alcançava espasmos contra as mãos dele; seus quadris corcoveavam em um esforço para assimilar todo o prazer.

Com esforço, Valentín conteve sua necessidade, se desesperava para gozar enquanto esperava que ela deixasse de tremer. Agarrou vários travesseiros da cabeceira e a inclinou sobre ela. Suas nádegas se elevaram no ar enquanto ele retirava o jade. Sem dizer uma palavra, ele tomou seus quadris e empurrou com força dentro dela. Não tinha tempo para as sutilezas, só uma necessidade selvagem de enchê-la com sua semente com tanta rapidez quanto fosse possível.

Os delicados gritos ressonavam com as violentas palmadas de seu corpo contra o seu, um som mais alto que os gemidos dele. Não desejava diminuir o ritmo, necessitava-a rápido e com força. Quando o sêmen saiu de seu interior com imensa pressa, ele rugiu sua luxúria e caiu sobre ela e seu coração pulsava com tanta força que estava a ponto de explodir.

Não valia de nada tratar sua esposa como a uma delicada dama, ela parecia respirar seu apetite sexual e desfrutar de lhe fazer romper os limites sexuais tradicionais de um matrimônio de sociedade decente e educado contraído pelo bem da descendência. Não podia negar que desejava violá-la. Desejava enchê-la com sua semente, tê-la nua em sua cama para que só servisse a ele.

Maldição!

Valentín abriu os olhos e olhou fixamente a penumbra das cortinas da cama. O aroma de sexo e o perfume único de sua mulher flutuavam a seu redor. Afastou-se e deixou que Sara girasse sobre suas costas. Ele observou seu rosto e sorriu para ela com o olhar suavizado pelo brilho da satisfação.

O pênis de Valentín tremia. Sem dizer nada, ele arrastou-se entre suas coxas abertas e a observou. Estava muito úmida agora, coberta de seu sêmen. Tocou seus clitoris com a ponta da língua e notou que ela conteve a respiração.

Seu pênis respondeu e se levantou um pouco enquanto ele abria mais as coxas dela, fazendo lugar para si mesmo entre suas pernas. Já não era um jogo divertido, era dela. Teve um desejo absurdo de marcá-la com sua maneira de fazer amor para que ela nem sequer olhasse para outro homem enquanto ele não estivesse. Desejava deixá-la muito dolorida para que cada dor de seus músculos recordasse a seu pênis cravando-se em seu interior e seu corpo possuindo-a, seu desejo seria por ninguém mais além dele.

Escondeu-se diante de seu corpo, respirava forte, seu desejo primitivo por ela lutava contra sua mente civilizada. Depois das experiências na Turquia, ele tinha certeza que o sexo era sozinho um jogo delicioso, não essa necessidade que lhe retorcia as tripas para proteger e conquistar uma mulher. Prometeu a si mesmo que nunca mais o possuiriam, nem escravizaria a ninguém. Seus sentimentos possessivos por Sara se aproximavam muito às emoções que guardava de maneira mais íntima. Olhou para o clitoris dela e voltou a provocá-lo com sua língua, sentindo seu tremor. Ela baixou a mão para a nuca dele e empurrou seu rosto para aproximá-lo.

Com um gemido ele a lambeu, tomando o presente que ela lhe oferecia. Seu pênis se endureceu e soube que devia tomá-la outra vez. Sua promessa de limitar-se a não fazê-lo mais de duas vezes por noite de repente pareceu ridícula e se preocuparia com as consequências de suas ações pela manhã, depois de que ambos ficassem exaustos pelos prazeres carnavais.

CAPITULO 09

- Tem certeza que não posso ir contigo?

Valentín olhou o relógio de bolso antes de voltar-se para Sara.

- Esta não é uma visita social. Fizemos algumas acusações graves sobre o gerente de nosso escritório em Southampton. Não esperamos que nossa reunião venha a ser prazerosa.

Devido à postura inflexível de sua boca, ela se deu conta de que não poderia fazer com que ele mudasse de opinião, mas não pôde resistir outro intento.

- Poderia ficar com meus pais. Nem sequer teria que me ver.

O sorriso dele brilhou.

- Então, por que motivo ficaria lá? E sabendo que tu estás perto, eu me distrairia muito e não poderia fazer meu trabalho como deve ser.

- Talvez só deseje ver minha família, senhor, não a ti.

Ele deu uma volta e tomou o queixo dela com seus largos dedos.

- Não sentiria saudades de mim em sua cama?

Sara sentiu que suas bochechas se acaloravam enquanto ele a olhava firmemente. Como ele podia lhe fazer isso? Ela acariciou-lhe o lábio inferior com o dedo polegar.

- Sentiria saudades. Talvez deva tentar captar sua atenção com mais firmeza.

O relógio sobre o suporte da chaminé soou dez horas e alguém bateu na porta do escritório, o que fez com que Sara desse um salto. Valentín deu um passo para trás quando Peter entrou na sala e fez uma reverência a ela, que lhe sorriu, agradecida de que ficasse para lhe fazer companhia enquanto Valentín não estava.

Ela observou Valentín enquanto se acomodava em uma cadeira junto a mesa. Vestido para viajar, ele estava em seu habitual estado impecável, com uma jaqueta negra e calça cor de canela que se ajustava a seu corpo musculoso. Ela se reclinou contra as almofadas, consciente da dor que perdurava entre suas coxas e do roçar de seus mamilos contra o espartilho. O modo como Valentín fazia amor tinha alcançado novos níveis na noite anterior. O desejo que ele sentia por ela era na aparência insaciável.

Ele a olhou. - Necessita outra almofada, querida?

- Estou bem, obrigada, milorde.

Peter se voltou para observá-la, com preocupação no rosto.

- Está indisposta, Sara?

A boca de Valentín se torceu em uma de suas comissuras enquanto ela se ruborizava.

- Acredito que minha esposa não dormiu bem ontem à noite. Não é mesmo?

- Valentín tem razão. Por desgracia seus fortes roncos não me permitiram dormir.

- Não recorde que roncasse Val. Quando ocorreu isso? - perguntou Peter enquanto alcançava outra almofada para Sara.

- É provável que se deva a sua avançada idade – Ela comentou com doçura - Ameacei-o lhe pondo uma pinça de roupa no nariz.

Valentín começou a rir justo quando seu secretário, o senhor Jeremy Carter, entrava no escritório. O senhor Carter enrugou o sobrecenho ante o estranho som enquanto se detinha junto a mesa e apoiava uma pilha de livros sobre esta.

- Boa tarde, milorde. Sou a razão de sua diversão ou só perdi algo?

Valentín se levantou e negou com a mão.

- Nada importante Senhor Carter. Sabe que sempre é bem-vindo. - Fez um gesto para Sara - Não acredito que conheça minha esposa. Decidi que era hora de envolvê-la em nossos problemas familiares.

Sara sorriu para o senhor Carter, que usava grossos óculos e não tinha nem um só cabelo em sua lustrosa cabeça suada, cheirava a bolas de naftalina e tinta seca. Sua postura encurvada lhe recordava o chefe do escritório naval de seu pai, que lhe presenteava caramelos de hortelã quando era uma menina.

- Encantada de conhecê-lo, senhor Carter. Meu marido diz que é um empregado magnífico e leal.

Os lábios finos do senhor Carter se alargaram no que pareceu ser um sorriso enquanto ele fazia uma reverência sobre a mão de Sara.

- Obrigado milady. Procuro manter o nosso navio financeiro flutuando da melhor maneira que posso.

Valentín se sentou atrás da mesa e aproximou os livros maiores para ele.

- Quanto nos afetou o último incêndio?

O senhor Carter pigarreou.

- Como o navio ainda estava no porto, puderam sufocar o incêndio e o dano que sofreu o cargueiro foi insignificante. - Abriu o livro maior e assinalou um artigo com letras em fina caligrafia – Se o navio tivesse estado em alto mar, as coisas teriam sido piores. A lâ arde com rapidez.

- Parece que sua idéia de postar mais guardas nos navios e nos depósitos funcionou bem, Peter. - Valentín assentia com a cabeça para seu amigo, que estava sentado do outro lado do escritório - Resulta mais difícil para nossos inimigos realizarem seus delitos.

Sara se inclinou para frente para observar as páginas escritas de maneira compacta. Junto com a música, a matemática eram uma de suas paixões. Só lhe levou um momento dar-se conta do quão perto a empresa se encontrava da quebra como também notou que alguns dos primeiros números não eram corretos. Depois de uma série de cálculos rápidos em sua mente se sentou e ouviu a discussão que levavam a cabo diante dela.

Era interessante observar Peter e Valentín em seu ambiente de trabalho. Eles despojavam-se de suas maneiras de sociedade e faziam surgir uma sensação fria de negócios que para Sara lembrava seu pai. Esperou que a complicada discussão sobre o poder do homem frente a novos rumos comerciais chegasse a seu fim.

Valentín apertou os dedos sobre o nariz e fechou os olhos, um gesto de cansaço que Sara tinha chegado a reconhecer.

- Posso sugerir algo? - perguntou Sara e todos os homens a olharam.

- Por favor, faça-o. - Valentín estendeu as mãos em um gesto de súplica.

- É algo que fez meu pai quando seus negócios se viram sob ameaça devido a outros rivais. Ofereceram a seus competidores associar-se na carga?

Peter enrugou o sobrecenho.

- Por que faríamos isso? O último que precisamos é perder outra mercadoria além da nossa. Nossa reputação já está suficientemente mal desta maneira.

- Acredito que Sara poderia ter razão. - Valentín ficou de pé e caminhou pelo grosso tapete azul – Se oferecêssemos um espaço livre no cargueiro a outros, seria interessante ver que navios atacariam e quais não.

- Com o passar do tempo, isso poderia ajudar a identificar a quem pertencem os bens que sempre sobrevivem - adicionou Sara.

Valentín lhe lançou um olhar de aprovação.

- Se controlarmos os detalhes de maneira cuidadosa, poderíamos identificar um padrão e um inimigo.

- Se é que é um de nossos concorrentes – adicionou Peter devagar.

Sara enrugou o sobrecenho.

- Quem mais poderia ser?

Valentín fechou o livro maior.

- Não estamos certos. Quem quer que seja também tenta manchar nossas reputações pessoais. - Sorriu a Sara - Peter e eu não tivemos exatamente vidas exemplares.

- Falas do tempo que passaram na Turquia? - Sara tentava chamar a atenção de Valentín - Eram meninos.

- Podemos ter feito inimigos. Também tentaram chantagear a Peter. E terá que ter em conta a minha família.

Sara olhou com dureza o rosto tranquilo de Valentín. - Não pode pensar que sua família deseje te fazer dano.

- Por que não? – ele a olhou com desafio em seu olhar. Minha volta complicou a vida de meu pai e é bem sabido que se regozijaria com minha ruína. Acredita que voltarei me arrastando a ele para que me ajude economicamente. - O comentário desdenhoso de Valentín se fez mais marcado - é obvio que eu preferiria pedir esmola nas ruas, mas ele poderia pensar que a quebra de minha empresa seria uma maneira adequada de voltar a me dominar.

Sara não sabia o que dizer. Pelo que tinha visto ultimamente, o pai de Valentín desejava defendê-lo. O instinto lhe dizia que Valentín não tomaria bem sua intervenção.

O senhor Carter tossiu, clareando a garganta.

- Se me permitir isso, milorde, investigarei a possibilidade de transportar a mercadoria de nossos concorrentes. – Ele ficou de pé e recolheu a pesada pilha de livros.

Sara apoiou a mão em seu braço.

- Senhor Carter, incomodaria se o senhor deixasse os livros aqui esta noite? - Sorriu-lhe de forma suplicante - Valentín prometeu que me mostraria quão bem você mantém as contas da empresa naval para me ensinar a ajustar os gastos de meu lar. - Piscou um olho ao senhor Carter - Parece que continuo gastando muito e isso faz com que Valentín se zangue muito comigo.

Ela levantou o olhar e viu que Valentín e Peter a observavam. O senhor Carter lhe deu um tapinha na mão.

- É obvio, pode ficar milady. Estou encantado de ver que se esforça por praticar a delicada arte da economia.

Peter abriu a porta do escritório.

- Eu os devolverei amanhã, senhor Carter. Comprometi-me em levar lady Sokorvsky às dez e posso devolvê-los então. Que tenha uma viagem segura, Val! Fez uma reverência a Valentín, piscou o olho para Sara e acompanhou o senhor Carter quando este saía da sala.

Valentín fechou a porta e se apoiou contra esta.

- O que foi tudo isso? Suas contas do lar sempre são imaculadas.

Sara ficou de pé e levou sua atenção aos livros maiores.

- As colunas não batem.

- O que?

Sara o ignorou quando ele se aproximou da mesa. - Enquanto o senhor Carter te mostrava a última coluna, eu revisei os primeiros números. Segundo meus cálculos, alguém tornou a alterar as quantidades.

Valentín olhou com atenção para as dezesseis colunas estreitas que se desdobravam em uma folha dupla. Levava-lhe horas fazer bater os valores de arrecadação de uma semana. Como diabo pôde Sara dar-se conta de uma infinidade de enganos em seis meses de colunas?

Ela fez um gesto de impaciência e lhe deu uma pluma e uma folha da gaveta de sua mesa enquanto o dedo marcava uma linha perto da parte superior do formulário.

- Vê como alguns dos pequenos números estão alterados? Às vezes é tão simples como um zero que se converte em seis, mas cada quarto de centavo faz uma diferença.

Valentín entreabriu os olhos para os números recalcados com tinta. Por Deus, ela tinha razão. A caligrafia da segunda pessoa que escreveu diferia do estilo distintivo do senhor Carter. - Se o senhor Carter não fez isto, como é que não o notou?

Sara escrevia com tanta pressa no papel que a ponta da pluma salpicava tinta sobre o secante.

- Pelo jeito grosso que são seus óculos, suponho que a vista dele é muito escassa. É possível que não notasse os enganos até completar suas contas anuais. - ela levantou a vista para Valentín - É obvio, então é provável que neste tempo já seja muito tarde para encontrar o dinheiro. Quem mais tem acesso a estes livros?

- Guardamos no escritório principal de envio e recepção aqui em Londres, por isso, em teoria, qualquer um pode colocar as mãos neles. - Valentín tirou de seu rosto um cacho de cabelo que lhe tinha escapado - Maldição, não há maneira de guardá-los sob chave sem provocar rumores. Peça ao Peter que se encarregue disto amanhã, está bem?

Sara baixou a pluma.

- Perderei um tempo para revisar todos estes livros.

Possivelmente poderia trazê-los aqui pelas noites para que eu possa examiná-los.

Valentín voltou a tampar o tinteiro.

- Não espero que faça semelhante trabalho. Há muitos homens capazes que poderão detectar a fraude.

- Posso fazê-lo, Valentín. - Sara mantinha seu olhar com olhos suplicantes - Dúvidas de mim? Fiscalizei os livros de meu pai até que ele decidiu que não era próprio de uma dama e eu tomaria como um desafio fascinante.

John Harrison tinha mencionado o talento de Sara pelos números. Como um idiota, para Valentín não tinha importado saber quão capaz era ela. Tinha estado muito ocupado em imaginá-la nua.

- Está bem, pode fazê-lo.

Sara saltou e envolveu os braços ao redor dele. Foi o modo mais animado que se mostrou fora de sua cama. Em sua decisão de enquadrá-la em seu ideal de esposa de sociedade, ele tinha estado perto de negar suas notáveis capacidades. Odiava que o julgassem pelas aparências e mesmo assim parecia incapaz de permitir que sua esposa fosse mais que um objeto decorativo em seu braço.

- Obrigada. Não te decepcionarei e quando chegar de Southampton terei algo mais definido para te mostrar.

Ele beijou-a na bochecha e sentiu que seu pênis se elevava enquanto o perfume feminino alagava seus sentidos. A contra gosto ele a afastou.

- Devo ir.

Ela fez um beicinho. A cor rosa delicado de seus lábios era um atrativo ante o qual ele resultava difícil resistir. – Sentirei sua falta.

Ele riu para ocultar a estranha reticência por deixá-la. Era uma sensação molesta, uma das que tinha lutado muito por escapar nas relações anteriores com as mulheres. - Tolices! Estará muito ocupada desfrutando da temporada com minha madrastra e Peter para sentir saudades. Além disso, tem que te ocupar dos livros maiores.

Sara ficou nas pontas dos pés e o beijou na boca. Sua língua se movia com rapidez sobre os lábios fechados dele.

- Sentirei sua falta. Ninguém mais me faz sentir tão viva.

Ele olhou fixo para seus olhos azuis enquanto o desejo de afundar-se dentro dela crescia junto com sua ereção.

- Usa o jade por mim.

- Farei. Imaginarei você de pé ao lado de minha cama, me observando. - Com lentidão ela lambeu um escasso centímetro dos lábios dele - E escreverei minhas fantasias solitárias no Livro Vermelho, para quando retornar.

Valentín separou-se dela até chegar à porta e girou a chave na fechadura. Ela observava com olhos bem abertos e cheios de diversão enquanto ele desabotoava de maneira metódica suas calças.

- Sente-se na borda da mesa e abra as pernas para mim, Sara. A carruagem pode esperar uns momentos mais.

Sara observava o rosto angelical de Peter enquanto atravessava com cuidado as portas de Hyde Park a incomum onze horas da manhã. Apesar das advertências de seu pai sobre o passado de Peter, para Sara era fácil confiar nele. Tratava-a de igual para igual, seus conselhos a respeito da moda eram excelentes e sabia toda fofoca.

Ele inclinou seu chapéu para um militar que ia a trote em um magnífico cavalo negro. Sara admirava o domínio tranquilo de Peter sobre as rédeas enquanto Valentín tinha um estilo mais arriscado de cavalgar, o que no fundo a assustava.

Ela inspirou profundamente o revigorante ar e se preparou para lhe fazer a pergunta que a tinha atormentado desde a partida de Valentín.

- Peter, ontem Valentín mencionou que lhe tinham chantageado.

Peter sorriu-lhe e suspirou.

- Estavas muito ocupada defendendo à família de Valentín que acreditei que essa parte tinha passado inadvertida para ti.

- Não compreendo por que alguém quereria te chantagear. Ela deteve a carruagem e deu as rédeas ao moço de quadra. Sara esperou até que lhe estendesse a mão para baixar e apoiou os dedos na manga de seu casaco de montar azul escuro. Enquanto davam um passeio para o arvoredo, as folhas marrons e douradas rangiam sob seus pés.

- Como sabe, Val e eu fomos escravos na Turquia vários anos. Durante esse tempo, adquiri vários hábitos desagradáveis que me ajudaram a sobreviver no inferno a que vivia todos os dias.

Sara observava o rosto dele e desejou fechar os olhos ante o duro desconsolo de sua expressão.

- Ainda não compreendo.

- Fiz-me viciado em ópio. Até depois de minha volta a Inglaterra, levou-me vários anos me sobrepor ao vício. - Sua boca se torceu - Fiz algumas coisas estúpidas para me assegurar de ter um fornecimento constante do ópio mais puro. Roubei, menti e enganei a todos os que tentaram me ajudar. É fácil que alguém utilize esses anos perdidos de meu passado contra mim. Demônios! Ainda não sei exatamente o que tenho feito.

- Por isso não gosta de meu pai?

- É obvio; advertiu-te sobre mim, não é verdade? - Para Peter parecia divertido.

Sara se atreveu a olhá-lo rapidamente em seu rosto. - Meu pai me disse que você não era de confiança e que foi uma má influência para Valentín.

- Tem razão. Roubei a seu pai e lhe menti uma e outra vez. Se não fosse por Val, não estaria aqui agora. Ele permaneceu a meu lado quando todos os outros perderam as esperanças. Obrigou-me a abandonar o ópio e a me encarregar de minha vida.

Sara voltou o olhar para a carruagem no atalho irregular. A jaqueta vermelha do moço de quadra brilhava vivamente contra os matizes outonais do parque e sua respiração nublava o ar gelado. Apesar dos receios de seu pai, Sara acreditava em Peter. Via-o como um homem que tinha atravessado os fogos do inferno e tinha sobrevivido. E o que acontecia com seu encantador marido que parecia tão indiferente ante algo tão sórdido?

- Valentín sofreu como você?

- Val escolheu maneiras mais físicas para superar nossa escravidão. É muito mais forte que eu. Embora ainda tenha as cicatrizes que possivelmente sejam mais profundas do que possa dar-se conta.

Sara ficou nas pontas dos pés e beijou a boca fria de Peter. - Alegra-me que tenha sobrevivido. Alegra-me que tenha decidido viver.

A mão enluvada dele acariciou-lhe a bochecha, com seu olhar azul pálido diretamente sobre o seu.

- Obrigado por isso - sua voz soou grave.

Sara olhou ao redor para ver se alguém tinha notado sua conversa íntima e logo continuou caminhando. Depois que falou sobre os descobrimentos nos livros maiores ela levou a conversa a temas mais gerais até que Peter voltou a relaxar. Quando voltavam para a carruagem, ela decidiu lhe fazer outra pergunta que a inquietava.

- Se eu quisesse dar a Valentín um presente muito especial, me ajudaria?

- É obvio que sim. - Peter baixou o olhar para ela com a expressão dissimulada uma vez mais sob a sombra da aba de seu chapéu. - Deve ser algo muito estranho se acha que necessita minha ajuda.

Sara lutava contra o rubor que se elevava em suas bochechas.

- Eu queria perfurar as orelhas. Conhece alguém que possa fazer isso?

- As orelhas? - Peter se deteve e prestou toda sua atenção. - Qualquer criada capaz poderia fazer isso. Não precisa muita habilidade, inclusive eu lhe poderia fazer isso.

Peter ajudou-a a entrar na carruagem e Sara esperou até que o moço de quadra estivesse fora do alcance do ouvido. Ela retorcia-se no assento e suas mãos enluvadas se entrelaçavam em seu colo.

- E se eu quisesse me perfurar outras coisas também?

Ao não receber resposta, ela se viu obrigada a levantar a vista. Peter a olhava com os olhos entrecerrados. Pela primeira vez ela viu um brilho de interesse puramente masculino em seus olhos.

- Por que acha que eu saberia isso? - ele não parecia zangado, só interessado.

- Porque Valentín disse que desfrutava de experimentar com os prazeres carnavais e não posso pedir...

Ela deteve-se quando ele levantou-lhe a mão até a boca e beijou seu pulso descoberto.

- Está bem, não tem que me explicar isso. Conheço uma mulher que pode te ajudar. É uma velha conhecida de Val e minha, de nossos dias mais desenfreados. - piscou o olho
- Pode te perfurar o que queira.

CAPITULO 10

Valentín subia as escadas sem fazer ruído enquanto o relógio dava uma da madrugada. Seu quarto estava envolto em escuridão e tinha aspecto úmido e de desuso. Ninguém sabia quando esperar sua volta para casa. Seu plano original de retornar de Southampton em uma semana tinha ficado truncado. Quando chegou, ele descobriu que o administrador naval, o senhor Reynolds, tinha desaparecido com uma considerável soma do dinheiro que tinha roubado dos livros e todo o dinheiro para gastos menores.

Então ele tinha permanecido em Southampton quase um mês até que o escritório estivesse funcionando outra vez com normalidade. Tinha passado a maior parte de seu tempo visitando os clientes e aos bancos para lhes assegurar a futura estabilidade financeira da companhia. Tinha sido um trabalho exaustivo, inclusive para um homem de sua suposta simpatia e contatos.

Imaginar Sara e Peter divertindo-se juntos em Londres tampouco tinha colaborado com seu humor. Tampouco o faziam as notícias de que apesar de seus enormes esforços, o senhor Reynolds andava solto. Valentín supunha que ele tenha partido do país de navio ou que seus outros empregados se ocuparam dele.

Acendeu uma vela e a utilizou para atizar o fogo preparado da chaminé. Todo o acontecimento lhe tinha deixado um sabor horrível na boca. Peter e ele tinham trabalhado muito duro para montar essa empresa juntos e em certas ocasiões tinham navegado em seus próprios navios, sujando suas mãos para evitar problemas e até tinham assassinado quando foi absolutamente necessário.

Ver que o trabalho de sua vida lhe escorria entre os dedos como apreciada água potável em alto mar, fazia vibrar seu sentido de controle. Via-se tão desesperançado como quando tinha sido escravo, com seu corpo submetido aos desejos sexuais de outros.

Ele tirou o casaco de montar com capa, contente de estar livre do peso. A última vez que tinha estado em casa, esteve a ponto de contar a Sara sobre seu passado sexual e duvidava que ela acreditasse como os obrigavam a Peter e a ele a servir a clientes até que caíssem exaustos em suas camas. A juventude, a resistência e a pele branca eram uma atração que a senhora Tezoli, a proprietária do bordel, tinha explorado ao máximo deles.

Sua boca se retorceu em um sorriso petulante. Não era como se ela tivesse sido tão mercenária como os donos de alguns bordéis; apreciava a qualidade de suas mercadorias. Esperava até que fossem suficientemente amadurecidos para ter uma ereção antes de vendê-los a qualquer um que pudesse pagar um exorbitante preço.

Durante os primeiros estados de excitação ele até tinha desfrutado de algumas das mulheres e quanto aos homens sempre tinham sido uma questão diferente.

Valentín vislumbrou o reflexo de seu rosto triste nas sombras do espelho. Chegou um momento, que tinha provocado de propósito a seus clientes masculinos mais detestáveis para que lhe cortassem o rosto a fim de destruir o que cobiçavam, para que lhe dessem o último golpe e o liberassem da tortura. Estava convencido de que sua beleza física era uma maldição, não uma bênção, então logo depois de suportar os insultos, um cliente lhe rompeu a mandíbula e só a intervenção de Peter o salvou de uma forte surra.

Sorria sem humor. Peter devia ter deixado. Se Sara soubesse a quantas mulheres ele havia tido sexo, fugiria ou continuaria recebendo-o em sua cama?

Um ligeiro ruído do quarto de Sara fez com que Valentín se voltasse e ele abriu a porta interna cruzando a curta distância do armário de vestir até seu quarto. A luz brilhava através do marco. Ela voltou a suspirar, foi um som opulento de satisfação carnal que frequentemente fazia quando ele a agradava. Será que estava com outro homem?

A luxúria e o ciúme retumbavam dentro de Valentín enquanto abria silenciosamente a porta. Sara estava recostada em sua cama; sua camisola carmesim emoldurava sua deliciosa pele e seu cabelo escuro e um feixe de luz de vela se concentrava sobre a colcha de seda. O Livro Vermelho estava aberto e apoiado no travesseiro de Sara enquanto ela lia o que era evidente que acabava de escrever. A garganta de Valentín se secou ao dar-se conta de que movia sua mão esquerda lentamente entre suas pernas.

Sara fez o delicioso gemido sensual outra vez e Val cavou sua mão em sua ereção e apertou com força. Tinha dormido sozinho em Southampton, esse fora o período mais longo que tinha permanecido celibatário em sua vida de adulto e ele não tinha desejado a nenhuma outra mulher. Tinha passado as noites sonhando com Sara e utilizando sua própria mão e sua viva imaginação para sentir alívio. Não tinha sido suficiente.

Apoiou-se contra o marco da porta com uma mão ainda friccionando o membro. Ela levantou a perna direita e flexionou o joelho estendendo a esquerda a um lado. Ele vislumbrou um tênue brilho do jade úmido por seu néctar contra sua coxa cor marfim enquanto ela se masturbava. Sara arqueou as costas e elevou mais ambos os joelhos, roçando o extremo do artefato sobre sua vagina. O sangue se acumulava em seu pênis enquanto observava as explorações dela.

Sem falar, ele cruzou o quarto até os pés da cama, abraçou-se aos postes e a olhou. Ela não reagiu ante a presença dele, só continuou masturbando-se e ele aspirou ao aroma de seu néctar e o suave som escorregadio do jade que se movia.

Tendo esquecido o cansaço, Valentín tirou com dificuldade a jaqueta justa, seguida do colete, do lenço de pescoço e da camisa. Deixou a calça e as botas porque desfrutava da sensação de sua ereção faminta que empurrava contra o grosso tecido. Avançou lentamente pelos pés da cama e se agachou diante dela.

Sara sorriu para ele com o olhar intenso devido à excitação, os lábios abertos e ávidos. Passava o artefato sobre seu sexo inchado e roçava de atrás para frente, mantinha o jade fundo em seu canal.

Valentín se inclinou para frente e roçou os lábios de sua vulva quentes e inchados contra o jade verde que apertava com firmeza. Fez círculos em sua abertura, desfrutando de seu espesso néctar e a ponta dura de seus clitoris. Seu pênis vibrava junto aos frenéticos batimentos de seu coração, em busca de alívio. Ele desejava desabotoar suas calças e introduzir-se nela, penetrá-la até que lhe esgotasse o sêmen.

Em vez disso, ficou cômodo e esfregou a crista dura de seu pênis com os dedos trêmulos. Suas calças de camurça já estavam úmidas e pareciam ásperas e apertadas contra sua carne que se avultava com rapidez.

«Ainda não».

Não até que ela rogue.

Ele roçou o clitóris dela com um dedo e ela deixou que o artefato caísse de sua mão. Ele se aproximou, baixou a cabeça e inalou seu aroma, lambendo o clitóris com a ponta da língua. Ela estremeceu e moveu a barra de jade com mais rapidez dentro e fora de seu canal.

Valentín baixou a cabeça e lambeu seu caminho ao redor do jade. Desfrutava do contraste entre sua carne inchada e elástica e a dureza lisa da pedra. Com delicadeza, colocou um dedo de cada lado do consolo para dilatá-la ainda mais. Fazia-a ofegar, enquanto ele sabia que podia dilatá-la ainda mais. Como escravos, Peter e ele tinham penetrado com seus membros a uma mesma mulher. Toda essa fricção e firmeza também eram estimulantes para o homem.

Ele sufocou sem piedade esse pensamento e se concentrou em Sara. Moveu os dedos dentro dela e os afundou com força, lambendo seus clitóris enquanto deslizava sua outra mão debaixo de suas nádegas e a elevava ao ritmo das carícias do jade. Deixou que seu dedo mais comprido passasse por suas nádegas e explorasse seu ânus.

Recolhendo o néctar espesso dela ele passou o dedo por seu ânus e com rapidez, adicionou outro. Beliscava o clitóris enquanto seu pênis tentava perfurar sua calça, frenético por penetrá-la.

«Ainda não».

Esperou até que a dor insuportável se mesclou com a antecipação e o prazer. Sentia a larga firmeza da barra de jade e seus outros dedos através das paredes internas dela. Sabia que ela também o notava.

Enquanto esteve em Southampton, Valentín tinha visitado um comerciante oriental e tinha encontrado alguns plugues e anéis anais para ajudar Sara a aceitar seu pênis. Por um momento imprudente, desejou tê-los com ele nesse momento, embora possivelmente fosse melhor que não os tivesse. Depois de um mês sem sexo, tinha que fazer as coisas devagar e sabia de antemão quão doloroso podia ser, penetrado de maneira forçada. A contra gosto retirou os dedos e concentrou a atenção na vagina e no clitóris dela.

Sara diminuía a respiração e ele soube que ela estava perto do clímax. Ele se voltou tocando-a, desejava ver seu rosto nesse momento tão íntimo. Correu as dobras de sua camisola para deixar a descoberto seus seios e quase perdeu o pouco que ficava de sentido.

Seus mamilos rosados brilhavam uma luz dourada e ele olhou fixamente para os aros que perfuravam sua pele sensível. Ela estremeceu quando ele estendeu um dedo e com grande controle, tocou ligeiramente o aro. Durante um tempo ela estaria dolorida. Doía ainda mais se tirasse o aro, como tinha acontecido com ele que ainda trazia a cicatriz em seu peito. Ele passou a língua pelo quente metal e retirou os dedos da vagina dela.

- Ainda te dói?

Ela mordeu o lábio. - um pouco.

Valentin lambeu-lhe o mamilo com tanta suavidade quanto pôde e ela suspirou.

Quando cicatrizasse, ele pensava passar um bom tempo em seus seios, sem regular sua atenção. Deus! Era possível que nunca lhe permitisse sair da cama outra vez. Cavou a mão em seu queixo e a beijou na boca, lhe dando o sabor de seu próprio prazer. Seu pênis vibrava, desejava estar dentro dela com um apetite primitivo que o sacudia até a medula.

Ainda beijando-a, estendeu a mão para baixo e abriu as calças. Assobiou seu fôlego entre dentes enquanto seu pênis se liberava. Buscava-a às cegas e ela baixou seus calções para deixar ao descoberto suas nádegas e seus testículos tensos.

- Ai, Deus, Valentín, como senti sua falta.

Ele gemeu quando as unhas lhe arranharam a pele então liberou sua boca e voltou a deslizar-se entre suas pernas, apartando seus joelhos com os quadris. Agora receberia seu pênis e gritaria de prazer.

Sara estremeceu quando ele tirou a mão do consolo de jade e agarrou a base de seu pênis que estava maior do que jamais ela tinha visto. Sua vagina o aceitou debaixo do consolo.

Ele esperou até que sua pele cedeu de bom grado e logo continuou sua lenta penetração. As sensações estalavam em seu corpo. A vagina dela apertava. A firme resistência da pedra estava por cima dele. Estava preso em torno de um banco erótico de sua própria criação.

- Valentín! - Sara se aferrou a seus ombros musculosos e suas unhas se cravavam profundamente - Ai Deus! Vou gozar.

Ele pressionou mais profundamente até que seus testículos golpearam contra as nádegas dela e permaneceu imóvel enquanto banhava seu pênis com a força de uma tormenta devastadora. Conteve os gritos em sua boca, negando-se a finalizar o beijo incluso quando ela beliscava e mordia seus lábios nos últimos espasmos de seu clímax.

Quando deixou de sacudir-se, ele se retirou e tirou o consolador de jade, baixando o olhar para sua formosa vagina úmida e preparada. Era muito para controlar-se. Agora estava além disso, como ela. Ele sustentou o jade e deslizou dois dedos dentro de seu reto.

- Quero-o aqui dentro. Fará por mim?

- Tentei-o sozinha quando não estava.

Ele levantou uma sobrancelha enquanto a penetrava pouco a pouco com o jade.

- Deve ter estado aborrecida. Pedi-te que me esperasse.

A respiração dela se entrecortou quando ele deslizou o jade até que não pôde chegar mais longe.

- Pensei em me preparar para ti.

- Sempre é muito impaciente, Sara, mas nesta ocasião me alegra.

Sara lambia os lábios enquanto ele levava suas coxas por cima dos ombros e voltava a inundar-se diretamente em seu interior. Agora era dela; já não podia negá-lo.

Afundou-se em seu calor com um gemido. Podia sentir o jade incluso apesar de que sua vagina apertava e afrouxava enquanto ela gozava.

- Estou de volta agora, Sara. Já não há mais jade para sua vagina a menos que eu o coloque ali. Não mais de seus dedos, só meu pênis que te possuirá tanto tempo e com tanta força quanto desejas.

Ela gemeu e o abraçou mais forte enquanto ele continuava empurrando. Suas estocadas eram bem-vindas e pela primeira vez em sua vida de adulto, sentiu-se seguro de que alguém entenderia e perdoaria seu passado. Gemeu enquanto seu sêmen a enchia e se deu conta de que na verdade, tinha voltado para casa.

CAPITULO 11

- Juro, milorde, não fui eu quem alterou os livros. O luxuoso escritório de Valentín revestido em mogno estava banhado pela luz do sol, mas a atmosfera permanecia escura e tensa. O senhor Carter tirou os óculos e esfregou as lentes com seu lenço como se tentasse apagar os enganos que Valentín lhe tinha mostrado.

- Não penso isso, senhor Carter - disse Valentín em voz baixa, enquanto dava um golpezinho com sua pluma sobre a página aberta - O que eu queria saber é quem o fez.

Ele reclinou-se enquanto o senhor Carter estirava o pescoço sobre os livros.

- Não tenho certeza, milorde. As modificações são tão pequenas que é difícil sabê-lo.

- Quem tem acesso aos livros maiores, além de você?

O senhor Carter enrugou o sobrecenho.

- Como o senhor já sabe, guarda-se no escritório principal.

Centenas de pessoas passam por ali todos os dias, mas referindo-se ao pessoal, suponho que meus dois assistentes teriam maiores possibilidades de modificar os números.

- E eles são...?

- Alexander Long e Christopher Duncan. Ambos vieram muito recomendados para o emprego. - inclinou-se para Valentín, com alívio no rosto - Na realidade, um dos homens foi recomendado por seu pai, o Marquês.

Valentín suspirou com lentidão. - Qual deles?

- Duncan. É escocês, acredito que trabalhava no imóvel de seu pai antes de se mudar para Londres em busca de uma nova posição.

Peter, também presente, clareou a garganta.

- Posso reunir informação sobre estes dois homens para ti, Valentín. Quem recomendou o outro homem?

- Acredito que foi sir Richard Pettifer ou o senhor John Harrison. - O senhor Carter levantou uma mão trêmula para colocar seus óculos outra vez sobre o nariz - Não tenho queixa de nenhum dos dois homens. Sempre pareceram conscientes, honestos e de confiança.

- Ninguém o está culpando, senhor Carter - disse Sara de uma cadeira na penumbra de um canto.

Valentín resistiu o impulso de olhá-la com aborrecimento. Ele sim culpava o senhor Carter, era evidente que o homem era muito ancião para fazer seu trabalho corretamente.

Como se tivesse lido o pensamento de Valentín, o senhor Carter caiu a seus pés.

- Por favor, aceite minhas desculpas, milorde. Prometo que serei mais diligente no futuro.

Sara levantou as sobrancelhas para Valentín. A contra gosto, ele calçou seu desejo de despedir o homem no ato.

- Está bem, senhor Carter. Superaremos isso. Posso lhe sugerir que mantenha os detalhes desta reunião em segredo? Não queremos que seus assistentes se inteirem de nossa vantagem e desapareçam.

- É obvio que não, milorde. - O senhor Carter guardou o lenço no bolso com um inconfundível alívio no rosto - Serei a descrição personificada.

Depois da partida do senhor Carter, Valentín olhou fixamente a Peter e a Sara e ela lhe sorriu.

- Foi amável de sua parte permitir que o senhor Carter conservasse seu trabalho.

- Maldito estúpido. Merece que o despeça porque foi negligente. - Valentín fechou o livro maior e se reclinou no assento para apoiar seus pés embainhados em botas sobre a mesa - Agora suponho que esperará que encontre a maneira de substituí-lo sem ferir seus sentimentos. - Sua voz estava cheia de sarcasmo.

Sara não conseguiu esconder seu regozijo. - Seria muito generoso de sua parte.

- Amável e generoso - resmungou Valentín para sua esposa - Com que outras palavras você deseja me adular hoje?

Peter riu.

- Alegra-me ver que Sara tenha esse efeito civilizador sobre ti.

Ela ficou de pé e alisou as dobras de seu vestido verde. Val enrugou o sobrecenho para ela.

- Aonde vai?

- Convidaram-me para tomar o chá na casa dos Pettifer esta tarde. – ela levantou o queixo e lhe lançou um sorriso desafiante - Possivelmente possa averiguar mais sobre esse teu empregado.

- Acreditei ter pedido que não tivesse relação com eles. - Valentín se incorporou de maneira tão abrupta que os saltos de suas botas golpearam o piso de madeira - E certamente que não quero que realize nenhum tipo de espionagem.

Sara o beijou na bochecha.

- Eu o verei no jantar, lembre que prometeu assistir ao baile do embaixador comigo esta noite.

- Por que eu deveria agradá-la quando não faz nenhuma das malditas coisas que digo? – Ele franziu o cenho para as costas dela, que se retirava fechando a porta com firmeza.

- Nunca pensei que uma mulher te armasse tal confusão, Val. - Peter se sentou a um lado da mesa.

Valentín acendeu um charuto e ofereceu outro ao Peter - Esperemos que ela recorde de ser discreta em seu trato com os Pettifer. É muito inocente.

Peter soprou uma nuvem de fumaça.

- Se preocupa que o pai de Sara possa estar comprometido em todo este embrulho?

Valentín olhou fixamente os tranquilos olhos azuis de seu amigo.

- É obvio que sim, embora esteja mais convencido de que isto tem algo a ver com meu pai.

- Acalme-se, Val. Estou seguro de que ele não está envolvido. - Peter se estirou para frente e passou seu dedo pela mandíbula apertada de Valentín. Quando Val se afastou, Peter tirou a mão imediatamente - Sinto muito, é a força do costume. – Ele pigarreou – Se te dissesse que é hora de ver seu pai pelo homem que é, em lugar do homem ruim de sua infância, me escutaria?

- Escutaria, mas mesmo assim não acreditaria nessas tolices. Sei exatamente o que é meu pai e o que ele deseja de mim. Esqueceste como te tratou?

- Não o esqueci, mas posso entender por que achou melhor eliminar todo rastro de sua vida anterior depois de sua volta a Inglaterra. - Peter suspirou - Era um aviso constante de seu passado e, na verdade, eu também era uma carga e ele só desejava o melhor para ti.

Valentín ficou de pé e se dirigiu para a janela. A carruagem de Sara se retirava da porta principal.

- Você é mais generoso que eu. Ele desejava fingir que não tinha acontecido nada, desejava que atuasse como se nunca tivesse me afastado de seu lado e o tivesse criado como um perfeito cavalheiro, preparado e disposto para herdar seu patético título.

- Mas você também desejava esquecer, Val. Talvez se pareça mais com ele do que acredita. Quando tomaste um momento para falar sobre aqueles horrores que suportamos?

- Peter apagou o charuto no cinzeiro - Ainda insiste que nada do que te aconteceu no bordel tem influência em sua vida presente.

Val pressionou a palma de sua mão com força contra o cristal da janela enquanto as lembranças dos corpos excitados e quentes sussurravam em sua mente. Fechou os olhos contra as vozes insidiosas e a onda de mal-estar que vibrava através dele. Com um impulso, deu meia volta para enfrentar Peter.

- Não sou nenhuma mulher nem um poeta. Não preciso fofocar sobre meus sentimentos, maldição!

- Não há necessidade de gritar, Val. Só tento ajudar.

Val olhava para seu amigo com aborrecimento. Já não recebia com agrado as carícias de Peter, mas o vínculo que compartilhavam ia muito além do físico e era a única razão pela qual ainda o escutava. Lutava por voltar a concentrar seus pensamentos nas questões mais urgentes que tinha entre as mãos.

- Então, averiguará tudo o que possa sobre Long e Duncan?

Peter se separou da mesa com o olhar contemplativo.

- Fique certo que vou investigar a ambos os homens por igual. Se houver más notícias para te dar, eu as darei pessoalmente. De acordo?

- De acordo. Agora devo ir a outro encontro. - Valentín apagou o charuto - Devo me encontrar com Caroline Ingham na casa da senhora Helene para falar sobre nosso futuro, ou a inexistência deste.

- Não é a melhor opção para um encontro, Val. - Peter fez uma careta - Ela fará todo o possível para que volte para sua cama junto a ela.

- Sei. - Valentín esboçou um breve sorriso. Estava desejando ocupar-se de Caroline - confia em mim, não terá êxito. Por desgracia, foi a única maneira em que eu podia conseguir que por fim ela se reunisse comigo.

Sara sorria enquanto Evangeline Pettifer lhe oferecia uma taça de chá. Sua anfitriã parecia muito arrumada para receber uma visita em casa, mas o gosto de Evangeline

tendia a ser mais carregado que o de Sara. Evangeline tentava estar atualizada com cada desejo da moda, ficasse bem ou não. O vestido de cetim com listas verdes e douradas em estilo egípcio não era uma de suas melhores opções.

A chuva repicava contra os vidros da janela e contribuía para a penumbra da estreita sala de estar. Havia muitos móveis apertados no pequeno espaço e Sara sempre temia que sem querer derrubasse algo com um giro imprudente ou ao estender uma mão.

Os cinco relógios da sala começaram a dar a hora, e Evangeline saltou.

Sara apoiou sua taça. - Parece um pouco distraída, Evangeline.

A taça de chá de Evangeline tilintou em seu pires.

- Sim? - Esboçou uma risada forçada - Possivelmente se deva a que estou esperando que meu marido chegue a qualquer momento. Temos um hóspede que ficará conosco.

- Devia ter me dito que era um momento inoportuno, sempre posso voltar outro dia.

- Oh, não, Sara, sempre é bem-vinda. - ela mordeu o lábio e olhou de maneira furtiva para a porta - É só que não estou acostumada a ter estranhos em minha casa. Sabe Deus o que o homem comerá.

- Talvez possa perguntar-lhe quando chegar - Sugeriu Sara com amabilidade.

- Nem sequer sei se fala inglês! - Evangeline parecia estar à beira do choro - Às vezes é duro fingir que sei como deve atuar uma dama em cada situação determinada. Oxalá nunca tivesse tentado melhorar minha situação social.

- Posso esperar até que ele chegue, se você o desejar. - Sara tentava não parecer muito ansiosa - Sei falar francês, alemão e algo de português. Sem dúvida ele saberá algum desses idiomas.

Evangeline deu vários toques em seus olhos com um lenço de renda.

- É muito doce de sua parte, mas sir Richard foi bastante firme ao me dizer que não devia mencionar a ninguém sobre nosso visitante. Ai, Meu Deus! - Seus olhos se abriam enquanto olhava fixamente para Sara - Não dirá a ninguém, verdade?

Sara lutou contra um impulso de rir.

- É óbvio que não. - Jogou mais açúcar no chá. Ocorria a Sara que ela poderia tirar partido da situação. Evangeline estava muito envolvida no manejo diário das empresas navais de sir Richard.

- Valentín tem um empregado que fala vários idiomas para este tipo de emergências, um homem que acredito que você e sir Richard poderiam conhecer, um tal senhor Alex Long.

- Não recordo esse nome. - Evangeline enrugou o sobrecenho - E como disse, estou segura de que sir Richard não se agradaria que me envolva com nenhum dos empregados de Valentín.

- Acredito que o senhor Long era empregado de sir Richard anteriormente. Sei que será discreto.

Evangeline suspirou.

- Se a situação se tornar desesperada, mencionarei ao senhor Long, mas duvido que sir Richard queira tratar com um empregado de Valentín. Obrigado pela intenção, Sara. É uma muito boa amiga. - Ela ficou paralisada quando o som inconfundível da aldrava da

porta retumbou pelas escadas - Poderiam ser eles. Suponho que será melhor que eu vá e seja amável.

Sara também ficou de pé.

- Tenho certeza que tudo irá bem. Evangeline surpreendeu-a com um abraço.

- Você é um encanto. Agora deixa que me assegure de que parte sem problemas em sua carruagem.

Quando desceram as escadas, o vestíbulo estava cheio de caixas e criados e Evangeline se deteve para organizar o traslado da bagagem, deixando Sara em liberdade para aproximar-se da porta meio aberta do escritório de sir Richard.

Uma risada efusiva, que sem dúvidas identificava como sendo sir Richard, retumbou. Ela aguçou os ouvidos para escutar a resposta de seu companheiro, mas não pôde reconhecer o sotaque do interlocutor. Quando a porta se abriu de repente, ela voltou para o vestíbulo com toda a rapidez que pôde.

- Vá, lady Sokorvsky, que prazer! - Sir Richard se aproximou dela e tomou sua mão

- Acaba de chegar ou se retira?

Antes que Sara pudesse responder, Evangeline apareceu de lado.

- A carruagem de Sara está na porta neste mesmo momento! - Assinalou para o escritório e sussurrou: - Está ali dentro?

Sara não pôde passar por cima o sobreceño enrugado de sir Richard ao voltar-se e dirigir-se a sua esposa.

- Sim, querida, nosso hóspede chegou. - Fez um gesto de maneira intencionada para Sara. - Possivelmente queira se despedir de lady Sokorvsky e logo vir a saudá-lo.

Com Evangeline a seu lado, Sara saiu pela porta principal e desceu os degraus. Enquanto entrava na carruagem, Evangeline de repente se animou.

- Fui muito estúpida. Sei o que dar ao homem o que comer, Sara, ele é da Turquia! Tem que gostar de arroz à turca, não é verdade?

Com uma última saudação, Sara se acomodou na carruagem para meditar sobre a informação que tinha reunido. Sir Richard tinha um visitante da Turquia. Era só uma coincidência que queria manter seu hóspede em segredo? A estas alturas, Sara não acreditava. Reclinou-se contra o cômodo assento de brocado e sorriu. Mal podia esperar para contar a Valentín.

Valentín deu o chapéu e as luvas a um dos discretos lacaios da senhora Helene e se dirigiu ao salão principal. Como era de se esperar, havia muito pouca atividade naquela metade do dia. Sorria enquanto a senhora Helene se aproximava para saudá-lo, usando um vestido de seda dourada e rubi que fazia jogo com a decoração luxuosa da sala. Frequentemente se perguntava como uma mulher formosa e independente tinha chegado a ser proprietária de um estabelecimento tão famoso. Ele valorizava muito sua amizade para bisbilhotar.

Quando Peter o apresentou pela primeira vez na Casa de Prazer, Valentín só tinha agradecido encontrar um lugar no que pudesse satisfazer seu voraz apetite sexual de maneira discreta e sensual mutuamente. Ele inspecionou o corredor fracamente iluminado do outro lado do salão que conduzia ao interior da casa. Os quartos no outro lado pareciam guardar as sementes da excitação sexual em suas paredes.

- Valentín, é um prazer te ver. Procura o Peter?

Ele sorriu para o rosto dela em forma de coração emoldurado por grossos cachos loiros. Qual era sua idade? Ninguém sabia com certeza. Celebrava seu nascimento com o dia da Prisão fortificada, insistia em que não podia recordar quando era o verdadeiro dia de seu aniversário e ele suspeitava que ela tivesse perdido a sua família durante o Terror na França.

- Boa tarde, Helene.

Beijou-lhe a mão. Tinha sido sua primeira amante na Casa de Prazer e tinham compartilhado uma noite memorável durante seu primeiro ano de confusão, logo depois de retornar da Turquia. Sua energia tinha chegado à altura da juventude dele e sua técnica e criatividade o tinham superado com facilidade então eles tinham acordado separar-se, sabendo que eram muito parecidos em seu temperamento para alguma vez vir a ser um casal estável.

- Não procuro o Peter. Fiquei de me encontrar com lady Caroline aqui.

Helene enrugou o sobrecenho.

- Acredito que ela está no quarto egípcio outra vez. - Observou Val com o olhar agudo – eu acreditava que seu casamento tinha te ajudado a te separar de lady Caroline.

Valentín sorriu.

- Está-me aconselhando, Helene? Não é próprio de ti. Na verdade estava surpreso. De todos os anos que a conhecia, ela nunca tinha feito comentários sobre os excessos sexuais dele ou de sua relação peculiar com Peter.

Ela não se inibiu ante o olhar dele.

- Eu não gosto de Caroline Ingham. Ela não te merece.

O sorriso de Valentín desapareceu.

- Sei. Por que acha que estou aqui?

- Espero que seja pelas razões corretas, meu amigo.

- E é assim, que outras razões seriam?

Ele beijou os dedos de Helene e se dirigiu apressado para a parte traseira da casa. Sabia com exatidão onde se encontrava o quarto egípcio porque tinha desfrutado de brincar lá em anos anteriores. Ao caminhar, imaginava Sara vestida de escrava egípcia e se imaginava estalando os dedos para ela. «*Ela viria ao chamá-la ou sacudiria a cabeça e partiria?*»

Seu débil sorriso desapareceu ao abrir a porta e em lugar de Sara encontrar Caroline. Estava recostada sobre uma mesa de pedra e o quarto estava decorado como um templo egípcio, com estátuas de mármore, palmeiras e um altar de sacrifício. O corpo nu de Caroline jazia descoberto ante seu olhar enquanto três homens vestidos de escravos massageavam sua pele com azeite e um quarto homem se encontrava ajoelhado entre suas coxas e movia a boca sobre sua vagina depilada.

Valentín se apoiou contra a porta e contemplou a cena erótica. Apesar dos gemidos e suspiros de Caroline, sua mente permanecia indiferente; seu pênis não se excitava. - Desejas que espere até que tenha terminado Caroline?

Sua fria pergunta fez que ela se sentasse, deslocando as mãos sobre seus seios e ao homem entre suas pernas.

- Valentín? Já está aqui? - mordeu o lábio inferior e passou lentamente os dedos sobre seus seios azeitados enquanto se voltava para ele - Quer me ajudar a me apressar?

Valentín olhou seu relógio antes de guardá-lo no bolso. - Talvez queira se despedir destes homens; não tenho muito tempo hoje.

Ela fazia beicinho enquanto os homens desapareciam e logo envolveu um lençol de seda ao redor de seus seios proeminentes.

- Por que deseja falar comigo?

Esperou ter sua atenção antes de tirar um fino estojo de jóias do bolso e mostrar-lhe

- Tenho certeza que sabe. Por isso me evitaste durante as últimas semanas.

Caroline arrebatou o estojo de sua mão estendida e o abriu. Gritou ante o colar de diamantes que continha. - Acredito que é habitual ao terminar uma relação oferecer a ex-amante uma pequena bagatela para suavizar o golpe. Espero que seja suficiente.

- Por que deseja terminar nossa relação? - Caroline parecia verdadeiramente confusa.

- Porque tenho uma esposa.

- Mas, por que deveria te deter? Todos sabem que ela se casou contigo pelo dinheiro. Sem dúvida não esperará que lhe seja fiel.

Valentín sorriu.

- Não sei. Tudo o que sei é que tento lhe ser fiel.

A expressão de incredulidade de Caroline adquiriu o duro brilho do aborrecimento.

- Isso é ridículo! És incapaz de ser fiel.

Valentín ficou de pé.

- Isso está por ver. - Fez-lhe uma reverência e se dirigiu para a porta - Desejo-te boa sorte, Caroline.

Ela lutou para ficar de pé, mas tropeçava com o lençol que pendurava.

- Não espere que te aceite de volta quando te cansares dessa puta de berço humilde!

- Confia em mim, não o farei.

Ele fechou a porta enquanto um frasco de azeite se precipitava para ele, seguido de um alarido de raiva. Seus chiados aumentavam de volume enquanto ele retornava pelo corredor. Esperava que os homens do quarto egípcio não interrompessem a birra de Caroline porque ela podia ser bastante destrutiva quando se propunha.

CAPITULO 12

Sara sorriu para Valentín enquanto lhe tirava a capa e o laçao a alcançava. O imenso vestibulo da casa do embaixador russo estava lotado de pessoas. Valentín usava uma jaqueta azul com abotoadura dupla e um colete cinza bordado e as fileiras de velas iluminavam-lhe o cabelo escuro recolhido para trás com uma estreita fita de cor púrpura.

Ele olhou para ela e levantou uma sobrancelha inquisitivamente. – Aconteceu alguma coisa?

- Não, só admirava sua jaqueta nova, é muito fina e combina com meu vestido.

Ele inclinou-se para tomar a mão dela, com um brilho lascivo em seus olhos violeta.

- É mesmo, não o tinha notado. Estava muito ocupado admirando seus seios e me perguntando quando poderia sugá-los.

Sara respirava fundo enquanto seus mamilos se esticavam sob o olhar fixo dele.

Ele sorriu.

- Olhe, acredito que neste momento eles desejam minha boca. Talvez não espere até chegar em casa.

- Valentín. - Sara levantou sua saia e caminhou para o salão de baile - Prometeu se comportar esta noite.

Ele atirou de seu braço e a separou da afluência de pessoas até que ficaram na penumbra do enorme oco da escada circular. Apanhou-a contra a parede revestida em carvalho. – Estou me comportando mal?

- Esperei este baile e agora em tudo o que posso pensar é em fazer amor contigo.

Valentín correu uma mecha do cabelo encaracolado dela atrás de sua orelha.

- E por que esse é um pensamento tão terrível?

- Porque às vezes parece que me consumirá e posso um dia despertar e descobrir que você partiu.

Ele tinha a expressão séria.

- Não tenho intenção de te deixar, querida. – ele deslizou a ponta do polegar entre os dentes dela – Quero te consumir, é uma questão diferente. Poderia jantar sem problemas o sabor de sua boca e de seu sexo durante o resto de minha vida. Isso te alarma?

Sara o olhava. Não tinha negado que desejasse possuí-la por completo. Deveria sentir medo pela força do desejo que ele sentia por ela? Às vezes era entristecedor saber que seu corpo o obedecia sem questionamentos. Tinha lutado com muita firmeza por evitar um casamento convencional e aborrecido e em troca se encontrava em um torvelinho de emoções que às vezes temia não poder controlar.

Sara respirava de maneira trêmula.

- Por que eu, Valentín? Comparada com todas as demais mulheres com as que te deitaste, sou muito inocente.

Ele beijou-a com suavidade na boca e se afastou.

- Mas a inocência em si mesmo é uma armadilha, não acha? O desejo de ser o primeiro homem que te ensine sobre sexo era impossível de resistir. - Ignorando aos

demais casais que passavam pelo corredor lotado, Valentín continuava observando seu rosto - Então, desejaria não me haver conhecido?

Ela tocou a bochecha dele.

- É obvio que não. - Tentava sorrir - É só que às vezes sinto que é tudo muito rápido e irreal. Há três meses eu só sabia seu nome e agora...

- E agora está casada e envergonhada porque desfruta do que fazemos juntos na cama.

Ela se aferrou ao braço dele e sentiu a firmeza da rigidez do músculo debaixo do tecido.

- Não, não estou envergonhada.

- Demonstra-o, me diga algo terrivelmente delicioso e pecaminoso que desejaria me fazer.

Ela mordeu o lábio inferior. Seria suficientemente ousada para dizer o que na verdade desejava?

O sorriso dele se alargou. - Tem medo, menina?

Sua provocação lhe deu o valor que lhe faltava.

- Você é incorrigível. Um dia me agradaria te amarrar na cama e fazer exatamente o que me agrada contigo.

O brilho de excitação nos olhos dele foi seguido por um sorriso insosso.

- Não acho que seja tão forte para me amarrar. - afastou-se um passo dela - Não estou seguro de querer te deixar.

Havia uma ameaça detrás de suas palavras despreocupadas.

Ela tinha esquecido os anos dele como escravo. - Sinto muito, Val...

Ele agarrou o queixo dela entre seus dedos.

- Nunca te desculpe comigo por compartilhar suas fantasias. Há coisas que poderia querer compartilhar contigo e que talvez você tampouco deseje satisfazer. - desta vez seu sorriso era perfeito e guardava distância dela - Essa é a razão pela qual se chamam fantasias, querida. Nunca devemos confundi-las com a realidade.

Colocou a mão enluvada dela sobre sua manga e voltou a levá-la pelo torvelinho de gente. Ela desejava gritar de frustração enquanto lhe sorria, o convidado perfeito para um baile de sociedade.

- Agora, vamos nos divertir.

- Lady Sokorvsky, posso tomar um momento de seu tempo?

Sara se separou do espelho e encontrou Lady Ingham perto dela.

- Parece que estamos destinadas a nos encontrarmos nos quartos de descanso. - O ligeiro comentário de Sara não recebeu um sorriso como resposta do rosto de sua companheira - No que posso ajudá-la?

Sara deixou que Caroline a levasse até o canto mais retirado da sala e se sentou junto a ela. Passaram alguns instantes enquanto sua companheira olhava suas mãos apertadas. Por fim, levantou o olhar para o rosto de Sara.

- Não sei bem como lhe dizer isto.

Sara esboçou um sorriso tenso.

- Só diga, acredito que frequentemente é a melhor maneira.

- Valentín veio para me ver hoje na Casa de Prazer da senhora Helene.

Sara tentava manter uma expressão de interesse enquanto aquilo lhe revolia o estômago.

- Acreditei que Valentín desejava romper nossa relação.

- Caroline apartou seu olhar de Sara – Ele deve ter lhe contado que fui sua amante durante anos. Desde que a conheci, eu tentei me apartar do caminho dele, em um intento de diminuir seu desejo por mim. – Suspirou - Parece não ter funcionado, disse-me que desejava continuar com nossa relação e que você estava cômoda dessa maneira.

Sara lutou contra o desejo de gritar seu desmentido. - E se assim fosse?

- Se assim fosse, só desejava lhe recordar que a decisão lhe deixa a alternativa de procurar seu próprio amante. Não desejará ser uma dessas mulheres que riem a suas costas. - Caroline se inclinou para frente e deu uma tapinha na mão de Sara - Foi bastante cruel quando Valentín e seus amigos fizeram uma lista de todas as características que um homem desejaria encontrar em uma esposa condescendente. - Seu olhar se voltou para Sara - E logo apareceu com você. Nunca acreditei que levaria a cabo seu plano e contrairia casamento com uma mulher que poderia não compreender como funcionam os casamentos da sociedade.

A expressão de Caroline se suavizou.

- Eu desejava ter certeza de que você compreendesse que se não lhe agradar Valentín e seu estilo de vida libidinoso, sempre há outros homens que poderiam ser mais de seu agrado.

Sara retirou sua mão e lutou contra o impulso de fechá-la em um punho.

- É muito amável de sua parte compartilhar suas preocupações. Assegurarei-me de dizer a Valentín.

Caroline sorriu.

- É muito valente de sua parte, minha querida. Às vezes é melhor chegar a um acordo nestas questões em lugar de esconder-se, não acha? – Ela tocou seu pescoço, onde um delicioso colar de diamantes brilhava sob a luz das velas - Valentín me presenteou com isso hoje. Possivelmente você poderia lhe exigir um pouco parecido se estiver de acordo em ser uma esposa complacente.

Lançou um sorriso conspirador para Sara e ficou de pé. Sara fez o mesmo, com a expressão serena, apesar da fúria de suas emoções. Seu regozijo a respeito da confissão anterior de Valentín desapareceu. Possivelmente tinha optado lhe dizer que desejava ficar com ela para sempre por alguma razão. Tentava uni-la a ele de maneira tão íntima para que não se queixasse quando se deitasse com outra mulher? De verdade ele pensava que ela seria uma esposa condescendente, ou lady Caroline só semeava discórdia?

Sara fechou o leque de repente e deixou que Peter a acompanhasse à sala de jantar. Valentín quase não se afastou de seu lado em toda a noite e a maioria dos convidados tinha sido extremamente atenta com ela. Tinham-lhe prometido convidá-la para os festejos mais exclusivos da alta sociedade e dava a impressão de que os intentos de Valentín para se mostrar com ela davam frutos.

Ele parecia não se precaver de humor e seu comportamento era tão encantador e depravado como sempre. Ela não se deu conta de que falava russo e francês com fluidez. Outra faceta refinada de sua personalidade que ela ainda tinha que explorar ou compreender. Se não fosse por suas preocupações sobre os negócios dele e os comentários mal intencionados de lady Caroline, poderia se divertir.

Peter a conduziu até uma mesa vazia em que se encontrava Valentín com Evangeline Pettifer.

-Ah, aqui está, Sara! - Gritou Evangeline - Justo perguntava a Valentín se você queria unir-se a nosso pequeno festejo, mas ele disse que estava te esperando. - Evangeline ignorou a ruga do sobrecenho de Valentín, tirou Sara do braço e a levou para o outro lado da sala. Sem poder fazer nada, Sara voltou o olhar para Valentín, que continuava com o sobrecenho enrugado.

- Você trouxe o convidado ao baile, Evangeline? - perguntou Sara enquanto Peter e Valentín seguiam seus passos.

- Sim, trouxemos. - Evangeline esticou o pescoço para ver ao redor de Sara - Embora não saiba aonde ele foi. Por sorte, parece que se sente bastante confortável entre todos estes estranhos. Pronto, ali está.

Sara soltou-lhe o braço. De repente, deu-se conta de que Valentín se deteve estático atrás dela e voltou-se. Em certo sentido, esperava vê-lo lhe fazendo frente a seu pai, mas, entretanto o homem que estava frente a ele era um completo estranho. Vestia uma jaqueta bege e um colete cor de nata bordado com rosas, um contraste perfeito para sua pele escura, olhos marrons e grandes maçãs do rosto. As mãos enluvadas de Valentín se fechavam em punhos enquanto o homem fazia uma reverência.

- Valentín, que surpresa encantadora!

Sara se aproximou com o olhar em Valentín. O rosto dele estava desprovido de expressão.

- Eu o conheço senhor?

A sonora risada do homem encheu o espaço entre eles. - Como poderia me esquecer? Uma vez estivemos tão... Unidos.

Peter se moveu para deter Valentín e inclinou a cabeça.

- Eu me lembro de você, Aliabad. O que não compreendo é como um homem de sua imagem conseguiu entrar neste baile.

- Oras Peter, ainda pode me chamar Yusef. - Seu olhar de pálpebras pesadas permanecia fixo em Valentín - Nunca houve muita formalidade entre nós. E, com respeito ao que faço aqui, integro o comitê da embaixada turca em Londres. - Levou um lenço de renda até seus lábios e deu vários toques - Emendei-me e prosperei nos últimos dez anos.

Sara estava suficientemente perto de Valentín para sentir que ele estremecia ao olhar Yusef. Ela tocou-lhe a mão e ele se afastou.

- Já não é de seu agrado comprar e maltratar escravos, então? - O comentário desdenhoso de Peter pareceu não perturbar a calma de Aliabad.

- Como disse, eu mudei. - Olhou fixamente a Valentín outra vez - Está seguro de que não se lembra de mim? - Ele se aproximou mais - Possivelmente se passássemos um tempo juntos suas lembranças podem voltar.

Valentín inclinou a cabeça, comportando-se como todo aristocrata.

- Duvido. Quase nunca me incomodo em voltar a visitar meu passado. Acredito que o futuro é muito mais gratificante. - Apoiou a mão de Sara sobre seu braço - Desejo-lhe boa noite.

A viagem de volta para casa não tinha nada do bom humor e a promessa de sexo habitual que Sara tinha chegado a esperar. Valentín não lhe dizia nenhuma palavra. Seu olhar estava fixo no céu noturno do outro lado da janela da carruagem e as palavras de lady Ingham sobre a opção de esposa de Valentín e sua decisão de ter um amante ressoavam em sua mente e a mantinham tão calada quanto ele. Como era possível que lhe perguntasse qual era o problema quando era possível que tivesse decidido contrair casamento com ela pelas razões mais cínicas?

Ela olhou seu perfil austero enquanto a carruagem parava. Possivelmente estaria mais disposto na cama. Ele deu-lhe a mão para descer da carruagem e a levou até o vestibulo e antes que ela pudesse falar, beijou-lhe a mão.

- Tenho trabalho a fazer. Não me espere acordada. - A frieza caía sobre ela enquanto ele se afastava e fechava com firmeza a porta do escritório.

Depois de um descanso intranquilo, Sara não suportou mais. Pegou o penhoar e, com a escova, tirou o cabelo despenteado dos olhos. Já se passava das três da manhã e ela pensou que Valentín poderia deixar as coisas como estavam, mas ela se dava conta de que não podia. Cada vez que fechava os olhos imaginava Valentín com lady Ingham, ou, pior, a expressão de repugnância em seu rosto quando viu pela primeira vez o intermediário turco.

Encontrou Valentín em seu escritório. Ele estava recostado no sofá estofado em couro, com uma perna flexionada. A jaqueta e o colete tinham sido tirados e atirados de maneira descuidada sobre o respaldo do banco, proporcionando uma mancha de cor sobre o pálido couro marrom. Havia uma garrafa meio vazia de brandy no piso junto a ele e de seus lábios se pendurava um charuto. Em uma mão sustentava um livro e na outra, seu pênis ereto.

Sara agarrou o lento deslizamento da mão dele sobre a carne dura, as pérolas de fluido se acumulavam na ponta. - O que é isso? - agachou-se no chão junto ao sofá.

Valentín não deixava de acariciar-se nem tirava os olhos do livro. - Um tratado fascinante sobre lendas sexuais dos deuses da Índia. - Apoiou o livro aberto sobre seu peito e amassou os restos do charuto no cinzeiro.

Sara se ajoelhou e endireitou o livro. A gravura mostrava quatro homens enredados com duas mulheres. As mulheres tinham múltiplos aros que perfuravam seus mamilos, narizes, orelhas e umbigos. Sara inclinou a cabeça em um esforço por compreender com exatidão o que via e logo se ruborizou.

- Vejo. Ambas as mulheres atendem aos quatro homens. Valentín apertou a base de seu pênis e bombeou de maneira enérgica até que seus dedos ficaram pegajosos pelo fluido. - Uma vez eu tentei; não me pareceu muito divertido. Sara fechou os dedos sobre os de Valentín e ele deixou de movê-los.

- Por que não vai para a cama e deixa que eu te toque? Não posso te satisfazer?

Ele sorriu sem humor enquanto voltava a abotoar as calças.

- Faço isto quase todas as noites. Não tinha se dado conta disso? Sempre gozo algumas vezes antes de ir para a cama contigo para poder atuar como um cavalheiro.

Sara lutou para controlar uma onda de mau humor. - Alguma vez te pedi que o fizesse? Acha que sou muito fraca para suportar suas verdadeiras paixões?

Valentín se sentou e tirou o livro de seu peito.

- Agrada-me o sexo, Sara. Agrada-me muito. Não espero que suporte minhas exigências excessivas.

O relógio do corredor dava o quarto de hora. O som fazia eco na casa silenciosa.

- Imagino que seu estado de embriaguez não tem tanto que ver com o que pensa de mim como amante, mas sim com sua reação para o homem que conhecemos esta noite.

Valentín se encolheu de ombros de forma inoportuna. - Que homem? Conhecemos muitos.

- O cavalheiro relacionado com a delegação turca. O senhor Yusef Aliabad. Conheceu-o quando foi escravo?

Valentín tirou as pernas do sofá.

- Não é de sua incumbência. - Agarrou um cacho do cabelo dela em seus dedos - E estávamos falando sobre meu desejo pelo sexo, não de fantasmas imaginários do passado.

- Atirou de seu cabelo - Se te incomoda me encontrar me masturbando, posso ir procurar uma amante.

Sara se separou dele de um puxão, com uma careta de dor porque seu cabelo estava preso nos dedos dele. - Acreditei que já tinha uma.

Valentín levantou uma sobrancelha.

- Outra vez, não é de sua maldita conta.

- É de minha conta se sua amante me oferecer conselhos. - Sara ficou de pé com dificuldade; por sua garganta subiam lágrimas acaloradas, mas ela se negava a deixá-las cair.

Ele tinha o descaramento de rir.

- O que te disse exatamente lady Ingham?

Então ele sabia a quem ela se referia.

- Contou-me sobre a lista que você e seus companheiros fizeram sobre a esposa de sociedade perfeita. É verdade?

- Houve uma lista, sim, mas...

Ela o interrompeu - Também me recomendou que superasse meus arrebatamentos de mau humor porque você continuava tendo uma amante e que desfrutasse da liberdade que me oferece.

Valentín se sentou ereto e levantou o livro fechando-o de repente.

- Imaginou que falava em meu nome?

- Não sou estúpida, Valentín. Sei que a maioria dos matrimônios de sociedade se leva a cabo por razões sociais ou uma posição na sociedade. Lady Ingham só assinalou que você não tinha intenção de trocar seu estilo de vida para me agradar.

- Mas eu não me casei contigo para obter uma vantagem social ou um benefício, não é verdade? - recordou-lhe em voz baixa.

Ela o observava através de uma neblina de lágrimas acumuladas.

- Não, casou-se comigo porque cruzei em seu caminho e tinha uma dívida com meu pai.

- E não é feliz com sua opção? Ofereci-te um título, o direito a entrar na alta sociedade e uma educação sexual que não tem igual. Não é suficiente para ti?

As unhas dela se fincavam na palma de suas mãos. - Tampouco me casei contigo por essas coisas, Valentín.

Ele passou a mão pelo cabelo despenteado. - Então sem dúvida te dá conta de que acreditar em algo que diga lady Ingham é uma perda de tempo.

- Possivelmente seja certo, mas ela assinalou que se te permitisse de bom grado suas pequenas aventuras, você me retribuiria o favor. - Que diabos se supõe que significa isso?

Sara desfrutou da breve satisfação de ver que o sorriso dele desaparecia e seu rosto se entristecia. Ele trocou de postura e ela retrocedeu, lhe fazendo sua melhor reverência.

- Vou para a cama como deve fazer uma boa esposa. Caso deseje me acompanhar, por favor, faça. De outro modo, que tenha boa noite com seus prazeres literários e lhe mande minhas lembranças a lady Ingham. Diga-lhe que decidi seguir seu conselho.

Ela precipitou-se para frente, agarrou o livro da mão dele e o jogou diretamente em sua cabeça desprotegida.

O orgulho a levou de volta para seu quarto. Só então deu passo às lágrimas que tinha escondido no catastrófico baile. Saltou para a cama e subiu as mantas de um puxão até seu queixo. Sobre ela, brilhavam os fios da crista bordada do cisne da família Sokorvsky sob a luz da vela. Sara supunha que devia estar agradecida de que lady Ingham se deu ao trabalho de desenganá-la da idéia de que Valentín a amava antes que chegasse a confessar seu amor por ele.

A idéia de ele e seus amigos fazerem uma lista das qualidades que se requeriam para ser uma esposa condescendente lhe provocava enjôos, que fosse evidente que ele acreditasse que ela reunia os requisitos a fazia sentir-se fisicamente doente. Na verdade ele acreditava que ela tinha contraído matrimônio com ele para obter um benefício social? Não compreendia que atraía cada um de seus desejos no profundo de seu ser? Ela supunha que ele se daria conta disso pelo comportamento libertino dela na cama, ou será que todas as mulheres respondiam a ele dessa maneira? Uma fibra de ciúmes floresceu em seu peito e ela envolveu os braços ao redor de seu corpo.

Seus sonhos românticos sobre ser única e especial para ele logo se esfumaçaram e se negava a alimentar falsas esperanças. Continuaria cumprindo com seu dever para ele e, finalmente, quando a dor de seu coração cessasse, também seria prática e possivelmente procuraria outro amante que a valorizasse.

Seu valor se quebrava só com a idéia, mas ela seguiu adiante. Era sua própria culpa, tinha-lhe rogado que ele se casasse com ela e ele devia ter acreditado que ela estava suficientemente desesperada para aceitar algo e obter um título. Uma lágrima deslizou por sua bochecha e caiu no travesseiro. Sua mãe sempre lhe dizia que fosse cuidadosa com o que desejava.

Nunca devia permitir que Valentín se desse conta de quanto a tinha machucado. Suas expectativas sobre o casamento sem dúvida não eram as mesmas, e como poderiam ser? Ele era um aristocrata e ela era a filha de um comerciante. Em seu mundo, esperavam-se o matrimônio e a fidelidade e se olhavam com maus olhos os devaneios públicos. Só porque Valentín a incentivava a ser ela mesma não significava que a amasse.

Retirou outra lágrima. Era provável que ele tivesse tentado lhe mostrar que ela podia ter uma vida profundamente gratificante além dele.

No mundo de Valentín, sempre havia outro baile ao qual assistir e outra oportunidade para esconder os sentimentos feridos em uma multidão. Sem dúvida, também sempre existia a oportunidade de encontrar um novo amante. Sara apagou a vela e deitou-se de lado. De fato, tinham-lhe prometido assistir a um baile junto com Evangeline e Peter dali a dois dias. Seria uma ocasião apropriada para ocultar seus verdadeiros sentimentos e talvez começar sua própria busca.

«Na verdade isso te agrada, Valentín. Toma meu pênis em sua boca e logo me rogará por ele. “Fique de joelhos e implore, implore como deve fazer um escravo”.

Valentín despertou com uma blasfêmia e se encontrou no chão. Tentou não ter náuseas. O sabor asqueroso de seu velho pesadelo perdurava em sua boca. Sangue, sexo e dor. Nunca esqueceria essa combinação única de aromas e sensações. O débil prazer e a antecipação na voz de Yusef Aliabad perto do ouvido de Valentín (muito perto, muito perto, maldição).

Dias intermináveis para permanecer excitado e estar pronto, de sentir-se desesperado para encontrar alívio, odiando sua falta de controle. Também temor e humilhação por não ter podido evitar que seu corpo reagisse e desejasse, inclusive quando sua mente gritava de horror. Ele tocou a cicatriz em relevo escondida na nuca debaixo de seu comprido cabelo. Uma série de iniciais, gravadas a fogo para sempre em sua carne.

Não tinha lhe importado prestar seus serviços às mulheres. Em geral, eram fáceis de agradar e lhe tinham ensinado muito sobre o prazer. Mas depois do primeiro homem tinha tentado fugir. Foi então quando a senhora Tezoli apresentou Yusef. Ela havia dito a Valentín que ele devia aprender uma dolorosa lição e que Yusef estaria mais que feliz de ensiná-lo.

Os dedos de Valentín se fecharam ao redor da garrafa que estava jogada e ele tomou um gole de brandy. Não tinha visto Yusef pessoalmente há doze longos anos, embora o bastardo frequentemente visitasse seus pesadelos. Durante os dois anos que lhe tinham obrigado a suportar que Yusef lhe tocasse, tinha estado perto de quebrar-se. Só a vigilância constante de Peter tinha salvado sua prudência e sua vida.

Valentín estremeceu. Em nome de Deus, como Yusef o tinha encontrado? E um pouco mais importante, para que? Depois do primeiro segundo de incredulidade, Valentín tinha lutado contra um instinto imperioso de estrangular o homem com suas próprias mãos.

Rogando outra praga ele sentou-se. Estava no escritório. Alguém tinha entrado, tinha reacendido o fogo e tinha ordenado alguns de seus excessos. Uma dor de cabeça de dimensões monstruosas pulsava atrás de suas têmporas e com cautela ele estendeu a mão e encontrou um pequeno calo em sua teta. Colocou a garrafa vazia de brandy com cuidado sobre a lareira azulejada. Era provável que o pessoal imaginasse que Sara e ele tinham tido sua primeira batalha conjugal e que ele tinha perdido.

Maldição! Sara tinha estado ali. Tinha-lhe jogado um livro e ele tinha estado muito ébrio para se esquivar.

Tirou o cabelo dos olhos. Quando ela o enfrentou, ele tinha começado a feri-la de maneira deliberada e sabia que tinha conseguido o que se propôs. O olhar nos olhos delas quando contou as fofocas de sua velha amante lhe tinham feito sentir mal.

Tinha tentado fazer que confiasse nela e, como de costume, ele respondeu com outro golpe. Ele grunhiu e o som ressoava em sua cabeça. Não deixava que ninguém insinuasse que o grande Valentín Sokorvsky tinha aberto seu coração a uma mulher e tinha exposto seus mais profundos temores. Entretanto, ela tinha se recuperado e se afastou dele, com o queixo no alto. Sua serenidade continuava assombrando-o.

Seu débil sorriso desapareceu. Deveria lhe contar que a ridícula lista que tinha confeccionado com seus companheiros tinha desaparecido de sua cabeça ao conhecê-la. Ainda mais importante, ela devia saber que Caroline já não era sua amante.

O relógio do vestíbulo trovejou nove vezes. Valentín ficou de pé cambaleando e procurou em vão a jaqueta. Voltou a atar seu lenço de pescoço e alisou o cabelo para trás. Era hora de fazer algo que teria sido impensado alguns meses atrás. Devia subir, ficar apresentável e desculpar-se com Sara.

Ela não estava em seu quarto e não o esperava na sala de café da manhã. Negando-se a sucumbir ante a ansiedade, Valentín chamou a sua criada.

- Milady saiu esta manhã cedo para tomar o café da manhã em um evento ao ar livre no Strawberry Hill, milorde.

- Obrigado Sally.

Valentín assentiu com a cabeça para que a mulher se retirasse. Parecia que Sara não o evitava depois de tudo. Quem podia culpá-la por assistir a suas obrigações sociais sem ele? Terminou o café da manhã e enrugou o sobrelenço para a cadeira vazia. De repente, sentiu-se incômodo no silêncio. Maldição! Ainda estava intranquilo. Não era próprio de Sara retroceder ante um desafio. Tinha esperado encontrá-la no café da manhã agitando bandeiras e com o mosquete preparado para continuar com a batalha.

Ele ficou de pé com a intenção de por sua roupa de montar e segui-la, mas antes de chegar a seu quarto, duvidou nas escadas. Tinha marcado uma reunião com Peter e seu banqueiro sobre a perda constante de ganhos de seu negócio, uma reunião que não podia esperar. O furto e a falta de honradez tinham a facilidade de sair de controle a menos que os erradicasse com eficiência implacável.

Depois de trocar de roupas, ele retornou ao vestíbulo e pegou o chapéu e o casaco de montar das mãos de seu mordomo e então foi para o carro de viagem, agarrou as rédeas e de maneira intencionada deu as costas ao caminho de Sara. Maldição! Estaria em casa para o jantar e então se desculparia.

CAPITULO 13

Valentín franziu o sobrecenho para seu mordomo. - O que querem dizer com «Sua Senhoria partiu e supunha que me informariam quando chegasse!

- Sinto muito, milorde, mas era minha tarde livre. - Bryson fez uma reverência com o rosto impenetrável - Não soube que Sua Senhoria tinha retornado para casa até que a vi voltar a partir.

Valentín deu meia volta e voltou a dirigir-se escada acima. Entrou no quarto de Sara e encontrou sua criada colocando ordem em tudo que estava jogado. Ele pegou as meias de seda que estavam sobre uma cadeira. Um toque de rosas enfraquecia o ar e lhe recordava a pele lisa de Sara.

- Aonde se dirigia a senhora esta noite?

Sally quase jogou a pilha de objetos que levava para fazer uma torpe reverencia.

- Acredito que milady ia a um baile em Vauxhall Gardens com um grupo de amigos. - Fez-lhe outra reverência - Senhor.

Ele se dirigiu ao quarto de vestir. Sara tinha evitado estar a sós com ele durante os últimos dois dias e ele tinha ordenado que ela estivesse presente durante o jantar dessa noite e o que parecia era que o desafiava. Então ela pensava que divertir-se com amigos era mais importante que jantar com ele? Enrugou o cenho para seu reflexo no espelho. Estava como um marido ciumento: uma sensação nova para um libertino como ele. Sara tinha todo o direito de passar a noite com quem quisesse.

Jogou a meia ao chão. Maldição!

Nos breves momentos em que lhe tinha concedido durante os últimos dois dias, ela tinha atuado como a esposa perfeita. Seu sorriso era sereno e cortês, mas sua expressão distante era o suficiente para fazê-lo chiar os dentes. Supunha-se que ele era o perito em manter as pessoas à distância, não ela. Já teria renunciado a ele? Estava preparada para cedê-lo à Caroline sem lutar? De algum jeito a idéia o enfurecia.

Ele procurou no armário até que encontrou um velho traje dominó de seda negra e uma máscara que combinava. Assistiria ao baile de máscaras e a surpreenderia. Possivelmente lhe resultaria mais fácil atrair sua atenção em um baile público que em sua própria casa. Ao voltar a entrar em seu quarto, um brilho de cor sobre o travesseiro chamou sua atenção e ele caminhou até a cama e tomou o Livro Vermelho que Sara tinha deixado ali para ele.

Com rapidez ele folheou as páginas até que encontrou sua última anotação.

“No baile de máscaras, serei anônima. Se encontrar um homem que deseje satisfazer algum prazer ilícito, talvez eu deva lhe permitir as licenças que meu marido acha tão irresistíveis em outras. Talvez comece a compreender a atração do profano e jogar o jogo eu mesma. Sob o manto da escuridão ou no meio da multidão, conhecerá-me e me buscará meu amante ou outro encontrará o desejo de seu coração?”

Valentín voltou a ler as palavras umas três vezes. Um tremor de aborrecimento possessivo o sacudiu. Ele tinha desejado um desafio e aqui estava. Sara pedia a ele que

fosse ao seu encontro ou ofereceria a outro? As licenças às que ela fazia referência eram aquelas que ela tinha entregue a ele como marido ou aquelas que acreditava que ele procurava em outras mulheres? Seu pênis se endureceu adiantado. Seja o que fosse que significassem suas palavras críticas, ele a encontraria e lhe demonstraria exatamente por que era o único homem que tinha a chave do desejo de seu coração.

Sara observava a pista de baile lotada através da estreita abertura de sua máscara prateada. Vauxhall Gardens se encontrava repleto, quase até explodir na cálida neblina inesperada da noite de outono. Os faróis coloridos iluminavam a aqueles que dançavam e projetavam sombra sobre os ocupantes dos quartos de descanso mais isolados. No ar havia um intenso aroma de vinho e parecia que o anonimato de uma máscara incentivava às pessoas a rebaixar seus valores e a comportar-se de uma maneira mais inaceitável. Voltou a olhar Peter e Evangeline que estavam sentados em um quarto de descanso terminando o jantar. A ponta de seu pé repicava ao ritmo da música.

- Dama misteriosa, gostaria de dançar?

Um homem alto, com um traje azul e uma máscara negra, fazia-lhe uma reverência. Por um momento, um tremor de alarme se disparou nela, lhe recordava a Valentín. Pensar em seu irritante marido foi suficiente para endireitar as costas e deixar de perguntar-se se lhe importaria o suficiente para vir a seu encontro.

- Eu adoraria.

Ele a levou para a pista, sustentando-a com firmeza pela cintura. Sua boca carnuda desenhava um delicado sorriso.

- Atrevo-me a lhe dizer que está encantadora com essa fantasia.

Sara baixou o olhar para seu espartilho com contas e as finas peças de múltiplas capas de seda de suas calças de harém. Evangeline lhe tinha dado a fantasia.

- Obrigada. Duvido que seja uma representação exata do que aquelas damas usam na realidade, mas tinha que manter um grau de dignidade.

O cavalheiro riu, deixando a descoberto seus dentes brancos.

- Acredito que tem razão, senhora. Embora digam que a qualquer homem que se atreva a entrar no harém do sultão o assassinam. Por isso, quem pode verdadeiramente dizer se sua fantasia é correta ou não?

Ela se concentrava em seus passos enquanto seu companheiro a aproximava mais para a pista lotada. Quando a música terminou, ele lhe fez uma reverência.

- Deseja algum refresco, senhora?

Sara olhou para seu grupo, mas o tinha perdido de vista no tumulto. Então se recordou que procurava uma aventura e colocou a mão sobre o braço dele.

- Eu adoraria.

Sara esperou em uma das barracas da parte de baixo que dava para a pista de baile enquanto seu companheiro procurava os refrescos. A sutil posição elevada da barraca lhe permitia ver por cima da multidão que se empurrava. Um baile de máscaras parecia atrair a todos os níveis da sociedade. Ao transcorrer a noite, voltava-se mais dificultoso distinguir entre o comportamento dos níveis mais altos e os mais baixos. Observou a fileira de barracas na frente dela. Tinha a estranha sensação de que a observavam.

Uma sensação de mal-estar deslizava em seu ventre. Tinha permitido que sua natureza impulsiva a desencaminhasse? Como uma mulher casada, possivelmente tinha

sido melhor enfrentar Valentín e acabar com o problema antes de decidir de maneira imprudente embarcar-se na busca de um amante.

Por outro lado, não era precisamente reconhecida por sua paciência, não? Se não tivesse casado com Valentín com tanta rapidez, nem sequer estaria ali.

- Seu refresco.

Sara se voltou de um sobressalto quando seu companheiro mascarado retornou e tomou a taça que lhe oferecia.

- Parece um pouco ansiosa, senhora.

Sua voz de classe alta a fez se sentir ridícula por sua repentina inquietação.

- Na verdade, amável senhor, nunca antes tinha estado em um baile de máscaras. Sinto-me um pouco aflita.

- É interessante o diferente que se comportam as pessoas quando acreditam que estão incógnitas não é verdade? - Apoiou a taça e se sentou junto a ela. Ela ficou tensa quando ele tomou-lhe a mão - Por exemplo, nunca me atreveria a tocá-la desta maneira se nos tivéssemos conhecido sob circunstâncias mais formais.

Sara permitiu que ele sustentasse sua mão enluvada e esperou para ver se seu corpo respondia de maneira instantânea para ele como o fazia com Valentín. O rosto dele se aproximou e seus lábios tocaram os seus em uma casta saudação. Sara fechou os olhos. Não sentia nada. Seria muito mais fácil se só fosse uma mulher apaixonada que se excitasse com qualquer homem. Como ia vencer Valentín se ninguém se igualava a ele?

- Senhor, senhor? - Uma voz persistente atrás de Sara fez com que abrisse os olhos.

- O que aconteceu, moço? - Pela primeira vez, havia um tom de irritação na voz de seu companheiro.

- Tenho uma nota para o senhor. Diz que é urgente. Algo sobre sua irmã.

- Não tenho irmã. Tem certeza de que é para mim?

Sara suspirou de alívio enquanto seu suposto pretendente saltava por cima da parede da barraca e seguia o moço em meio da multidão. Possivelmente não estava de tudo preparada para desfrutar de uma aventura como tinha acreditado.

Uma mão apertou com força sua boca. - Não grite.

Em sua angústia, Sara tentou mordê-la. Seu captor blasfemou em uma língua estrangeira antes de girá-la para que o olhasse. Seu rosto estava coberto pela metade com uma máscara de seda negra, mas Sara não teve dificuldade em reconhecer a deliciosa boca de Valentín nem o brilho de seus olhos violeta através das fendas da máscara. Lutou contra o desejo de lançar-se a seu peito e uma sensação persistente de indignação lhe recordava por que tinha ido ao baile sem ele.

Ele retirou a mão de sua boca e baixou o olhar. Sara lhe dedicou seu sorriso mais radiante.

- Valentín, que surpresa tão encantadora! Vieste com lady Ingham?

A boca dele se esticou. - É obvio que não.

- Ah, então vieste conhecer outra mulher.

- Supus que poderia dizer isso. - Um débil sorriso vibrava no rosto de Valentín.

Sara ignorou a queixa traiçoeira de seu estômago. - Bom, deveria ir caso meu pretendente retorne, não será agradável se tiver que lhe apresentar a meu marido.

Valentín se afastou dela e correu as cortinas de frente da barraca com um forte ruído, isolando-os da multidão. – Ele não retornará.

- O que fizeste?

- Nada do que deva me envergonhar. O que você diz? - Avançou para ela, com passo decidido.

Ela resistiu a um impulso de retroceder.

- Estava passando uma noite encantadora até que voe chegou.

- Sério? - Valentín se elevou por cima dela - Então possivelmente necessite que te recorde que é minha esposa.

Sara levantou o queixo.

- Acreditei que tínhamos acordado que não me queixaria de suas amantes. Por que deveria preocupar-se dos meus?

- Eu não acordei nada. Você é minha esposa, não necessita de nenhum outro amante.

A arrogância dele acendeu a ira instantânea dela.

- Já ocorreu a você que o sexo me agrada e agrada muito e que talvez não seja capaz de me dar o suficiente?

Ele tirou a mão e agarrou o braço dela. - Não cite minhas próprias palavras.

Sara se soltou. Pela firmeza da boca dele, dava-se conta de que tinha conseguido superar sua habitual reserva sorridente. Ela era o suficientemente valente para provocá-lo ainda mais? Uma sensação de antecipação sexual se desdobrava dentro dela.

- Se tiver que te compartilhar com outras mulheres, deve-me a mesma cortesia.

Ele riu sem humor.

- Eu não compartilho. - Enrolou o braço em sua cintura e a aproximou. Sua boca descendeu e tomou posse da dela com uma intensidade brutal. Sara o beijou, mordendo seu lábio, cravando as unhas na suave pele de sua nuca e ele se afastou olhando fixamente.

- Caroline Ingham não é mais minha amante.

- Verdade? Encontrei a alguém mais?

Ele a segurou com mais força.

- Não necessito de ninguém mais, tenho a ti.

- Mas você disse que era incapaz de satisfazer seus desejos. - Apesar de seus melhores esforços, sua voz tremia – Tem dito que eu não sou o suficientemente boa.

- Sara, eu estava ébrio e disse uma quantidade de coisas incrivelmente estúpidas e desconsideradas, mas nunca disse que não você não era o suficientemente boa.

Ela o olhava com fúria. – Foi o que deu a entender.

- Então sou um imbecil. – Ele roçou o polegar pelo lábio inferior - Talvez possamos chegar a um acordo.

Sara olhava seu lábio inferior inchado e desejava voltar a mordê-lo, para provar seu sangue e obrigá-lo a reagir. Os dedos dele subiram da cintura para acariciar a parte inferior do espartilho bordado dela.

- Se está decidida a continuar com esta questão, eu a ensinarei exatamente do que necessito de uma amante e poderá decidir se deseja ser essa mulher ou não.

- E se eu disser que foste muito longe? Seus dedos se esticaram sobre seu peito.

- Então me dirá que deseja ir para casa e eu a levarei, mas perderá o direito de se queixar se eu tiver uma amante.

- E você perderá seu direito de se queixar se eu também tiver um amante.

Os lábios de Valentín se curvaram. - De acordo.

Sara tirou de um puxão sua cabeça para lhe dar outro beijo ardente. Seu corpo já estava excitado devido a sua pícara sugestão de passar uma noite de paixão sexual desenfreada. Os dedos dele deslizaram dentro do espartilho e puxaram o aro de seu mamilo enquanto sua outra mão se estendia sobre suas nádegas. Estava excitado. Seu pênis irradiava calor contra a fina seda de suas calças de harém.

Sara gemeu quando ele arqueou as costas dela sobre seu braço e tomou seu mamilo na boca. Envolta na paixão das mãos habilidosas e da boca de Valentín, ela esqueceu-se da multidão que havia fora da barraca e do homem que de maneira momentânea tinha despertado seu interesse.

-Ah! É você, Val. - Nem sequer o som de alívio da voz de Peter envergonhou Sara. Valentín a colocou diante dele; suas mãos ainda tocavam seu mamilo exposto. Peter lambeu o lábio e seus olhos estavam nos seios de Sara - Me desculpe, estava preocupado por Sara e não sabia que ela estava contigo.

- Está bem que tentasse encontrá-la, Peter - disse Valentín - mas ela está bastante segura.

- Posso vê-lo. - Peter piscou o olho para Sara - Quer que me assegure de que não lhes incomodem?

- Seria muito amável de sua parte, Sara e eu temos algo que discutir antes de continuar com a diversão da noite.

Peter fechou a porta e os deixou sozinhos enquanto ela sorria com desconfiança para Valentín.

- O que é exatamente o que deseja discutir?

Valentín se apoiou contra a porta, com os braços cruzados.

- Me diga por que se vestiu como uma escrava turca.

- A fantasia é um presente. - Sara cruzou as mãos em atitude protetora sobre seu espartilho com pedraria.

- De quem?

- De Evangeline Pettifer, por quê?

Valentín se endireitou.

- Você não acha estranho que ela te desse uma fantasia que poderia me trazer lembranças desagradáveis?

Sara mordeu o lábio e passou seus dedos pelas calças de seda.

- Isso te ofende?

Ele a rodeou com a expressão pensativa.

- É provável que essa fosse a intenção, mas sou o suficientemente amadurecido para ignorar o desprezo. - Não acreditei...

Valentín subiu sua mão.

- Muito me agradaria saber o que pensava quando permitiu que aquele homem te beijasse.

Os dedos de Sara se curvaram ao fechar os punhos. Olhava de maneira insolente a Valentín.

- Queria saber se ele me fazia sentir como você.

Ele se aproximou mais até que a seda negra de seu traje dominó roçasse o braço nu dela. Apesar da aproximação, sua voz apenas se ouvia.

- E?

- E o que?

Ela estremeceu quando ele tomou sua mandíbula com seus fortes dedos.

- Se excitou? Pensou em abrir mais que a boca para ele? Ali estava outra vez. Uma rajada de perigo e profunda paixão debaixo de seu sorriso insosso.

- Sou sua esposa.

Valentín sorriu.

- Alegra-me que se lembre disso porque como seu marido eu tenho o direito de... castigá-la quando se comportares mal. – ele sentou-se em uma cadeira no centro do quarto e tomou a mão de Sara – Você disse que eu podia tratá-la como me agrada esta noite?

Sara mal teve tempo de assentir com a cabeça antes que ele a puxasse pelo pulso e lhe desse a volta sobre seu colo. O rosto dela se acalorava enquanto olhava o chão e ficou tensa quando o ar frio subiu pela parte traseira de suas pernas. Apesar de seus esforços para escapar, Valentín a mantinha imóvel, com um braço preso com firmeza em sua cintura e a pressionava contra seu colo.

- Desejei fazer isto no primeiro dia em que te vi. Ele dobrou suas saias e acariciou suas nádegas nuas com sua mão sem luva. Ela estremeceu quando a mão dele lhe deu uma forte palmada. Açoitou sua outra nádega e logo retornou à primeira, alternando os golpes e o lugar em que caíam até que a pele dela se acendeu pelo calor. Ela teve que morder o lábio para evitar gritar enquanto a sensação de ardência crescia.

- Por favor, Valentín...

Ele parou e em vez de liberá-la, sua mão deslizou entre suas nádegas e acariciou seu sexo. O calor a absorveu quando ele deslizou dois dedos largos em seu interior. Ela gritou quando a palma da outra mão dele se uniu a suas nádegas doloridas, pressionando-a contra seus dedos cerrados e aumentando seu prazer culpado.

Cada açoite que se somava à tortura a levava mais profundamente dentro de um torvelinho de sentimentos no que já não podia distinguir entre prazer e dor. Sua vagina se apertava ao redor de seus dedos enquanto ela lutava para gozar.

Ele retirou a mão e Sara tentou com desespero escapar dele.

- Fica quieta Sara quanto mais lutar comigo, mais demorará.

Com o rosto avermelhado, Sara baixou o olhar para o tapete puído. Se alguém olhasse para dentro, a veria muito ridícula, deitada sobre o joelho de seu marido, com as nádegas vermelhas e ao alcance do olhar de qualquer homem. Deus, ela desejava gozar.

Valentín acariciava sua delicada carne. Sua mão era fria contra a pele quente e dolorida dela.

- Não beije outros homens. Não me agrada.

- Só se deixar de beijar a outras mulheres.

Ela mordeu o lábio quando a mão de lhe deu um golpe na nádega, levando seu prazer anterior ao desconhecido. Para distrair-se da intensidade de suas emoções, ela contou seis palmadas mais até que os dedos dele voltaram a tocar seu sexo. Um dedo tocava seu clitóris, outro penetrava sua vagina, enquanto o polegar lhe pressionava o ânus.

Manteve-a dessa maneira, em equilíbrio sobre sua mão, imóvel. Seus mamilos desejavam que os sugasse enquanto seu útero vibrava para que o enchessem. Ele não compreendia que ela necessitava que se movesse?

É obvio que sim.

- Tem algo para me dizer?

Sara fechou os olhos.

- Que desejas que te diga? – ela gemeu enquanto ele retirava as mãos, deixando-a estendida sobre seu colo como uma manta frouxa.

- Então não sabe, talvez devêssemos continuar com o castigo. – ele passou um dedo entre suas nádegas - Agrada-me te ver assim, estendida ante meu prazer. – Ele a sentou de volta sobre suas costas. Ela deu um grito entrecortado quando suas nádegas doloridas tocaram as coxas firmes dele. Baixou seu exíguo espartilho e sua boca desceu até seu mamilo e sugou com força.

Antes que ela pudesse reagir, ele voltou a girá-la sobre seu estômago e baixou a mão, voltando a esquentar sua pele excitada e acumulando calor na vagina. Ela desejava gozar.

- Valentín, eu lamento.

Outra palmada.

- O que lamenta?

- Ter deixado que outro homem me beijasse. - Outra palmada – Você é o único homem que desejo que me beije.

Ela ficou tensa, esperou o próximo golpe, mas não houve nada. Seu corpo tremia enquanto esperava algum sinal de que ele tivesse entendido. Os dentes dele morderam sua nádega direita e ela gritou.

- Bom.

Ele a afastou de seu colo e ela o olhou. Temia falar no acaso de ele mudar de opinião e voltar a colocá-la sobre seus joelhos. - É hora de irmos. – ele estendeu a mão com uma sobrançelha levantada de maneira desafiante.

Sara tomou sua mão. Embora seu corpo rugisse pela insatisfação, sua mente tinha muito temor para tentar ocupar-se disso. Alisou seu vestido e permitiu que a envolvesse com sua capa.

Ele a levou diretamente pelos jardins até a carruagem que aguardava. De certo modo, Sara esperava que Peter expressasse a Evangeline suas desculpas. Ela estremeceu quando suas nádegas tomaram contato com o assento de couro e se perguntava se Valentín o tinha notado.

Ele sentou-se de frente a ela e seu polegar direito se movia de maneira rítmica sobre o enorme vulto em suas calças brancas enquanto olhava com firmeza os seios dela. Sara apertou as pernas e esperou que o vaivém da carruagem a levasse a liberação.

- Não goze.

Sara olhou com fúria para Valentín que lhe sorriu de maneira preguiçosa.

- Esse privilégio é meu esta noite, lembra? - Aceitou te pôr em minhas mãos.

Sara acreditava que ele não necessitaria de toda sua mão para ajudá-la a chegar ao clímax, era provável que um só dedo fosse suficiente. Depois de um momento, a carruagem parou na porta de uma discreta casa Branca de estuque de uma das vizinhanças mais novas próximas a Mayfair. Valentín tirou a máscara.

- Está preparada para a aventura? Esta é a Casa de Prazer da senhora Helene, onde qualquer fantasia pode converter-se em realidade.

Sara aceitou que a ajudasse a descer da carruagem enquanto observava o grande edifício. Se este era o lugar que tinha mencionado Caroline Ingham, Sara se surpreendia, esperava algo mais sórdido e ruidoso.

O interior da casa estava mobiliado com tanto luxo como o da sua. As paredes estavam adornadas com seda escarlate e cobertas de quadros que retratavam todo tipo de atividade sexual. Quem quer que fosse a senhora, era evidente que tinha recursos inesgotáveis e amigos influentes para administrar um estabelecimento em tão grande escala.

Ao final da larga escada, havia um grande salão com algumas pessoas. A maioria das mulheres levava máscaras como a dela. Em um canto havia uma cantina e criados que serviam bebidas. Em outra área havia uma multidão de almofadas de seda no chão onde as pessoas podiam sentar-se ou recostar-se com seus pares.

Sara não podia tirar a vista de um casal de acrobatas no centro da sala que só vestiam uma pintura dourada e nada mais. Cada postura de balé terminava com um casal em uma posição sexual diferente. Sara tragou com força enquanto a pequena mulher fazia um arabesco perfeito mesmo com o homem a penetrando com seu pênis.

- São bons, não é verdade?

A voz de Valentín quase assustou Sara, estava muito absorta no quadro vivo erótico exposto diante dela. - É aqui aonde vem se divertir, Valentín? - Estava orgulhosa de sua voz calma.

- Estava acostumado a vir aqui com muita frequência. - Sorriu para ela - Desde que te conheci, observei mais do que participei. - Entrou mais no salão.

- Não compreendo. A gente pode se unir? Valentín saudou com a cabeça à pequena dama loira do outro lado da sala.

- Se o desejarem podem fazê-la. Por uma enorme tarifa anual, é obvio. - Levou-a para um corredor comprido que os afastava do salão. Havia portas pintadas de branco a ambos os lados que pareciam continuar sem fim. A casa se estendia até o vizinho detrás? Parecia provável.

Sara se deteve para ler a pequena placa da porta mais próxima e voltou-se para ele.

- O que significa «Pequenas Senhoritas»?

- Por que não entramos para ver?

Sara quase deu um tropeção quando Valentín abriu a porta e ela entrou na escuridão. A seus olhos levou um momento acostumar-se à iluminação tênue. Havia cinco fileiras de cadeiras, com diferentes pessoas que olhavam para um cenário que parecia representar a entrada de uma mansão de Londres.

Enquanto ela observava, duas moças entraram saltando da esquerda do cenário para um lacaio bonito que estava firme do lado de fora da porta. Ao passar diante do lacaio, a moça mais alta roçou a frente de suas calças com os dedos e a segunda moça repetiu a ação, Sara pôde ver que a ereção dele crescia enquanto continuava de pé no lugar, como se nada lhe tivesse acontecido.

Valentín se sentou a seu lado e Sara lhe sussurrou no ouvido: - Não são meninas. A mulher loira dever ter a minha idade.

- Shhh... - Valentín beliscou o lóbulo de sua orelha – Lembre-se, este lugar é para as fantasias.

Depois de um momento, as moças voltaram a aparecer. Desta vez, a loira e mais baixa, ficou nas pontas dos pés e beijou ao lacaio na boca. A moça morena cavou sua mão na virilha dele e pressionou a palma de sua mão contra seu pênis. Quando as moças retrocederam, o lacaio continuava olhando fixamente para frente. Só a prova visível de sua excitação fazia que se visse diferente a qualquer outro lacaio de guarda com o que Sara se topou alguma vez.

- Não é precisamente justo para o pobre homem.

- Não se esqueça, ele escolheu este papel também. - Sara tremeu quando Valentín afundou seu dedo em seu espartilho decotado e brincou com seu mamilo.

Na terceira passada, a moça de cabelo escuro beijava o lacaio enquanto a loira desabotoava suas calças, cobria o pênis do lacaio com um lenço e deslizava sua mão por dentro. Sara entrava em calor ao observar a moça agradar ao lacaio através do delicado lenço de renda. As mãos dele se fecharam em punhos aos lados quando ela bombeou com força e ele gozou sem um som.

A moça morena tomou o lenço empapado e o pressionou contra seus lábios enquanto a loira abotoava as calças do lacaio.

- Isso é tudo? - sussurrou Sara enquanto as moças voltavam a desaparecer. Ela olhou ao redor do quarto. Por que ninguém foi embora?

Valentín tomou a mão dela e a apoiou sobre sua virilha. - Depende.

- Do que?

- De quem é na verdade esta fantasia.

Sara acariciava com delicadeza seu pênis enquanto as moças apareciam outra vez. Valentín apertou seu mamilo mais forte, voltando a despertar o calor que tinha acendido antes.

Quando as moças se detiveram e riram junto ao lacaio, ele se moveu de seu posto e sujeitou a ambas as mulheres contra a parede. Nenhuma delas fez um intento por resistir. Sara logo mal pôde respirar quando ele levantou a mulher pequena e a penetrou. Mesmo enquanto empurrava dentro dela, sua outra mão desaparecia no espartilho da moça de cabelo escuro.

Em dez golpes enérgicos, a loira gozou. O lacaio a liberou, levantou a outra mulher e também lhe deu prazer. Sara agarrou com mais força o pênis de Valentín e ele se moveu no assento.

- Com cuidado, amor. Poderá necessitá-lo mais tarde.

O lacaio aproximou as mulheres para ele e por fim gozou. Seu pênis se cravava entre os quadris delas enquanto acariciava com o nariz os seios de uma das mulheres e

tocava os da outra. Antes que Sara protestasse, Valentín apertou seu braço e voltou a levá-la para o corredor. Ela se apoiou contra a parede e o observou.

- Por que alguém desejaria viver essa fantasia?

Ele sorriu.

- É habitual entre as jovens que se criaram nas grandes casas em que os lacaios são escolhidos por seu atrativo. Imagino que a maioria das mulheres que participa libera uma fantasia atrevida que nunca teriam podido levar a cabo como jovens solteiras.

- E o homem?

- Pode ser que seja um verdadeiro criado daqui ou um cavalheiro que tem curiosidade para saber como seria que as jovens da casa o considerassem um branco ideal.

Sara o olhava fixamente enquanto Valentín baixava a vista para seus seios. Ele inalou e suas narinas se alargaram.

- Apesar de suas palavras, acredito que desfrutaste. Posso cheirar sua excitação. Se te tocasse agora, meus dedos ficariam úmidos.

- Então, me toque.

- Ainda não.

Com frustração Sara se aproximou um passo, seus seios roçaram o colete dele e seus quadris rodeavam sua ereção. Com delicadeza, ele apertou suas nádegas sensíveis.

- Acredito que há um quarto mais, antes que eu pense em te tocar. - Fez um gesto para o corredor - Há um período de tempo em particular ou situação que você queira? Uma advertência: quanto mais avance pelo corredor, mais fortes são as fantasias.

Sara se afastou dele. Ao caminhar lia os letreiros de cada uma das salas. Então se deteve diante da quinta porta. -«Ritual Romano», soa interessante. Podemos entrar aqui?

Desta vez abriu a porta ela mesma e antecipou-se à escuridão do quarto anterior, mas, em troca, encontrou uma infinidade de abajures. Havia uma série de longas cadeiras dispostas em um círculo ao redor de uma fonte e uma música suave flutuava no ar perfumado, tocada por um só músico em um palco que havia em cima de sua cabeça.

Homens e mulheres ocupavam os divãs para banquetes. Todos levavam coroas e variantes de vestidos romanos e alguns estavam vestidos como escravos. Ninguém se deu conta da chegada dela. Valentín tocou o braço de Sara e fez um gesto para uma porta afastada.

- Se deseja ficar, devemos nos trocar.

Sara o seguiu ao vestuário revestido de espelhos. Uma mulher a ajudou a colocar uma suave toga branca de fino linho e uma coroa de ervas com perfume doce e flores. Valentín luzia uma curta toga branca. Ele a conduziu por volta de um dos divãs acolchoados e se recostou com um só movimento fluido, apoiando a cabeça sobre uma mão.

Ela decidiu se sentar nos almofadões do chão junto a ele. Um escravo lhes trouxe taças de vinho tinto espesso da fonte e bandejas de uvas, queijo de cabra brando e pão. Sara relaxou para trás contra o divã enquanto Valentín passava a mão sobre seu cabelo.

- Isto a agrada mais? - murmurou ele enquanto seus dedos acariciavam o pescoço e desciam para os seios dela. - Parece muito civilizado.

A suave risada dele entre dentes moveu os finos cabelos de sua nuca.

- Então te agrada. Mas não é sempre tudo tão simples aqui.

Sara levantou o olhar quando uma mulher vestida de escrava ofereceu a Valentín mais vinho. Quando ele elevou a taça, a mulher apoiou de propósito seu peito nu contra sua pele. Sara olhou com fúria à mulher enquanto Valentín não fazia nada para evitar o contato.

- Ah - Disse ele - aqui vem a sobremesa.

Um rufo de tambores atraiu a atenção de Sara para o centro da sala, onde quatro homens que não tinham posto nada mais que tanga depositaram uma grande fonte sobre a extensa mesa e tiraram a tampa para deixar a descoberto uma mulher nua. Sara não podia evitar olhar. A pele da mulher estava maquiada com pó dourado e seus mamilos estavam pintados de prateado, como seus lábios.

O flautista começou uma nova canção e a mulher começou a mover-se. Seu movimento lembrava a Sara como a uma serpente enquanto se levantava sobre seus joelhos e balançava os quadris ao ritmo do sensual golpe do tambor. Mesmo dançando, ela desceu da mesa deslizando-se e se ajoelhou diante do primeiro divã, onde estava recostado um homem calvo.

Enquanto o volume da música se incrementava, ela cavou a mão em seu peito e o ofereceu ao homem. Com o mesmo fôlego de seus outros companheiros, o homem tomou o mamilo dentro de sua boca e sugou com força. Um dos portadores da bandeja apareceu atrás da mulher e esfregou seu pênis contra suas nádegas antes de penetrá-la por trás.

Sara levantou o olhar para Valentín. Sua atenção permanecia nela em lugar de estar na complicada cópula que levavam a cabo diante deles, seu sorriso se ampliou quando duas pessoas mais se uniram ao apanhado de corpos que estavam no chão. A mulher ruiva do divã ao lado deles se arrastou para outro dos portadores da bandeja e deslizou a boca em seu pênis.

Para Sara estava difícil distinguir que corpo excitado pertencia a que pessoa. Um homem tinha a cabeça afundada entre as pernas de uma mulher enquanto que outra sugava seu pênis; seus dedos estavam muito ocupados friccionando a vagina de uma terceira mulher.

Ela se voltou para Valentín. - Você faz isto?

- Pode ser divertido quando se é jovem e anseia o sexo mais que a intimidade. Pessoalmente prefiro saber exatamente com quem ou com o que estou fazendo sexo. - ele inclinou-se para beijá-la, rodeou sua cintura com o braço e a levou com firmeza contra seu lado - Mas não deixa de ser excitante, não é verdade?

Sara não podia negar; seu corpo tremia pela necessidade de explorar o de Valentín logo que fosse possível. O sorriso dele se alargou ao olhá-la nos olhos. - Acabo de lembrar do quarto ideal para você. Gostaria de prová-lo?

Eles saíram por cima da multidão retorcida de corpos e voltaram para o corredor. Sara sentia sua pele extremamente sensível, como se o mais ligeiro roçar fosse enviá-la à espiral de um clímax interminável. Mesmo o ar que respirava parecia animá-la a perder suas inibições e unir-se às artes eróticas. Reconhecia por que Valentín desejava ir a um lugar assim e de repente compreendeu sua sede de explorar cada faceta de sua sexualidade. Onde melhor que ali, em um ambiente tão opulento e discreto?

- Espere aqui um momento.

Valentín entrou por uma segunda porta e deixou-a sozinha no corredor. Nenhum som penetrava o silêncio profundo, embora Sara não tinha dúvidas de que havia ruídos em abundância dentro da maioria dos quartos. Deslizou uma mão por debaixo da túnica e acariciou seu sexo inchado. Pensar na boca de Valentín em seu corpo a fazia umedecer-se ainda mais, olhava fixo para a parede de seda cor nata. Arrependia-se que Valentín a tivesse ajudado a descobrir esse aspecto oculto de sua sexualidade?

Negou com a cabeça. Embora a deixasse, tinha aprendido algo valioso. Tinha-lhe feito dar-se conta de que as mulheres também podiam desfrutar do sexo, e que ela tinha direito a sua satisfação sexual. Eram lições que a maioria das mulheres nunca teria oportunidade de aprender. Ao menos ele lhe tinha dado isso.

- Tenho suas roupas.

Ele deu a ela seu traje de harém. - Deixa que te ajude a pôr isso.

Antes de que pudesse ajudá-la, ela ficou nas pontas dos pés e o beijou na boca. Seus braços a envolveram e imobilizou seus quadris com firmeza contra os seus. Ela o beijou com toda sua sensualidade recém descoberta e ele respondeu da mesma maneira até que ela se afogou em uma quebra de onda de desejo que criaram juntos.

Quando ele levantou a cabeça, sorria. - O que foi isso?

- Por me trazer aqui, por me dar esta oportunidade de explorar minhas fantasias e compreender as tuas.

A expressão dele tornou-se crítica.

- Possivelmente o outro quarto possa esperar. É hora de que descubramos nossos próprios jogos.

O quarto que escolheu estava decorado com cortinas douradas. A roupa de cama de cetim cor nata cobria a pequena cama com dossel que estava localizada em uma plataforma elevada no centro. Valentín se perguntava se Sara se daria conta do que significava isso. Pouco a pouco ele lhe tirou as roupas, deixando descobertos seus deliciosos seios e sua vagina. Desejava introduzir seu pênis nela até que gritasse de prazer. Desejava lambe e sugar seus clitoris até que rogasse mais. Ela deixou que ele a sentasse aos pés da cama com dossel e ele observou o movimento agitado de seus seios e soube que estava perto do orgasmo.

Despiu-se diante dela. Tomando seu tempo, a fez esperar. Seu pênis extremamente sensível pulsava enquanto o liberava das calças. Sara o olhava sem pestanejar e emitia um delicado som de ansiedade. Ele baixou a mão por seu pênis, cavou no saco e estendeu os dedos.

- É isto o que desejas?

Sara assentiu com a cabeça e lambeu os lábios. Ele levou a cabeça de seu pênis até a boca dela e a esfregou para trás para frente. Era magnífico sentir-se livre com sua esposa, era liberador que a ela parecesse lhe agradar seu comportamento escandaloso.

- Tenho um jogo para ti. - Retrocedeu um passo e colocou as mãos dela ao redor dos postes do canto da cama - Na casa da senhora há muitas maneiras de satisfazer-se a si mesmo ou de que outro satisfaça. Também há muitos níveis de observação. - ele olhou o quarto bem iluminado - Neste momento temos privacidade total. Se o desejássemos, poderíamos abrir alguma dessas cortinas e deixar que outros nos observassem através dos espelhos e a vejam.

Ele observou o rosto de Sara e ela não parecia horrorizada com as revelações. Na realidade, sua respiração se acelerava e Valentín sorriu.

- Se o desejássemos, poderíamos permitir que outros entrassem no quarto e nos observassem. - Apertou forte a base de seu pênis - Inclusive poderíamos permitir que nos toquem, que nos unam, que desfrutem de nós.

As pupilas dela se dilataram e seus lábios se abriram.

O pênis de Valentín vibrava em resposta.

- O jogo se chama «Cinco». O que acaba primeiro perde. O ganhador decide se abrimos as cortinas. Está de acordo?

- Só as cortinas? - Sara parecia vacilante, mas curiosa.

- Sim, desta vez. Se escolhermos continuar, talvez subam as apostas.

Ele ficou tenso enquanto Sara o observava. Confiava o suficiente nele para jogar?

Ela se aferrou aos postes da cama e abriu as pernas em um convite silencioso para continuar. Ele apoiou as mãos em cima das suas. - Começamos?

CAPITULO 14

-Cinco beijos. Pode começar.

Sara pestanejou para Valentín enquanto ele baixava seu rosto até o dela. - Na boca?

-Sim... Onde mais?

Ela se inclinou para frente e beijou-lhe o lábio fechado cinco vezes com rapidez.

- Agora é minha vez. - tomou mais tempo com as pequenas carícias, delineando os lábios dela com a língua, trocando a pressão e o ângulo de sua boca contra a dela.

Sorriu para ela.

- Desta vez, vou primeiro. Cinco beijos com a boca aberta.

Ela estremeceu quando ele deslizou a língua dentro de sua boca, reunindo o fogo do desejo que tinha acendido antes. As mãos dela permaneciam obstinadas aos postes da cama; só sua boca se movia contra a dele em um delicado convite a explorar sua luxúria. Sugou sua língua dentro de sua boca e ela lutou contra o desejo de gemer. Valentín beijava como os deuses e nunca deixava de fazê-lo, inclusive quando desejava continuar com outras coisas.

Apesar de sua cautela inicial, Sara sabia que a aceitação desse lado de sua natureza o justificaria com ela. Sentia como se antes só tivesse roçado a superfície de seu apetite sexual explosivo. Algo dentro dela estava encantado com seus avanços escandalosos e respondia da mesma maneira.

Quando ele a liberou, seus lábios estavam inchados e seus mamilos tão tensos que lhe doíam. Ela devolveu-lhe os beijos, empurrando-o para frente com imprudência, tentava equilibrar suas próprias necessidades vorazes com o desejo de ganhar.

Ele ofegou quando ela retrocedeu. Na cabeça do pênis dele brilhava a umidade e o próprio néctar dela gotejava pela coxa.

- É difícil, não é verdade? - murmurou ele - Tentar me empurrar da margem sem se lançar ao abismo. Ainda temos um longo caminho para percorrer e é sua vez. Cinco lambidas em cada um de meus mamilos.

Sara sabia que ele adorava que ela o tocasse dessa maneira. Seria sua oportunidade de ganhar? Com a primeira carícia de sua língua, o mamilo dele se endureceu. Lambia-o lentamente, deleitava-se com a ponta dura de sua carne contra a suavidade de sua boca úmida. Os quadris dele se moviam para ela e seu pênis lhe roçou o estômago, deixando um vestígio de líquido pendendo entre eles.

Valentín baixou o olhar.

- Isso não conta. É pré-ejaculação. Saberá quando gozar porque a molhará toda. -ele inclinou-se até seu peito. Sara se sustentava nos postes da cama com toda sua força enquanto ele lambia devagar seu mamilo e o aro dourado que o atravessava. Gemia desde sua garganta enquanto ela estremeceu; desejava acabar. O pênis roçou seu ventre outra vez enquanto ele lhe beijava o mamilo. Era tão fácil para ela baixar a cabeça e tomá-lo em sua boca, tão prazeroso sugá-lo e o ter em seu poder.

- Sara...

Ela abriu os olhos. Seus seios brilhavam na boca dele sob a tênue luz das velas. Estava tão perto do limite que ainda podia sentir o puxão do ouro em sua pele quente. Um débil brilho de suor salpicava o peito musculoso de Valentín.

- É minha vez novamente. - Valentín ofegava - desta vez vou sugar seus seios. Fica quieta.

Logo que os lábios dele se fecharam sobre seu mamilo, Sara soube que perderia essa batalha em particular. A primeira sensação de seu orgasmo vibrou através de seu corpo. Com um suave grito se inclinou para frente, sobre a sedutora curva do ombro de Valentín. Mordia-o com força enquanto seu clímax crescia e florescia nela.

Quando terminou de tremer, Valentín se afastou. – Você perdeu. Escolho abrir as cortinas.

Ela não podia evitar olhá-lo enquanto ele cruzava o quarto com longas passadas. Seus largos ombros se estreitavam em uma fina cintura e nádegas firmes. Ele usava o escuro manto de cabelo recolhido na nuca e sua visão de frente era igualmente impressionante, com expressão arrogante e confiança firme.

- Deseja voltar a jogar ou admite a derrota?

Sara observava de maneira intencionada o membro dele.

Não podia permanecer com essa ereção para sempre... Ou será que podia? Tinha obtido sua liberação; sem dúvida poderia durar mais tempo que ele desta vez.

- Jogarei outra vez.

- Se você perder abrirei a porta. - Voltou para sua posição diante dela, suas mãos outra vez agarravam os postes da cama - O que fará se ganhar?

- Excluir a todos e fazer amor até que fique muito exausto para se mover pelo resto da noite.

Ele levantou uma sobrancelha.

- Palavras atrevidas de uma mulher que toma a sério seus prazeres. De verdade crê que pode me deixar exausto?

- Não é isso do que se trata tudo isto? Provar que sou capaz de ser sua plena companhia sexual? – ela ficou tensa. Esperava a resposta dele. E se tinha destruído o feitiço e ele se refugiasse atrás de sua máscara sorridente de cortesia insossa?

Ele sorriu.

- É minha vez de começar o jogo. Está preparada para jogar? - Beijou-a perto da boca cinco vezes. Uma parte dela se aliviava que ele tivesse começado outra vez do começo, o resto gritava em protesto ante o incremento agonizante de sensações.

No momento em que Valentín terminou de lhe sugar os mamilos, Sara se deu conta de que era evidente que um orgasmo não era suficiente para aplacar suas sensações de necessidade. Valentín parecia impassível ante sua ereção, que gotejava sua pré-ejaculação de maneira constante sobre a pele.

- E o que mais? - Ela tentava parecer tranquila, mas sabia que não enganava a Valentín.

- Claro, não avançaste mais deste nível no jogo anterior, não é verdade? - Ele baixou o olhar para seu pênis - Cinco lambidas na cabeça de meu pênis.

- E para mim?

Ele sorriu. A confiança ardia em seus formosos olhos. - Cinco lambidas no clitóris. Inclusive te deixarei jogar primeiro, se desejar.

Impaciente ante a possibilidade de fazê-lo gozar antes de ter que suportar a tortura de sua boca sobre seu sexo, Sara inclinou a cabeça e observou seu pênis. Gotinhas floresciam da abertura púrpura do topo de sua cabeça. Os músculos do ventre dele se contraíram quando ela lambeu uma gota de sua pré-ejaculação em sua boca com a delicadeza de um gato. Lambeu outra vez, passando a ponta da língua pela abertura, explorando em seu interior, movendo-se com rapidez em sua carne inchada. Ele gemeu no profundo de sua garganta e empurrou o membro mais profundamente dentro de sua boca.

Quando ela levantou a cabeça, ele ofegava e suas pupilas estavam aumentadas e negras, ocultando quase toda a cor violeta. Ele conseguiu esboçar um sorriso trêmulo.

- Perto, mas não o suficientemente perto.

Sara ficou tensa quando ele deslizou as mãos pelos postes da cama e caiu de joelhos diante dela, seu sexo vibrava só em pensar nele tocando-a. Já haveria pessoas observando-os através dos espelhos? Poderia suportar sem gozar?

O primeiro roçar delicado de Valentín sobre sua pele sensível a fez tremer. Sua segunda carícia mais forte fez com que desejasse agarrá-lo pelo cabelo e forçar seu rosto contra ela até que a fizesse gozar com vigor e durante tempo suficiente para que ambos ficassem satisfeitos. Mas ela resistia à intensa necessidade enquanto ele a lambia uma e outra vez. Cada roçar diminuto de sua língua incrementava a tensão e acrescentava sua necessidade insaciável.

Ele lambia como se estivesse desesperado por provar cada um de seus sabores e ela se perguntava se parecia tão depravada como se sentia. Estava muito perto de gozar outra vez, muito perto. Ele a deixaria voltar a jogar primeiro?

- Agora cinco sucções de seus clitóris.

Ela se preparou enquanto ele pouco a pouco voltava a ajoelhar-se com os braços ainda estendidos. Só sua boca podia tocá-la. Sara inspirou quando ele tomou-lhe o clitóris dentro da boca. Os dedos dela se cravaram nos postes de carvalho da cama enquanto a enlouquecia. Antes de poder se deter, seus quadris saíram da cama e se moveram dentro da boca ávida de Valentín. Chegou ao clímax quando oprimiu a pélvis contra a boca provocadora, incapaz de deter-se inclusive quando mordeu seus clitóris e o sustentou com delicadeza entre seus dentes.

O sorriso dele ao sentar-se a deixou furiosa.

- Perdeu outra vez. Abrirei a porta. Tem medo de continuar? – ele abriu a porta de um golpe.

- Não tenho medo - respondeu-lhe Sara com brutalidade, inclusive antes de dar-se conta de que era verdade.

Ela voltou-se para olhar.

- Bem, porque estou gostando muito desse jogo.

- Eu também.

Olharam-se o um ao outro no pequeno espaço. - Como pode permanecer tão ereto?

- Prática. – ele lhe piscou o olho enquanto retornava. O membro rígido apontava para o estômago dele e antes de voltar para sua posição, soltou a fita de seu cabelo - Preparada para jogar?

Valentín deslizou entre as pernas abertas dela. Deus! Estava tão perto de gozar. Se as coisas continuassem como ele esperava, agora Sara obteria a vitória. Ela não precisava saber que ele não tinha intenção de permitir que alguém mais se unisse ao ato amoroso. A boa disposição dela para jogar já não o surpreendia. A intensidade de sua sensualidade complementava a sua de maneira perfeita. Estava assombrado e comovido porque parecia ter encontrado seu par sexual em sua própria esposa.

- Estou preparada, Valentín. – ela lhe deu cinco beijos castos na boca e deixou que ele fizesse o mesmo.

Enquanto o jogo progredia, Valentín conseguiu se segurar a sua prudência quando lhe lambia o pênis e ela conseguiu não gozar quando ele lhe lambeu o clitóris. Ela esperava as instruções seguintes com os mamilos tensos e úmidos pela boca dele, o clitóris inchado e sua vagina gotejando néctar. Deus! Ele poderia lambê-la a noite toda.

- Para ti, cinco mamadas profundas de meu pênis. Para mim, cinco penetrações com minha língua em seu interior.

Ele ficou de cócoras diante dela, com cuidado de não deixar que seu pênis dolorido roçasse a roupa de cama nem sua pele. O sexo dela se encontrava exposto diante dele, com os lábios da vagina inchados e lhe dando as boas vindas. O clitóris estava tão firme e ereto como o pênis dele. Valentín inspirou e deslizou a língua em seu interior. Utilizou o queixo contra sua pele para aumentar a estimulação enquanto imitava o movimento de propulsão de seu membro. Ela estremeceu, mas não se quebrou.

Quando ele se sentou, seu rosto gotejava pelo néctar dela e ele adorava o aroma e o sabor de sua excitação.

- Agora é minha vez.

Ele ficou de pé e se inquietou quando ela se inclinou para frente, deslizou sua boca pela longitude de seu pênis e com lentidão o sugou. Ele apertou os dentes enquanto sentia que seus testículos se contraíam, preparados para gozar. Suportou três sucções lentas e lascivas mais, a terceira foi tão profunda que a cabeça de seu pênis golpeou a parte posterior da garganta dela antes de abandonar a batalha. Permitiu-se gozar com severidade, com movimentos vibrantes.

O sorriso de triunfo dela era toda a recompensa que ele necessitava. -Ganhei!

Ele soltou os postes da cama e foi fechar a porta. - Ficou satisfeita sua honra feminina?

Ela o olhou, com um indício de especulação nos olhos. - Há mais para este jogo de «Cinco», ou chegamos ao limite?

O sangue voltou a toda pressa para seu pênis enquanto a observava.

- Desejas jogar de novo?

- Se houver mais para descobrir... O que acontece depois disto?

Ele cavou a mão em sua ereção que crescia com rapidez. - O jogo continua utilizando os dedos para damos prazer um ao outro e termina com cinco carícias de meu pênis em sua vagina e cinco carícias de seus dedos envoltos em meu pênis até que um dos dois grite clemência.

Ela se estendeu para frente e o acariciou. - Queria ter seus dedos em meu corpo agora.

Sem dizer uma palavra, ele deslizou um dedo dentro de sua vagina e apoiou a almofadinha de seu polegar no clitóris. - Estou as suas ordens, senhora.

Ela lhe agarrou a pulso.

- Mais dedos, por favor, Valentín.

Ele adicionou três dedos mais e sentiu que a vagina dela se apertava.

Com um grito apagado, ela abraçou seu pescoço e o arrastou para a cama. Ele movia os dedos por seu espesso néctar enquanto esperava que seu pênis alcançasse seu tamanho máximo. Ela voltou em sua busca enquanto ele avançava com lentidão sobre seu corpo, separando suas coxas.

- Primeiro os dedos e logo penetrando. Não era o que desejava?

Ela não respondeu, seu rosto acalorado se concentrava no prazer enquanto se segurava nos ombros dele. Seu membro estava preparado para ela agora. Tirou os dedos e a penetrou com rapidez e profundamente. Seus quadris empurravam para frente e sua pele golpeava contra a dela. Retorcia-se debaixo dele, mas a mantinha imobilizada no colchão enquanto esquecia a delicadeza e só empurrava em seu interior, decidido a deixar sua marca, a fazê-la sua, a possuir sua alma.

Ele gritou seu nome ao gozar. Com o olhar na expressão de satisfação e complacência dela, de repente se deu conta de que nada voltaria a ser o mesmo. Não acreditava no amor, embora soubesse dentro de sua alma que amava Sara. Agora ela lhe pertencia e ele lutaria e mataria para ficar com ela.

CAPITULO 15

Sara bateu na porta principal da casa dos Pettifer. Evangeline a tinha convidado a tomar o chá, então, por que ninguém atendia? Tinha transcorrido quase uma semana do incidente lamentável no baile da casa do embaixador e ela não tinha sabido nada dos Pettifer até esse dia.

Com um suspiro, Sara voltou a descer os degraus e inspecionou o exterior da casa, todas as portinhas estavam fechadas e as cortinas cerradas. Vacilante, ela baixou o olhar para os paralelepípedos e se perguntou se teria feito o correto em se despedir de sua carruagem por uma hora.

Depois de receber a nota desesperada de Evangeline, ela tinha saído depressa de casa sem informar a ninguém aonde se dirigia. Enquanto estremecia nos degraus, ocorreu a Sara que devia ter sido mais cautelosa, tendo em conta o estado das coisas. Se sir Richard estava envolvido em um complô para arruinar Valentín e Peter, sua presença ali poderia piorar as coisas.

E para ser honesta consigo mesma, sabia que se visse o senhor Aliabad, ficaria difícil conter sua curiosidade a respeito de como tinha sido exatamente sua relação com Valentín. Ela relutava a permanecer sob a garoa e subiu os degraus até o amparo do pórtico.

- Sara!

Ela vacilou quando ouviu que alguém dizia seu nome e olhou para baixo: através da grade de ferro que rodeava o porão viu que Evangeline a saudava da porta da cozinha. Seguiu os degraus de pedra até um nível inferior e, de um empurrão, meteram-na na cozinha deserta. O aroma gorduroso de cordeiro assado enchia a cozinha suja e desorganizada e não havia sinais do cozinheiro que vivia ali, nem do mordomo.

O cabelo marrom de Evangeline estava enredado sobre seus ombros e ela parecia como se tivesse estado chorando. Sua bochecha tinha o rastro de um golpe. Sara tomou-lhe o braço.

- Está indisposta? Aconteceu algo com sir Richard? Evangeline olhou ao redor da cozinha como se temesse que seu marido estivesse esperando-a debaixo da mesa.

- Ele não te viu, não é verdade?

- Sir Richard? Não, não acredito. Não respondeu à porta.

Deixei minha carruagem no albergue na esquina da praça e a cruzei a pé.

Evangeline se sentou em um banco junto à larga mesa de pinheiro da cozinha.

- Graças a Deus. - Levantou o rosto banhado em lágrimas e tocou a bochecha arroxeadas - Não me importa o que ele me faça, mas eu devia te advertir.

A recente felicidade de Sara se dissolveu em uma nuvem de dúvida. Tinham algo que ver as lágrimas de Evangeline com o desagradável visitante da Turquia? Ela sentou-se perto de sua amiga e lhe deu um lenço limpo. Logo depois de tocar ligeiramente em suas bochechas Evangeline recuperou a calma.

- Esta manhã, eu ouvi que sir Richard e o senhor Yusef Aliabad falavam sobre seu marido e seus negócios.

Sara tentava dissimular sua expressão, não desejava que Evangeline pensasse que estava muito ansiosa por ouvir suas novidades.

- Parece que o senhor Aliabad crê poder manchar ainda mais a reputação de Valentín e arruiná-lo por completo.

- Não compreendo. Evangeline tragou com força.

- Detesto ser quem te diga isto. O senhor Aliabad insiste que tem provas para dizer que Peter Howard e seu marido são amantes.

- Isso é ridículo! - Sara quase ri com a idéia. Evangeline negava com a cabeça.

- Sinto muito, Sara, mas as pessoas sempre fofocam sobre o forte vínculo entre eles. Alguns acreditam que a única razão pela qual Valentín escolheu se casar contigo foi evitar justamente um escândalo como este. - tocava-se com ligeireza os olhos com o lenço úmido

- Pouco antes de suas bodas, Peter esteve envolto em um escândalo com um laçao a quem acossava. Aliabad insiste em que Valentín se casou para desviar a atenção de Peter e acabar com os rumores sobre eles.

Sara deu uma tapinha na mão de Evangeline. - Sei que Peter e Valentín estão muito unidos porque foram escravos juntos. Seria estranho que não se convertessem em amigos depois de ter compartilhado uma experiência tão horrorosa.

Em suas ânsias para defender Valentín e Peter, Sara fazia todo o possível para ignorar as hipóteses pouco gratas de Evangeline a respeito das razões de suas bodas.

Ela fez uma careta de dor quando as unhas de Evangeline se cravaram na palma de sua mão.

- Segundo o senhor Aliabad, seu marido e seu sócio foram escravos em um bordel turco que atendia tanto a homens como a mulheres.

Sara recordou a reação violenta de Valentín para o Yusef, a maneira em que Peter interrompeu para defender seu amigo das insinuações do outro homem. Se Valentín na verdade tinha sido escravo em um bordel, seu comportamento para o Yusef era perfeitamente razoável. Ela lutava contra uma sensação crescente de mal-estar. Alguma vez ele teria tentado lhe contar a verdade sobre seu passado, ou ainda a considerava muito inocente para compreendê-lo?

Evangeline apertou a mão de Sara com um olhar docemente recorrente.

- O senhor Aliabad assegura que pagou para estar com ambos de maneira carnal em mais de uma ocasião.

Sara não deu importância à compaixão evidente de Evangeline.

- Mesmo se acreditássemos nesse homem, o que aconteceu no passado não tem relação com o presente.

- Mas se ainda são amantes...

Sara procurava em sua memória algum sinal de que Peter e Valentín a tivessem enganado. Na verdade, estavam muito unidos e Peter tocava Valentín mais que aos outros homens. Mas entre as exigências sexuais dela, o trabalho e as obrigações sociais, quando ele encontraria tempo de cercar uma aventura amorosa perigosa e socialmente desastrosa com o seu melhor amigo?

- Sei que você teve boas intenções ao me contar isto, Evangeline, mas...

- Você não compreende! Há mais.

Evangeline ficou de pé, sua agitação era evidente ao caminhar de um lado a outro da fria laje.

- Ao que parece, Valentín entrou em contato com o senhor Aliabad e lhe ofereceu reunir-se com Peter e com ele na casa da senhora Helene na terça-feira. –ela parou e observou Sara - Sabe onde é?

Sara assentiu com a cabeça enquanto seus pensamentos se alvoroçavam. Por que Valentín aceitaria encontrar-se com o homem que o aborrecia na casa de prazer que amava?

- Sir Richard estava preocupado de que o senhor Aliabad caísse em uma armadilha. Mas Yusef parece acreditar que Valentín está ansioso por reavivar sua aventura. - Pressionava as mãos sobre seu peito - Ai Sara, se vir a público que seu marido está envolvido com outros homens e que já foi escravo sexual em um bordel, nenhum homem temeroso de Deus voltará a fazer negócios com ele.

Evangeline se sentou com um rangido de seda.

- Não ouvi nada mais. O mordomo apareceu com o chá e tive que escapulir. - Apertou a manga de Sara - Não desejo que fique envolvida em um escândalo horroroso. Sir Richard se enfureceu ao dar-se conta de que eu tinha ouvido. – tocou o hematoma na bochecha - Possivelmente poderia pensar em retornar para seus pais.

Sara esboçou um sorriso forçado. Evangeline acreditava que ela abandonaria seu marido com tanta facilidade? – Na verdade meu pai tem previsto chegar à cidade amanhã. Já marquei para me reunir com ele no hotel Fenton para o jantar.

Evangeline soltou o fôlego.

- Fico mais tranquila. Sinto-me melhor agora que sei que tem alguém a quem recorrer. - Duvidou, com o lenço ainda apertado na mão - Não estou muito segura do que sir Richard planeja fazer com a informação de Yusef. Se tiver oportunidade, eu rogarei que mantenha em segredo toda a questão. Talvez ele possa convencer Valentín de abandonar seus negócios e então não teria que mencionar todo este assunto tão desagradável.

Sara só olhava fixamente Evangeline. Era muito provável que sua amiga interesseira acreditasse que sua posição na sociedade significava mais para ela que a infidelidade e o possível encarceramento ou execução na forca por atos indecentes de seu marido. Tampouco Sara acreditava que Valentín abandonasse seus negócios de bom grado.

Sara pegou o chapéu e voltou a pôr na cabeça. - Evangeline posso perguntar algo mais? Quem apresentou o senhor Aliabad a sir Richard?

- Não sei bem - respondeu Evangeline, enrugando o sobrecenho - Embora seja possível que fosse o pai de Valentín. Ele tem muitos amigos influentes na embaixada russa e todos esses outros lugares do estrangeiro. - Com delicadeza empurrou Sara para que saísse pela porta meio aberta da cozinha - Me prometa que se cuidará.

Sara tomou a mão de Evangeline. - Obrigada por me contar isso.

O brilho das lágrimas cobria os olhos de Evangeline. - Valentín foi muito importante para mim uma vez e eu detestaria que ele perdesse tudo. Sei o que se sente ao estar nos níveis baixos da sociedade.

Sara pensava nesse comentário enquanto retornava para sua carruagem. No fundo Evangeline estava contente de ver que seu antigo amante estava envolvido em um escândalo? Repreendeu a si mesma por pensar isso. Evangeline tinha atuado com amabilidade apesar das ameaças físicas de seu marido para silenciá-la; Sara deveria ser mais agradecida.

Seus pensamentos davam voltas em uma imagem horrorosa de Valentín e Peter presos em um bordel. Sabia pouco sobre como operava uma casa de má fama, mas tinha uma imaginação fértil. Para um homem tão orgulhoso como Valentín devia ter sido devastador que o possuíssem e o utilizassem como um objeto. Os dedos de Sara se retorciam ao recordar as numerosas cicatrizes das costas dele.

Valentín receberia bem as novidades de que poderia ter sido seu pai quem tinha apresentado Yusef a sir Richard? Seus piores temores de traição se confirmariam e, como resolveria isso? Sara estremeceu. E se Yusef estava ocupando-se de vender a informação a seu maior concorrente, não era de estranhar que estivessem atacando-os em escala pessoal e também comercial.

As demais insinuações de Evangeline sobre Peter e Valentín ainda pareciam ser absurdas. Parecia que Aliabad estava preparado para utilizar qualquer meio para danificar e destruir seu marido e a seu melhor amigo. Que melhor maneira que sugerindo que eram amantes?

Sara respirou fundo quando a carruagem diminuiu a velocidade e girou na Rua Half Moon. Aliabad também assegurava que todos eles tinham sido amantes no passado. Podia haver algo de verdade nisso? A julgar pela reação de Valentín, qualquer contato entre eles não tinha sido prazeroso, para ele muito menos. E se na verdade tinham sido escravos em um bordel, imaginava que tinham tido muito pouca possibilidade de escolher quem comprava seu tempo.

Pela primeira vez, Sara tremia ante a idéia de questionar Valentín diretamente. A reação dele sem dúvida seria desagradável. A confiança nele recém adquirida ainda lhe era algo muito valioso para desprezá-la de maneira deliberada. Ela sorriu quando a carruagem parou. Possivelmente poderia arriscar-se a perguntar a Peter durante seu passeio dessa tarde.

- É verdade, Peter?

Ao amparo da espantosa interpretação da filha mais velha dos Dudson no cravo, Sara repetiu a pergunta. - Valentín e você foram cativos em um bordel? Peter a tirou do braço e a levou para o fundo da magnífica sala de estar. Seu rosto sorridente não traía a tensão que revelavam seus celestiais olhos azuis.

- Quem te contou isso?

- Evangeline Pettifer.

Peter enrugou o sobrecenho.

- Os Pettifer estão se tornando uma chateação. Sabe que não posso responder suas perguntas. Deve falar com Valentín.

Com pouca elegância, Sara decidiu tentar outra tática. - Valentín e você ainda continuam se encontrando na casa da senhora Helene?

Pegou Peter menos precavido. - De vez em quando... Por quê?

Enquanto olhava seu rosto angelical, Sara pensava que não desejava repetir a natureza das revelações de Evangeline. Peter já tinha sofrido o suficiente para que o deprimisse com novas fofocas e insinuações.

Sara tentou não se queixar quando Caroline Ingham apareceu detrás dela.

- Me desculpem por escutar, mas é obvio que Valentín e Peter ainda se encontram lá - disse Caroline e lançou a Peter um sorriso desagradável - Se lembro bem, ele exigiu a presença de Valentín todas as terças-feiras de noite. - Bateu no braço de Sara - Tentei te advertir sobre as pequenas indiscrições de Valentín, mas preferiu não escutar. Arrepende-te de sua decisão de não se retirar e fazer o papel de esposa sofrida?

Sara ignorou Caroline e concentrou sua atenção em Peter, cuja expressão glacial refletia a certeza dos comentários de Caroline. Sua recente sensação de satisfação desaparecia. Sem dúvida, Valentín tinha uma resposta para todas essas perguntas e ela devia acreditar que desejava somente a ela. Depois da noite que tinham passado juntos na casa da senhora Helene ele havia-lhe dito que era a única mulher que desejava e ele tinha acreditado. Mas, e se também desejava a um homem?

Caroline Ingham se retirou, rindo. Sara tomou o braço de Peter e retornou à sala de estar. Ele a parou na porta. - Sara, fale com Valentín. Ele é o único que pode responder suas perguntas.

Ela sorriu para ele como para lhe demonstrar que não estava zangada. Tinha sido muito impulsiva no passado. Tinha tentado obrigar Valentín a confiar nela e não tinha funcionado. Na verdade, ele só havia se tornado mais distante e incisivo. Talvez devesse aprender com seus enganos. A idéia de lhe pedir que se explicasse ele mesmo dessa vez era, de certo modo, mais aterradora que permanecer na ignorância. Pela primeira vez em sua vida, ela tentaria ser paciente.

CAPITULO 16

Sara olhava Valentín enquanto ele deixava que o lacaio voltasse a encher sua taça de vinho pela terceira vez. Sem poder encontrar a coragem para enfrentá-lo, ela tinha tentado evitá-lo desde as desastrosas conversas que tinha tido com Peter e Evangeline no dia anterior. Ele bebia a sorvos o vinho, com o olhar misterioso e distante. Estava vestido de cinza com um colete negro e um lenço de pescoço branco e, ela não podia imaginá-lo atendendo aos clientes de um bordel. Sem dúvida, seu pai não a teria dado em casamento a um homem assim. Para seu alívio, Valentín parecia muito preocupado para notar seu estado de agitação.

- Sairá esta noite? - perguntou Sara.

Valentín a olhou com a taça de vinho a meio caminho de sua boca.

- Por quê? Há algo que esqueci? Algum baile ou musical noturno aos que insiste em que vá contigo?

Sara apoiou o garfo.

- Posso sair perfeitamente sozinha. O signor Clementi me pediu que o acompanhasse à ópera e então irei visitar meu pai.

- Ah, eu esqueci que seu pai estava na cidade. – Dê a ele minhas saudações sim? E se assegure de convidá-lo para jantar amanhã.

- Você tem-lhe afeto, não é verdade? Sara levantou uma sobrancelha.

- É obvio que sim. Ele me resgatou de uma situação intolerável.

- Você deve ter sentido que sua dívida era grande para a ponto de contrair matrimônio comigo.

O olhar dele se estreitou.

- Já lhe disse isso, seu pai me salvou a vida. Acredito que minha dívida com ele vai mais à frente do simples dinheiro. Por que pergunta isto agora? Seu pai deve ter explicado suas razões para aceitar a união.

Sara mantinha seu olhar.

- Ele não queria que me casasse contigo, mas acreditava que não tinha opção. Por que ele se sentia assim quando você diz que a dívida é sua?

Um músculo da bochecha dele ficou tenso.

- O que quer que eu diga, Sara? Que não me considerava um bom candidato para ti porque sabia que alguma vez poderia te fazer feliz? Ou prefere acreditar que o obriguei a fazê-la?

- Por que ele se opunha tanto, Valentín?

Ele ficou de pé.

- Por que insiste em uma resposta, Sara?

Ela também ficou de pé, com as mãos fechadas em punhos.

- Porque quero compreender se me venderam ou me compraram. Sem dúvida que pode compreender isso.

Ele ficou tão pálido como o branco radiante do pescoço de sua camisa.

- Se está decidida a me pôr no papel de vilão da obra, eu te comprei Sara. Paguei as dívidas de seu pai e deixei uma soma de dinheiro considerável em seu testamento também.

Ela olhou para seu rosto sério e com desespero tentou recuperar a calma. O que esperava conseguir ao começar essa ridícula conversa? A ansiedade sobre os potenciais acontecimentos da noite se apropriou de seu tranqüilo e bom juízo habitual. Respirou com cautela.

- Lamento, nem sequer sei do que desejo que diga.

Valentín passava a mão pelo queixo.

- Eu teria emprestado dinheiro a seu pai se ele tivesse pedido isso. Foi opção dele me oferecer uma de suas filhas. Contraí matrimônio contigo porque desejava fazê-lo. - Duvidava, com o olhar fixo nela - Nunca tentei te fazer sentir como se fosse de minha posse e peço desculpas se for como vê nosso casamento.

Ela negava com a cabeça quase sem falar ante suas palavras vacilantes. Como era possível que o pressionasse tanto quando ele era tão amável com ela?

- Sempre me permitiste que eu fosse eu mesma. Talvez não te demonstre muito bem a minha gratidão.

Por que ela se sentia como se alguma vez mais não pudessem voltar a falar um com o outro? Ele tentaria deixá-la depois de tudo?

Ele encolheu os ombros.

- Não é necessário você se converteu em tudo o que eu esperava que fosse.

- Ainda desejo agradecer por isso - ela dirigiu-se até ele e apoiou a mão em seu ombro roçando a boca contra a sua - Não saia esta noite.

Ele lhe sorriu, com a expressão marcada de tristeza.

- Você é a que tem planos querida. E temo que já seja muito tarde para se comunicar com o signor Clementi e arruinar sua noite.

Deixou cair a mão a um lado e esboçou um sorriso forçado. - Poderia vir comigo.

Valentín sentiu um delicioso calafrio.

- Preferiria não ouvir nenhum cantor de ópera uivando esta noite e é muito provável que saia com Peter. - ele retirou-lhe o braço - Não me espere acordada. -inclinou-se para beijá-la com firmeza na boca e antes que ela pudesse lhe responder, ele partiu.

Quando a porta se fechou atrás dele, Sara resistiu ao desejo de gritar e lhe dizer que tomasse cuidado, que tinha começado a lhe amar e que era algo muito valioso para perdê-lo. Em vez disso, voltou a sentar-se sem uma lágrima até que o lacaios começou a limpar a mesa de jantar a seu redor.

O que sentia sobre a possibilidade de Valentín amar a um homem de maneira física? Ela nunca tinha visto dois homens comportar-se dessa maneira. Em suas conversas com Peter, ela tinha percebido que a sexualidade dele era tão complexa como a de Valentín e isso não a tinha feito sentir-se incômoda nem ameaçada. Por outra parte, nunca antes tinha imaginado as profundidades sexuais que ela mesma exploraria com Valentín. Estava segura de que a resposta se encontrava na casa da senhora Helene.

Ela apoiou a taça de vinho com um golpe. Era hora de deixar de esconder-se e enfrentar seus demônios, fossem quais fossem. Ao menos Valentín lhe tinha dado a segurança em si mesma para fazê-lo. Partiria cedo da ópera e tomaria um carro de aluguel

até a casa da senhora Helene. Se Evangeline tinha razão, o senhor Aliabad esperava encontrar-se com Valentín e Peter ali e no lugar de provocar a ira de Valentín com suas perguntas, possivelmente só deveria descobrir o que acontecia por si mesmo.

Valentín se encaminhava ao segundo lance de escada na casa da senhora Helene para os quartos que só um número seletivo de clientes podia entrar. Peter tinha chegado cedo a seu encontro e, segundo a senhora Helene, tinha aproveitado as instalações.

Valentín girou o ornamentado trinco de ouro e a porta do quarto 206 se abriu de maneira silenciosa. Caminhou até o outro lado para uma poltrona junto à chaminé e avaliou com olho crítico o enredo de corpos sobre a imensa cama. Havia ao menos dois homens e uma mulher com um longo cabelo loiro. Logo que recordava, a mulher chamava-se Grace e um dos homens era Peter.

Valentín inclinou a cabeça para um lado para ter uma melhor visão da loira que esfregava sua vagina contra o rosto de Peter. Os seios dela se meneavam pelo esforço. O segundo homem estava ocupado sugando o pênis de Peter. Enquanto observava, Valentín estava contente de ter reduzido seu papel nas fantasias de Peter ao de observador ocasional.

Logo que tinham chegado da Turquia, Peter requeria a presença de Valentín em sua cama quase tanto como requeria o ópio que o estava matando pouco a pouco. Tinha levado um tempo para Valentín convencer Peter de que preferia não transar com outro homem. Mesmo assim, Peter lhe tinha pedido que participasse de vários grupos de quatro então ele concentrava seus cuidados na mulher enquanto outros atendiam a Peter.

Grace o viu e redobrou os esforços. Valentín lhe piscou um olho e se serviu da licoreira de brandy. Na verdade, estava contente de ter saído de qualquer cama em que houvesse outro homem. Quando só era Peter, era passível. Compreendia as necessidades e os temores dele e, ao menos, podia pôr as regras e os limites. Com outro homem, nunca se sabia. As experiências dolorosas de Valentín com Yusef na Turquia lhe tinham arruinado essa combinação sexual em particular para toda a vida.

Peter gemeu e girou sobre seu estômago, deslocando Grace. Deu ao homem que estava atrás dele a oportunidade de penetrá-lo. A mulher agarrou a mão de Peter e a colocou entre suas pernas. Valentín olhou para seu relógio de bolso enquanto os quadris do homem empurravam com força contra as nádegas de Peter. Quando o homem gozou, mordeu forte o pescoço de Peter. Valentín inalou o aroma de sexo e pele perfumada enquanto Peter chegava ao clímax. O único que ele podia pensar era em Sara.

Por fim, Peter abriu os olhos e sorriu como um grande gato satisfeito.

- Val, se eu soubesse que estava aqui, teria te convidado a participar.

Valentín cruzou as pernas e bebeu a sorvos o brandy. – Eu me sinto muito bem observando. Fizemos um trio tão formoso que sonharei contigo toda a noite.

Grace sorria e beijava a bochecha de Peter. O homem enrugou o sobrecenho enquanto sua mão apertava de maneira possessiva o ombro de Peter, que lhe deu uma palmada.

- Não é necessário que esteja ciumento, Reggie. Ultimamente, Valentín prefere as mulheres. Ou deveria dizer, a uma mulher em particular?

- Pode dizê-lo sempre e quando não mencionar seu nome.

Peter levantou as sobrancelhas enquanto colocava o penhoar com um tremor.

- Nunca antes tinha te ouvido utilizar esse tom possessivo.

Valentín ficou de pé enquanto Reggie e Grace abandonavam o quarto.

- Nunca antes eu tinha estado casado. Talvez sejam ossos do ofício. -Caminhava de um lado a outro do tapete enquanto esperava que Peter se lavasse e se vestisse.

Peter parou diante do espelho com o lenço de pescoço na mão.

- Evangeline Pettifer contou a Sara alguns rumores desagradáveis sobre nós.

- Sério? Ela não me disse nada. - Valentín tentava soar despreocupado. Ela o tinha evitado durante os dois últimos dias. Era esse o porquê? Um mal-estar lhe retorceu as entranhas. Era impróprio de Sara não enfrentar diretamente um problema entre eles. Recordava a estranha conversa que tinham tido antes que ela partisse para o teatro e franziu cenho - Que classe de rumores?

Peter terminou de atar seu lenço de pescoço.

- Pergunte você mesmo. Nego-me a ser o intermediário.

- Tem razão, perguntarei. Mas, obrigado por me contar isso de todos os modos. - Ele deu a Peter sua jaqueta - Está preparado para enfrentar Yusef Aliabad agora?

- E você? - Peter devolveu o olhar a Valentín - Sei quanto o despreza. Vi o que ele te fez e lembro quanto o enfrentava.

Valentín observava a ponta de sua bota de montar. - Você não viu nem a metade. Quando estava comigo em nossas sessões privadas, ele me fazia implorar. - retorcia-lhe o estômago com o eco distante de seus próprios gritos - Fazia com que me arrastasse de joelhos e lhe implorasse.

Valentín levantou a cabeça e viu a compreensão no rosto de Peter. Alguma vez alguém compreenderia o inferno pelo que tinham passado? Às vezes desejava contar tudo a Sara. Logo imaginava que o olhar de paixão em seu rosto se transformava em repugnância... Ou, ainda pior, em lástima. Ainda não estava seguro de estar preparado para arriscar-se a isso.

- Sara deveria sabê-lo - disse Peter, como se tivesse lido os pensamentos de Valentín - ela merece ouvir a verdade. Seria muito pior se ela tivesse casado comigo que transo com qualquer coisa, você ao menos sabe que prefere às mulheres. Por desgraça, meus gostos permanecem mais ecléticos. - Baixou o olhar para voltar a arrumar o lenço de pescoço - Já falei a ela sobre meu vício ao ópio.

- E o que ela disse sobre isso?

- Beijou-me e me disse que se alegrava de que tivesse optado viver. - O tom de Peter burlando-se de si mesmo desapareceu - ela é uma mulher pouco comum, Val.

Negando-se a se comover, Valentín caminhou para a porta.

- Aliabad já deve estar aqui. A senhora nos permitiu utilizar seu salão privado para que possamos falar tranquilos.

Desceram uma das escadas traseiras discretamente iluminadas.

- O que não compreendo é como Aliabad está enredado neste assunto para nos arruinar - demarcou Peter.

- Bom, estamos de acordo em que ao menos ele toma parte disto. De outro modo, sua aparição neste momento seria muita coincidência. - Valentín se deteve no patamar seguinte - Deve estar trabalhando com alguém que sabe como funciona nosso negócio diariamente. Não há maneira de que pudesse controlar um assunto desta magnitude das

terras remotas da Turquia. Também duvido de que tenha cérebro para isto porque seu estilo sempre foi a intimidação sexual e física.

- Então, o que acha que quer de nós esta noite?

Valentín sorriu.

- Imagino que ameaçará nos arruinar socialmente a menos que lhe demos dinheiro e isso seria mais próprio do estilo dele. É provável que seu sócio espere que cedamos ante suas exigências e gastemos ainda mais dinheiro dos negócios, e dessa maneira, precipitar nosso desaparecimento.

- Então, quanto tempo faz que Aliabad está no país?

- Segundo minhas fontes, faz mais ou menos três semanas e nossos problemas começaram muito antes disso. Deve zarpar de retorno em três meses.

Peter se apoiou contra a parede e cruzou os braços. - Terminei de investigar os assistentes do senhor Carter.

- E? - Valentín tentava julgar a expressão de Peter sob a tênue iluminação.

- Sir Richard Pettifer recomendou Alex Long para seu posto, não o senhor John Harrison, por isso o pai de Sara não está comprometido de maneira nenhuma.

Valentín se permitiu relaxar um pouco. - O que há sobre o outro... Duncan, não é assim?

Peter suspirou.

- Christopher Duncan estava acostumado a trabalhar no imóvel de seu pai na Escócia.

Valentín não falava. Devia se sentir vitorioso de que as suspeitas sobre seu pai tinham resultado ser corretas, mas ao invés disso, sentia-se paralisado. Com a ajuda de Peter e Sara, com reticência tinha começado a aceitar a idéia de que seu pai não lhe desejava nenhum mal.

- Antes que tire conclusões, ainda não sabemos qual é, Val.

- Quando saberemos?

O sorriso de Peter não expressava nenhuma simpatia. - Ambos estão sob vigilância. Se um dos dois colocar os narizes no lugar equivocado à hora equivocada, saberemos.

Valentín continuou descendo as escadas. - Bem. Se acontecer algo, diga-me imediatamente.

Peter o seguiu escada abaixo até que saíram das elegantes habitações da senhora Helene. Poderia enfrentar seu velho inimigo sem perder os estribos? Pelo bem de todos, esperava que sim.

Sara levantou a saia e desceu correndo as escadas do teatro da ópera. Conseguiu convencer ao signor Clementi de que se sentia mal e evitou seu cortês oferecimento de acompanhá-la até em casa. Durante o intervalo, tinha-lhe perguntado se desejava tocar piano em um concerto privado para o príncipe de Gales. Incrivelmente contente, sentiu-se mais aflita quando o signor Clementi comentou com humor carregado de ironia que Valentín não só tinha dado sua permissão, mas também perguntou por que tinham solicitado a ele em primeiro lugar.

Ela sentiu-se culpada, inclusive por duvidar de Valentín depois disso. Mas se meteu em um carro de aluguel que esperava por ela e pediu que a levasse para a casa da senhora Helene, esperando que o condutor soubesse onde era.

Ele partiu sem esperar por mais nada e aliviada, Sara tirou a meia máscara prateada de sua carteira e a pôs. Não sabia como conseguiria entrar na casa. Valentín tinha entrado a pé como se fosse o dono do lugar. O pessoal lembraria dela ou teria que revelar sua identidade?

Na entrada discretamente iluminada, Sara se assegurou de que a capa negra cobrisse seu traje de noite antes de passar pelas sólidas portas duplas. Um lacaios, vestido com um uniforme escarlate e dourado e um lenço no pescoço, fez-lhe uma reverência e deu-lhe uma folha de pergaminho e uma pluma.

- Boa noite, senhora, por favor, assine com seu nome verdadeiro para poder verificar sua entrada com a senhora.

Sara obedeceu e esquentou suas mãos diante da enorme lareira até que o lacaios retornou. Fez-lhe uma reverência de perito.

- Desfrute de sua noite, milady.

Sara passou com pressa diante dele e subiu as escadas até chegar ao grande salão no topo. A sala estava lotada e apesar de seus esforços não podia ver nem Valentín nem Peter. Havia muitos mais homens que mulheres e a atmosfera parecia ser mais grosseira e um pouco mais intimidante. Uma mão apertou seu tornozelo e ela baixou o olhar e viu um jovem vestido com uma camisola de mulher que lhe sorria.

- Por favor, bela dama, venha e jogue comigo. - Arrastava as palavras e o aroma de brandy em seu fôlego era inconfundível.

Sara tentou afastar-se, mas o homem a prendia. - me solte.

Os dedos dele subiram até seu joelho.

- Só tento ser cordial, minha pequena pomba, não deseja jogar?

Quando Sara tentou se afastar de um puxão, apareceu um lacaios por trás do homem ébrio e o agarrou por debaixo dos braços.

- Deixe a senhora em paz, senhor. Tem assuntos em outra parte.

O lacaios agarrou o pulso do homem e o separou da pele de Sara. Ela se afastou enquanto persuadiam ao homem ébrio para que partisse.

Quando retornou ao salão, vislumbrou a mulher de cabelo loiro que Valentín tinha reconhecido em sua última visita e ela se dirigiu à área da cantina e tocou no ombro da mulher.

- Senhora, procuro alguém. Pode me ajudar?

- Certamente, ma petite. Sou a senhora Helene e sei onde estão todos. - Seus perspicazes olhos azuis estudavam o rosto de Sara - Não acredito que nos tenhamos visto, embora tenha ouvido bastante sobre ti. - Tomou o braço de Sara e caminhou junto a ela para um lugar mais silencioso do salão - Veio com Valentín na outra noite.

Sara soltou seu fôlego.

- Sim, sou a esposa de Valentín, sabe se ele se encontra aqui esta noite? Disse-me que estaria.

A senhora Helene franziu o cenho.

- Acredito que o vi com o Peter mais cedo. - Olhou à multidão - Não estou segura de aonde foram com exatidão, mas o averiguarei para ti.

Ela estalou os dedos e um laçao apareceu a seu lado. Helene murmurou-lhe algo, ele lhe fez uma reverência e desapareceu no longo corredor do outro lado do salão. Sara se apoiou contra a parede enquanto um grupo de homens passava cambaleando e uma mulher solitária ia entre eles. Dois dos homens estavam ocupados beijando-se, seus rostos estavam absortos e suas mãos rebuscavam debaixo das roupas de cada um.

Sara os olhava com os olhos fixos.

- Peter e Valentín vêm aqui juntos frequentemente?

A senhora Helene lhe lançou um olhar divertido. - Por que perguntas?

Sara não disse nada. Como podia lhe perguntar se seu marido ia ali para encontrar-se com seu amante masculino? Soaria ingênua e provinciana. E a senhora poderia pensar que ela armaria um escândalo. Ao menos não havia sinais do desagradável senhor Aliabad. Talvez Evangeline tivesse impedido Aliabad de ir à reunião e Peter e Valentín se ocuparam de outras coisas.

A senhora Helene blasfemou em voz baixa em um francês muito pouco próprio de uma dama.

- Me desculpe, devo me ocupar de certo cavalheiro que continua ignorando minhas ordens de manter-se longe desta casa. - Bateu na mão de Sara - Retornarei em um momento. - ela dirigiu-se com determinação para a entrada principal, onde um alto homem loiro a olhava de maneira depreciativa.

- Milady?

O laçao tinha retornado e esperava ao lado de Sara. - Encontrei o cavalheiro que procura. Importaria-se de me seguir?

Sara agradeceu e ele a fez descer umas escadas estreitas e a levou para outro corredor largo, decorado em ouro e prata.

- Seu cavalheiro se encontra na suíte privada da senhora Helene.

- Está sozinho?

O homem fez uma reverência.

- Não posso lhe dizer isso, senhora. - Abriu a primeira porta para ela - Sugiro-lhe que espere aqui até que a senhora retorne para lhe ajudar.

Sara deixou que a abandonasse na magnífica sala. Havia vários espelhos nas paredes e o teto que refletia sua imagem de preocupação. Conseguiu desenhar um débil sorriso. Ao menos Valentín não estava brincando nu na cama com Peter nem com um grupo de mulheres bem dotadas. Ouvindo o murmúrio de umas vozes através da porta meio aberta do quarto de vestir, Sara não fez caso do conselho do laçao de esperar a senhora e espiou pela porta. Não havia ninguém ali.

Ela voltou a meter-se no quarto quando alguém mais entrou do lado oposto e utilizou o urinol de maneira ruidosa.

Quando retornou à outra sala, ela esperou o clique do trinco, mas não ouviu nada. Se fosse cautelosa, ela poderia ouvir da porta em frente? Ela cruzou com sigilo o quarto de vestir e abriu um pouco mais a porta. Permaneceu de joelhos e apenas se atrevia a respirar.

Valentín olhava fixamente a Aliabad do outro lado da mesa.

- Repito, não lhe daremos nenhuma moeda. Pode esparramar toda a fofoca e os rumores que deseja. Ninguém te acreditará. – De propósito ele apoiou a mão sobre a de Peter e entrecruzaram os dedos - Agora estou casado. Por isso em respeito ao mundo educado, sou um libertino reformado que por fim sentou a cabeça e aceitou suas responsabilidades. Quem ouvirá o discurso de um estrangeiro quando o filho de um nobre está comprometido?

Aliabad sorriu com desprezo.

- Tenho certeza de que a sua esposa interessará ouvir sobre seu passado.

- Minha esposa é jovem, singela e ingênua. Embora lhe dissesse o que supostamente tenho feito, ela não o compreenderia. – ele levantou uma sobrancelha - Por que acha que demorei tanto tempo em encontrar uma esposa? Foi difícil encontrar a alguém tão inocente. E me ocupei de me assegurar de que esteja unida a mim sexual e legalmente.

Então riu enquanto os olhos de Aliabad se enchiam de ira. Era imprescindível que Aliabad acreditasse que Sara não tinha valor para ele, de outro modo poderia utilizá-la contra ele. - Em parte graças a ti e a meus dias brindando serviços a inumeráveis mulheres na Turquia, pelo visto, sou irresistível na cama.

Aliabad ficou de pé de repente.

- Não ouviste o último. Darei a Peter e a ti uns dias para que voltem a pensar em sua posição e logo retornarei.

- Com seu sócio? - perguntou Valentín - Nós adoráramos conhecer a pessoa que tenta chupar até a última gota de sangue de nossos negócios. - Compartilhou um olhar com Peter - Sem dúvida é o cérebro deste plano.

- Claro que você adoraria saber quem é, não é verdade? - Aliabad se inclinou para frente, com as palmas plainas sobre a mesa, até que seu rosto ficou à altura do de Valentín - Seja o filho de um nobre ou não, nós o arruinaremos. – ele lambeu os lábios - Estou desejando te ter outra vez de joelhos, Val, rogando por sua vida e a minha mercê.

Valentín tragou sua fúria e repugnância e manteve o olhar fixo no outro homem.

- Não contenha a respiração. - Voltou a sentar-se – Se voltar a te encontrar a meio metro perto de mim, de Peter ou de minha família, utilizarei minhas influências para que lhe deportem como espião. Boa noite.

Aliabad falou em turco e suas palavras eram só sussurros. - Só são fanfarronices. Rogará, Val. Encarregarei-me disso. – ele saiu do quarto batendo a porta, fazendo com que tremesse em suas dobradiças. Peter se levantou, serviu uma grande taça de brandy para cada um e brindou com Valentín.

- Pareceu muito fácil.

Valentín parou ao registrar o som do trinco da porta que girava. Aliabad tinha decidido retornar? Ele agarrou a cabeça de Peter e o beijou com força na boca. O brandy da taça de Peter se derramou sobre sua manga e a empapou.

Riu ante a expressão aniquilada de Peter. Isso deveria dar a Aliabad algo em que pensar. A mão de Peter subiu para lhe acariciar a bochecha.

Uma suave corrente de ar perfumado o alertou sobre o fato de que a porta que tinha estado aberta conduzia ao interior do quarto da senhora e não ao corredor do outro lado. Algo sobre a característica da presença silenciosa atrás lhe era conhecida e Valentín

soltou Peter e se voltou com lentidão. Sara estava de pé emoldurada na porta interior. Uma máscara chapeada escondia seus olhos, mas a linguagem de seu corpo expressava de maneira eloquente sua comoção.

Valentín lhe sorriu.

- Alguma vez sua babá lhe disse que os que escutam às escondidas alguma vez ouvem o que não querem?

- Val... - murmurou Peter.

Sara foi furiosa para ele e lhe deu uma forte bofetada na bochecha. Ele continuava rindo ainda ao dar-se conta de que sua brincadeira não tinha causado graça. Quanto teria ouvido? Quanto ela acreditava que era verdade?

Ela se voltou e desapareceu por onde tinha entrado.

Valentín lutou contra um aumento repentino de vontade de vomitar. Ela o tinha seguido até a casa de prazer. Tinha visto o que esperava?

- Val. Vai atrás dela e explique-se. Peter lhe pôs a capa nas mãos. Valentín só o olhou fixamente.

- Val. - Peter o agarrou pelo braço - Vamos, irei contigo.

Nas escadas, Sara se topou diretamente com a senhora Helene, que viu seu rosto e a afastou dos quartos mais públicos e a levou para uma saída mais retirada no porão.

Enquanto a senhora chamava um carro de aluguel, Sara estava de pé contra a parede e tremia como se tivesse febre intermitente. As palavras desdenhosas de Valentín se repetiam de maneira contínua em sua cabeça. Ele tinha optado por ela por sua estupidez e tinha utilizado o sexo para escravizá-la.

Ela tocou-se na testa enquanto uma dor de cabeça se instalava atrás de seus olhos. Deu um salto quando a senhora Helene lhe alcançou um lenço, sem saber que estava chorando. – Minha querida, onde desejas ir?

Sara só a olhou fixo. Não podia ir a casa.

- Meu pai está no hotel Fenton. Irei para lá.

- Tem certeza de que não deseja esperar Valentín? Acredito que há uma explicação perfeitamente razoável...

- Obrigada, senhora, mas prefiro ir sozinha.

A senhora Helene lhe beijou a bochecha e lhe disse adeus com a mão na entrada coberta. Seu formoso perfil estava quebrado pela ruga de seu sobreceixo.

Sara se encolheu em um canto da carruagem, com os braços envoltos a seu redor. Valentín tinha beijado Peter como se o tivesse feito milhares de vezes antes e Peter ficou como se tivesse estado no céu... Tinham-lhe mentido e seu pai estaria a par da verdadeira natureza de Valentín desde o começo? Graças a Deus que ele tinha vindo de Londres sozinho. Poderia perguntar-lhe na cara, talvez. Poderia arrumá-lo tudo para ela outra vez.

Ela chorava ainda mais com a idéia. Já era muito adulta para acreditar que seu pai poderia arrumar seu universo. Embora ao menos pudesse lhe dar um pouco de esperança. Sem dúvida, Valentín não pensava naquilo tudo o que havia dito e ali estava ela, pondo desculpas por ele inclusive nesse momento. Apertou os dentes e olhou para fora, para a noite chuvosa.

A expressão de seu pai quando ela golpeou de maneira enérgica a porta mudou de zangado a preocupado ao ver o estado desalinhado dela.

- Sara? Aconteceu alguma coisa? Entra menina. Pensava te visitar amanhã.

Ela esperava enquanto ele fechava a porta e avivava o fogo. Ela pôs a jaqueta pendurada no respaldo de uma cadeira e tirou as botas para colocar um par de sapatilhas puídas. Apesar do calor repentino, seus dentes continuavam batendo ao voltar-se para ele.

- Pai, pode me dizer com exatidão onde encontrou Valentín e Peter na Turquia?

Ele deixou de avivar o fogo e ficou imóvel.

- Por que deseja saber isso?

- Porque há rumores sobre o passado de Valentín. Queria te perguntar a verdade.

Para seu horror, seu pai afundou em uma das cadeiras perto da chaminé e cobriu o rosto com as mãos. Sara se aproximou mais.

- Pai, eu preciso saber. Por favor, me diga.

- Deus do céu, o que tenho feito? Nunca devia ter escutado a sua mãe. Devia mantê-lo afastado de ti.

Ela ajoelhou-se diante dele.

- Encontrei-o em um bordel quando estava... Entregando umas mercadorias ao dono.

- Que mercadoria devia entregar em um bordel? Ele levantou a cabeça, mas não enfrentou o olhar dela. - Não é de sua incumbência, jovem. Ainda sou seu pai. Mordeu com força o lábio.

- Eles eram serventes lá?

- Eram escravos sexuais. - Seu pai soava cansado, mas resolvido - Homens e mulheres pagavam por seus serviços sexuais.

- Como sabe isso?

Mais uma vez ele resistiu ao olhar dela.

- Porque a primeira vez que os vi, Valentín e Peter estavam em meio de uma orgia. Fixei-me neles porque a pele deles era tão clara que perguntei quem eram. -estremeceu - A proprietária pensou que eu desejava comprar seus serviços e me falou sobre suas diversas habilidades.

Ele agarrou a mão de Sara.

- Devia afastá-los dali. Nenhum inglês deveria ser escravo. Logo depois de meu primeiro encontro com eles, dava-me conta de que Peter era viciado em ópio e era muito dependente de Valentín. Não pude deixá-los morrer ali. Eles se negaram a dormirem separados na viagem para casa, mas não perguntei sobre o que fizeram.

Sara mantinha seu olhar.

- Por que não me contou a verdade antes que eu me casasse com Valentín? Advertiu-me sobre Peter, mas não me explicou nada sobre o passado de Valentín.

Ela dava-se conta de que estava zangada e grande onda quente desse sentimento se elevava dentro dela, faziam com que suas lágrimas ardessem e fortaleciam seu propósito.

- Valentín me ofereceu uma imensa soma de dinheiro por sua mão em matrimônio. Aceitei-a porque como um imbecil, acreditei em suas promessas de que se separou de Peter e tentava fazer honra a seus votos de casamento.

Sara ficou de pé e as saias úmidas aderiam às suas pernas. Ele tinha esquecido de adicionar que tinha estado desesperado por salvar seus negócios. Ao menos, tinha a

resposta a sua pergunta. Seu pai a tinha vendido por um benefício pessoal e Valentín a tinha comprado, para que? Luxúria, ou como uma tela de fumaça de respeitabilidade?

- Sara, se tivesse havido outra maneira de salvar meus negócios e nossa família, eu a teria aceitado - A dor na voz de seu pai a deixou adormecida. Com que direito acreditavam os homens que podiam tratar suas mulheres como estúpidas ovelhas? Não podia decidir a quem odiava mais: a seu pai, por aceitar seu casamento ou a Valentín por utilizar sua inocência como escudo de sua verdadeira natureza.

Ela deu meia volta quando Valentín entrou no quarto sem bater. Peter estava atrás dele.

- Que desejais? Se tiver vindo oferecer a meu pai mais dinheiro para mantê-lo calado sobre seu passado, chega muito tarde porque ele já me confirmou o pior.

- E do que se trata?

- De que mentiu pra mim e me usou.

O sorriso de Valentín se alargou.

- Você estava bastante de acordo em se casar comigo, alguns poderiam dizer desejosa. Decidiu que já não sou de seu agrado?

Ela o olhou com fúria e tão consumida pela ira que já não lhe importava que houvesse público.

- Tem que brincar sobre tudo, Valentín?

Ele fez-lhe uma reverência.

- Só quando parece que têm escrito meus versos e decidido minha sorte.

O pai de Sara ficou de pé cambaleante. - Possivelmente devesse ir embora. Eu cuidarei dela.

Valentín franziu o cenho e deu um passo para ela, com a mão estendida.

Sara retrocedeu de ambos.

- Não quero a nenhum de vocês dois perto de mim – ela olhou para Peter – me acompanhará até em casa?

A mão de Valentín caiu a seu lado e inclinou a cabeça para seu sogro.

- Sara tem razão. Não há necessidade de que nenhum de nós lhe provoque mais sofrimento. Estará segura em sua própria casa. Decidi ir de viagem de negócios para a Rússia.

Peter limpou a garganta, mas depois de um olhar de Valentín, permaneceu em silêncio.

- Retornarei em alguns meses, depois de que tenha arrumado nossas fortunas debilitadas. - Olhou diretamente para Sara, mas ela não detectou nada atrás de sua expressão insossa - Possivelmente isso te dará tempo suficiente para decidir como desejais continuar. - Fez outra reverência e seu rosto era uma máscara perfeita. Afastou-se dela na noite.

Sara o observou partir, consciente da angústia de Peter e das queixas de seu pai como um lúgubre coro grego atrás dela. Seu aborrecimento desapareceu com tanta rapidez como tinha aparecido, deixando-a fria e fatigada. Tinha a sensação de estar à beira de um abismo enquanto ouvia as botas de Valentín que faziam ruído ao descer as escadas.

Deus do Céu. O que ela tinha feito?

CAPITULO 17

-Pelo amor de Deus, Peter, por que Valentín não me explicou isto quando teve a oportunidade?

Sara se voltou para Peter, com as anáguas girando a seu redor. Ele se sentou cômodo no divã bebendo o chá e estendeu os pés ainda com as botas para o calor da lareira. O inverno se aproximava da cidade e o domínio de seu frio mortal era evidente no ar gelado e no céu escuro e carregado.

- Você não lhe deu uma oportunidade exatamente, não é verdade? Val me beijou porque acreditou que Aliabad havia tornado a bisbilhotar. Não significou nada. - Peter se encolheu de ombros - Eu sou o único que sabe isso.

Sara fechou a boca de repente. Peter tinha razão. Naquela noite fatídica na casa da senhora Helene ela havia se sentido muito zangada e traída para escutar a alguém. Suas lembranças ainda eram fragmentadas. A fúria para com seu pai tinha colidido com a ira para com Valentín e isso tinha neutralizado todo seu sentido comum.

Depois que Sara se negou a acompanhá-lo até sua casa, seu pai, consternado, tinha retornado a Southampton sozinho. Já não estava segura de como se sentia com respeito a ele. Sua explicação insuficiente sobre ter estado no bordel na Turquia o fazia menos homem ante seus olhos.

Peter apoiou a taça.

- Deve compreender, Sara. Val nunca confiou em ninguém desde suas experiências na Turquia. Espera que o julguem mal e fez uma arte de fingir que você não importa para ele.

- E eu cumpri suas expectativas maravilhosamente, não foi? – ela afundou-se no tapete e apoiou a cabeça no joelho de Peter. Valentín tinha partido por seis semanas e Peter e ela tinham tido essa conversa uma infinidade de vezes. Ela sentia saudades a cada momento da companhia de Valentín, em especial de sua presença na cama - Comportei-me como uma imbecil.

- Não seja tão dura com você mesma. Val foi mais.

Ela conseguiu desenhar uma risada tímida.

- Isso me faz sentir um pouco melhor, mas agora preciso saber como reparar o dano que causei.

Peter suspirou.

- Não vai ser fácil. Ele não dá segundas oportunidades.

- Devia confiar mais nele. Devia me preocupar menos por meus sentimentos feridos e... – ela evitou dizer as inúteis palavras. Não tinha sentido chorar pelo leite derramado. Devia continuar e encontrar a maneira de trazê-lo de volta junto a ela.

-E agora Valentín está em algum lugar atrás das linhas inimigas na Europa. Não é possível que eu o siga e lhe implore para que retorne.

- Deseja que ele retorne?

Sara se ajoelhou e observou a expressão tranquila de Peter. - É obvio que sim. Eu o amo.

- Eu também Sara. – ele vacilou - Isso te ofende?

Ela lhe acariciou a bochecha.

- Não desde que você me explicou o que passaram juntos. Ficaria surpresa se não se importassem um ao outro.

O companheirismo de Peter nas últimas semanas desgraçadas tinha sido para ela o único consolo. Ele era a única pessoa que na verdade compreendia o que tinha feito com que Valentín fosse quem era. Apesar dos temores de Valentín de que Peter tivesse uma recaída em seu vício, Peter tinha demonstrado a si mesmo ser muito mais forte que isso. Tinha demonstrado a Sara que tinha vencido a seus demônios com muito mais êxito do que o tinha feito seu marido.

Ele sorriu para ela.

- Então devemos pensar na maneira de trazê-lo de volta. Algo tão escandaloso que se sinta obrigado a voltar para salvar sua reputação. - Ela o observava com receio enquanto sua boca desenhava um sorriso - Haverá um leilão pouco comum na casa da senhora Helene no mês que vem. Helene acredita que é seu dever patriótico assegurar-se de que nenhum soldado vá a uma batalha sendo virgem. Oferece às damas da alta sociedade a oportunidade de demonstrar seu patriotismo deflorando a qualquer jovem disposto que se alistou recentemente.

A boca de Sara caiu aberta.

- De verdade teria que fazer isso?

- O que acontecer atrás da porta do quarto fica entre o homem que ganhe e você. Ninguém mais deve sabê-lo. - ele afinou os lábios e parecia desaprovador - Certamente, eu me sentiria obrigado a escrever a Valentín imediatamente sobre sua conduta descarada e as consequências para seu prestígio social. Se isso não o trouxer para casa no navio seguinte, nada o fará.

- E quando ele chegar aqui, eu terei que pensar numa maneira de fazer com que volte a confiar em mim. - ela mordeu o lábio - Já pensei em uma maneira, mas necessitarei de sua ajuda.

Peter sorriu.

- Tem que me pedir isso? Certamente que te ajudarei.

- Quero compreender como foi para ti. - novamente ela mordeu o lábio - Ambos eram muito jovens...

- Podia ter sido pior, Sara. - Peter se encolheu de ombros - Ao menos a senhora Tezoli esperou alguns anos até que crescêssemos o suficiente para ter uma ereção ao invés de nos enviar para trabalhar assim que chegamos.

Sara sentiu sangue em sua boca.

- Como pode dizer isso com tanta tranquilidade? Como pode ser indulgente com essa mulher horrível?

Peter a olhou, com seus olhos azuis calmos.

- Porque tenho que viver comigo mesmo e com quem sou também devo perdoar.

Ela continuava observando-o enquanto ele ficava de pé. - Devo demonstrar a Valentín que o que aconteceu no passado não me repugna. Se me colocar em uma posição em que confie nele sem reservas, talvez possa fazer o mesmo por mim.

Peter fingiu aplaudir, seu rosto entusiasmado agora brilhava contrariado.

- Siga em frente, Sara. Impressiono-o. Desfrutarei de cada maldito minuto disso.

CAPITULO 18

Sara ouviu o som das vozes no vestibulo e com apatia levantou o olhar do livro que fingia ler. A neve caía do outro lado da janela e fazia com que fosse difícil distinguir entre o céu e a terra. A sobriedade da noite de inverno favorecia a amargura de seu humor. Ela não tinha se incomodado em se trocar para o jantar, não tinha apetite nem esperava hóspedes. Para seu aborrecimento, sua visita parecia não ter pressa em partir. Era Peter que tentava seduzi-la para que voltasse para a sociedade?

Envolveu uma manta de lã ao redor dos ombros e se dirigiu para o patamar. Abaixo se encontrava um homem alto que usava um chapéu com pele e uma larga capa negra. Ele estava de pé no vestibulo e falava com o mordomo e mesmo antes que se voltasse para levantar o olhar e vê-la, ela soube que era Valentín.

Durante os três meses em que ela não o via ele tinha mudado sua aparência. Deixou crescer a barba, seu rosto estava mais magro e seus olhos estavam escuros como se tivesse cavalgado pelo inferno para chegar até ela.

Sara levou a mão à boca. - O que faz aqui?

Sem afastar o olhar, ele tirou o chapéu encravado de neve e o deu ao mordomo.

- Não me esperava? - Sob a luz amarela do gás, o forro de zibelina escura de sua capa se ondulava como um animal vivo - Na verdade, já estava em minha viagem de volta da Rússia quando recebi notícias sobre seu apuro.

Ela elevou o queixo. - Não te pedi que viesse.

Ele tirou a pesada capa. - Não, não o fez, não é verdade? - ele percorreu seu corpo com o olhar - Está preparada para sair? Suspeito que é necessário que nos vejamos juntos o mais breve possível para dissipar qualquer rumor.

Ele entrou na sala de estar com a capa arrastando atrás dele.

Quando Sara o alcançou, ele examinava os cartões de convite que ela tinha deixado sem abrir sobre o suporte da lareira. Deu-lhe três.

- Iremos a estes. Devo me trocar e tirar esta maldita barba. Se prepare para dentro de meia hora.

- Mas não desejo sair.

Seu tom amável e seu rosto inexpressivo não puderam esconder a fria fúria de seu olhar.

- Não perguntei o que desejava fazer.

Ele girou sobre seus pés e se dirigiu às escadas.

Sara permaneceu no centro da sala, segurando os cartões gravados como uma imbecil. Teria tempo de enviar uma mensagem a Peter para lhe pedir que se encontrasse com eles no primeiro baile? Se desejasse que seu plano funcionasse, necessitaria da ajuda dele. Olhava fixamente a capa que Valentín tinha deixado sobre uma cadeira e não pôde evitar levantá-la e abraçá-la contra seu peito. Ela tinha seu perfume único e estava com o calor da pele dele. Sara afundou o rosto nas grossas dobras e lutou para recuperar a calma.

Ele tinha voltado. Para ela.

Sara não se surpreendeu quando Valentín apareceu na porta que conectava seus quartos e fez um sinal com a cabeça para que sua criada partisse. Ele estendeu a mão para lhe pedir a escova e ela se sentou na penteadeira.

Tinha colocado o comprido penhoar de seda negra. Sem a barba nem o bigode, ela podia ver as clássicas rugas do rosto dele, os ângulos agudos de suas maçãs do rosto e seus magníficos olhos violeta.

Ele começou a lhe escovar o cabelo. Suas carícias eram suaves e constantes.

- Devia ter sabido que Peter contataria comigo para me contar a respeito de suas atividades.

Seu tom de conversa ignorava o fato de que não se falaram durante três desesperadores meses. - A que atividades em particular você se refere? Ela sorriu sem humor.

- Seu adultério com dois soldados recém alistados no batalhão de fuzileiros. Acredito que eram gêmeos. - Gêmeos idênticos.

A escova se deteve na metade de uma carícia. - Não nega ter feito sexo com eles?

- Por que deveria fazê-lo? Se você ouviu sobre isso nas terras remotas da Rússia, deve ser verdade.

Ele continuou escovando-a.

- E valeram a pena?

Ela se fingia confusa. - Se valeram a pena?

Valentín esboçou uma risada curta. - Sua reputação, minha querida. Conforme Peter me tem dito, certos setores da sociedade lhe evitaram.

Sara se encolheu de ombros.

- Eu sobreviverei. Deveria saber melhor que ninguém. - Ela olhou para o espelho e esperou uma reação. Sua expressão permanecia alarmantemente agradável.

- Hoje à noite, começaremos a reparar o dano. Aparecerei a seu lado como se nada de mal tivesse acontecido. Logo aparecerá outro escândalo e todos esquecerão isto.

- Na verdade é assim tão simples?

Valentín baixou a escova. - Teremos que vê-lo, não é verdade? - Deslizou a mão dentro de seu bolso e tirou algo.

- Possivelmente queira usar isto por mim esta noite. Poderia ajudar a que te concentre em fingir ser uma esposa adorável e loucamente apaixonada por seu bonito marido.

Sara observou as finas correntes de ouro, os ganchos e a única pérola. Seu corpo reviveu de um calafrio ao dar-se conta de que não havia lhe trazido um presente pouco convencional. - Acredito que terá que me ajudar.

Valentín baixou o penhoar dela pelos ombros. - Então terá que ficar de pé.

Ele observava seu corpo nu no espelho. Seus mamilos se esticavam e repuxavam dos ganchos de ouro inseridos através deles. As mãos dele rodearam sua cintura e ajustaram em um círculo a primeira das correntes interconectadas na parte inferior de seus quadris. Subiu duas correntes finas até seus seios e as uniu através dos aros de seus mamilos.

- A mulher que me vendeu isso disse que a carícia da pérola é parecida com a da ponta do dedo de um homem em seus clitoris. O objetivo é te estimular, te fazer pensar

constantemente no sexo. – Ele deixou que a última peça da corrente, a que continha a pérola, se pendurasse entre suas pernas.

- Disse isso enquanto modelava a peça para ti?

Valentín não lhe respondeu e Sara lutou para conter um tremor quando ele cavou a mão em seu monte e deslizou o fino ouro entre os lábios de sua vagina e o levou para suas nádegas. Ajoelhou-se a seus pés, com a expressão séria enquanto passava a cadeia por baixo e pelo contorno dos quadris dela.

Encontrou a pérola, que parecia mover-se nas correntes e pressionou-a contra seus clitoris e a manteve ali com o nódulo de seu polegar. Os finos elos dos aros em seus mamilos esticavam e puxavam com delicadeza sua pele excitada. Ele ajustou a longitude da corrente entre suas nádegas e a prendeu em sua cintura.

Levantou o olhar para ela como um modista interessado em ver como ficava o novo vestido.

- Está confortável?

Sara se endireitou e imediatamente sentiu a pérola deslizar-se contra seu clitoris, que se esquentou contra sua pele em um segundo. - Assim é como tenta me castigar?

Valentín ficou de pé. Seu pênis ficou claramente visível entre as dobras do penhoar e ele não fez nenhum gesto para escondê-lo.

- É o começo, não acha? Discutiremos como continuar no final da noite. Fique aqui.

Sara tinha estendido a mão para alcançar seu espartilho, mas de maneira obediente permaneceu imóvel. Valentín pôs de lado seu penhoar e estimulou seu pênis com a mão. Para ela era impossível não olhar as carícias agitadas dos dedos dele enquanto ele se umedecia e se dilatava. Os mamilos dela se esticaram e seu corpo respondeu com uma corrente de seu próprio néctar.

- Seria agradável gozar contra seu ventre agora e te ver nua e coberta com minha semente. - Apertou seu pênis - É assombroso quão territorial pode chegar a ser um homem. Dessa maneira, todos saberiam que me pertence.

Ele fez uma careta quando seu sêmen saiu a jorros entre seus dedos. Sua respiração se entrecortou e ele voltou-se para Sara passando os dedos empapados pela boca fechada.

- Se prepare para partir em quinze minutos. Esperarei no vestíbulo.

Valentín baixou o olhar para o rosto sereno de sua esposa enquanto dançavam. Pessoalmente estava ainda mais bela do que a tinha imaginado em seus sonhos tortuosos e o longo cabelo escuro dela estava preso em uma coleção de cachos e tranças, emoldurando seus traços. Era classicamente inglesa. Entretanto, tinha uma grande sensualidade debaixo dessa pele perfeita.

Pela primeira vez em sua vida, ele estava indeciso. Arrependeu-se de sua decisão abrupta logo que tinha zarpado com o navio. Devia ter ficado e lutado pelo que queria e não desaparecer como se demonstrasse sua culpabilidade. Na verdade, nunca tinha se defendido. Para ele tinha sido fácil ignorar as desavenças, esconder-se atrás de um sorriso agradável, permitir que o ódio e a repugnância própria lhe infectassem a alma.

Mas agora Sara conhecia o pior dele. Ao chegar, no fundo tinha esperado que ela ordenasse que ele se retirasse da casa. Ao invés disso, ela o tinha recebido bem, tinha-lhe permitido tocá-la e tinha demonstrado ser uma companhia agradável e atenta por toda a noite. Apesar das cartas ansiosas de Peter, não tinha notado que Sara recebesse grandes

desprezos da alta sociedade. Era possível que sua mera presença tivesse desalentado a fofoca. Inclina-se mais a pensar que Peter havia superestimado de maneira intencionada o apuro de Sara em um intento de persuadi-lo para que voltasse para casa. Peter não precisava saber que já tinha retornado.

- Está se divertindo, minha querida?

- Sim, milorde. Está uma noite muito agradável.

Ela voltou a sorrir para ele com os olhos azuis bem abertos e tranquilos. Ele tinha esperado que ao vê-lo, a princípio ela estivesse zangada e que logo lhe permitisse explicar e convencê-la do que sentia. Inclusive tinha se preparado para se ferir. A recepção fria e o fato de que ela não tinha negado ter um amante, tinham reacendido seus instintos possessivos.

Ele apertou os dentes contra um impulso de sacudi-la pelos ombros até que seus dentes batessem.

- Por que é tão amável comigo? - perguntou-lhe de maneira abrupta.

- Não é isto o que desejava? Uma agradável esposa convencional a que não lhe movesse um cabelo por suas infidelidades?

Dentro do peito de Valentín, a fúria e a luxúria lutavam uma batalha perdida contra as boas maneiras. Ele deixou de dançar e afastou Sara da pista de baile, agarrando seu braço com tanta firmeza que sentia todos os ossos de seu pulso. Lançou-se para o primeiro quarto deserto que encontrou.

- Meu nome é Valentín, não milorde.

Ela levantou o queixo.

- Sei muito bem. - Seu espartilho subia e descia a cada respiração apressada. Ele se lembrou das correntes presas aos aros de seus mamilos e da pérola afundada nas suaves dobras de seu sexo. O silêncio entre eles parecia tremer pelo calor sexual e a expectativa.

- Ainda sou seu marido. Ainda me pertence.

- Não pertenço a ninguém.

Ele a olhou fixamente nos olhos. - Possivelmente deva te convencer.

Pressionou-a contra a parede e caiu de joelhos. Sua boca roçou o suave cetim de seu vestido.

- Levante as saias.

O suave rangido do cetim e das anáguas soou forte no silêncio da biblioteca.

- Abra as pernas.

Ele deslizou um braço atrás de suas nádegas para que sua vagina ficasse em ângulo para ele. A pérola estava em seus clitóris, agora rodeada de espirais pela sua umidade. Com um gemido, ele a levou até sua boca; seus dentes roçaram a pérola e a sugou com força junto com seu botão inchado.

Sara gemia enquanto ele lambia e lambia a pérola e a fina corrente de ouro. Ele desejava possuí-la com força contra a parede. Não lhe importava que alguém entrasse na biblioteca e os visse. Deus! Adoraria ver quão ciumento que ficaria qualquer homem ao ver Sara gozando em seus braços.

Ela começou a estremecer e a tremer ao redor de sua boca selvagem. Ele lutou contra uma quebra de onda de emoções que ameaçavam afligi-lo. Com muito cuidado, ficou de pé e passou sua mão por seus lábios. Observou seu rosto excitado e lutou para

encontrar sua habitual expressão divertida. A fúria ardia em seu ventre. Como ela se atrevia a fingir que não lhe importava seu passado sexual? Como se atrevia a fingir que não lhe afetava?

Ocorreu a ele que desejava que ela se zangasse. Desejava sua ira para poder persuadi-la de que o perdoasse e o aceitasse de volta. Tragou seus pensamentos alterados e impróprios de um homem e lhe obsequiou seu sorriso mais insolente.

- Acredito que devo te deixar. Prometi a próxima dança a uma velha amante.

Tomou a mão de Sara justo antes que ela lhe desse uma bofetada no rosto. Beijou-a com força até que ela deixou de tentar mordê-lo. Ela o chutou e suas sapatilhas de baile de pelica se deslizaram inutilmente contra a perna dele.

- Você é um bastardo, Valentín Sokorvsky.

- Sou? Não estou me comportando como um marido traído?

Ela o olhou com fúria, seu peito subia e descia a cada fôlego.

- Você partiu e me deixou sozinha por três meses e agora, espera que sinta pena por ti?

Ele endireitou seu lenço de pescoço e se afastou dela. - Não quero sua pena.

- Não sabe o que quer.

Ele mantinha seu olhar para lhe permitir que visse a sua ira.

- Esta noite quero que me implore.

Seus olhos azuis saltaram de volta para ele. - Veremos quem termina implorando...

CAPITULO 19

Sento-me no chão junto à lareira do seu quarto.

Estou nua, exceto pelo colar de diamantes em meu pescoço. Uma grossa corrente de ouro presa ao colar cai entre meus seios e se enrola entre minhas pernas. Meu cabelo preso cai por minhas costas para que eu não possa esconder meu corpo nem minha expressão. Assim é como me prefere: sou sua escrava e devo obedecer.

Seu ajudante de quarto passa por diante de mim, enquanto acomoda suas roupas. Como um criado pago e não seu escravo, ele se considera superior a mim. Às vezes, agacha-se a meu lado e toca meu seio ou belisca meu mamilo. Suporto que ele me toque porque devo fazê-lo. Às vezes me excita.

Enquanto espero, me pergunto como serei tratada. Às vezes você me ignora e fico dormindo, sozinha, junto ao fogo. Se eu tiver sorte, você me permite que te tire a roupa e te faça amor. Se estiver de mau humor, devo tentar me antecipar a seus desejos e prevêê-los com tanta rapidez quanto me for possível.

Às vezes, você deixa que tome seu pênis dentro de minha boca e trague sua semente sem que sequer me toque. Não me queixo. É uma honra te servir. Se estiver triste, pode-me levar perto do prazer e logo ir embora. Não me permite alcançar a liberação sozinha, a menos que me dê a permissão. Agrada-me quando você me vê gozar.

Minhas noites preferidas são quando me põe de pé, desabotoa suas calças e me toma com força e rapidez contra a parede. Amo a sensação de seu corpo golpeando contra o meu e sua boca urgente sugando meus seios.

Às vezes você traz Peter e essas são as melhores noites de todas...

Valentín olhou com fúria para seu criado enquanto observava desaparecer sua carruagem na estrada. Depois da dança de Valentín com lady Ingham, Peter lhe tinha contado que Sara foi embora. Ele a tinha perseguido até o vestibulo, só para descobrir que a tinha perdido e que o tinha abandonado no baile.

- A dama disse que me desse alguma coisa?

- Isto, senhor. - O criado estendeu a mão. Valentín reconheceu a capa de seda vermelha do livro imediatamente.

- Obrigado.

Ele afastou a vista da porta principal aberta em busca de um lugar tranquilo e Peter o seguiu. Uma nota voou até o piso de mármore e Peter a pegou e a entregou. Valentín leu em voz alta.

- «Quero experimentar como é ser uma escrava do prazer».

Na biblioteca deserta, Valentín folheou as páginas escritas até que encontrou a última anotação do livro. Tinha data anterior a dessa noite e ele leu e releu as palavras várias vezes. O sangue de seu corpo abandonou seu cérebro para dirigir-se a seu pênis enquanto entregava o livro a Peter.

- «... Às vezes você traz Peter e essas são as melhores noites de todas». Que demônios você acha que significa isto?

Peter parecia pensativo ao lhe devolver o livro.

- Acredito que sua esposa tenta dar a dois antigos escravos uma noite muito interessante.

Valentín fechou os olhos e visualizou Sara nua, esperando a seus pés. Seu pênis se endurecia ainda mais. - Duvido que esteja em casa.

Peter se voltou para a porta.

- Imagino que estará na casa da senhora Helene; é mais seguro lá. Irei chamar minha carruagem enquanto você procura as capas e os chapéus.

Valentín parou diante da porta grafite de branco. Uma pequena placa de porcelana que continha o número sete era a única decoração e ele tinha pedido a Peter que esperasse em caso de ter compreendido mal a mensagem de Sara. Apoiou a mão na superfície branca e lisa enquanto contava os batimentos irregulares de seu coração.

O que esperava exatamente? Se Sara tinha planejado essa noite para humilhá-lo, ele sabia que nunca a superaria. Mas, e se ela desejava continuar com essa fantasia particular para poder compreender pelo que Peter e ele tinham passado? Ao converter-se no que ele mais temia, ao subjugar-se a ele, procurava de maneira deliberada sua confiança?

Ele endireitou os ombros. E se ela estivesse fazendo migalhas de seu orgulho?

Valia a pena então ele bateu na porta e entrou.

Por um instante, imaginou que estava de retorno a seu quarto. Um criado uniformizado colocou seu penhoar preferido sobre a cama e lhe fez uma reverência.

Ele desviou o olhar para a lareira. Sara estava ajoelhada ao lado de uma cadeira com a cabeça inclinada e as longas linhas deliciosas de seu corpo nu brilhavam sob a luz do fogo. Um colar de diamantes grampeado a seu magro pescoço atraiu a luz quando ela levantou a cabeça.

- Deseja que lhe ajude a se despir, senhor? - A voz agradável do criado se intrometeu na consciência de Valentín.

- Não. Pode ir embora e não volte a menos que lhe chame.

Depois que o homem desapareceu, Valentín voltou a concentrar sua atenção em Sara. Caminhou para o outro lado da lareira e a olhou fixamente. Uma pesada corrente de ouro descia entre seus seios e desaparecia entre suas pernas. Ele estendeu a mão para baixo e levantou a corrente sustentando-a em suas mãos. Estava quente por causa do corpo dela e pelo fogo e úmida porque tinha estado apoiada contra o seu sexo.

Ele deu um ligeiro puxão na corrente e ela levantou o olhar.

Não via nenhum sinal de brincadeira, nem mal-estar na expressão dela. Só o desejo de satisfazer e isso incendiou o pensamento dele. Até onde ela o deixaria chegar? A tentação de pôr à prova os limites dela o consumia.

- Sugue meu pênis.

Ela se ajoelhou e desabotoou suas calças com pulso firme e ele já estava excitado e mais que preparado. Ela envolveu uma mão ao redor da grossa base de seu pênis, cavou a palma da mão em seus testículos e tomou o resto profundamente em sua boca.

Valentín fechou os olhos enquanto ela sugava, lambia e acariciava seu pênis palpitante. Ele tinha-lhe ensinado bem a lhe dar prazer e logo deslizou a mão entre seus corpos e puxou o pulso direito dela.

- Afaste a mão, quero-o todo dentro de sua boca. Era muito grande para ela, ele sabia e esperou para ver o que ela faria. Para sua surpresa, ela introduziu mais e

estremeceu quando o extremo de seu pênis se deslizou por sua garganta. Então, ele gozou, em violentos jorros dolorosos, era muito profundo para que não o tragasse.

Ele abriu os olhos e a olhou. A bochecha dela descansava em sua coxa e sua respiração estava forte. Deus, quase pôde afogá-la ao gozar. Envolveu a corrente em sua mão e a fez ficar de pé. Pressionou a mão entre suas coxas e descobriu que estava muito úmida. Seu pênis voltou a despertar e com firmeza, ele voltou a abotoar as calças.

Sara estremeceu quando Valentín a olhou. Fez um gesto para uma cadeira atrás dela.

- Sente-se. - Apressadamente ela obedeceu. Seu corpo já gritava por sua atenção - Abra as pernas. - ele separou bem as pernas dela e enganchou seus joelhos nos braços da cadeira, expondo-a por completo para seu olhar.

Ela esperava enquanto ele a observava consciente que o olhar dele fazia com que seu sexo palpitasse desejoso para que ele o tocasse. O brocado de seda era frio contra a pele quente e ele incentivava que se relaxasse contra ele. Valentín agachou-se entre suas coxas, apoiou as mãos sobre seus joelhos e pouco a pouco subiu as mãos pelos quadris até chegar aos seios.

- Alegra-me que ainda os use. - Tocou os aros dourados que atravessavam seus mamilos e lambeu o que tinha no umbigo.

- Eu os uso para você, milorde, porque lhe dão prazer. Ao falar ela mantinha baixo o olhar, consciente de sua nudez, consciente da força controlada dele. Ela compreendia que sua vulnerabilidade também o fazia vulnerável? Os dedos dele roçaram o clitóris inchado e ela estremeceu.

- Deseja que ponha minha boca sobre seu corpo?

- Isso você decide, milorde. Estou aqui para satisfazê-lo.

Com cuidado, ele tocou o duro casulo de seu sexo com um dedo. - Está muito úmida. Sentiu saudades?

- Sim. - Sara conteve um gemido enquanto a ponta do dedo dele ia de trás para frente.

- O que aconteceu com os gêmeos levou para sua cama? Não lhe satisfizeram?

Sara fechou os olhos. Que injusto da parte dele tocar no assunto quando se encontrava em sua posição mais indefesa! Teria que ser honesta. Ele sempre se dava conta quando ela mentia. - Ganhei em um leilão. Eles deviam partir para a guerra e nenhum deles desejava morrer virgem.

O dedo deixou de se mover.

- Então, cumpreste com seu dever patriótico?

Sara reuniu sua coragem. - Não. Esperava te atrair para que retornasse para mim.

Então ela queria chamar sua atenção.

Valentín se inclinou para frente e sugou seu clitóris. Sugava de maneira tão feroz que Sara quase caiu da cadeira e quando ele se afastou, lambeu os lábios. Tinha-os cobertos por seu néctar.

- Vejo que sou um homem possessivo. Seu intento de atrair minha atenção teve êxito. - Olhava seu corpo exposto - Eles eram bons?

- Não, eram cachorrinhos ansiosos e excitados. Não tinham idéia de como dar prazer a uma mulher.

- Então você os ensinou.

- Eu tentei, mas eles estavam mais interessados em seu próprio prazer que no meu.

- Valentín não precisava saber que os gêmeos tinham estado mais interessados em transar um com o outro. A senhora Helene a tinha ajudado a escolher com exatidão o par correto sobre a qual ofertar.

Um débil sorriso cintilou nos traços inflexíveis dele. - Deve ter sido... frustrante... para você. - ajoelhou-se e tocou a ponta do mamilo dela com a língua. Ela conteve o fôlego pelo calor da boca dele sobre sua pele fria e o som discordante do metal contra seus dentes enquanto puxava o aro dourado.

Os botões nacarados de seu colete pressionavam contra seu ventre; seu pênis empurrava com força contra os limites de suas calças. Ele fazia círculos com seus quadris, roçando o cetim frio e suave contra sua vagina quente e úmida.

- Gozaram ao menos três vezes cada um antes de conseguir aproximar-se de mim - ofegou Sara enquanto seu orgasmo ameaçava.

- Isso deve ter sido desagradável. Agora me dou conta por que você os chamou de cachorrinhos. Não estavam bem ensinados.

Sara conteve um sorriso. Valentín sempre a fazia rir nos momentos mais inapropriados. Ele deslizou a mão entre os dois e tocou-lhe a vagina.

- Se na verdade fosse minha escrava eu a perfuraria aqui. Eu adoraria poder tê-la nua só com uma fina corrente de ouro presa aos lábios de sua vagina. - riu em voz baixa quando a umidade dela banhou seus dedos - Maldição, a idéia te agrada. Permitiria isso, não é verdade? - separou-se dela - Não poderia te tomar o clitóris. Acredito que deveria ir procurar Peter. Ele está lá fora, nas salas públicas.

Ele levantou-se e caminhou até o armário de madeira de cerejeira e abriu as duas primeiras gavetas.

- Necessitará de uma máscara para ocultar seus olhos e algo para cobrir seus quadris. Não quero que todos os homens do lugar saibam quão úmida e disposta para o sexo se encontra minha escrava. - Franzia o cenho enquanto dava voltas a várias tiras curtas de seda - Chamarei um criado. - Sara se preparou para mover-se, mas Valentín estendeu a mão - Pode ficar como está.

Sara permaneceu sentada, com as pernas por cima dos braços da cadeira, exibindo sua vagina. Doíam-lhe os músculos das coxas devido à tensão, mas ela sabia que não lhe convinha mais se queixar. O laçao que respondeu às ordens de Valentín era bastante jovem e seu olhar permanecia em Sara enquanto ouvia a ordem de Valentín.

Para surpresa de Sara, Valentín não parecia se importar com o comportamento do homem. Depois que o criado lhe mostrou onde havia fitas de seda mais largas, Sara esperava que ele se despedisse do homem, mas não o fez.

Sentiu um tremor de excitação quando ele fez um gesto para o criado ir até à cadeira. O jovem lambeu os lábios quando Valentín se aproximou e ficou de pé junto a ele.

- Qual é seu nome?

- Parrish, senhor, Tom Parrish.

- Bem, senhor Parrish. Você a acha bela?

Tom olhou de soslaio para Sara.

- Não é correto que eu diga isso, senhor, mas, sim, ela é.

- Então, a senhora Helene não lhe permite ter relações sexuais com os convidados?

- Oh, sim, senhor, diz-nos que façamos o que deseja o cliente e isso inclui transar e algo mais, senhor. - Enrugou o cenho para seus sapatos - Não faz muito tempo que estou aqui, mas sei que tampouco devemos fazer nada que não queiramos senhor.

- E você gostaria de tocar esta mulher?

Tom se ruborizou. - Só se prometer não me bater depois, senhor.

Valentín se sentou na cadeira de frente para Sara.

- Dou-te minha palavra de que não te farei mal. Toca-a no lugar que deseje.

Sara ficou tensa quando Tom voltou sua atenção para seu corpo nu, então ele estendeu a mão e acariciou o aro de ouro que atravessava seu mamilo.

- Isso lhe dói?

Sara negou com a cabeça e Valentín riu em voz baixa. - Toma-o em sua boca e suga com força, ela adora.

Tom apoiou as mãos nos joelhos de Sara e se inclinou. Ela podia ver o começo de uma barba incipiente debaixo de suas bochechas ruborizadas e sua boca se fechou sobre seu peito direito e ela gemeu.

Valentín falou outra vez.

- Desliza os dedos em seu interior enquanto a suga. Ela não se importará.

Sara abriu os olhos quando Tom deslizou dois dedos em seu interior. Valentín a observava com a expressão indecifrável. Se ela se queixasse, ele deteria Tom? Sabia que como verdadeiro escravo, ele não tinha tido o poder de deter ninguém que o tocasse se tivesse pago por seu tempo.

Mesmo assim, como poderia evitar que seu corpo reagisse ante o roçar de um homem? Valentín teria sentido prazer com alguns de seus clientes e se odiava por isso? Tom sugava mais forte e empurrava seus dedos com mais rapidez. Seu entusiasmo superava sua habilidade. Queria Valentín que ela gozasse ou não? Estava perto.

Valentín se levantou quando Tom começou a gemer e a empurrar seus quadris contra o ventre dela.

- Abra as calças dele e tome o pênis em sua mão. Ajude-o.

Sara mal teve tempo de envolver seus dedos ao redor do falo de Tom antes que ele chegasse ao clímax com um grito tremente. Sua boca se relaxou contra seu mamilo e sua respiração era entrecortada. Disse-lhe entre dentes, contra o peito dela:

- Obrigado milady, Obrigado.

Valentín jogou no homem uma bolsa cheia de moedas enquanto ele ia embora com um sorriso idiota nos lábios e suas calças de cetim manchadas na virilha. Sara se reclinou para trás e esperou que Valentín retornasse. Ele jogou uma moeda de ouro para ela, que aterrissou entre seus seios. Ela sentiu o frio do metal contra o ruborizado de sua pele e um calor humilhante subiu para suas bochechas enquanto ansiava jogá-la de volta no rosto dele.

- Não sabia que pagavam a um escravo, milorde.

- Se satisfizer a seu amo, sim.

- Agradou-te observar que outro homem me tocasse?

O olhar dele se endureceu.

- Se na verdade fosse minha escrava, não faria perguntas tão impertinentes. Faria só o que te dissesse.

- Então, eu devia gozar para ele, embora você seja meu amo e eu não o desejava?

Ele a observava-a em silêncio, com uma mão no bolso. - Um escravo não tem opção quando o compram e se apoderam de seu corpo. Um escravo aprende a sentir prazer quando pode.

Inclinou-se para frente, agarrou a moeda e voltou a guardá-la em seu bolso. Ela estremeceu quando ele colocou um pano úmido e perfumado sobre seu ventre.

- Limpe o sêmen dele, mas não toque na sua vagina. Eu gosto dela úmida.

Ela fez o que lhe pediu e com obediência ficou de pé enquanto ele envolvia a faixa de seda amarela ao redor de seus quadris. Caía quase até o chão, deixando sua perna esquerda parcialmente descoberta. Baixou o olhar para seus mamilos, que agora estavam rígidos de maneira permanente. Tentava levá-la até o salão principal? Ela lembrou-se do homem bêbado que tinha tentado tocá-la quando estava totalmente vestida. O que aconteceria agora que estava quase nua?

O cabelo recolhido para trás de Valentín brilhou sob a suave luz das velas quando ele inclinou a cabeça para ajustar a seda de seu quadril esquerdo. Seu perfume subiu, enjoando-a pelo desejo. Desejava senti-lo mover-se com força e rapidez dentro dela e como se estivesse em um sonho, levantou a mão para lhe tocar a bochecha. Ele girou a cabeça e beijou os dedos dela levando-os dentro de sua boca quente e pecaminosa. Ela cambaleou ligeiramente contra ele enquanto a puxava pelos quadris.

- Também necessitará de uma máscara. - Procurou nas gavetas até encontrar uma de seu agrado. Em seu olhar havia um frio desafio ao levantar a corrente presa no colar ao redor do pescoço dela. - Está preparada?

Sara devia confiar nele. Devia acreditar que ele nunca lhe faria mal. Quando Valentín era escravo, não tinha tido nenhum controle sobre a pessoa que comprava seus serviços e tinha confrontado infinitas possibilidades de dor e humilhação. Sara mordeu o lábio. Como ele tinha suportado a incerteza?

- Sim, milorde.

Ele a conduziu para o corredor silencioso. Seus pés descalços não faziam ruído sobre o suave tapete vermelho. A música combinada com um suave murmúrio de conversa flutuava para eles da porta aberta no final do corredor e Sara respirava de maneira regular enquanto seguia Valentín ao entrar no quarto. Para seu alívio, só havia uma dúzia de pessoas dispersas no pequeno salão íntimo. Um dos homens era Peter, que ficou de pé e fez uma reverência enquanto Valentín conduzia Sara para frente.

- Boa noite, meus queridos. A função está a ponto de começar. - Algo que ela conseguiu notar em Peter foi que ele conseguiu manter o olhar cravado no rosto de Sara - Por que não nos sentamos?

Valentín se sentou no divã mais próximo e empurrou com suavidade o ombro de Sara até que ela se ajoelhasse sobre o tapete a seu lado e Peter se sentou em um ângulo a sua direita, cobrindo-a do resto da sala. No centro do círculo de cadeiras havia uma mulher pequena de pé e seu comprido cabelo negro caía até seus quadris. Estava nua, com a vagina raspada igual a suas pernas e sorria para os espectadores reunidos.

- Bonsoir, meu nome é Renée. Bem-vindos. - Seu sotaque era claramente francês. Ela assinalou para a porta - Ele é meu companheiro, Gastard. Esperamos lhes entreter.

Sara levantou o olhar para Gastard enquanto ele abria caminho entre as cadeiras. Devia medir ao menos dois metros de altura e sua compleição era como a de um trabalhador de campo. Renée era ao menos meio metro mais baixa que ele. Sara deu um salto quando Valentín deslizou a mão de seu ombro para brincar com o aro de seu mamilo.

Gastard tirou as calças e várias damas gritaram e aplaudiram.

Peter emitiu um suave assobio. - Está dotado como um cavalo.

- E nem sequer está excitado ainda - adicionou Valentín enquanto fazia círculos no mamilo tenso de Sara com seu dedo indicador - Será interessante ver como ele a monta.

Sara nem sequer podia imaginar ter um homem tão grande dentro dela e Renée era pequena. Valentín estendeu os dedos até que cavou o peito inteiro em sua mão.

Renée levantou uma garrafa de vidro decorada. - Algum de vós deseja dar massagens com óleo no pênis de Gastard?

- Preferiria fazê-la em ti! - gritou um dos homens.

Renée riu - Poderia fazê-lo. - Piscou-lhe um olho - Se pagar o preço.

Várias moedas de ouro e notas caíam dentro do círculo e Sara observava uma jovem massageando o pênis e os testículos de Gastard enquanto o óleo brilhava na ponta de seus dedos. Sara se apoiou contra a coxa de Valentín. Vibrava-lhe o peito pela sutil pressão dos dedos dele. Se toda essa espera sexual era para enlouquecê-la, estava tendo êxito.

Quando Renée e Gastard ficaram suficientemente lambuzados, já se tinha acumulado uma grande soma de dinheiro junto às moedas no tapete. Faziam-se apostas sobre se Renée poderia em algum momento aceitar o impressionante pênis de Gastard em seu interior.

Quando as apostas e os rumores se apaziguaram, Renée abriu uma caixa de veludo negro que se encontrava sobre a mesa que estava a seu lado. Levantou-a e começou uma volta lenta pelas cadeiras, permitindo que cada pessoa visse o conteúdo. Sara reconheceu as deliciosas peças de marfim imediatamente. Eram similares em qualidade e confecção ao consolo que Valentín lhe tinha dado.

Renée se sentou na beira de uma mesa baixa acolchoada e separou as pernas.

- Que consolo utilizarei para ajudar a me preparar para Gastard?

Sara não tinha certeza se algum deles era tão grande como o de Gastard. Peter se movia com nervosismo a seu lado. O grosso brocado de sua jaqueta lhe roçava a pele. Ele acariciou a coxa dela e tocou o nó de seda do tecido que se separava para deixar ao descoberto sua nudez.

Renée levantou um consolo de vinte centímetros, mediu-o contra o pênis de Gastard e negou com a cabeça.

- Possivelmente deveria tomá-lo primeiro em minha boca, só para ver se posso.

Várias pessoas aplaudiam e assobiavam enquanto ela ficava de joelhos diante de um Gastard sorridente. Sara tragou com força e lambeu os lábios quando Renée tentou envolver a mão ao redor da base grossa e larga do pênis de Gastard. Não conseguia juntar

os dedos. Como se sentiria ter uma ereção tão enorme na boca? Valentín era o suficientemente grande e quase a afogava ao sugá-lo.

- Acha que poderia tomá-lo, Sara? - murmurou Valentín - E você, Peter?

- Sem dúvida o provaria. - Peter jogou uma moeda de ouro para Gastard.

Valentín apertava seu mamilo com dedos habilidosos enquanto Renée levava pouco a pouco o falo de Gastard dentro de sua boca. Choveu mais dinheiro para os artistas e se faziam mais apostas. A mão de Peter se deslizou debaixo da seda no quadril de Sara. Ele posou o dedo em seu sexo e esfregou ao ritmo dos delicados movimentos da garganta de Renée.

Sara observava o pênis de Gastard desaparecer dentro da boca de Renée; seu próprio corpo se dilatava e se umedecia como se fosse ela quem estivesse de joelhos. Peter cavou a mão em seu monte e afundou três dedos em seu interior. Ela tentava não gemer enquanto os quadris de Gastard empurravam para frente, levando mais de si mesmo dentro da boca entusiasmada de Renée.

Enquanto Gastard gemia por sua excitação sexual, Sara chegava a seu clímax. Girou o rosto para onde se encontrava Valentín e mordeu o tecido da calça quando o prazer se estendeu através dela. De repente, deu-se conta de que estava em um lugar público. Esperava que a atenção de todos tivesse permanecido em Renée e não nela. Valentín cortou a corrente conectada a seu colar e fez que o olhasse e a beijou na boca. Peter estremeceu ao retirar os dedos de sua vagina.

Quando Sara voltou a olhar, Renée se tinha posto de pé e agora Gastard estava sentado na beira acolchoada da mesa. Um casal que se encontrava justo na frente de Valentín e Sara já tinha recebido muita estimulação. O homem levantou as anáguas da mulher e se afundou dentro dela. Os saltos com pedraria de suas pequenas sapatilhas atraíam a luz enquanto os cravava nas nádegas cobertas em cetim do homem.

- Ela o tomará inteiro. - Valentín soava seguro enquanto Renée retornava à caixa de prazeres. Sorriu para Sara quando Renée escolheu um consolo muito maior e se voltou para seu público.

- A quem agradaria me ajudar? - Seu sorriso tentador permaneceu sobre Valentín e logo passou a Peter, que sorridente negou com a cabeça.

Um homem ruivo sacudiu uma bolsa de moedas em direção a Renée.

- Eu o farei!

O quarto ficou em silêncio quando ele entrou no pequeno círculo e se apoiou sobre um joelho diante dela. Gastard levantou Renée e a sentou em seu colo com as pernas bem separadas. Sara continha a respiração enquanto o homem introduzia lentamente o consolo dentro de Renée. Ela sabia como se sentia com aquilo, o frio e a suavidade da pedra contra a sucção firme da carne quente e úmida. Ela roçou a mão pelo músculo firme da coxa de Valentín.

Ele parou seus movimentos colocando sua mão sobre a dela.

- Não te dei permissão para que me toque escrava. Ela retirou a mão. Quase tinha esquecido o papel que tinha optado representar. Peter franziu o cenho para Valentín e logo observou Sara, que se negou a olhá-lo mais de um segundo. Devia continuar, devia confiar em Valentín.

Renée suspirava enquanto Gastard acariciava seu sexo. – Obrigada amável senhor, agora me sinto mais preparada para tentar o impossível. - Retirou o brinquedo e deixou que Gastard a puxasse pela cintura e a voltasse para ele. Os pés dela estavam apoiados sobre suas coxas bem separadas.

Sara mordida o lábio enquanto Gastard baixava lentamente Renée sobre seu pênis. Só podia imaginar como o sentiria empurrando em seu interior, sua vagina apertava e ela juntou as coxas para prolongar a sensação. Parecia que Renée levaria uma eternidade absorver toda a carne de Gastard. Quando ficou completamente coberto Gastard subiu outra vez Renée e a girou até que ela ficasse de frente para seu público.

Renée parecia feliz enquanto Gastard tocava com suavidade seu clitóris inchado.

- Eu disse que caberia - sussurrou Valentín no ouvido de Sara - Quando uma mulher na realidade deseja a um homem, faz lugar para ele.

Ela tinha a lembrança vívida de ter a ambos dentro de seu corpo, Valentín e o jade de uma vez. Ela aproximou-se mais a ele, esfregava seu peito contra a suave lã de sua jaqueta.

Valentín ficou de pé enquanto os espectadores aplaudiam os artistas. Jogou uma bolsa de moedas na mão de Gastard.

- Obrigado, foi... Muito estimulante. - voltou-se para Sara - Peter se unirá a nós.

- Sim, por favor, milorde. - Sara sorriu para Peter. Sem dúvida necessitava de sua ajuda para essa parte da noite. Ainda estava preparado para ajudá-la?

Peter lhe beijou a mão. - Eu adorarei.

Valentín os conduziu de volta ao quarto e fechou a porta atrás deles. Apoiou-se contra esta e contemplou Sara e Peter.

- Tem certeza que é isto o que deseja, Sara?

Ela o olhou fixamente. Para seu assombro, tinha descoberto que lhe agradava dar-lhe todo o controle sexual sobre ela. A arrogância suprema que lhe permitia ser mais impudica e selvagem que nunca. Também lhe proporcionava uma clara visão.

Para fazer com que um homem tão complexo confiasse nela e a amasse se requeriam medidas extremas. Como poderia ser alguma vez livre para amá-la se não podia viver consigo mesmo e o que tinha feito? Em seus esforços para esquecer o passado, ele só conseguia conter suas emoções e refrear sua voraz sexualidade. Já compreenderia isso? Poderiam Peter e ela liberá-lo das amarras do passado?

Além disso, ela tinha obtido uma imensa compreensão sobre como deveria sentir se a obrigassem a entregar seu corpo a alguém em quem não podia confiar, alguém que pudesse machucá-la. Se não tivesse estado de acordo com essa fantasia em particular, nunca se teria dado conta de quanto tinham superado Valentín e Peter.

Sem responder a Valentín, ela caiu de joelhos e lhe beijou o pênis ereto através de suas calças justas. – Estou me divertindo, você não?

Ele lhe sorriu quando alguém bateu na porta.

Sara sabia que Peter tinha arrumado algumas surpresas para a noite e supunha que essa era uma delas. Levantou o olhar para Valentín.

Possivelmente deveria abrir a porta.

CAPITULO 20

Cada uma das duas mulheres vestia uma toga branca que deixava um de seus seios descoberto. Usavam coroas de flores na cabeleira trançada e Sara inalou o perfume da primavera que ascendia de seus corpos. Como se o tivessem ordenado, elas se sentaram na beira da cama; Peter e Valentín se sentaram na frente em duas cadeiras douradas.

Uma das mulheres sorriu para Sara.

- Meu nome é Chloe e minha companheira é Flora. A senhora Helene me enviou para fazê-la ainda mais desejável para seus homens. Deixará-me ajudá-la?

Sara assentiu com a cabeça. Sua respiração era irregular e seus olhos estavam fixos em Flora, a mulher mais morena que segurava uma bandeja coberta. Ela tentou olhar para trás enquanto Chloe tomava a bandeja e a apoiava sobre a cama, mas não pôde ver nada. Valentín se esparramou no assento, com a mão sobre seu pênis oculto e Peter se sentou para frente, com a atenção posta nas três mulheres sobre a cama.

- Primeiro lhe pintaremos as pálpebras com um lápis delineador.

Sara tentava não pestanejar enquanto Chloe se inclinava sobre ela e pintava uma fina linha de algo pegajoso ao redor da borda exterior de seus olhos. O peito nu de Chloe roçava contra o de Sara, que se perguntava se era acidental.

- Agora, um tom vermelho para seus lábios.

O esfregar era mais forte agora, estimulava seus lábios já inchados, enviava vibrações para seu ventre e esticava ainda mais seus seios. Um ligeiro pó de cor em suas bochechas completava seu rosto. Quando Chloe terminou, Flora levantou um espelho de mão para que Sara pudesse se ver. Seus olhos estavam enormes e sua boca escarlate e provocadora ressaltava contra o marfim de sua pele ruborizada.

Flora a beijou ao afastar o espelho. Antes que Sara pudesse reagir, ambas as mulheres tomaram um mamilo dentro de suas bocas e sugaram com força. Chloe tirou ainda um pincel e um pote de ruge. Sem falar, começou a passar com o pincel a espessa massa nos mamilos úmidos de Sara. Peter gemeu e seus dedos se moviam nos botões de suas calças.

Sara concentrava sua atenção em Valentín enquanto as suaves cerdas roçavam uma e outra vez seu mamilo tenso, obscurecendo a ponta até converter-se em um bago de cor carmesim escuro que rogava que um homem o introduzisse em sua boca. Ele lhe devolveu o olhar, lambendo-se como se antecipasse ao prazer esperado.

Ela se deu conta que as mulheres desejavam que ela se movesse. Chloe a acomodou sobre uma pilha de travesseiros na cabeceira e Flora deu a cada um dos homens um lenço de seda vermelha.

- Prendam um lado ao redor do pulso de sua escrava e o outro à cama.

Ambos obedeceram e moviam-se com lentidão para poder suportar suas enormes ereções. Valentín arrebatou um fugaz beijo selvagem de Sara enquanto atava seu pulso à cabeceira. Negando-se a retornar para sua cadeira, colocou-se no outro extremo da cama maciça, que sem problemas suportava as cinco pessoas. Peter seguiu seu exemplo e se sentou junto a ele. Com os braços bem estendidos, os seios de Sara se sobressaíam em um

ângulo perfeito. As pontas avermelhadas faziam com que Valentín desejasse ancorar-se nela durante horas, para sugar a cor até que lhe rogasse que parasse.

Com a trança solta, seu cabelo negro caía até os quadris, emoldurando a pálida pele e os cachos escuros de seu monte. O pênis de Valentín pulsava tão forte que desejava fincá-lo entre os lábios vermelhos de Sara até o profundo de sua garganta. Ele tirou a jaqueta e o colete e afrouxou seu lenço de pescoço.

Chloe, a mulher loira, separou as pernas de Sara para deixar seu sexo à mostra. Ela já estava úmida e dilatada e seu clitóris se encontrava claramente visível por cima dos lábios inchados de sua vagina.

Flora dava pequenos toques no clitóris de Sara.

- Senhores posso fazer uma sugestão? Ela ficaria ainda mais formosa se cortarmos o pêlo de seu monte.

Valentín conseguiu assentir com a cabeça. - Faça.

Sara mordeu o lábio quando Chloe tirou com delicadeza quase todo o fino pelo e deixou a descoberto sua vagina avultada. Valentín tragou um gemido quando Flora tirou um grosso pincel de cabo longo e protuberante e o afundou em outro pote.

Com cada deslocamento intencional do pincel, uma fina camada de pó dourado fazia brilhar a vagina de Sara e seus quadris se moviam ao compasso do movimento rítmico das carícias constantes. Chloe adicionou um pouco de vermelho ao clitóris de Sara com um pincel menor. Valentín tragou com força quando Flora virou o pincel e deslizou o cabo grosso dentro da vagina de Sara.

Ela voltou-se para Valentín.

- Deseja que sua escrava goze?

Valentín olhou Sara nos olhos. - Ainda não, ela pode esperar.

A seu lado, Peter clareou a garganta.

- Quando fomos escravos, algumas noites não nos permitiam gozar absolutamente. Se o fazíamos, nos castigavam.

Valentín ficou imóvel. Conforme sabia, era a primeira vez que Peter falava com alguém mais sobre seu calvário na Turquia. Possivelmente ao incluir Peter na fantasia, Sara tinha sido mais inteligente do ele que tinha acreditado. Se convencessem Peter a superar seu passado, ele já não necessitaria de drogas, sexo nem de Valentín para manter-se em seu são julgamento.

Valentín mantinha o olhar no cabo do pincel enquanto este entrava e saía do canal de sua esposa.

- Em noites como esta, satisfazíamos um ao outro mais tarde, se pudéssemos. - Para seu assombro, ele também se sentia quase livre falando dos horrores diante de terceiros.

Peter se ajoelhou para tirar a jaqueta e o colete. - Parecia-lhes divertido deixar-nos com as mãos algemadas atrás das costas para que não pudéssemos nos masturbar. - ele lançou um olhar para Valentín e logo olhou de maneira desafiante os olhos de Sara - Às vezes usávamos nossas bocas um com o outro.

Chloe suspirou e tocou o joelho de Peter.

- Teria me encantado ver isso, senhor. Deviam formar um casal formoso.

Valentín evitou o olhar de Peter e continuou observando a sua esposa, que estava a ponto de gozar, ele conhecia os sinais. Sem girar a cabeça, dirigiu-se a Peter:

- Então, acha que deveríamos deixar que nossa escrava goze ou deveríamos fazê-la sofrer como fizeram a nós?

Peter baixou o olhar para Sara. – Permitamos que goze.

Valentín assentiu com a cabeça para Flora, que começou a mover a grossa ponta arredondada do pincel com mais energia entre as pernas de Sara. Chloe se uniu a ela e estimulava o clitóris de Sara entre seus dedos.

Sara conteve um grito enquanto arqueava o corpo e chegava ao clímax. Peter abriu de um puxão os botões que fechavam suas calças e agitou para cima e para baixo seu pênis inchado que gozou em questão de segundos.

Valentín apertava os dentes enquanto o aroma do orgasmo de Sara o rodeava. Seu pênis desejava tanto penetrar que lhe doía respirar.

- Diga obrigado, Sara - ordenou-lhe Valentín. Sara abriu os olhos e sussurrou obrigada.

Chloe e Flora desataram o nó do ombro de suas túnicas gregas, despindo por completo seus seios. - Cobriremos de azeite a sua escrava para seu gozo e logo deixaremos que lhes dê prazer.

Valentín deixou que Peter desatasse os pulsos de Sara.

Seu pênis estava tão rígido que não podia afastar-se da cama. Quase invejava a rápida liberação de Peter. Não estava seguro de quanto mais poderia suportar. Não tinha feito amor com sua esposa em três meses e pretendia gozar dentro dela! Não antes.

Sua boca secou quando Sara se arqueou como um gato debaixo dos dedos habilidosos das mulheres. Logo sua pele brilhou sob a luz das velas quando se ajoelhou para que as mulheres pudessem lhe massagear as nádegas e as coxas.

Chloe se inclinou para frente e a beijou, com uma de suas pequenas mãos cavada no queixo de sua esposa. Sua língua saía e pinçava na boca de Sara. Ele já não suportava mais, desabotoou suas calças dando algum espaço a seu pênis maciço. Chloe sorriu quando ele se arrastou de modo ameaçador para ela.

- Deseja ajudar, milorde?

Estendeu a mão com o frasco de azeite e Valentín o agarrou. Deixou cair algo de azeite na palma e o esquentou entre suas mãos. Peter se aproximou e lhe passou o recipiente e ele estremeceu ao apoiar a mão sobre a parte mais estreita das costas de Sara. Deslizou um de seus longos dedos na fenda de suas nádegas.

Ela tentou afastar-se de Chloe e aproximar-se dele, mas ele a sustentou onde desejava que estivesse.

- Peter, aproxime-se mais. Sara sugará seu pênis.

O pênis de Peter já estava rígido quando Sara se aproximou. Valentín manteve a mão em suas costas e a observou tomar Peter dentro de sua boca. Valentín deslizou seu dedo mais longo empapado de azeite no ânus de Sara. Quando Peter começou a ofegar ao compasso das carícias de Sara, Valentín adicionou um segundo dedo.

Sara inclinava para trás os quadris, para sua mão penetrante enquanto ele a movia em seu canal ajustado. Agora eram quatro dedos e ainda não estava o suficientemente dilatado para seu pênis. Valentín fechou os olhos enquanto ela estremecia e gemia contra os empurrões de seus dedos.

Chloe se colocou atrás dele para lhe massagear o peito, seus mamilos eram tensos contra as costas dele.

- Valentín, me toque, Oh! Deus, por favor, me toque, por favor. - sussurrou Peter.

Valentín apoiou a mão esquerda na coxa de Peter e baixou ainda mais suas calças. Ele sabia o que Peter desejava. Possivelmente essa era a melhor maneira para que Sara compreendesse a complicada relação deles. Colocou-se com cuidado entre eles. A mão esquerda de Sara estava apoiada na cama e o comprimento de seu braço, alinhado com a coxa direita de Peter. Valentín deslizou seu pênis na palma da mão de Peter e esperou que seu punho se fechasse a seu redor.

Deslizou dois dedos empapados em azeite no traseiro de Peter, agora tinha ambas as mãos ocupadas. Observava sua esposa e seu melhor amigo enquanto sua excitação aumentava. Mantinha o empurrão firme de seus dedos ao ritmo dos movimentos da boca de Sara e a resposta excitada de Peter.

Seu próprio pênis inchava e gotejava fluido, lubrificando seus tranquilos movimentos no firme apertão de Peter. Quando Peter gritou sua liberação, Valentín o separou de Sara e o deixou aos cuidados de Chloe e Flora.

Sara lambia os lábios enquanto Valentín se arrastava pelo pequeno espaço para ela. Seus olhos violetas estavam cheios de luxúria e ofegou quando a levantou, levou-a até a cabeceira e lhe deu a volta. Só teve tempo de agarrar o corrimão antes que empalasse sua vagina por trás. A força de seu empurrão a pressionava com força contra a cabeceira acolchoada. Mantinha o ritmo, golpeando contra ela; seu pênis estava tão dilatado como um punho e ela se vangloriava com cada forte golpe poderoso.

Ela gozou em seu terceiro empurrão e sua vagina apertava ao redor do pênis maciço. Ele grunhiu sua satisfação, mas não se deteve. Com rapidez, levou-a a outro nível de consciência do que seu corpo necessitava e do que podia tirar dele.

Começou a lhe sussurrar no ouvido enquanto a tocava.

Os dedos de uma mão se estendiam sobre seus mamilos enquanto a outra mão atormentava seu clitóris. Ela lutava para ouvi-lo por cima do som do golpe da pele dele contra a sua e de seus gritos involuntários.

- Diga que sou melhor que esses moços. Diga que sentiu falta de meu pênis.

Sara mal podia falar embotada em seu desejo intensificado.

- Eu... - Outro orgasmo estalou nela e este foi mais intenso que o último e ele retirou seu pênis antes que ela terminasse. Ela gritou, sentindo sua falta.

Ele colocou as mãos na cabeceira a ambos os lados de seu rosto e a boca perto de seu ouvido. - Me diga.

Sara fechou os olhos.

- Senti sua falta. Senti falta de todo seu ser. - Sara se voltou para lambe seus dedos estendidos. Cheirava a ela. A ponta de seu pênis roçava os lábios inchados de sua vagina - Não significaram nada para mim, mas estava tão desesperada que tentei algo para fazer com que retornasse.

Ele permanecia imóvel. Seu grande corpo excitado a pressionava contra o cetim acolchoado. Seus batimentos do coração acelerados vibravam através de sua pele como um tambor.

- Por que desejava que eu retornasse?

- Porque devia ter acreditado em você. Devia ter permitido que explicasse sobre sua relação com Peter, não acreditar no que meu pai e outros me disseram.

- E se te dissesse que os rumores eram certos e que já fomos amantes?

- Então eu teria acreditado.

- E se o tivesse feito?

- Nada. É meu marido... Desejo-o como é.

Ele esticou seu rosto tão perto do dela que não ficava espaço para respirar.

- Por que, Sara?

Ela fixou seu olhar nele.

- Se me permiti que eu seja eu mesma, por que não te permitiria que fizesse o mesmo?

Ele fechou os olhos; suas longas pestanas negras contra sua pele pálida.

- Não é o mesmo precisamente, não é verdade?

Ela beijou a curva da boca dele. -É para mim.

Então sorriu, seu rosto se relaxava ao voltar a deslizar-se em sua interior e ela se vangloriava com o forte batimento de seu pênis enquanto a enchia. Sua semente quente a transbordou em três empurrões.

- Obrigado, Sara - sussurrou ele - Obrigado por sua honestidade.

Sara se encontrou cochilando entre Peter e Valentín. Um homem sentado de cada lado dela. Peter usava uma corrente ao redor do pescoço com a metade de uma moeda antiga nela e ela notou que combinava com a que Valentín estava acostumado a usar. Chloe e Flora partiram com uma bolsa de moedas de ouro e o prazer de que Peter as satisfizera sexualmente.

Valentín brincava com o mamilo direito de Sara e Peter estendeu a mão para lhe acariciar a vagina. Ela afastou-se de seus dedos inquisitivos que pressionavam suas nádegas contra o membro meio ereto de Valentín.

Peter sorriu para ela e logo para Valentín.

- Sara não compreende realmente como é ser um escravo. A um escravo não lhe permite sentir-se cansado nem dolorido por transar muito. Esperavam que estivéssemos preparados e desejosos toda a noite.

Os dedos longos de Valentín se fecharam no peito de Sara.

- Tem razão, Peter. Esperavam que déssemos prazer a qualquer um que nos desejasse.

Peter acariciava seu próprio pênis com a expressão distante. – eles o apreciavam muito mais por sua habilidade de permanecer ereto por toda a noite. Eu não era tão capaz.

- Fez um gesto - Odiava quando ficava sem semente. É algo muito doloroso.

- Entretanto, aprendemos a dosar nossas próprias forças - adicionou Valentín - Inclusive aos dezesseis anos, é difícil não gozar com muita rapidez e urgência e aprendemos como fingir e prolongar nossas ereções.

Peter estremeceu.

- Do contrário, nos batiam. Esqueceste isso?

- Como poderia esquecê-lo? Ainda tenho as cicatrizes em minhas costas iguais as suas.

Valentín se perguntava quanto Sara chegaria a compreender da conversa. Ele negava-se a perturbar o fluxo das lembranças de Peter. Tinha a sensação de que seu amigo precisava liberar-se de algum veneno que ameaçava minar sua vida e sua felicidade futura.

- Você tem mais cicatrizes que eu, Val. Estavam acostumados a me maltratar para te fazer perder o controle.

Valentín conseguiu sorrir, embora lhe fosse difícil.

Possivelmente Peter não era o único que precisava desaforar-se.

- Eu era mais resistente a atuar que você. Estava acostumado a sonhar com alguém que marcasse meu rosto para não ser mais bonito. – ele deixou o peito de Sara e ela soltou seu suave fôlego - Nunca me agradou que me obrigassem a ter sexo com homens. - Esperava por Deus que ela o escutasse. Salvaria-o de ter que voltar a explicar seu passado infernal.

Peter se inclinou para frente e tocou a tênue cicatriz debaixo do mamilo direito de Valentín.

- A senhora Tezoli lhe fez isso com um ferro de marcar quando continuava lutando contra todos os homens. – ele riu e foi um som estridente no luxuoso silêncio do quarto dourado - Não me importava se era homem ou mulher. Sentia-me bastante feliz de dar prazer a qualquer um para evitar que me golpeassem.

Valentín olhava fixamente os olhos angustiados de seu amigo.

- E acha que isso te faz menos homem que eu?

- É obvio.

- Acreditava que eu era o imbecil. Desejava tanto ser como você...

- Um covarde e um promíscuo para qualquer um que pagasse por mim?

- Não, um homem suficientemente inteligente para não provocar as pessoas.

Peter parecia confuso.

- Todos temos nossos limites, Val, inclusive você.

- Eu roguei no final, Peter. Roguei à senhora Tezoli que me deixasse morrer depois de que me entregou a Yusef na primeira vez. - Levou de volta sua atenção à sensação muito mais prazerosa da pele de Sara contra seus lábios. Quando abriu os olhos, Peter ainda o olhava - Deus, o que quer que diga? Foi há anos. Já não somos as mesmas pessoas.

Peter olhou para Sara, com expressão distante.

- Não, não somos. E sua esposa parece ser capaz e estar disposta a nos aceitar, marcados e danificados como estamos.

Valentín baixou o olhar para Sara, que o observava com o olhar fixo e tranquilo. Não havia sinais de desagrado, nem ódio pelo que tinha ouvido. Talvez lhes tinha dado a ambos, a Peter e a ele, a oportunidade de curar-se. Seu pênis se excitava e se endireitava contra a coluna dela. Precisava estar dentro dela. Falar sobre seu passado o fazia sentir sujo. Imagens de alguns de seus clientes lutavam para apoderar-se de sua mente e não podia permiti-lo.

Inclinou-se para lhe beijar um mamilo. Merda! Tinha acusado Peter de consumir drogas e álcool para manter seus demônios à raia e usar as mulheres se converteu em seu escape pessoal. Usá-las... Maldição! Era isso o que ele fazia? Era melhor que Peter?

Sara rodeou sua coxa e lhe lambeu o pênis. Ele lhe acariciou a bochecha até que ela o olhou.

- Sente-se em meu pênis.

Ela se incorporou e subiu sobre seu colo, conteve a respiração quando ele girou suas costas contra seu peito e a agarrou pelos quadris. Peter se moveu para que ela tivesse uma visão perfeita de seus corpos entrecruzados nos espelhos iluminados pelas velas.

Valentín a fez descer com lentidão sobre sua ereção. Ela fechou os olhos e ele lhe apertou um mamilo.

- Não feche os olhos. Agrada-me ver seu rosto quando goza.

Ela resistiu. Seu olhar no espelho, com olhos misteriosos e cheios de segredos eram sensuais. Estava muito sensível e consciente de cada centímetro latente do membro duro e quente dele.

- Gostou de ser uma escrava?

- Em algumas ocasiões, milorde.

Ele fez um gesto a Peter.

- Ela foi uma boa escrava?

Peter se incorporou. - Sem dúvida se... Adaptou. Gostei de seu tato.

Valentín brincava com um dos aros dos mamilos de Sara.

- Acredito que gostou. - puxou pelo aro - Acredito que desfrutou passear nua pelas salas de entretenimento da senhora Helene.

Sara se ruborizou, mas não pôde negar seu comentário.

Valentín abriu mais as pernas e fez com que Sara se sentasse com maior firmeza e mais abaixo sobre seu pênis. Acariciou-lhe a orelha com o nariz.

- Agradou-lhe quando Peter fez com que gozasse diante de toda essa gente, não é verdade?

- Sim.

- Vai se agradará se agora ele lambê-la. - ele tocou o ombro de Peter - Lambe-a para mim, mas ainda não deixe que goze.

Peter se inclinou para sua tarefa de boa vontade. O som escorregadio e lento de sua língua era mais forte que a respiração acelerada de Sara. Seu canal se ajustava ao redor do pênis de Valentín. Com suavidade, ele afastou Peter e observou o clitóris inchado de Sara no espelho e logo guiou a ponta dos dedos dela para este.

- Sente quanto está inchada e escorregadia? - Levou os dedos dela mais abaixo até que tocaram a entrada a seu corpo - Sente quanto se dilatou para mim e quão úmida está.

Ele pressionou a palma da mão dela contra sua parte íntima e ela se retorceu contra ele. - O que imagina que diriam sua família e seus amigos se lhe vissem agora? Nua e disposta nos braços de dois homens?

- Acreditariam que sou escandalosa e se envergonhariam de mim.

Valentín fez um gesto com a cabeça para Peter e este recomeçou os cuidados em sua vagina. Sua língua ágil a aproximava mais e mais até alcançar seu ponto máximo. Ela quase gritou pela frustração quando ele se deteve depois de uma rápida ordem de Valentín.

Valentín mantinha o olhar no espelho. - O que pensaria seu pai de ti?

Em meio da bruma de seu desejo sexual, ela fincou as unhas nas coxas dele. Resistiu ao primeiro impulso de golpeá-lo e observou sua própria imagem desenfreada e vergonhosa. A grande mão bronzeada de Valentín cobriu seu peito direito e seu enorme pênis a enchia por completo. A tensão vibrou através de todo o corpo dele. Peter deixou de acariciar o interior da coxa dela e em seu lugar tocou em Valentín.

- Se meu pai me visse agora, me consideraria um par apropriado para ti – ela falou lenta e claramente para que compreendesse bem o que queria dizer - E eu teria que estar de acordo com ele porque nós merecemos um ao outro.

A respiração de Valentín o deixou em uma agitação trêmula e seu pênis parecia inchar-se dentro dela.

- Você se incomodaria se eu tomasse o pênis de Peter em minha boca e fizesse com que ambos gozem? Há espaço para que ele se ajoelhe a nosso lado.

Valentín sentiu o perigo ao despertar pelo ruído delator de umas algemas que se fechavam em seu pulso. Yusef tinha retornado? Ele abriu os olhos e encontrou a si mesmo deitado de costas, ainda na cama com Peter e Sara e tinha os pulsos presos com algemas à cabeceira. Com um terror cego, tentou golpear com os pés, só para descobrir que seus tornozelos também estavam atados.

- Tirem estas malditas coisas.

- Do que tem medo, Val? Só somos Sara e eu.

Valentín apertou os punhos. Peter sabia muito bem como ele se sentia ao estar preso contra sua vontade. Como eles se atreviam a utilizar seu maior temor contra ele? Aonde demônios esperavam chegar fazendo-o se zangar?

Sara se ajoelhou a seu lado, com o rosto tranquilo. - Por favor, não lute contra nós, Valentín, só desejamos ajudá-lo.

Ela afundou os dedos em uma jarra de vidro e ele ficou paralisado ao cheirar o enjoativo perfume de orquídeas. Era o perfume preferido de Yusef e o fazia recordar quando o obrigavam a aceitar o membro de Yusef dentro dele. Levava dias tirar o aroma da pele e da boca e ele nunca tinha conseguido apagar de suas lembranças. Peter devia saber isso.

Ficou tenso enquanto Sara fazia círculos em seu mamilo com um dedo azeitado. Seu corpo respondeu às simples carícias e seu mamilo se franziu com firmeza. Ela continuava adicionando pequenos círculos de azeite à pele de seu peito e ele se negava a olhar enquanto ela observava seu trabalho. Ela sentou-se escarranchada sobre ele, apanhando seu pênis meio ereto entre seus ventres.

Até por cima do perfume de orquídeas, ele podia cheirar a excitação dela e sentia que sua umidade se reunia em seu ventre tenso. Sara deslizou a mão por seu cabelo e lhe beijou na boca fechada. Deus, apesar de suas algemas, ele desejava lhe responder. A boca dela baixou ainda mais e mordiscou-lhe a mandíbula descendo para seu peito. Ele estremeceu quando lhe lambeu com delicadeza um mamilo. Cada roçar sutil fazia com que seu membro crescesse contra a vagina dela.

Peter lhe massageava os pés e os tornozelos quando Sara se levantou, brindando-o com uma visão excelente de seu sexo inchado e úmido.

- Desejo que me lamba, Valentín.

Ele a olhou. - Então, agora sou seu escravo?

- É o que deseja, ser meu escravo?

Ela mantinha o olhar dele enquanto se tocava e deslizava um dedo em seu interior.

Valentín apertava os dentes contra a visão exuberante. - Me solte e mostrarei exatamente o que desejo ser para você.

Ela subiu um pouco mais sobre seu peito até agachar-se sobre seu rosto.

- Tem certeza de que não deseja me lambar?

O néctar gotejava nos lábios dele e ele o tragou como um homem privado de beber. Pôs a prova sua fortaleza contra suas limitações outra vez, e cederam. Poderia permitir-se desfrutar de Sara embora estivesse preso? Poderia esquecer as lembranças e confiar nela?

Com um gemido contido, tocou-lhe o clitóris com a ponta da língua e sem poder conter-se, começou a fazer círculos nele. Sabia muito bem. O espesso néctar se deslizava pela língua e descia por sua garganta ao fechar os lábios ao redor de seu casulo inchado. Seu corpo se sacudiu quando Peter deslizou a boca por seu pênis. Por um segundo, apareceram os velhos terrores e ele inalou o perfume único de Sara e isso lhe acalmou os nervos.

Inclusive começou a desfrutar da forte sucção da boca de Peter em seu pênis, da brutalidade de seu trato comparado com o estilo mais suave de Sara. Peter deslizou três dedos dentro de seu traseiro e incrementou ainda mais a tormenta de emoções. Val gemeu quando Sara baixou ainda mais sobre seu rosto e levou sua língua mais profundamente dentro de sua vagina. Peter aumentou a velocidade de sua sucção até que Valentín soube que estava tão perto de gozar quanto Sara.

Sara se separou de seu rosto e trocou de posição com Peter. Ela se localizou sobre seu pênis tenso e o olhou fixamente com os olhos carregados de desejo e um indício de ansiedade.

- Desejo-o dentro de mim, Valentín. Acha que não lhe faremos mal?

Então ele se deu conta, enquanto ambos esperavam sua resposta, de que a noite tinha ensinado a todos a confiar um no outro. Sara lhes tinha dado a ambos, a Peter e a ele, novas lembranças eróticas para substituir a degradação que tinham sofrido. Inclusive se tinha permitido admitir que o toque de Peter sobre ele não a horrorizava.

Valentín sorriu.

- Desejo aos dois – ele ofegou com dificuldade, enquanto Sara se afundava com um urgente empurrão descendente de seus quadris e ele voltava sua cabeça procurando às cegas a turgidez do membro de Peter e encheu sua boca com ele. Levou suas sucções ao ritmo que Sara estabelecia até chegar a um clímax intenso.

Seu corpo estremecia contra as algemas enquanto ambos gozavam. A vagina de Sara espremia seu pênis enquanto ele apertava o de Peter. Deleitava-se com o prazer doloroso de sua liberação dentro de Sara e o prazer erótico inesperado de receber a semente quente de Peter em sua garganta. Fechou os olhos ao gozar. Sentia-se mais satisfeito que nunca antes em sua vida.

Sara lhe tirou as algemas e se voltou para aconchegar-se entre Valentín e Peter. Valentín acariciava seu cabelo enquanto Peter curvava sua mão em seu quadril. Ela os tinha unido novamente. Esperava lhes haver trazido paz.

Valentín deu com o cotovelo ao Peter.

- Sara, não durma, ainda não lhe mostramos nossa prática mais solicitada.

Ela franziu o cenho.

- O que poderia ser melhor do que acabamos de compartilhar?

- Você já verá.

Peter girou sobre suas costas. Seu pênis já estava carregado e desejoso.

- Eu tomarei a posição de baixo.

Valentín levantou Sara e a sentou de frente a ele, escarranchada sobre o colo de Peter. Ele a ajudou a se ajoelhar para que Peter pudesse deslizar seu membro dentro da vagina dela. Ela deu um grito entrecortado quando Peter envolveu um braço em sua cintura e com suavidade a levou para trás até ficar recostada e estendida contra a longitude de seu corpo. Peter separou bem as pernas e apoiou os pés planos contra o colchão, levando com ele as pernas de Sara.

O pêlo de seu peito lhe cravava as costas ao retorcer-se contra ele. Ele cavou sua mão esquerda em seu peito e ela sentia-se estranha ao estar tão exposta.

- Você é preciosa, Sara.

Valentín lhe beijou o clitóris e logo envolveu a mão ao redor de seu pênis. Com delicadeza, deslizou dois dedos dentro de sua vagina para dilatá-la. Ela sentia que Peter estremecia enquanto os dedos de Valentín roçavam seu pênis já inchado. Fez um movimento de tesouras com os dedos até que ela não pôde deixar de gemer seu nome.

Ele retirou os dedos e os lambeu antes de agarrar a base grossa de seu membro. A cabeça de seu grosso pênis estava úmida e se deslizou com facilidade por cima do de Peter. Quando seus testículos a tocaram e às nádegas de Peter, Valentín se deteve e permaneceu imóvel, equilibrando seu peso com os braços estendidos.

- Toque-se, Sara nos sinta. Sinta como lhe dilatamos.

Ela gemeu ao baixar a mão e rodear os dois pênis. Estava tão dilatada que era muito para suportar. Valentín moveu os dedos para seu botão, apanhando sua mão entre seus corpos e começou a mover-se. Peter acompanhava cada um de seus empurrões descendentes com um ascendente. Sara gritava enquanto gozava em fortes contrações ajustadas.

Ambos os homens ficaram imóveis até que ela deixou de tremer e logo continuaram com um desumano avanço e retrocesso até que o corpo dela se retorceu de maneira irracional entre ambos. Sua pele estava escorregadia pelo suor deles e ela gemia ao compasso de cada empurrão devastador. Valentín alcançou seu clímax logo seguido de Peter, levando-a a outro orgasmo demolidor.

Ela imaginava suas sementes mescladas alagando seu útero e empapando-a. Com um gemido, Valentín se separou de Sara e se recostou a seu lado. Seus dedos acariciavam com suavidade seu peito enquanto Peter se separava dela. Com um suspiro, ela se voltou para Valentín e ele embalou sua cabeça no ombro deixando que sua mão ficasse apoiada sobre o quadril de Peter. Muito exausta para falar, Sara só aspirava seus aromas combinados e sentia-se mais protegida e contida do que nunca antes tinha imaginado que fosse possível.

Com o resto de sua energia, Valentín soprou as velas junto à cama e deixou o quarto em penumbras. - Peter.

Um murmúrio sonolento lhe respondeu.

- Se depois da aventura desta noite, Sara tiver gêmeos, prometo que a um deles nós poremos o seu nome.

A risadinha sonolenta de Sara fez com que Valentín sorrisse e ele aspirou o perfume das pessoas que amava. Pela primeira vez em muitos anos, dormiu sem temer seus sonhos.

CAPITULO 21

Valentín se reclinou e ouviu Sara tocar o piano na sala de música que ficava em cima de seu escritório. Ainda sentia o corpo dolorido pelos excessos da noite anterior, mas não se arrependia de nada. Pela primeira vez em sua vida, parecia que tinha descoberto a maneira de estar em paz com seu passado; Sara o tinha presenteado.

Peter tinha tentado ajudá-lo a compreender a complexidade de seus sentimentos sobre a Turquia, mas Valentín nunca quis ouvir o conselho de seu amigo. Tinha estado muito ocupado tentando resolver os problemas de Peter enquanto ignorava os seus próprios. Não tinha sido sempre dessa maneira? Tinha sido necessário confrontar seus piores temores para dar-se conta de que necessitava ajuda.

Nunca tinha imaginado que se sentiria feliz com uma mulher e possivelmente inclusive com a presença ocasional de outro homem em sua cama. Sara conectava seu passado e seu presente e mantinha uma esperança para seu futuro. Que mais podia pedir um homem?

Seu sorriso desapareceu ao retornar ao trabalho. Em sua ausência, a situação de seus negócios não tinha melhorado. O trabalho duro de Peter tinha evitado mais perdas, mas ainda precisavam recuperar o prestígio anterior. Tinha conseguido trazer suficiente dinheiro de seus contratos na Rússia para manter-se à tona durante alguns quantos meses mais, mas nenhuma soma de dinheiro podia compensar a perda gradual de confiança e o mal-estar geral que sentia nos clientes.

Parecia que Aliabad e seu sócio se conformaram esperando a volta de Valentín para tentar completar seu plano de arruiná-lo. Isso só confirmava suas suspeitas de que tudo era extremamente pessoal. Olhava fixamente os números rabiscados em seu registro de entrada. Estava cansado de esperar que viessem a ele e possivelmente era hora de obrigá-los a atuar precipitadamente.

Assim que Peter confirmasse qual de seus empregados repassava a informação ao ainda desconhecido sócio do Aliabad, Valentín teria que atuar com rapidez. Depois da última visita a Evangeline, Sara estava convencida de que era sir Richard Pettifer, mas Valentín queria ter certeza. Esfregava o queixo com a mão. Maldição, na verdade desejava descobrir que seu pai tinha ficado de lado para arruiná-lo?

Quando a porta do escritório se abriu de repente, ele levantou o olhar com um sorriso de boas vindas. Esperava que fosse Sara e ficou de pé lentamente quando seu pai entrou apressado na sala.

- Você viu Anthony?

Valentín esboçou uma reverência.

- Bom dia pai, sim, eu estou muito bem. Como está minha querida madrastra?

O Marquês soltou de maneira violenta as luvas e o chapéu sobre o escritório.

- Não tenho tempo para cumprimentos. Anthony não veio para casa ontem à noite.

- Ele não é um menino. Possivelmente saiu para beber com seus amigos e ainda não recuperou a consciência. - Valentín olhou para o relógio - Só são dez da manhã.

A boca de seu pai se esticou em uma fina linha.

- Algo está mau, o cavalo dele retornou ao estábulo ontem de noite sem ele. Temo que seja um jogo sujo.

Valentín se sentou outra vez e esboçou um sorriso amável. - Vieste aqui me acusar de assassinar seu filho preferido?

O Marquês se deteve para olhar Valentín com fúria. - É obvio que não!

Ele parecia envelhecido, com olheiras sob a primeira luz da manhã. Era evidente que estava de mau humor. - Acreditei que, como irmão, poderia encontrá-lo com maior facilidade que eu.

Valentín cruzou uma perna sobre a outra.

- Que estranho! Frequentemente me diz para me manter afastado dele para que não possa corrompê-lo com minhas idéias de trabalhar para ganhar a vida.

O sentimento de aborrecimento persistia no estômago de Valentín. Se seu pai estava envolvido em um complô para matá-lo, esse era um ardil excelente para que Valentín sáísse a procurar seu irmão mais novo e a oportunidade perfeita para que caísse em uma armadilha.

- Santo Deus, homem, tem que deixar que nosso passado polua cada conversa que temos? Não pode superá-lo?

- Se posso? Posso esquecer que me abandonaste com um bando de piratas que me venderam a um bordel?

Seu pai estremeceu como se o tivesse golpeado e Valentín soltou o fôlego com lentidão. Sara ficaria furiosa com ele se arruinasse a oportunidade de ajudar seu pai. - Desculpe-me, senhor, foi inapropriado. Na verdade desejo seguir em frente.

- Valentín, sei que nem sempre estamos de acordo, mas... - Seu pai vacilou e logo o enfrentou - Pelo amor de Deus, eu perdi você e arruinei sua vida. Foi bastante duro aguentar isso e o fato de que você acredita que o abandonei. Não acredito que possa suportar que aconteça outra vez.

Valentín sustentava o olhar angustiado de seu pai.

Na verdade, nunca tinha reconhecido que seu pai também poderia ter sofrido. Como jovem, arrogante e profundamente marcado, tinha-lhe resultado muito mais fácil culpar a seu pai que tentar compreender seus intentos frustrados de voltar a compor as coisas.

- Certamente farei tudo o que esteja ao meu alcance para averiguar o paradeiro de Anthony. - ele rodeou a mesa e alcançou as luvas e o chapéu de seu pai - eu o enviarei para casa assim que o encontre, preferencialmente arrastando-se de joelhos por preocupá-lo tanto.

Seu pai riu muito forte.

- Só me contentarei vendo o pequeno cachorrinho. - Ele deu a mão a Valentín, com a expressão mais otimista - Obrigado, Valentín. Eu o aprecio mais do que posso expressar.

Depois que partiu, Valentín se dirigiu ao piso de cima e deteve-se na porta da sala de música para admirar as mãos elegantes de Sara sobre o teclado e a maneira em que seu corpo se balançava ao ritmo da música. Sua intensidade lhe recordava sua maneira de fazer amor. Tinha escolhido uma mulher que não tinha medo de aceitar e expressar suas paixões mais profundas. Quando ela tocou o último acorde, reclinou-se com um suspiro de satisfação.

- Meu pai esteve aqui. - Esperou até ter toda a atenção dela e logo entrou mais na sala - Anthony desapareceu.

Sara girou em sua cadeira para olhá-lo. - Anthony?

- Poderia ser um falso alarme, mas o momento me resulta interessante. Um dia depois de minha volta a Londres, algo acontece a um membro de minha família. Será um complô que meu pai organizou para fazer com que saia e fique em uma situação vulnerável? Ou alguém mais que deseja me utilizar como isca levou Anthony?

- O que disse a seu pai?

Valentín sorriu ante a expressão de ansiedade dela.

- Disse que não se preocupasse e que voltasse para casa. Ele tem razão sobre algo: seja o que for que tenha acontecido a Anthony, encontro-me em uma posição muito melhor que meu pai para encontrá-lo.

Sara ficou de pé com expressão resolvida. - Desejo ajudar; diga-me o que posso fazer.

Ele beijou-lhe a bochecha e adicionou:

- Por desgraça não há nada que possamos fazer neste momento. Farei com que Peter dê aviso sobre o desaparecimento de Anthony. Se não acontecer nada, suspeito que muito em breve receberemos uma mensagem da parte de quem o levou.

- Acha que tem algo a ver com Aliabad?

- Tem sua marca desprezível, não acha? Sequestrar um moço jovem e indefeso que muitos dizem ser parecido surpreendentemente comigo.

O rosto de Sara empalideceu e ela agarrou o colete de Valentín. - Não podemos deixá-lo com esse homem. Não podemos fazê-lo.

O sorriso de Valentín não era de prazer. - Não se preocupe amor. Não o faremos.

Peter caminhava pelo tapete da sala de estar enquanto repetia a Sara as novidades. O relógio sobre o suporte da lareira dava quatro horas e a escassa luz invernal de fora desaparecia na escuridão.

- Não há sinais de Anthony em seus locais habituais. Nenhum de seus amigos o viu desde ontem à noite. Insistiu que estava muito ébrio para montar seu cavalo e decidiu caminhar até sua casa da estalagem White.

Valentín voltou a aparecer com uma parte de papel enrugado na mão.

- Sem dúvida não está em casa. Um garoto da rua acaba de dar isto a Bryson na porta principal. - ele desdobrou o papel e começou a lê-lo: «*Se deseja voltar a ver seu irmão, traga dez mil libras para a casa da senhora Helene hoje à meia-noite*». - Valentín levantou o olhar para Sara e Peter - Bom, é bastante claro.

- Dez mil libras nos arruinarão, Val. - Peter continuava caminhando - Se retirarmos essa imensa soma de dinheiro do banco ou começamos a insistir com que nos paguem o total, nossos clientes entrarão em pânico.

Sara olhou do rosto tenso de Peter até a expressão fria de Valentín.

- De todas as maneiras, não temos dez mil libras no banco. - antecipou-se à pergunta que Valentín não fez - Seus livros são pouco confiáveis. Segundo meus cálculos, o senhor Carter permitiu extrair milhares das contas nos últimos anos.

Peter franziu o cenho.

- Com todo o alvoroço sobre Anthony, esqueci de mencionar que viram Alexander Long entrar na casa de sir Richard Pettifer ontem à noite.

- Apesar do fato de que Evangeline insistiu em que sir Richard não tinha nenhum contato com ele. - Sara olhou Valentín - Ao menos isso deixa seu pai livre de toda suspeita. Podemos supor que sua chamada de auxílio pelo Anthony é legítima.

Valentín não disse nada, mas ela sentiu um ligeiro relaxamento em sua postura. Ela vacilou.

- Com respeito ao dinheiro, há mil libras que minha avó me deixou em testamento em seu banco, Valentín. Pode utilizar esses recursos.

Valentín se sentou junto ao fogo.

- Isso é muito amável de sua parte, minha querida, mas não tenho nenhuma intenção de pagar dinheiro a ninguém.

- É óbvio que não, Valentín - disse Sara - Tudo o que devemos fazer é alertar às autoridades turcas e deixar que eles o dirijam.

- Ah, não, não acredito que devamos envolvê-los. - A expressão calma de Valentín contradizia a fúria fria de seus olhos. - Se Aliabad tiver Anthony, eu mesmo me encarregarei dele.

Vestida com algumas roupas velhas de Peter, Sara se sentia mais segura que em suas saias. Passava as mãos pela suave camurça e as calças lhe davam uma liberdade que nunca antes tinha imaginado. Apesar de seu gesto arriscado, Valentín e Peter pareciam gostar de como estavam suas pernas. Ela tinha prometido a si mesma que quando passasse o perigo, desfrutaria de usar calças outra vez para seus homens.

Ela seguiu Valentín até um porão escuro que estava bem atrás da casa da senhora Helene. Uma leve garoa caía do céu cinza e fazia com que as ruas brilhassem sob a luz da lua. Ao que parece, a senhora só permitia ter a chave da entrada secreta a um grupo seleto de seus clientes. Valentín, é óbvio, era um deles.

Ele tocou-lhe o braço.

- Lembre-se: eu me concentrarei em Aliabad enquanto Peter e você tentam tirar Anthony.

Sara lhe beijou na bochecha.

- Farei o melhor que possa. Tomará cuidado não é mesmo? Ela sentiu mais do que estava em seu sorriso.

- Certamente. Não tenho nenhum desejo de estar outra vez nas mãos de Aliabad.

- Esperamos que o sócio do senhor Aliabad apareça?

- Se confirmarmos que é sir Richard Pettifer e não meu pai, então sim. - Abriu outra porta que dava para o corredor e esperou até que saíssem atrás dele - Na verdade assegurei-me de sir Richard saber dos planos que Aliabad tinha para esta noite, só em caso de não lhe tivesse informado. Aliabad tende a trair seus sócios. - Apertou a mão de Sara - Tome seu tempo ao chegar na casa da senhora Helene. Averigue quantos homens trouxe Aliabad com ele e onde estão localizados. Tente descobrir o que aconteceu com a senhora. Não tolerará um escândalo desagradável aqui... Ela estará disposta a ajudar-nos.

Depois de um rápido aperto de mãos em Peter e um beijo na bochecha dela, ele desapareceu na escuridão. Com toda a valentia que conseguiu reunir, ela se voltou para Peter. - Procuramos primeiro a senhora? Estou segura de que estará encantada de ver-nos.

Peter tirou uma faca do bolso. - Como quiser milady.

Valentín não se incomodou em ocultar sua chegada aos apartamentos privados da senhora. Um homem robusto saiu das sombras e procedeu a revistá-lo para ver se tinha armas. Encontrou a pistola que Valentín tinha no bolso da jaqueta, mas só uma das facas.

Ele passou pelo quarto de vestir e seguiu até o outro quarto, deixando a porta entreaberta de maneira intencional.

Valentín parou em seco quando seu olhar se cravou em Anthony. A cena era espantosamente familiar. Anthony estava nu da cintura para cima, com os pulsos algemados sobre a cabeça e a algema estava presa à maciça cama com dossel. Seu corpo era magro, dolorosamente parecido com o de Valentín quanto tinha a mesma idade e ele tremia pelo esforço de manter a cabeça erguida. Havia um chicote ensanguentado sobre as colchas de cetim perto da mão de Aliabad.

Uma fria ira encheu Valentín e ele conteve a respiração com tanta força que desejou gritar pela pressão. Apartou o olhar de Anthony para descobrir que Aliabad o observava.

- Parece-se com você, não é mesmo? - Aliabad se aproximou um passo de Anthony e lhe despenteou o cabelo - Embora não seja tão complacente como você foi.

- Tua memória falha. Nunca fui complacente, pelo contrário tinham que me embriagar ou me drogar para não estar em meu próprio julgamento quando sabia que lhe esperavam. Era a única maneira em que podiam me levar a qualquer lugar perto de ti.

Pelo som da voz de Valentín, a cabeça de Anthony se levantou de uma sacudida.

Valentín se aproximou mais. Débeis marcas de açoites cobriam a pele de seu irmão. Empestava a suor, medo, sexo e o tênue toque de perfume de orquídeas preferido de Aliabad. - Valentín... - sussurrou Anthony.

Ele deu um grito quando Aliabad puxou da cadeia que suspendia seus pulsos.

- Por fim vieste a mim e por mim, e de bom grado, Valentín. - Ele disse.

- Vim por ti porque não havia nada mais que pudesse fazer. Permiti que me violasse e me torturasse porque era muito jovem para lutar.

Aliabad riu.

- Se isso fizer com que se sinta melhor, acredite. Mas ambos sabemos o que aconteceu na realidade, não é mesmo? E se não me der o dinheiro que te pedi, toda Londres saberá quanto te agradava que um homem te fodesse.

Valentín se encolheu de ombros.

- Como te disse antes, ninguém acreditará. - Assinalou para Anthony - Por isso te desesperaste o suficiente para sequestrar meu meio irmão. - Fez um gesto de desprezo - Na verdade acreditou que eu esbanjaria dez mil libras nele? - O rosto de Anthony caiu como se Valentín o tivesse golpeado - Meu pai baba pelo moço. Não acha que eu me regozijaria ver que o obrigam a estar na posição em que eu estive?

Por um momento, Aliabad pareceu inseguro. - Não acredito.

- Se Anthony desaparecer, meu pai nunca se recuperará. Sem dúvida esse seria seu pagamento por me haver deixado com os turcos.

- Esquece-se do que ocorreu. Eu o vi quando o navio partia e seu pai lutava como um homem possuído para te levar. Ele apenas saiu com vida.

Valentín não sabia disso. Todo o horrendo episódio tinha sido algo impreciso até que se encontrou preso em um bordel com Peter. Ele cruzou até a lareira e esquentou as mãos.

- Tu ainda não me disseste com exatidão o que desejas. – ele apoiou o ombro contra o alto suporte, exibindo-se de maneira intencional ante Aliabad - Se quiseres meu irmão, toma-o. Se desejares o dinheiro, podemos negociar, mas não pode levar a ambos.

Aliabad se aproximou mais. - Tem o dinheiro?

- Tenho um pouco de dinheiro. – ele olhou ao redor do quarto - Seu sócio sabe o que tem feito?

Sara e Peter andavam de maneira cautelosa pelo corredor para os quartos privados da senhora Helene. Um som de porcelana que se quebrava os fez esconder-se depois de uma porta. Um homem de grande estatura saiu do quarto da senhora e se dirigiu para a última porta ao final do corredor.

A voz rouca de um homem que dizia a alguém que ficasse quieto flutuou até Sara e ela acotovelou Peter. - Devemos evitar que volte para seu posto e devemos ver quem lhe fala. Aposto que é a senhora Helene.

Peter segurava na mão o grosso porrete que tinha tirado de um dos lacaios da senhora.

- Então, vamos. Você o distrai enquanto eu o golpeio. Sara tirou a peruca branca de laçao e deixou que o cabelo caísse pelas costas. Caminhou lentamente pelo corredor e tropeçou contra o homem. Fingindo ter soluço, agarrou seu braço direito e se segurou como se tivesse perdido o equilíbrio.

- Desculpe senhor. Parece que me perdi. – ela lambeu o lábio ao olhar fixamente seu rosto cruel – Você é um dos atores? - Passou-lhe a mão pelo peito – Você se agradaria de voltar para cima comigo?

Do outro lado do homem, ela pôde ver a senhora Helene e seus olhos azuis estavam furiosos sobre sua boca amordaçada. Era evidente que acabava de chutar uma mesa e fazer pedacinhos de um vaso de porcelana. Sara gritou quando o rosto do homem ficou branco e caiu, levando-a ao chão debaixo dele. Quando ela se liberou do volume desacordado, Peter já tinha libertado a senhora Helene.

Helene ajudou Sara a atar e a amordaçar o homem antes que ele recuperasse a consciência.

- Obrigada, meus amigos. Estou feliz de estar livre. - A senhora olhou Sara, seu forte sotaque francês era o único sinal de seu desconcerto - O cavalheiro turco disse que esperava Valentín e tinha o irmão de Valentín com ele – Ela esfregava os pulsos - Não pude advertir ninguém... Tudo aconteceu com muita rapidez.

- Está bem, senhora - disse Sara - Sabemos o que ocorreu.

- Precisam de minha ajuda?

- Não até que as coisas escapem das mãos. Valentín acredita que pode salvar seu irmão sem recorrer à violência.

- Possivelmente deveríamos contatar com o Marquês também.

Peter assentiu com a cabeça. - Essa é uma idéia excelente senhora.

Com a ajuda de Peter, a senhora Helene ficou de pé.

O homem no chão se queixava e se retorcia e ela o olhou com fúria e o chutou com força nas costelas.

- Isso é por acariciar meus seios quando me amarrava. – Ela alisou as saias e se dirigiu para o corredor.

- Farei o possível para que haja homens por perto para que os ajude se necessitarem. Só toquem a campainha ou gritem e alguém responderá.

Sara a observava partir pelo corredor como se nada de mal ocorresse. Logo depois que a senhora deu a volta na esquina, uma figura mascarada vestida com uma jaqueta negra apareceu da direção oposta e entrou com rapidez pela porta mais próxima. Sara se afundou atrás de uma cadeira e fechou a porta.

- Acredito que o sócio do senhor Aliabad acaba de chegar! Entrou no quarto da senhora.

Peter se arrastou para sentar-se ao lado dela.

- Então esperamos um pouco e logo o seguiremos. – Bateu no joelho de Sara - Entre nós três, poderia ser reduzido.

Valentín ficou tenso quando Aliabad cruzou até onde estava Anthony e puxou seu cabelo até que o moço teve que levantar o olhar então ele se inclinou e beijou Anthony na boca, com o olhar ainda cravado no de Valentín.

Antes que Valentín pudesse reagir, a porta atrás de Aliabad se abriu de maneira silenciosa. Se a pequena figura mascarada e com capa era a de sir Richard Pettifer, Valentín esperava que estivesse furioso. Com a atenção de Aliabad sobre ele, passou uma mão pelo estômago e abraçou a si mesmo.

- Que tal ter a mim no lugar de Anthony? Deixaria meu sócio e a minha família em paz se eu aceitasse retornar a Turquia contigo?

Aliabad mantinha o olhar na virilha de Valentín.

- Como meu escravo?

Valentín levantou uma sobrancelha. - É obvio. – Ele girava o polegar na ponta de seu pênis - Londres começa a me parecer muito dissimulada para minhas necessidades.

Aliabad se afastou de Anthony com uma expressão triunfante e antes que pudesse falar, outra voz o interrompeu. - Por que não me informou desta reunião, Yusef? - Evangeline Pettifer retirou o capuz de sua capa e arrancou sua máscara - Tenta me trair?

- Ele trai a todos, não sabe? - Valentín fez uma reverência – Se tiver sido tão imbecil de se envolver em seus planos, só posso sentir pena por ti.

Evangeline se voltou para ele, com uma pistola na mão.

- O plano, como você o chama, é meu! Merece que te arruíne, Valentín. Não permitirei que faça um novo trato com Aliabad porque já fez um comigo.

Uma gota de suor caiu pela testa de Aliabad. - Milady, eu só brincava com ele. Não tenho intenção de aceitar suas ridículas exigências. - Sorriu, com um olho desconfiado sobre o revólver.

- Então, por que sequestraste o moço?

- Evangeline apontou para Anthony - Nunca estive de acordo com isso.

- Evangeline não há diferença, para Aliabad na realidade não lhe interessam nem dinheiro nem meus negócios. Ele só me quer de novo sob seu poder. É provável que tenha pensado que ao levar Anthony me poria ciumento e desejoso de me trocar por ele.

Valentín se deteve, jogou mais lenha no fogo e pegou a faca oculta em sua bota. Evangeline o observava com cautela e a pesada pistola se mantinha firme entre suas duas mãos enluvadas.

- Por que me odeia tanto, Evangeline? – Se pudesse mantê-la falando, possivelmente Peter e Sara tivessem tempo para ir ajudá-lo.

Ela o olhava com fúria. - Porque você não merece ser feliz.

- Está com ciúmes porque me casei com Sara? - Enrugou o sobrecenho como se estivesse confuso - Acredito que as tentativas de arruinar nossos negócios começaram muito antes disso.

- Sabe por que te odeio, Valentín.

- Porque sou melhor nos negócios que sir Richard?

Evangeline fez um gesto de impaciência.

- Sir Richard é um imbecil. Eu dirijo seus negócios e sou tão capaz quanto você.

- Está zangada comigo porque sou homem e você não? - Valentín riu - Isso nem sequer é minha culpa. Não sou Deus. Não inventei as regras que dizem que os homens são mais capazes que as mulheres.

- Mas se beneficia com elas.

- Certamente que sim. Mas também outros homens o fazem. Por que eu, Evangeline? Por que me escolher?

A boca dela se esticou.

- Você me usou para começar seus negócios, Valentín e logo se desfez de mim como um pedaço de lixo.

Valentín se separou do suporte da lareira e se ergueu.

- Dormi contigo há dez anos e logo queria que me casasse contigo e me neguei.

- Mas esperou até arrumar seus livros, antes de se desfazer de mim, não é verdade?

- Estava cansado e farto de seu passado e dos enganos de sua juventude. Quantas vezes seu passado ia aparecer para manchar seu futuro?

- Você dormiu com vários homens de uma vez. Por que deveria ter acreditado que estava interessada particularmente em mim? Pelo que ouvi, tem feito o mesmo oferecimento a todos os homens que te foderam!

O controle dela sobre a pistola tremeu.

- Admite que juntos poderíamos ter tido êxito; ao menos admite isso.

Valentín suspirou.

- Não sei. Nesse momento somos muito parecidos, muito famintos, desesperados e ambiciosos. - Olhou-a nos olhos - Não podemos terminar com esta farsa? Se me desculpar por minha falta de consideração e eu admitir que é uma mulher extraordinária, me deixará em paz?

- Não. Merece pagar. Quero ver seus negócios arruinados, sua vida pessoal objeto de desprezo e a sua esposa abandonada nas ruas para que se valha por si, como aconteceu comigo.

Valentín deu um passo adiante.

- Sara não te fez nada. Na verdade, desafiou-me para ser sua amiga. Como pode desejar esse futuro para ela?

Com mão perita, Evangeline engatilhou a arma e apontou diretamente para Valentín.

- Ela te ama, mesmo sabendo a classe de homem que é, te ama. Tentei pô-la contra você. - Sua voz se elevou a um guincho - Não posso suportar a idéia de que ela tenha filhos teus quando eu não posso tê-los. Devia ter sido eu!

A pistola disparou e Valentín caiu ao chão, consciente de uma pontada aguda em seu ombro esquerdo. Apertou a mão sobre o sangue que se filtrava através de sua jaqueta. No momento em que a fumaça se dissipou e o estrondo de seus ouvidos desapareceu, o quarto pareceu ficar cheio de pessoas. Sara correu para seu lado, com o rosto como uma máscara branca e gelada.

- Valentín, você está bem? Ouvi um disparo.

Ele agarrou a parte superior do braço dela e reuniu todas suas forças para falar sem que seus dentes batessem. - Estou bem, vai e ajuda Anthony, ele precisa de ti.

- Valentín...

- Sara, ajude Anthony. Ele não vai querer que nenhum homem o toque neste momento.

Ela resistiu seu olhar, com os olhos horrorizados.

Valentín se concentrava em sua respiração enquanto observava Sara desatar seu irmão, que tinha o rosto pálido. Peter tinha contido Aliabad e o guarda-costas da senhora Helene segurava Evangeline, que estava chorando.

Ele tentou ficar de pé quando outra onda de vertigem vibrou através de seu corpo. Rendido ante o esforço, arrastou-se até Evangeline e se ajoelhou a seu lado.

- Eu nunca quis te machucar.

Ela o olhou, com o rosto banhado em lágrimas.

- Mas o fez. Fiquei com teu filho em meu ventre, Valentín.

De repente lhe resultou difícil respirar.

- Tratei de me liberar dele, mas nunca pude voltar a conceber. Sir Richard está desiludido de mim. Casou comigo para ter filhos e apesar de todos os meus esforços para alcançar respeitabilidade, nunca terei nada para demonstrá-la.

Valentín afastou o olhar dela. O que podia dizer? As possibilidades de que fosse seu filho eram remotas. Até naqueles dias selvagens e desesperados, sempre tinha sido cuidadoso sobre onde tinha depositado sua semente. Entretanto, se ela acreditava realmente, explicava seu desejo irresistível de destruí-lo?

- Valentín, está ferido! Peter e eu entramos quando Evangeline disparava. -Sara tocava seu rosto com dedos trêmulos.

Ele fechou a mão sobre a dela, desesperado para sentir seu calor.

- A bala me roçou o ombro, tenho certeza de que estarei bem.

Então ela sorriu, com sua opulenta boca tremendo. - Acreditei que ela tinha te matado. - Seu olhar titubeava enquanto observava como levavam Evangeline - Tem certeza que Evangeline era a sócia de Aliabad?

- Pelo visto, sim. Sabíamos que devia ter alguém com inteligência por trás de Aliabad. - Mas, por quê?

Ele apertou os dedos dela, assombrado de estar muito tranquilo. - Explicarei isso mais tarde. Possivelmente deveríamos levar Anthony para casa e decidir o que fazer com Aliabad.

Peter arrastou Aliabad até o centro do quarto. - Poderíamos matá-lo. Seria um prazer para mim.

Valentín observava seu Nêmesis que agora parecia mais um ancião assustado que uma verdadeira ameaça.

- Acredito que há melhores maneiras de fazê-lo pagar. - Voltou-se para a senhora Helene - Ainda tem esse contato no escritório do estaleiro naval?

- Sim. Na verdade, acredito que o capitão Jackson está lá encima neste mesmo momento. Quer que vá procurá-lo?

Aliabad empalideceu.

- O que farão comigo? Sou parte do comitê do embaixador. Virão me buscar.

Valentín sorriu. - Eu não farei nada. Acredito que podemos deixar isso a cargo do capitão Jackson sem nenhum problema. Está responsável pela patrulha de recrutamento de trabalhos forçados da Marinha Britânica desta área e sempre procuram homens honrados e em forma para navegar os sete mares.

Antes que Aliabad pudesse falar, Peter o amordaçou com destreza e o deixou nas mãos do guarda-costas da senhora Helene e Valentín conseguiu uma cadeira onde se sentar contente de ter algo sólido atrás de suas costas. Entrecerrou os olhos quando uma onda de dor lhe sacudiu o ombro.

- Peter, pode levar Anthony para casa?

- Está bem, Val. O Marquês vem buscá-lo. - Peter contemplava o quarto que se esvaziou com rapidez - Sara me ajudará a explicar ao pai de Val o que aconteceu?

Sara olhou para Val e Anthony. - Certamente que sim.

Custava muito falar no silêncio que Sara tinha deixado atrás ao fechar a porta. Val viu que Anthony se aproximava. Alguém lhe tinha dado uma camisa limpa e seu rosto parecia o de alguém mais velho. Seus olhos estavam cheios de alívio e ele se ajoelhou tomando a mão de Valentín em um apertão doloroso.

- Obrigado Val.

- Por quê? Se não fosse por mim em primeiro lugar você nunca teria terminado aqui. - Tentava mostrar-se divertido, mas lhe resultava cada vez mais difícil voltar a pôr a máscara em seu rosto.

Anthony ofegou. - Não direi a nosso pai nada que não queira que ele ouça.

Valentín se queixava por dentro. Certamente, era provável que Anthony tivesse ouvido um relato altamente luxurioso de seus anos na Turquia. Decidiu ser franco.

- Aliabad fez sexo contigo?

As largas pestanas de Anthony baixaram para ocultar sua expressão.

- Sobrevivi, Val. Esquecerei.

Durante um batimento de seu coração, eles compartilharam um olhar muito íntimo. Valentín se deu conta de que seu irmão mais novo nunca voltaria a ser inocente.

- Deus! Eu sinto muito. - ele vacilou - Se precisar falar com alguém...

Anthony ficou de pé de supetão.

- Fui a uma escola pública e não é a primeira vez que outro homem me humilha, mas obrigado pelo oferecimento.

As vozes soavam do outro lado da porta fechada, Anthony ficou tenso e se voltou para Val. - Não conte a nosso pai o que me aconteceu.

Val confrontou o olhar decidido de seu irmão – Ele não tem por que saber e não direi nenhuma palavra, mas ele não é nenhum estúpido. Pode lhe perguntar - Anthony se encolheu de ombros e logo fez uma careta de dor.

- Então mentirei. Só... Por favor, não conte.

Val tragou ante o desejo de tomar seu irmão nos braços e abraçá-lo até que gritasse. - Dou minha palavra.

Anthony assentiu com a cabeça. - Obrigado Valentín.

A porta se abriu para deixar entrar o Marquês. Seu rosto estava tão pálido e velho enquanto olhava para Anthony.

- Você está ileso?

Anthony retrocedeu um passo, com a expressão distante. - Estou bem.

O Marquês olhou com fúria para Valentín.

- Tudo isto é obra tua. Por que não me disse que a terrível experiência de Anthony se devia só a ti?

Val fechou os olhos brevemente. - Porque eu queria resolvê-lo sozinho, senhor.

- Isso é típico de ti. Como se atreve a jogar com a vida de meu filho?

- Você me pediu ajuda e lembre-se que ele também é meu irmão.

Anthony caminhou até o outro lado e apoiou a mão sobre o ombro ferido de Val. Seus dedos tremiam ao fincar-se na carne de Valentín.

- Val me salvou a vida. Não importa realmente como terminei aqui. Não pode ser ao menos um pouco agradecido, pai? Também é seu filho.

- Deus, acha que não sei? O Marquês sentou em uma cadeira e cobriu o rosto. Seus ombros começaram a tremer e Anthony baixou o olhar de maneira indecisa para Val, que mantinha os olhos fixos em seu pai. Uma só lágrima cintilou nos dedos do Marquês.

Val lutou para ficar de pé.

- Só posso me desculpar sem reservas por te fazer passar por semelhante inferno. Espero que chegue o momento em que me perdoe. Agora, se me desculpar, tenho que tratar esta ferida sem importância. – Franziu o cenho quando Anthony, que parecia ter se declarado o defensor inoportuno de Val, começava a abrir a boca. - Tem razão. É minha culpa. Agora vá para casa e abrace sua mãe. Aposto que estará tão encantada de voltar a te ver que não te deixará se apartar de sua vista durante semanas.

Ele ignorou a mão estendida de Anthony e caminhou de um lado a outro até o quarto da senhora. Sara e Peter o esperavam, com uma expressão neutra e ele conseguiu sorrir para Peter. - Possivelmente possa ajudar minha família a retornar para casa. Peter assentiu com a cabeça.

- Eu os acompanharei até a carruagem. Também me assegurarei de que Anthony saiba que pode falar comigo sobre qualquer coisa.

Depois que saíram do quarto, Sara sentou junto a Valentín na poltrona. Ele estava pálido, com os olhos entre fechados e a boca tensa pela dor. Estava sentado com a cabeça

contra o respaldo do divã e as pernas estendidas diante dele. A senhora já tinha chamado o discreto médico que vivia de maneira conveniente do outro lado da praça.

Valentín abriu um olho. - Então, ainda está aqui. Tocou-lhe a bochecha.

- Sim.

Com um suspiro, ele apoiou a cabeça no ombro dela. - Não me deixe.

- Não penso em fazê-lo. – ela tirou o cabelo despenteado do rosto dela – Eu te amo, Valentín, te amo tal como é.

Ele abriu os olhos e a observou.

- Só Deus sabe por que, mas eu acredito.

Ela sorriu para ele. Esperava que ele pudesse ver o amor que brilhava em seus olhos.

- Você me permite ser eu mesma Valentín. Por que eu não lhe faria o mesmo?

O lento sorriso dele era algo formoso de ver.

- Você sempre me pareceu uma mulher de um sentido comum extraordinário, Sara. Agora me deixe beijá-la antes que chegue o maldito médico para me atormentar.

Ela inclinou a cabeça para beijá-lo, sabendo em seu coração que uma declaração de amor vinda de um homem tão complexo poderia levar um longo tempo até chegar a Sara

- De qualquer maneira, penso em dizer-lhe todos os dias durante o resto de nossas vidas.

Sara só o olhava fixamente enquanto uma lágrima corria por seu rosto.

Ele enxugou-lhe a lágrima com o rosto perto do dele e a emoção em seu olhar era quase insuportável de ver.

-Eu te amo Sara Sokorvsky – ele sussurrou - Sempre amarei.